



Deus incoerente???

Essa não!!!

Edição Outubro 2012

Uma análise do
caráter do
controvertido Javé do
Velho Testamento em
relação ao ABBA
revelado por Jesus
Cristo

Oswaldo Carvalho

* * *

Dedico este livro a aqueles que me incentivaram a não me deixar prender pelo que pensava a maioria ou os grupos constituídos, o que me deixou livre e desimpedido para investigar sem medo e estudar sem bloqueios os temas mais polêmicos e misteriosos da teologia cristã.

* * *

Outros títulos que seriam possíveis para esta obra:

- *Quem é Deus e quem não é Deus*
- *O verdadeiro e o falso Deus*
- *Dá para se crer num Deus incoerente? Jamais*
- *Corrigindo o foco a respeito da visão de Deus*
- *Jeová sem máscara*
- *Javé desmascarado*
- *Abrindo o jogo sobre o falso Deus*
- *O enigma de JHVH (YHWH)*
- *O demiurgo*

Prefácio e Introdução

- Prefácio ... 06
- Paradigmas – bloqueios da mente e a falta de autenticidade ... 08
- Pensar como a maioria não significa estar com a verdade ... 09
- Concepções equivocadas acerca do verdadeiro Deus ... 10
- Uma imagem distorcida gera compreensões equivocadas ... 11

Parte I

- O conceito do dualismo entra nas correntes filosóficas e religiosas ... 13
- O conceito de Platão acerca de um demiurgo criador ... 13
- O gnosticismo cristão e as suas múltiplas facções ... 13
- O Marcionismo - Conceitos de Marcion ... 14-15
- Os albigenses ... 16
- Comentários acerca deste capítulo ... 17

Parte II

- Quem é Deus e quem não é Deus ... 19
- A essência de Deus é o amor ... 19
- A vontade de Deus ... 20
- Deus valoriza mais a reabilitação do homem do que a sua punição ... 21
- Só há um único Deus verdadeiro ... 22
- O propósito de Deus em relação ao homem ... 21
- O Deus verdadeiro nunca foi visto por alguém ... 23
- O Deus verdadeiro revela solidariedade e não indiferença para com os homens ... 24
- O Deus verdadeiro não manipula os homens como se fossem marionetes ... 25
- Deus restaura aquilo que já não tinha mais esperanças e dá novas perspectivas ... 25
- A postura de Deus diante do sofrimento da humanidade ... 26
- O questionável modelo do Apocalipse ... 27
- O fato do Pai querer salvar e ajudar não significa que haverá impunidade ... 28
- Jesus nunca baixou o padrão para aumentar sua popularidade ... 28

Parte III

- Análise de incompatibilidades no caráter e atitudes de Javé: ... 30
 - acobertamento de tirania X livramento ... 32
 - imparcialidade X preconceito ... 34
 - liberdade irrestrita X subordinação compulsória ... 35
 - discrição X pirotecnia ... 36
 - humildade X soberba ... 31
 - luz X trevas ... 31
 - paz X terror ... 32
 - acolhimento X repugnância ... 33
- Onisciência, Onipresença e Onipotência ... 37
- O Deus que não pode porque não quer ... 37
- Análise das incoerências na lei de Javé ... 38
- Contrastes entre a lei de Javé e a lei de Jesus ... 39
- Desvinculamento entre a lei imperfeita e a graça perfeita ... 40
- Incoerências no Decálogo da lei de Javé ... 42
- Incoerências no mandamento acerca do Sábado ... 43
- Continuação da análise das incoerências nos dez mandamentos ... 44
- Incoerência quanto ao conceito de sexo ... 44
- Javé e a mulher ... 45
- Javé e o casamento ... 46
- O fato de Jesus citar a lei não significa que concordasse com ela ... 47
- A autoridade que vem pelo fato de “cumprir toda a justiça” ... 48
- A importância relativa do Velho Testamento ... 48

Parte IV

- Análise teológica sobre o conceito de Deus ... 51
- O nome de Deus ... 51
- O papel dos anjos - poder para criar e para destruir ... 52
- A criação material e a criação espiritual ... 53
- Dois princípios criadores ... 54
- A nova criação e o novo nascimento ... 54
- Dois Adões e dois jardins ... 56
- Duas filiações – os filhos de Deus e os filhos de Javé ... 56
- A responsabilidade pelo fracasso da humanidade em termos espirituais ... 57
- Javé e seu teatro de fantoches ... 58

- Um currículo que desabona ... 59
- Identificação entre o Pai e o Filho - Há uma hierarquia entre eles? ... 59-60-61
- A trajetória da vida de Jesus – despojamento voluntário e exaltação ... 61

Parte V

- Análise comparativa dos dualismos ... 64
- Princípios dualistas no Universo ... 64
- Dois espíritos - o Espírito Santo só passou a atuar após a glorificação de Jesus ... 65
- Duas recompensas – as recompensas materiais e o “sinal da besta” ... 65
- Dois Messias – um exclusivo de Israel e o outro de todos os povos ... 67
- Dois pães - o pão dos anjos e o pão de Jesus ... 68
- Duas circuncisões – a circuncisão da carne e a circuncisão espiritual ... 68
- Dois tipos de mandamentos – mandamentos de Javé e mandamentos de Jesus ... 69
- Duas glórias – a glória transitória e a glória eterna ... 69
- Dois sacerdócios – um sacerdócio ineficaz e um sacerdócio eficaz ... 70

Parte VI

- Complementos às questões teológicas ... 72
- Questões que normalmente são formuladas ... 72
 - O nome de Jesus está associado à Javé? ... 72
 - Na cruz Jesus se dirigia a Javé, quando dizia: “Eli, Eli... lama sabactani?” ... 72
 - No início da Igreja os cristãos se referiam à Javé como se fosse o Deus verdadeiro? ... 72
 - Jesus se identificou com Javé ao usar a expressão “Eu sou”? ... 73
 - Como saber quando a expressão “Deus” se aplica a Javé? ... 73
 - A expressão ABBA era usada no Velho Testamento, aplicando-se à Javé? ... 73
 - Qual foi o significado da aparição de Elias e Moisés no Monte da transfiguração? ... 74
 - Na sinagoga Jesus estava ratificando a profecia de Isaías e se identificando com o Messias de Javé? ... 75
 - Não foi Javé quem inspirou Isaías e os demais profetas? ... 75
 - Não foi Javé quem curou a lepra de Naamã? ... 75
 - Em 2 Pedro 2: 4 e 5 não está afirmado que o mesmo Deus que agia no Velho Testamento era aquele que Jesus anunciava? ... 75
 - Abraão servia a Javé? ... 76
 - O Pai estava indiferente em relação ao sofrimento da humanidade até a vinda de Jesus? - Onde estava o Pai durante todo o tempo desde Adão até Malaquias? ... 76
 - O fato de Javé tido compaixão do povo de Nínive não identifica Javé com o Pai, que é sempre misericordioso e benevolente? ... 77
 - Quando Jesus disse no Templo que estava cuidando da “casa de seu Pai”, ele se referia a Javé? ... 77
 - Jesus reconheceu Javé como Deus quando fez referência a Abraão, Isaque e Jacó, em Marcos 12:26? ... 78
 - Jesus confirmou a legitimidade da lei do Velho Testamento em Marcos 12:30? ... 79
 - O Deus Pai feriu Herodes de morte, conforme o relato de Atos 12:21-23? ... 79
 - O texto de Tiago 5:11 não dá a entender que Javé é misericordioso, pois teve compaixão de Jó?
 - O Pai permite o sofrimento agonizante de seus filhos, tal como permitiu o sofrimento de Jesus na cruz? ... 80
 - O que significa o “opróbrio de Cristo”, mencionado em Hebreus 11:26? ... 80
 - O texto de Colossenses 1:15-17 dá a entender que Jesus é o autor da criação material conforme o Gênesis? ... 81
 - Se Javé não é o mesmo que o Pai, porque Jesus não disse isso abertamente? ... 82
 - Qual é o mistério que envolve o sumo-sacerdote Melquisedeque? ... 82
 - Existe uma correlação entre Melquisedeque e Javé? ... 82
 - Qual é a relação entre o ministério sacerdotal de Melquisedeque e o ministério sacerdotal de Jesus? ... 84
 - O sacrifício de Cristo não foi prefigurado pelo sacrifício de animais executados conforme os preceitos da lei no VT? Isso não traz uma correlação entre o ministério de Jesus Cristo e a lei de JHVH? ... 84
 - Satanás e JHVH são a mesma pessoa? Existe algum tipo de identidade entre eles? JHVH é essencialmente maligno? ... 85
 - O verdadeiro Deus agia nos tempos do Antigo Testamento? ... 87
 - Quando no NT é usada a expressão “está escrito”, se referindo a um texto do VT, como por exemplo 2 Coríntios 9:9, fazendo referência a Salmos 112:9, isso dá credibilidade ao texto do VT na qualidade de Palavra de Deus? ... 87
 - O que dizer de Mateus 5:17, quando o próprio Jesus disse que não veio destruir a Lei ou os Profetas, ou João 5:39, quando ele recomenda examinarmos as Escrituras do VT, que dele fazem referência? ... 87

- Em Atos capítulo 13, quando Paulo traçou a história do povo de Israel desde o Êxodo até o Reino de Davi (vs. 17-23), ele estava falando de que Deus? ... 88
- O Gnosticismo é algo bom em termos filosóficos e válido como prática religiosa? ... 88
- Quando lemos em Hebreus 1:1 "Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho", isto significa que quem falava através dos profetas no Antigo Testamento era o Deus Pai, ou era JHVH? ... 89
- No texto de Hebreus 3:7 a 11, que diz: "*Se ouvirdes hoje a sua voz, não endureçais os vossos corações, como na provocação, no dia da tentação no deserto. Onde vossos pais me tentaram, me provaram, e viram por quarenta anos as minhas obras. Por isso me indignei contra esta geração, e disse: Estes sempre erram em seu coração, e não conheceram os meus caminhos. Assim jurei na minha ira que não entrarão no meu repouso*", quem está declarando isso é o Deus Pai, de quem dizemos que não se abala e não se deixa levar pela ira? ... 89
- Qual é o significado do episódio no Monte da Transfiguração? Era Deus o Pai quem estava falando desde os céus naquela ocasião? ... 89
- Se o dízimo fazia parte da lei de JHVH no Velho Concerto, é válida a subsistência financeira das Igrejas através de dízimos e contribuições dos fiéis, no cenário do Novo Concerto? ... 90
- O que aconteceu em 2 Crônicas 18:22, quando lemos que Deus pôs um espírito de mentira na boca de seus profetas para enganar o povo de Israel? ... 90
- O que podemos dizer a respeito dos "heróis da fé" relacionados em Hebreus capítulo 11? Não são eles em boa parte os "campeões" de batalhas de JHVH? ... 90
- Como podemos entender 2 Pedro 1:19 a 21, que diz: "*E temos mui firme a palavra dos profetas, à qual bem fazeis em estar atentos, como a uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia amanheça, e a estrela da alva apareça em vossos corações. Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação, porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo*", ... considerando o fato de que é um texto do NT dando credibilidade a textos do VT? ... 91

Parte VIII

- Complemento: Redefinindo Deus - Definindo Deus pelo que Ele não é! 92

Parte VIII

- Epílogo ... 94
- A importância do exemplo de vida acima do conhecimento teórico ... 94
- Conclusão sobre o trabalho apresentado neste livro e seus objetivos ... 95
- Abreviações e Bibliografia ... 97
- Bibliografia ... 97
- Notas sobre o autor ... 98
- Apresentação e resumo do livro ... 99

Prefácio

A tese principal deste livro consiste no fato de que Deus é totalmente justo e coerente, permanecendo assim durante toda a eternidade, apesar de que as Escrituras pareçam mostrar de forma diferente, em determinadas passagens da Bíblia.

A teologia ortodoxa se eximiu de investigar essas possíveis contradições, adotando o argumento de que o comportamento de Deus mudou ao longo do tempo, em função da necessidade de se relacionar com os homens sob circunstâncias diferentes.

Para sustentar esse argumento, os exegetas cristãos tradicionais dividiram a história da humanidade em períodos chamados “dispensações”, sendo que em cada um deles, Deus teria se comportado de forma diferente, tendo em vista um propósito final a se realizar no chamado “final dos tempos”.

No entanto, conforme procuro mostrar neste trabalho, o comportamento de Deus não pode mudar ao longo da história, pois caso isso acontecesse, Ele estaria sendo volúvel, o que contradiria o atributo divino da imutabilidade mencionado em Hebreus 13:8.

Quando eu digo que os comportamentos constatados ao longo da história são diferentes, estou também dizendo que as motivações e os propósitos revelados respectivamente por aqueles que os teólogos afirmam serem a mesma pessoa (ou seja, o mesmo Deus) são distintos, quando analisados comparativamente.

Isso ocorre porque, ao compararmos sem tendenciosidades as atitudes e o comportamento de Javé (Jeová), o qual foi revelado por Moisés no Velho Testamento, com as atitudes e o comportamento do Deus Pai revelado por Jesus Cristo no Novo Testamento, vemos uma sensível diferença.

De um lado vemos Javé mostrando uma índole violenta, levando o povo judeu à batalhas sangrentas, concedendo vitórias sobre nações e exércitos inimigos, quando os reis de Israel se mostravam obedientes aos preceitos da lei mosaica, e o contrário, permitindo derrotas trágicas quando o povo se mostrava rebelde e desobediente à lei.

Do outro lado, vemos o Deus Pai apresentado por Jesus sempre compassivo e amoroso, mostrando-se invariavelmente mais propenso a perdoar do que a castigar.

De um lado vemos Javé revelando uma certa predileção por Israel, enquanto que por outro vemos o Pai mostrando-se imparcial e sem favoritismos especiais para quem quer que seja.

De um lado vemos Javé autorizando o revide e a vingança na base do “olho por olho, dente por dente” (preceito também presente no “código de Hamurabi” dos sumerianos), enquanto que Jesus ensinava uma outra disposição no sentido de perdoar e relevar as ofensas.

Ao ser questionado quanto à sua autoridade para ensinar coisas diferentes do que dizia a lei de Javé, Jesus afirmava que havia recebido aqueles ensinamentos de seu próprio Pai celestial.

Em todo o tempo de seu ministério, Jesus fez questão de dizer que tudo aquilo que ensinava e pregava aos homens estava conforme aquilo que ele havia recebido diretamente do Pai.

Quando a Bíblia afirma que Jesus veio cumprir a lei do Velho Testamento, devemos entender que ele veio dar o sentido que a lei nunca teve, pois ela tratava questões vitais que envolvem a alma e o destino eterno dos seres humanos apenas no campo material da religiosidade de aparências. A diferença entre os mandamentos de Jesus e os mandamentos da lei de Moisés não foi apenas superficial, mas em muitos momentos eles se mostraram conflitantes.

E assim, de um lado vemos Javé sancionando o apedrejamento de desobedientes aos seus mandamentos e trazendo preceitos alimentares rigorosos para os judeus, enquanto que de outro lado, vemos Jesus perdoadando pecadores e convivendo junto com pessoas de todas as classes sociais, sem preconceitos.

De um lado vemos Javé exigindo muito e oferecendo pouco, enquanto que de outro lado, vemos o Pai misericordioso exigindo o mínimo e se entregando por nós, sem ficar inquirindo o que fizemos ou deixamos de fazer no passado.

Independentemente dos argumentos da teologia cristã ortodoxa, negando qualquer distinção entre Javé e o Deus Pai absoluto, essa concepção dualista já foi alvo de estudos e debates no passado, pois a mesma idéia já se fazia presente na visão filosófica platônica, entre os cristãos gnósticos dos primeiros séculos DC e posteriormente, entre os albingenses (cátaros) na Idade Média.

Assim, se o conceito da descaracterização de Javé como Deus é indigesto para os muitos que adotam a ortodoxia religiosa cristã, pelo menos a nível de discussão teológica imparcial, esse tema foi e continua sendo um exercício de exegese perfeitamente válido para os que possuem uma mente aberta e livre para considerar diferentes visões.

Neste livro são apresentados certos conceitos de hermenêutica que fogem bastante do que é tradicionalmente aceito como imutável. No entanto, longe de simplesmente causar polêmica e sensacionalismo, o objetivo deste trabalho é apresentar uma investigação séria e respaldada nas Escrituras a respeito do caráter de Deus, de uma forma livre e sem censuras unilaterais, que normalmente estão presentes nos principais segmentos do cristianismo e no judaísmo.

A maioria das afirmações usadas neste trabalho contém referências bíblicas que servem para dar credibilidade ao estudo, bem como para evitar críticas, onde pudesse ser alegado que a argumentação utilizada pelo autor na sua exegese tivesse apenas uma conotação pessoal e subjetiva.

É por isso que, independentemente do credo religioso, seria interessante que o leitor tivesse uma Bíblia à mão para poder consultar as referências usadas na exposição dos argumentos aqui apresentados, e assim conhecer melhor o contexto de cada uma delas.

Em linhas gerais, a obra expõe de forma corajosa e objetiva uma realidade que incomoda bastante o cristianismo institucional, acostumado à idéia de “varrer para baixo do tapete” o estranho fato de que Deus pareça ter agido de forma tão diferente, se compararmos suas atitudes antes e depois da manifestação de Jesus Cristo neste mundo.

Pela experiência ao longo de alguns anos compartilhando as idéias aqui expostas, sei que à princípio, a maioria das pessoas discorda das principais teses aqui apresentadas, porque as suas mentes foram “programadas” para rejeitarem tudo que não se encaixa dentro do perfil clássico adotado pela maioria das correntes religiosas.

No entanto, o fato de vários conceitos aqui abordados não serem aceitos com facilidade pela grande maioria, não me surpreende, pois até mesmo Jesus Cristo sofreu forte oposição quando trouxe à luz certos princípios que contrastavam profundamente com a teologia judaica de sua época.

Ele foi criticado de uma ou de outra forma por todos os grupos religiosos de sua época: fariseus, saduceus, escribas, herodianos, e provavelmente também pelos zelotes e essênios. Quando era abordado e desafiado por integrantes desses grupos, Jesus costumava lhes expor as contradições que suas respectivas doutrinas sustentavam.

Jesus só conseguiu que o seu ministério sobrevivesse durante três anos pelo fato de usar muitas parábolas para transmitir os seus ensinamentos. Através da mensagem aparentemente simples das parábolas, Jesus conseguia introduzir conceitos complexos, os quais não eram inicialmente assimilados, mas que depois de devidamente digeridos nas mentes de seus ouvintes, poderiam levá-los a concluir realidades importantes e difíceis de serem absorvidas num primeiro momento.

Se Jesus falasse abertamente certos mistérios e apresentasse assuntos altamente enigmáticos para seus contemporâneos, com certeza iria dificultar-lhes o entendimento e os escandalizaria. Além disso, ele poderia ter morrido prematuramente por apedrejamento, já que essa era a forma de punição clássica dos desobedientes à lei de Javé, entre os judeus.

Na realidade, o propósito deste trabalho não é defender uma religião ou uma filosofia qualquer, mas sim, a coerência de um Deus que se manifestou ao mundo para trazer uma perspectiva de vida sadia e bela, harmonizando o corpo, a alma e o espírito, tendo em vista a valorização do que é bom e proveitoso para cada ser humano individualmente, bem como para o seu próximo.

Deus incoerente? Jamais! Se admitirmos alguma incompatibilidade no comportamento de Deus em qualquer tempo da história, estaremos admitindo a sua falibilidade e falta de credibilidade.

É por isso que através de argumentação baseada totalmente em textos bíblicos, procurei dar respostas aos inúmeros questionamentos da idoneidade do caráter de Deus, feitos tanto por cristãos como por não-cristãos, sendo que esses questionadores alegam enfaticamente o comportamento ambíguo entre o “Deus” revelado no Velho Testamento e o Deus revelado no Novo Testamento.

Dessa forma, este livro procura mostrar quem **é** Deus e quem **não é** Deus, com base nas personalidades diferentes daqueles que normalmente são identificados como sendo ambos o mesmo Deus absoluto.

Como o assunto abre as portas para uma discussão teológica complexa, reservei a última parte deste livro para colocar as questões que normalmente são formuladas pelos opositores e as respectivas respostas, dentro da visão que está exposta no conteúdo desta obra.

Nessa última parte, abordei o papel misterioso do enigmático personagem chamado Melquisedeque, que revela muita identificação com Javé.

Todos os tópicos aqui apresentados foram tratados de forma imparcial, sem a censura da teologia ortodoxa ou neo-ortodoxa, e sem qualquer preocupação em defender grupos religiosos de qualquer espécie.

Meu desejo é que os leitores se esvaziem de seus filtros de bloqueio contra conceitos novos e diferentes, para que possam avaliar as idéias aqui apresentadas, e depois, após a devida reflexão, possam julgar com imparcialidade se são consistentes ou não.

Em última análise, este trabalho tem por objetivo corrigir o foco a respeito da correta visão de Deus, a qual tem sido vilipendiada devido às indevidas atribuições ao seu caráter e propósitos.

Na exposição do conteúdo desta obra, foram usadas as abreviações “VT” e “NT”, respectivamente para o Velho e o Novo Testamento, “AC” e “DC” respectivamente para antes e depois de Cristo, e ainda as consoantes “JHVH” para caracterizar o nome “Javé”, ou “Jeová”, ou ainda “Iahweh”, como foi transliterado na Bíblia de Jerusalém.

Portanto, daqui para frente passaremos a usar freqüentemente essas abreviações neste livro.

Introdução

Paradigmas – bloqueios da mente e a falta de autenticidade

Muitos de nós têm paradigmas inflexíveis que precisam ser quebrados. Quem tiver medo de pensar diferente da maioria pode ficar longe da verdade. Não devemos crer no que crêem as multidões simplesmente porque elas são a maioria.

Muitos conceitos tradicionais do cristianismo são verdadeiros paradigmas em forma de dogmas, pois são considerados “intocáveis” e não se admitem discussões. No entanto, muitos dos cristãos não-católicos que criticam o dogma da “infalibilidade papal” são os mesmos que se mostram irredutíveis na discussão de determinados temas, ainda que os seus argumentos se mostrem frágeis e insustentáveis.

Quem está preso à paradigmas e tradições religiosas tem dificuldades para aceitar algo que contrarie os conceitos que um dia recebeu de pessoas consideradas como mais credenciadas. Em termos de capacidade de persuasão, os meios de comunicação favorecem a massificação dos indivíduos, levando-os a pensarem todos a mesma coisa e terem o mesmo juízo, tanto para aquilo que é correto quanto para o que é torpe.

O indivíduo “massificado” fica com a sua mente bloqueada e não desenvolve a opinião própria, sendo conduzido pela mão de estranhos como uma pessoa cega que anda por um local desconhecido. Por outro lado, a quebra dos paradigmas é algo que só ocorre com indivíduos corajosos e autênticos.

Andar seguindo dogmas ou modelos de outras pessoas revela falta de personalidade. Em todas as correntes filosóficas e religiosas existem as pessoas do tipo “Maria-vai-com-as-outras”, que são atingidas e dominadas pelas estratégias proselitistas desses grupos.

O processo de investigação e da busca do que é verdadeiro está em plena crise. As escolas e faculdades estão formando repetidores de informações, ao invés de pessoas que julgam imparcialmente e que formam opiniões próprias.

Os meios de comunicação e a mídia em geral usam recursos arquitetados por especialistas na arte de induzir a população para comprar o produto “X” e rejeitar o produto “Y”, privando subliminarmente as pessoas da liberdade plena de escolha.

Isso ocorre porque em geral as pessoas têm preguiça para pensar de forma imparcial e sem tendenciosidades. É mais fácil “comprar” a informação e a opinião do alheio.

Como é difícil encontrar pessoas desimpedidas em suas mentes e livres para tomarem decisões isentas de manipulações externas e da influência dos interesses unilaterais!

Aprender com os próprios erros é uma virtude que nem todos cultivam. É preciso ter senso crítico tanto para com os de fora como em relação a nós mesmos.

Aceitar tudo que nos é exposto sem contestação é uma prova de falta de personalidade e de autenticidade. No entanto, é isso que muitas vezes acontece entre a maior parte das pessoas.

Ter espírito investigativo é diferente de ter espírito contestativo. Contestar sem argumentos revela a teimosia insana daqueles que se fazem irredutíveis e jamais “dão o braço a torcer”.

O questionamento crítico é muito importante, porém jamais deve deixar de ter o caráter construtivo. A crítica que não é construtiva é aquela cujo único objetivo é denegrir e humilhar os que pensam de forma diferente.

Quem não questiona nem investiga corre o risco de ser massificado e de pensar com a “mente” dos outros. Muitos dos que criticam os outros por estarem supostamente sofrendo “lavagem cerebral”, são eles próprios vítimas da manipulação sutil daqueles que querem fazer prevalecer suas opiniões e critérios.

Quando existem bloqueios por causa de partidarismos facciosos, uma discussão não evolui e aí cria-se a barreira da intransigência religiosa, em que a simples menção de uma idéia esposada por um determinado grupo que pensa de forma diferente é suficiente para causar um mal-estar.

Quem é sábio, ouve primeiro para se manifestar depois. O fato de possuírmos dois ouvidos e apenas uma boca significa que devemos ouvir mais e falar menos. É por isso que Paulo orientou os Tessalonicenses para que examinassem TUDO o que estivesse diante deles e retivessem o que fosse bom e proveitoso (1 Tessalonicenses 5:21).

Quem examina apenas parcialmente ou unilateralmente, corre o risco de fazer um juízo equivocado. O verdadeiro sábio é aquele que, embora reconhecendo suas próprias limitações, procura respostas tanto para as questões que lhe são formuladas, como para aquelas que ele formula para si próprio.

A propósito, quero declarar que não tenho qualquer restrição para avaliar qualquer idéia, conceito filosófico ou concepção doutrinária alheia, seja de que origem for, pois não estou preso à observância irrestrita de preceitos de uma determinada religião, nem a estatutos de uma organização ou de uma confraria qualquer.

Ao longo dos anos, aprendi a respeitar as opiniões dos outros, por mais absurdas que elas possam me parecer à primeira vista. Quando estamos abertos para ouvir, temos mais facilidade de observar falhas em nossos próprios conceitos, e assim podemos rever certos pontos que são passíveis de correção.

Portanto, insisto em dizer que não estou pedindo que ninguém aceite precipitadamente as idéias aqui apresentadas, a menos que o façam após uma profunda análise da coerência e consistência da minha argumentação.

Tudo que é imposto de forma incontestável não é autêntico, e por isso o seu valor é questionável. No Reino de Deus, tudo deve acontecer de forma espontânea e com total liberdade, para que as nossas reais intenções não sejam mascaradas pelo jugo impositivo da compulsoriedade.

Uma característica que distinguia Jesus Cristo de outros líderes religiosos é que ele **expunha** sua doutrina, mas não a **impunha**. É por isso que em João 8:32, Jesus relacionou a liberdade com o conhecimento da verdade. Quando não há liberdade para se contestar algo de forma franca e transparente, cria-se o regime do autoritarismo tirânico, que na sua forma mais radical caracterizou o período da intolerância religiosa na Idade Média.

Pensar como a maioria não significa estar com a verdade

De uma forma geral, todas as pessoas adotam uma determinada postura pessoal em termos de valores espirituais ou sobrenaturais. Com exceção dos chamados “agnósticos”, que são indiferentes em relação a tudo aquilo que é da esfera espiritual e mística, todo indivíduo se posiciona diante das questões acerca da crença em Deus, da eternidade, da vida futura, etc.

Ainda que um indivíduo sustente a sua opção religiosa como ateu, ele adota invariavelmente a postura do ceticismo, diante de tudo que se refere à relação entre Deus e os homens. No entanto, por mais apático que seja o indivíduo, ele acaba se perguntando a si mesmo sobre o significado de sua existência e do universo, buscando uma resposta para todo esse complexo mundo em que vivemos.

Em nosso país, as pessoas são em geral bastante religiosas. Todavia, nem todos que alegam crer em Deus têm uma fé genuína. A fé genuína não pode ser baseada em lógica humana, pois está escrito em 1 Coríntios 3:19 que a sabedoria deste mundo é LOUCURA aos olhos de Deus.

Se nossa fé dependesse somente daquilo que estamos vendo, então ela seria uma “fé de segunda classe”, tal como foi a fé de Tomé. Jesus disse à esse apóstolo em João 20:29: “Tomé, porque me vistes, crestes; mas bem-aventurados aqueles que não me veem e creem”.

Pela fé Abraão foi para um lugar que lhe foi prometido, apesar de não saber para onde estava indo, como diz Hebreus 11:8. Isto significa que a fé verdadeira questiona pouco e produz mais.

Na sociedade moderna, em que o “racional” e o “científico” ocupam a primazia, tudo o que é sobrenatural é visto com olhos de dúvida. É por isso que em 1 Coríntios 2:16 lemos que se Cristo não ordenar nossas mentes, permaneceremos na aridez do ceticismo, supervalorizando a razão humana e associando a fé genuína à sub-cultura ou à alienação dos povos.

Em 2 Coríntios 4:4, o apóstolo Paulo disse que o “deus deste século” bloqueou o discernimento de milhões de criaturas, para que não lhes venha o esclarecimento através da luz do evangelho de Jesus Cristo. É por isso que muitos associam esse “deus deste século” com a ciência e a tecnologia, pois há uma tendência, no sentido de afastarem da singeleza do Evangelho de Cristo e do conhecimento mais profundo de Deus aqueles que se valem exclusivamente da sabedoria humana.

Quem quiser seguir em busca da verdade através do caminho da autenticidade, deve ficar preparado para pagar o preço de estar muitas vezes sozinho em suas decisões, ou ser criticado por não ter escolhido o caminho da maioria. No entanto, temos exemplo nas palavras de Jesus em Mateus 7:13, quando disse que o caminho que conduz à salvação é estreito, enquanto que o caminho que conduz à perdição é espaçoso.

A maioria prefere o caminho largo porque é mais fácil e mais confortável. Acomodar-se com as situações e aceitar os conceitos concebidos por outros dá menos trabalho do que o processo de investigação autêntica e busca da verdade.

Aquela história de que a voz do povo é a voz de Deus já mostrou que não é verdadeira. Ao longo da história da humanidade ocorreram várias situações em que a maioria não estava com a verdade, embora tivessem prevalecido.

Assim, por exemplo, a multidão de judeus, incluindo os sumo-sacerdotes e os doutores da lei, preferiu soltar Barrabás ao invés de Jesus Cristo, como diz Marcos 15:15. A fim de satisfazer à grande multidão, Pilatos libertou Barrabás e prendeu Jesus, o qual foi posteriormente crucificado.

Se a voz do povo fosse a legítima representante da voz de Deus, Jesus deveria ter sido libertado, quando Pilatos consultou a multidão sobre qual dos sentenciados deveria ser poupado. No entanto, o povo exigiu a libertação de Barrabás e a morte de Cristo.

Assim como Pilatos, muitas pessoas se silenciam quando percebem que estão sozinhas ou em minoria. Sustentar uma opinião própria contrária à opinião de uma maioria requer muita coragem e honestidade.

Um outro exemplo é dos milhares de cristãos católicos romanos da Europa, que lutaram contra muçulmanos em Cruzadas sangrentas, sob o pretexto de estabelecer o reino de Deus, embora o Evangelho pregado por Jesus jamais tenha admitido qualquer tipo de violência.

Até o imperador Constantino, os cristãos eram a minoria e muitos homens sinceros foram executados como mártires por causa da fé em Jesus Cristo. Porém, após o império de Constantino, o cristianismo foi oficializado e os cristãos passaram a ser a maioria na Europa. Assim, aqueles que eram perseguidos passaram a ser perseguidores.

Foi nessa ocasião que começou o declínio moral e o abandono aos bons exemplos deixados por Jesus. Aqueles que se voltavam contra a corrupção reinante no clero eram hostilizados. Os pagãos eram

obrigados a se batizarem e seguirem os preceitos da Igreja institucionalizada, enquanto que as “conversões” só aconteciam por interesses particulares e políticos.

Depois do reinado de Constantino, os desvios continuaram a se suceder progressivamente. Multidões de “cristãos” aprovaram a tortura e execução de supostos hereges durante a chamada Inquisição. Acusadores falsos foram instigados por pessoas ligadas ao clero, as quais estavam revestidas de uma falsa austeridade religiosa.

Há também o exemplo do dilúvio, onde pereceram milhões e milhões de criaturas que consideravam Noé como um louco, sendo que apenas oito pessoas sobreviveram à catástrofe, como diz 1 Pedro 3:20.

No fundo, todas as pessoas possuem aquele sentimento em que se julgam “donas da verdade”. É difícil encontrar alguém disposto a buscar a verdade com sinceridade e imparcialidade.

Dentro do cristianismo, assim como também em outras religiões, existem muito exclusivismo, egocentrismo e interesses particulares. Vivemos numa sociedade em que não se dá ouvidos para os que estão à margem, especialmente quando fazem parte de um outro grupo religioso, ou simplesmente porque pensam de uma forma diferente.

Infelizmente, é comum não haver respeito nem consideração para com os de fora, entre muitos que se auto-entitulam “cristãos”. Normalmente, prevalecem as placas e os rótulos religiosos acima do valor próprio dos indivíduos.

Como deve repercutir mal essa postura das igrejas cristãs entre os não-cristãos, onde se pode ver a disputa acirrada pela posse da verdade, deixando evidente que a mensagem de unidade pregada nos púlpitos não é vivida na prática! Alguém que seja adepto do hinduísmo, islamismo ou budismo tem todo o direito de classificar como HIPOCRISIA essas aberrações no falso cristianismo.

Os discípulos de Jesus demonstravam bem essas tendências separatistas e por causa disso foram advertidos pelo Mestre, como narra Lucas 9:49 e 50. O simples fato de uma pessoa não seguir junto com os discípulos levou-os a hostilizarem aquela pessoa, ainda que ela também estivesse exercendo um ministério em nome de Deus, como diz o texto.

Nessas disputas e dissensões entre grupos filosóficos e religiosos da atualidade, todos reivindicam a posse da verdade. Dentro do cristianismo há milhares de igrejas e denominações diferentes, que muitas vezes ficam degladiando entre si sem o interesse sincero da busca da verdade, como se cada uma delas fosse absolutamente infalível em suas doutrinas e preceitos.

É preciso que fique claro para nossa sociedade que Jesus não veio para estabelecer meros princípios religiosos ou fundar uma nova seita, pois o seu principal objetivo foi abrir o entendimento dos seres humanos, a fim de que cada um pudesse se relacionar com Deus de uma forma livre e pessoal.

Portanto, enquanto essa síndrome de “bairrismo” não for definitivamente banida dentre os que se consideram “filhos de Deus”, os ensinamentos deixados por Jesus Cristo em seu Evangelho estarão sempre susceptíveis às críticas e questionamentos por parte dos agnósticos ou seguidores de grupos religiosos não-cristãos.

Concepções equivocadas acerca do verdadeiro Deus

Nas páginas do NT encontramos o Deus que se auto-denomina “Pai” e cuja essência básica é o amor. Todavia, por problemas de tradução e interpretação errônea, muitas passagens bíblicas onde está mencionado “Deus” de uma forma genérica, sobretudo no VT, não se referem ao Deus Pai que Jesus apresentou aos homens.

Não há dúvida que é preciso fé para se crer que Jesus não era meramente um profeta, como dizem algumas religiões não-cristãs, mas sim o Filho de Deus, perfeitamente identificado com o Pai, o qual veio a este mundo para destruir as obras da mentira e revelar toda a verdade, como diz 1 João 3:8.

Ainda que tenha temporariamente assumido a forma da natureza humana, como lemos em Filipenses 2:7, Jesus Cristo é o VERDADEIRO Deus e a personificação do caminho que conduz à vida eterna, conforme diz 1 João 5:20. É por isso que ele não menciona alternativas, quando afirma com exclusividade ser o único caminho que conduz à salvação (João 14:6).

No entanto, as inúmeras contradições e incoerências observadas no caráter e no comportamento de JHVH nos levam a concluir que aquele que foi apresentado como Deus por Moisés no VT, não é o mesmo Deus Pai apresentado por Jesus no NT. Neste livro são apresentados vários argumentos que confirmam essa distinção.

A análise comparativa entre as personalidades do Pai e de JHVH revelam uma nítida discrepância. Não há consenso entre a violência e a discriminação racial, típicas do VT, com o amor e a imparcialidade existentes no NT.

No VT, prevalece o estigma da culpa e condenação aos homens através da lei de JHVH, enquanto que no NT há uma perspectiva de graça e salvação, através do ministério glorioso de Jesus Cristo.

Por um lado vemos a expectativa dos religiosos judeus, aguardando até hoje um Messias autoritário, capaz de conduzi-los à glória, dominando as nações com vara de ferro e estabelecendo politicamente o reino terreno de JHVH.

Do outro lado, vemos um Messias universal, não preconceituoso, que revelou humildade sem abrir mão da autoridade, porém conquistando-a sem derramamento de sangue e sem violência.

O "Deus" que muitos cristãos concebem é alguém que no passado era violento, cruel, iracundo, sempre disposto a castigar o homem imediatamente após os seus delitos, o qual não hesitava em punir familiares e descendentes inocentes por causa do pecado de seus pais e antepassados.

Isso ocorre porque o comportamento de JHVH, conforme pode ser visto em várias partes do VT, mostra frequentemente uma índole e motivações bem distintas do que vemos no Deus apresentado por Jesus como "Pai".

Ao mesmo tempo que dizia em Ezequiel 33:11 que "não tinha prazer na morte do ímpio", JHVH intentava o mal contra todos aqueles que não respeitavam sua lei, através da qual proibia o trabalho nos sábados, prescrevia a prática da circuncisão, proibia a ingestão da carne suína e estabelecia o sacrifício de animais para expiação de pecados.

A pena para os desobedientes desses preceitos da lei de JHVH era invariavelmente o apedrejamento até a morte, como registram os livros de Levíticos e Deuteronômio em várias partes.

Por sua vez, o Deus Pai misericordioso e longânimo capacitou Jesus a fazer o bem, curar os enfermos e libertar os cativos de demônios, como lemos em Atos 10:38. Quando foi acusado de ser transigente com os pecadores e indignos da sociedade, Jesus dizia que veio buscar e salvar aquilo que havia se perdido.

Com certeza, esse tipo de incompatibilidade entre JHVH e o Pai já levou muitos a questionarem a suposta identidade entre os dois, mas como toda a exegese cristã ao longo dos séculos foi baseada na premissa de que os dois são a mesma pessoa, poucos foram os que se aventuraram a investigar melhor o assunto, com receio de estar alimentando uma grande heresia.

No entanto, se formos imparciais em nossa análise, veremos que ao longo das páginas do VT, JHVH revelou toda sua belicosidade ao capacitar Josué, Sansão, Gideão e Davi para destruírem exércitos, tomarem despojos e fazerem escravos entre os vencidos. Da mesma forma, vemos também um comportamento discriminatório de JHVH, enviando pragas sobre populações inteiras e favorecendo os judeus nas batalhas, em detrimento aos outros povos.

A fama do implacável "Deus de Israel" que pelejava pessoalmente contra os exércitos inimigos era notória em toda a terra de Canaã, de tal forma que os habitantes de outras nações se aproximavam dos israelitas, pedindo-lhes misericórdia e procurando entrar nas graças de JHVH (Josué 9:9).

Durante a peregrinação no deserto, vemos JHVH prescrevendo uma lei hostil e arbitrária para o povo de Israel, baseada em preceitos cheios de ritualismo, a qual deu margem ao terrível fanatismo religioso dos fariseus contemporâneos de Jesus.

Tempos depois, esse mesmo "Deus" JHVH teria se REGENERADO, passando a ser "bonzinho" e adotando a bandeira da misericórdia para com todos os homens. Isso é o que 99,9% dos cristãos em todo o mundo pensam!

Mas será que dá para "engolir" essa METAMORFOSE RADICAL da personalidade do Deus verdadeiro? Se realmente se tratasse da mesma pessoa, esse Deus seria no mínimo "inconstante", pois ora se comporta de uma maneira e ora de outra bem diferente.

Portanto, se por um lado a hipótese da mudança do comportamento de Deus traria explicação para a questão da "incompatibilidade" entre as suas atitudes reveladas nos dois períodos da história (AC e DC), por outro lado exporia o Deus Pai Absoluto ao ridículo de ter sua palavra invalidada, pois Hebreus 13:8 diz que Deus permanece o mesmo desde o princípio, e assim permanecerá até o fim dos tempos.

Uma imagem distorcida gera compreensões equivocadas

O que dirá o investigador imparcial a respeito desse comportamento ambíguo de Deus, quando confronta as páginas do VT com o NT, ao constatar que no período inicial JHVH matava os rebeldes no ardor de sua ira, proferia maldições, cegava os olhos espirituais do povo, punia a desobediência com a opressão do cativo, vingava-se dos inimigos enviando pragas e pestes, sendo que depois, no período após-Cristo, esse mesmo Deus se regenerou e enviou o seu legítimo representante, sempre bondoso e pronto a perdoar, solidarizando-se com a desgraça das pessoas e trazendo-lhes uma mensagem de esperança através de seus ensinamentos e exemplo de vida?

Com razão essa pessoa dirá com muita razão que esse Deus tem dupla personalidade!

O que dirá o psicólogo ao ver a atitude neurótica de JHVH, narrada em 2 Samuel 6:6-8, quando matou um homem chamado Uzá, simplesmente por causa da boa intenção daquele homem, que segurou a arca e tentou evitar a sua queda, quando estava prestes a cair devido ao balanço do carro de bois que a transportava? No mínimo, essa pessoa dirá que tal "Deus" sofre de uma esquizofrenia psicótica, pois só uma pessoa com distorções psíquicas poderia manifestar tal tipo de ciúme obsessivo, por causa de sua "arca intocável".

O que dirá o sociólogo, ao ver como JHVH discriminava as mulheres e as pessoas com defeitos físicos, o qual também revelava sua nítida predileção racial favorecendo os judeus, em detrimento aos demais povos? Sem dúvida, ele dirá que esse Deus é altamente preconceituoso, pois faz uma flagrante discriminação de pessoas e de raças!

Enfim, o fato de ter comportamentos diferentes ao longo do tempo caracterizaria Deus como instável e volúvel, o que seria uma desmoralização para aquele que é a expressão máxima da imutabilidade, da perfeição e da coerência!

Um Deus incoerente? Essa não! Não dá para aceitar um Deus com tamanha volubilidade! Na sociedade, todo aquele que tem dupla ou múltipla personalidade é considerado como uma pessoa falsa e desonesta.

Como Deus não é falso nem desonesto, a conclusão é que Ele jamais poderia revelar dupla personalidade. Portanto, se no VT o comportamento de Deus era um e no NT era outro, então, ou Deus é incoerente, ou não se trata da mesma pessoa.

Como partimos do pressuposto que Deus não é incoerente, segue-se que aquele que se identificava como “Deus “ no VT não é o mesmo Pai celestial que foi revelado através de Jesus Cristo no NT. É uma questão de lógica!

Ainda que à primeira vista pareça difícil para alguns, é preciso admitir que certas palavras e atitudes de Jesus no NT não encontram correspondência com as palavras e atitudes de JHVH no VT. Se fossem a mesma pessoa, esse fato seria no mínimo intrigante!

É porisso que no desenvolvimento deste trabalho, partimos da tese de que JHVH e o Pai se tratam de pessoas diferentes.

Em seu sermão proferido no chamado “Monte das bem-aventuranças”, Jesus confrontou literalmente os ensinamentos doutrinários de JHVH no VT com os seus próprios ensinamentos. Se Jesus estivesse vinculado à JHVH, o fato dele transgredir certos preceitos da lei (como por exemplo, ao violar o sétimo dia para operar curas e milagres), lhe caracterizaria como um transgressor de sua própria doutrina!

Uma imagem distorcida e equivocada gera compreensões distorcidas e equivocadas. Além de dar subsídio para os que criticam a coerência do comportamento de Deus no VT em comparação com o NT, a identificação de JHVH com o Pai dá margem a péssimos exemplos de revide, extermínios, discriminação e injustiças, cometidas em larga escala por JHVH em várias situações.

Essa imagem distorcida de Deus deve ter inspirado muitos daqueles que participaram das Cruzadas medievais, os quais buscavam estabelecer a fé cristã com “vara de ferro”, como diz o Salmo 2:9, entre os seguidores do profeta Maomé.

No intuito de tentar justificar as atitudes violentas e cruéis de JHVH presentes em todo o VT, os defensores da identidade entre JHVH e o Pai fazem o possível para mostrar um Deus cruel também no NT. Para isso, localizam versículos no NT que falam de “destruição”, “vingança”, “castigo” e acabam achando no livro do Apocalipse alguns textos que dão a idéia de um Jesus bem agressivo, pisando com furor o lagar da ira de Deus e regendo os povos com vara de ferro, à semelhança do modelo pretendido por JHVH em seu plano bélico anunciado no VT.

Essa mesma imagem falsa do cristianismo deve ter inspirado muitos inquisidores, à semelhança do famoso Torquemada, que perseguiram todos aqueles que não seguiam a cartilha da igreja católica dominante na era medieval.

Ainda hoje, essa mesma imagem equivocada do Evangelho de Jesus tem causado muita dissensão entre as igrejas cristãs da atualidade, sendo que impera o espírito de “tolerância zero” de uma religião para com a outra, de uma igreja para com outra, de uma denominação para com outra, de um membro para com outro, sendo suficiente o motivo que o outro pense ou se comporte de uma forma diferente.

Essa visão distorcida, que foi gerada principalmente através da manipulação tendenciosa das páginas do VT, acabou trazendo essa imagem equivocada a respeito de Deus, a qual perdura até hoje.

Porisso, creio que este estudo é importante e oportuno, tanto no intuito de corrigir esse foco, desmascarando aquele que se faz passar por Deus através da ocultação de sua verdadeira identidade, como para mostrar a total coerência do comportamento do Deus verdadeiro em todo o tempo, ao longo da história.

A fim de nos aprofundarmos nessa análise e conhecermos melhor a visão de várias correntes de pensamento a respeito deste polêmico tema, passemos a investigar o que alguns filósofos e teólogos da antiguidade consideraram em suas teses a respeito de uma suposta dualidade no conceito da divindade. Esse é o tema do próximo capítulo deste livro.

Parte I

O conceito do dualismo entre as correntes filosóficas e religiosas

Neste capítulo faremos uma análise dos principais focos onde se desenvolveu o conceito dualístico em torno do Deus do Universo ao longo da história. Nessa análise foi considerada a filosofia platônica, o modelo gnóstico (em especial, os conceitos formulados por Marcion) e a doutrina dos albigenses (também chamados “cátaros”).

O conceito de Platão acerca de um demiurgo criador

Platão (429-347 a. C.) foi um filósofo grego, discípulo do famoso Sócrates, que desenvolveu junto aos seus seguidores uma teoria de idéias com enfoque sobre os temas éticos, visando conciliar a meditação filosófica ao conhecimento do bem, conhecimento este que supunha ser suficiente para a implantação da justiça entre o Estado e os homens.

O sistema metafísico de Platão centralizava-se no mundo das idéias: de um lado estava o divino, perfeito e imanifesto. A estes, contrapõe-se do outro lado a matéria, como uma cópia grosseira, imperfeita, falível e não permanente.

Entre a idéia e a matéria estaria um elemento intermediário, criador do mundo material. A esse mediador, considerado como o “artesão do mundo”, Platão chamou-o de “demiurgo”.

Segundo Platão, esse demiurgo, embora superior à matéria, é inferior às idéias, de cujo modelo se serve para ordenar a matéria e transformar o caos em cosmos. Se fizéssemos uma comparação com o Hinduísmo, esse demiurgo seria Brahma (o Criador), mas não Brahman (o Incriado).

Portanto, dentro do conceito platônico do cosmos, o mundo material resulta da síntese de dois princípios opostos: o princípio das idéias e o princípio da matéria.

Conforme a cosmologia platônica, haveria antes de tudo uma “alma do mundo”, sendo que depois vieram as partes da alma, que seriam dependentes e inferiores e consistiriam nas almas dos astros, dos homens, etc.

Esse “demiurgo” teria alterado a harmonia dos elementos originais do universo (o fogo, a terra, o ar e a água) em suas proporções ideais e a ordem natural do Universo, estabelecendo o caos cósmico. A partir daí, o demiurgo teria plasmado o caos da matéria no modelo das idéias eternas, introduzindo a subversão do movimento e da ordem nas almas de todos os seres, numa analogia ao personagem “Arquiteto”, de Matrix Reloaded, que criou um mundo para aprisionar as almas das criaturas.

Platão distinguiu três tipos de homens: o hilico (semelhantes às bestas-feras e animais irracionais), o anímico (movido por instintos humanos) e o psíquico, ou pneumático, que é movido pela razão e pelo intelecto (controle mental do corpo).

De forma semelhante à Platão, o apóstolo Paulo também focalizou o aspecto dualístico presente na personalidade dos seres humanos, onde ocorre a permanente oposição dos impulsos da carne contra a razão e o entendimento. Ele disse em Romanos 6:23 que dentro de cada pessoa neste mundo ocorre uma verdadeira batalha entre o espírito e a carne, levando-a muitas vezes a fazer aquilo que não aprova intelectualmente em sua própria consciência.

O conceito platônico do demiurgo criador do mundo material foi retomado nos primeiros séculos DC pelo Gnosticismo, e posteriormente na idade Média entre os albigenses, com certas similaridades em seus princípios doutrinários, como veremos a seguir.

O gnosticismo cristão e as suas múltiplas facções

A dificuldade para se associar JHVH com o Pai, levando-se em considerações as inúmeras incompatibilidades bíblicas, não é nenhuma novidade. Ela remonta ao primeiro século de existência do cristianismo. Isto significa que a identificação de JHVH com o Deus absoluto já vem sendo questionada desde os primórdios da história da Igreja.

No início da história eclesiástica haviam várias divergências quanto à aspectos teológicos, devido às múltiplas questões que progressivamente iam surgindo, o que exigia que constantemente fossem revistos os conceitos e as fontes de informação utilizadas.

A Igreja desenvolveu-se através de um espírito missionário que moveu os discípulos de Jesus, sobretudo com o apóstolo Paulo em suas viagens, onde fundou igrejas e consagrou vários presbíteros e líderes, que as ficaram pastoreando.

Com o cristianismo em crescimento, foram surgindo novos personagens, e à medida em que alguns apóstolos iam morrendo, seja por martírio ou por algum outro tipo de morte, a direção da Igreja acabou passando para a liderança dos chamados “pais apostólicos”, tais como Clemente de Roma, Inácio, Policarpo e Papias.

A Igreja sempre enfrentou muitos problemas externos e internos. Além da luta para sobreviver às mais terríveis perseguições, primeiramente por parte dos judeus, e depois por parte de imperadores cruéis e assassinos do Império Romano, a Igreja teve de enfrentar o problema das divergências teológicas, que punham os mais conservadores em contenda contra aqueles a quem chamavam “hereges”.

Alguns desses chamados “hereges” foram identificados com o movimento chamado “gnosticismo cristão”, sendo que a maioria deles associava JHVH com o demiurgo criador do modelo original platônico. Por ser um movimento sincrético, com a influência de modelos filosóficos do paganismo, o gnosticismo foi condenado como heresia pela Igreja Romana.

De uma forma geral, o gnosticismo dos primeiros séculos do cristianismo pregava que JHVH não era o “Pai de Jesus”, mas sim, Ildabaoth, o criador do universo físico. Segundo os gnósticos (ou gnosticistas) cristãos, Jesus teria vindo a este mundo para nos libertar da prisão da lei de JHVH e deste universo intrinsecamente mau.

Um importante gnóstico foi Valentim (85 a 160 DC), o qual dizia que o mundo criado em caos foi obra do “demiurgo” conhecido pelo nome de Javé (JHVH), o qual procurou imitar a Deus. Segundo Valentim, esse “demiurgo” correspondente ao “Cosmocrator” dos gregos, teria criado esse mundo de trevas e se manifestado exclusivamente aos hebreus como o “Todo-poderoso”, prometendo-lhes um reino terreno eterno e um Messias, que haveria de reinar sobre as nações com vara de ferro.

Ptolomeu foi outro gnóstico, que escreveu um livro onde discute a inspiração da lei Mosaica, provando que não era de origem exclusivamente divina.

Um outro gnóstico foi Cerinto, que pregou entre 81 e 96 DC, o qual foi o primeiro teólogo judeu convertido ao cristianismo que afirmava haver uma distinção entre JHVH e o Deus Pai anunciado por Jesus Cristo.

No entanto, o mais famoso contestador dos atributos de JHVH foi Marcion (100 a 160 DC), o qual havendo conseguido arregimentar vários seguidores, passou a divulgar suas teses baseadas no conceito de um mundo material e imperfeito, criado pelo demiurgo JHVH, em oposição ao reino espiritual perfeito que o Deus supremo quer estabelecer através de Jesus Cristo, seu Filho.

Trata-se do eterno conflito entre o “deus do vazio” (God of Void) e o Deus da Plenitude (God of Fullness), como chamou Adolph Von Harnack em seus escritos a respeito das teses de Marcion.

Em lugar de conceber um sofisticado arranjo cósmico administrado por uma série de seres sobrenaturais, ao estilo de outros gnosticistas, Marcion propôs algo bem mais simples, que consistia apenas em uma dualidade entre JHVH e o Deus supremo, pai de Jesus Cristo.

Embora a maioria dos historiadores associem Marcion ao assim chamado “gnosticismo clássico”, a grande diversidade de conceitos dentro desse movimento não permite essa identificação de forma tão precisa.

O Marcionismo

Foi no contexto histórico de conflitos externos e internos da Igreja que o Marcionismo surgiu, com argumentos retirados das próprias Escrituras, o que levou a Igreja a discutir com mais seriedade os seus pontos doutrinários fundamentais.

O Marcionismo foi um movimento considerado “herético”, que surgiu no II século DC, tendo como seu líder e fundador Marcion (ou em outra grafia, Marcião), o qual chegou a ameaçar o crescimento do cristianismo ortodoxo, com a difusão de suas idéias contrárias a teologia cristã tradicional.

Marcion era natural de Sinope, junto ao Mar Negro, na Ásia Menor, atualmente parte do território da Turquia. Segundo relatos antigos, era filho de cristãos, sendo seu pai um bispo, o qual se lhe opunha e o teria expulsado da congregação local.

Marcion deixou sua cidade natal em 138 DC, com destino a Roma, onde tornou-se um influente mestre cristão, pois dominava perfeitamente a arte da retórica, levando verdadeiras multidões a abraçarem suas doutrinas, que pareciam tão simples e lógicas.

Sendo um homem de muitas posses, pois lucrara muito com seus negócios, Marcion ofereceu uma grande quantidade de dinheiro para a igreja romana. Porém, com o tempo, muitos cristãos diziam que seus ensinamentos contrariavam a fé, e por causa disso, foi afastado da Igreja, sendo que o dinheiro que havia ofertado foi-lhe devolvido.

Quando finalmente mostrou sua determinação, Marcion fundou em 144 DC uma escola “gnóstica” que se opunha ao cristianismo ortodoxo. Dessa forma, Marcion se entregou a uma grande obra missionária, a fim de propagar suas idéias e fortalecer cada vez mais sua própria igreja.

Seus esforços fizeram com que sua igreja crescesse rapidamente, a qual contava inclusive com obreiros e missionários, que não hesitavam em propagar a nova fé dentro do território controlado pelo Império Romano, Mesopotâmia e Pérsia. Muitos desses obreiros e missionários foram tão fiéis à causa de Marcion, que foram duramente perseguidos e chegaram até mesmo ao martírio, dando suas próprias vidas para que a mensagem de Marcion chegasse aos lugares mais ermos, não negando o que haviam recebido de Marcion sob hipótese alguma.

Os poucos registros históricos dão conta que Marcion foi uma pessoa muito autêntica, de pensamento positivo e inovador, o qual não hesitava em trazer à luz suas próprias convicções, ainda que contrariamente ao que pensavam os outros.

Marcion era do tipo inconformado com o que lhe parecia errado e não respeitava tradições sem consistência, opondo-se à tudo que fosse originário do judaísmo, por entender que os judeus não compreenderam a essência da mensagem de Jesus Cristo. Suas doutrinas combinavam duas fortes antipatias: a primeira, contra este mundo material e a segunda, contra os princípios da religiosidade judaica.

Ele foi um profundo pesquisador dos escritos do apóstolo Paulo. Marcion com certeza se identificou com a característica contestadora de Paulo, sobretudo com relação à superioridade da graça em relação aos preceitos da lei de JHVH, Ele se auto-intitulou “discípulo autêntico de Paulo” e reivindicou para si próprio o direito de ser o único capaz de interpretar o cerne da mensagem do apóstolo.

O que sabemos a respeito de Marcion, devemos principalmente aos seus mais notórios oponentes, tais como Tertuliano, Irineu e Epifânio. Entre seus ensinamentos escritos, Marcion escreveu uma obra apologética sobre seus ensinamentos, porém essa obra perdeu-se no tempo.

Ele escreveu também um livro chamado “Antíteses”, onde expunha idéias que se opunham aos conceitos comumente aceitos no cristianismo primitivo. Além disso, Marcion constituiu um evangelho próprio, baseado principalmente no texto do evangelista Lucas. Assim, o chamado “evangelho de Marcion” era uma forma modificada do Evangelho canônico de Lucas, devidamente adaptado à doutrina marcionita, com a supressão dos textos que ele não aceitava como autênticos.

Marcion fundou várias igrejas e, assim como o Apóstolo Paulo, sempre viajava visitando suas igrejas, procurando resolver problemas e fortalecer o movimento entre os fiéis. Ele morreu no ano 160 DC, tendo o seu movimento seguido em frente, sendo que no Ocidente sua igreja persistiu até o século IV DC e no Oriente até o século VII DC, quando então desapareceu completamente.

Conceitos de Marcion

Marcion basicamente negou a interpretação cristã tradicional, que colocava o VT em mesma igualdade que o NT, em termos de valor. Ele criou um verdadeiro repúdio ao judaísmo, bem como aos seus valores e o seu “deus”.

De forma semelhante à concepção de Platão, Marcion cria que havia um Deus supremo, que é o pai de Jesus Cristo. Em contrapartida, havia um ser inferior, que é JHVH, um “deus” ciumento e arbitrário que fez este mundo e nele colocou a humanidade com o propósito de satisfazer seus planos pessoais.

Por ser extremamente rigoroso e severo, JHVH teria estabelecido uma lei implacável, de forma que quem não seguisse conforme o padrão que ele havia estabelecido, iria perecer sumariamente.

Dessa forma, Marcion dizia que JHVH era um pretenso deus, que escolheu um povo em detrimento aos demais e que está constantemente castigando quem o desobedece com base no seu padrão de justiça implacável.

Assim, Marcion rejeitou terminantemente a lei e os escritos do VT, pois cria que eles estavam cheios de elementos judaizantes. O seu evangelho próprio era essencialmente composto das partes que ele considerava como autênticas do evangelho de Lucas e uma outra parte que continha dez cartas do apóstolo Paulo, (o qual ele chamou de “verdadeiro apóstolo”).

Marcion chegou a chamar os outros apóstolos de Cristo de “pseudo-apóstolos”, alegando que todos foram infiéis, quando Jesus foi preso e levado para o julgamento. Segundo ele, Deus levantou à Paulo, que foi o único e verdadeiro apóstolo de Cristo, a fim de revelar a verdadeira essência de Deus através dos seus escritos.

No entanto, como Marcion até mesmo nos escritos paulinos achava que a Igreja tradicional havia enxertado alguns elementos judaizantes, tratou de eliminar os textos que julgava terem sido adulterados nas epístolas de Paulo, entendendo que ele era a pessoa comissionada por Deus para levar adiante a obra iniciada pelo apóstolo.

Marcion cria que o cristianismo era uma “nova revelação” e não tinha nenhuma ligação com as origens judaicas. Pelo contrário, ele afirmava que o cristianismo teria surgido para substituir o judaísmo. Para ele, Cristo não veio em carne, visto que a carne é imperfeita e suscetível ao perecimento; a sua aparência física aos olhos humanos seria totalmente irreal.

Este é um dos pontos em que percebemos mais claramente a ligação de Marcion com os demais gnósticos, que costumavam negar equivocadamente a natureza humana de Jesus e a sua origem como judeu descendente de Davi.

Marcion só aceitava a natureza divina de Jesus Cristo, pois a sua mensagem era fundamentada no amor e na misericórdia, enquanto que a mensagem de JHVH no VT tinha freqüentemente um aspecto de justiça implacável e crueldade. Segundo Marcion, o “Demiurgo” do VT havia encerrado a sua criação debaixo de uma lei incoerente, a qual havia sido concebida por um “deus” limitado e imperfeito.

Dessa forma, Marcion concluiu que o Deus verdadeiro precisou se manifestar na pessoa de Jesus Cristo, para trazer redenção à raça humana, já que os muitos sacrifícios de animais da lei do VT foram insuficientes para trazer a expiação necessária para o homem. Assim, o Deus verdadeiro compadeceu-se das criaturas criadas por JHVH e por causa disso, enviou seu Filho para salvar gratuitamente o homem.

Segundo Marcion, a crucificação era o intento de repúdio do “deus” do VT à obra de Cristo, enquanto que a ressurreição foi a resposta do Deus Pai absoluto à condenação de seu Filho, o qual foi constituído-o como cabeça da Igreja.

Marcion afirmava que o JHVH dos judeus era um “deus” imperfeito. Por conseguinte, ele dizia que a criação de JHVH não é uma bênção, mas é uma obra imperfeita de um deus imperfeito. Dizia também que a criação do ser humano, bem como a sua queda e o plano de reabilitação através da lei do VT, era tudo fruto de um projeto mal engendrado desse “deus”, que se auto-denominava “Todo-Poderoso”.

Com base nesse conceito de criação imperfeita e incoerente, Marcion considerou o ato de gerar e de parir uma grande indecência do “demiurgo” criador. Referindo-se à localização da vagina, ele afirmou com ironia: Nascermos entre as fezes e a urina? (interfaeces et urinam nascimur).

Por causa disso, Marcion alegava que Jesus não nasceu de Maria, já que tal fato o faria estar inferiorizado em relação ao criador JHVH. Ele dizia que Jesus teria aparecido repentinamente, já como homem maduro, na época do imperador Tibério, desconsiderando assim os relatos sobre o nascimento de Jesus e a sua infância, narrados nos evangelhos de Mateus e Lucas.

Segundo Marcion, a vida cristã sincera era melhor cumprida quando o indivíduo seguia o ascetismo. No seu entender, os homens enganam a si mesmos quando se tornam parte da estrutura social deste mundo, esperando que ao mesmo tempo, possam derrotar as obras da carne.

Assim, Marcion exigia que seus seguidores se abstivessem da sensualidade e evitassem o casamento, considerando-o inevitavelmente corruptor, no sentido de dar vazão aos instintos da carne.

Pontos positivos e negativos do Marcionismo

A maior contribuição dos conceitos de Marcion para o livre pensamento cristão foi sem dúvida o fato de destacar a singeleza do caráter de Deus, sobretudo o seu amor para com a humanidade, questionando a identificação com JHVH, que dominava o conceito teológico da igreja desde os seus primórdios.

O Marcionismo foi considerado prejudicial ao crescimento da Igreja devido aos questionamentos dos valores do VT e de seu posicionamento radicalmente anti-judaizante. No entanto, o aspecto positivo desse movimento é plenamente reconhecido, pois ele levou a Igreja primitiva a se mobilizar e a organizar o seu credo, fortalecendo sua unidade em torno de um líder maior (no caso o Papa), e ainda agilizando o processo de “canonização” das chamadas “Sagradas Escrituras”.

O processo de canonização foi muito importante para a Igreja antiga, uma vez que ela só possuía o VT herdado do judaísmo. Até aquela época, a Igreja ainda não tinha se preocupado em separar os livros inspirados (canônicos) dos livros espúrios (apócrifos).

Assim, o Marcionismo foi um movimento que forçou a Igreja primitiva a se mobilizar em sua defesa, revendo os seus valores e organizando a formação do cânon do NT, bem como do “credo” apostólico. O credo é um conjunto de idéias e opiniões que constituem os princípios de uma doutrina. Assim, o credo deve ser obedecido e guardado por todos aqueles que professam uma determinada fé.

O movimento marcionista, assim como alguns outros movimentos de oposição, causaram um impacto muito grande na Igreja Antiga, pois até então, a Igreja só tinha como preocupação as perseguições por parte do Império Romano.

A partir da investida de Marcion, foram surgindo movimentos em defesa do arcabouço doutrinário na Igreja antiga, tais como o movimento dos Apologistas e Polemitas, que procuraram defender os conceitos ortodoxos da Igreja durante esta fase conturbada.

Assim, concluímos que o marcionismo, ainda que de uma forma indireta, contribuiu para o fortalecimento do cristianismo, tanto na sua organização doutrinária, apressando o processo de canonização das Escrituras do NT, quanto à sua constituição eclesial, pois forçou a criação de um “credo de fé” e o estabelecimento em torno de uma liderança única.

Como ponto negativo no que diz respeito ao trabalho de Marcion, temos o fato de que para melhor sustentar suas interpretações e ensinamentos, Marcion não hesitou em excluir livros e textos das Escrituras, tanto do VT como do NT.

Esse fato levou os conceitos de Marcion ao descrédito no meio do cristianismo original, pois além de rejeitar por completo a credibilidade dos livros do VT, Marcion elegeu apenas algumas epístolas de Paulo e uma parte do evangelho de Lucas como base doutrinária para a igreja que fundara.

Além da mutilação das Escrituras, Marcion equivocadamente invalidou as doutrinas da encarnação e ressurreição de Jesus, bem como o seu sofrimento como homem diante da cruz, pois julgava que a fraqueza da natureza humana não se adequavam à natureza essencialmente espiritual de Cristo.

Esses fatos fizeram com que Marcion nunca tivesse tido crédito dentro da igreja cristã, tanto entre os católicos, como posteriormente após a Reforma, entre os protestantes. Se Marcion tivesse se limitado a caracterizar a distinção entre JHVH e o Deus Pai supremo (o que fez com maestria e pioneirismo), sem colocar em dúvida a natureza humana assumida temporariamente por Cristo, certamente teria logrado uma melhor sustentação de suas teorias dentro do cristianismo.

Os albigenses

Seguindo a linha conceitual dos gnósticos, surgiu em Albi, uma região localizada no sul da França, um grupo de cristãos chamados albigenses, ou cátaros, os quais usavam exclusivamente o NT como base para suas doutrinas. Em termos doutrinários, os albigenses adotavam conceitos dualistas dos gnósticos e práticas ascéticas dos maniqueístas, remanescentes da Igreja primitiva.

Os albigenses criam na existência de um dualismo entre Cristo, o filho do bom Deus, que criou as almas dos homens, e Satã, o filho do mal, que recebeu um corpo material depois que foi expulso dos céus. Segundo eles, Satã formou o mundo visível, levando-os a concluírem que a matéria é má.

Os albigenses (cátaros) atribuíam o NT ao Deus benevolente, mas o VT foi atribuído ao Deus malévolo. Nesse aspecto, os albigenses resgataram uma parte dos conceitos dualistas de Platão e de Marcion, dando novo fôlego à idéia de que há uma diferença entre o JHVH do VT e o Deus Pai do NT.

Embora não haja confirmação total de suas “doutrinas secretas”, alguns historiadores dizem que os cátaros afirmavam que o Cristo nascido na visível e terrena Belém, bem como o que morreu crucificado em Jerusalém, era um impostor e Maria Madalena era sua concubina! Para eles, o Cristo verdadeiro nunca comeu, nem bebeu, nem adquiriu corpo humano, nem ainda esteve neste mundo, exceto espiritualmente através da pessoa de Paulo.

Os cátaros (literalmente significa “puros”) costumavam vestir-se de preto e se opunham à reprodução da espécie, rejeitavam as doutrinas do céu e purgatório, os sacramentos, e em especial, a missa.

Eles praticavam a abstenção ascética do casamento, da participação na guerra e de alimentos de origem animal (leite, carne, ovos e queijo). Afirma-se também que os albigenses concebiam uma teoria de vida pós-morte similar à doutrina kardecista da reencarnação.

Para os historiadores leigos, os cátaros tinham um grave defeito: eles discriminavam as mulheres, considerando-as como receptoras de influências satânicas, dada a sua função geradora a partir da semente masculina.

A salvação, segundo a doutrina albigense era obtida mediante um ritual às vésperas da morte, que incluía a recitação da oração do Pai-Nosso, a imposição de mãos dos dirigentes do movimento e do evangelho de João sobre a cabeça da pessoa que estava morrendo.

Ao adotarem o NT como a expressão única e legítima de sua fé, os albigenses passaram a representar um desafio à Igreja Romana, que se apresentava como autoridade única, através da sucessão papal.

A resposta da Igreja Romana ao desafio de sua autoridade exclusiva foi uma perseguição de quarenta e cinco anos e a ocorrência de uma cruzada albigense, onde ocorreu um verdadeiro massacre com cerca de um milhão de vítimas, o qual foi comandado por Simão de Monfort e apoiado pelo papa Inocêncio III, o mesmo que instituiu a abominável Inquisição da Idade Média.

Comentários acerca deste capítulo

Como já dissemos ao introduzirmos este capítulo, o conceito dualístico do Universo a partir de divindades opostas não é nenhuma novidade. Além das correntes filosóficas e religiosas já mencionadas, podemos ver traços do princípio dualista também no Masdeísmo, Taoísmo, e Zoroastrismo, embora com peculiaridades distintas para cada uma delas.

A existência dos princípios opostos remonta ao início da criação, pois em Gênesis 1:4 está escrito que foi feita separação entre luz e trevas; em Gênesis 1:6 houve a separação entre águas e águas, e em Gênesis 1:14 houve separação entre o dia e a noite. Também no jardim onde habitava o arquétipo criado à imagem e semelhança do seu Criador (Gênesis 1:26) estava presente o princípio dualista, representado pela presença da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gênesis 2:17).

Quanto ao Universo físico ter sido obra de um Arquiteto, seja ele conhecido como Demiurgo, JHVH, Ildabaoth, ou Cosmocrator, o fato é que, do ponto de vista bíblico o plano da matéria está nitidamente em oposição ao plano espiritual do Deus benévolo, ao qual Jesus chamou de Pai (ABBA).

A distinção entre o mundo material e a esfera espiritual é tão grande que Jesus e todos os seus seguidores enfatizaram o desapego às coisas materiais, ao mesmo tempo que recomendaram a busca dos valores espirituais. Em Mateus 6:21 e 22 ele disse assim: “Não ajunteis para vós tesouros na terra; onde a traça e a ferrugem os consomem, e onde os ladrões minam e roubam; mas ajuntai para vós tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem os consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam”.

A esse respeito, lemos também em Tiago 4:4 o seguinte: “Infiéis, não sabeis que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto, qualquer que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus”. Para o apóstolo Tiago, a “amizade do mundo” significava transigir com aquilo que é corruptível e efêmero neste mundo.

Por sua vez, o apóstolo João se referiu ao perigo que corre todo aquele que se apega à este mundo corruptível, dizendo o seguinte: “Não ameis o mundo, nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não vem do Pai, mas sim do mundo” (1 João 2:15 e 16).

Ao recomendar o desapego à este mundo, deve-se entender que os apóstolos estavam se referindo às coisas corruptíveis deste mundo, tais como a luxúria, o dinheiro e os bens materiais. Obviamente eles não se referiam às criaturas que estão neste mundo, como se estivesse defendendo a indiferença em relação aos necessitados e carentes das coisas materiais, pois Jesus ensinou-lhes que deviam amar o próximo, ainda que fossem seus próprios inimigos (Mateus 5:44).

Para concluir este capítulo, poderíamos dizer ainda que, embora hajam inúmeras diferenças entre os princípios defendidos respectivamente pelos platônicos, gnósticos ou albigenses, todos eles têm em comum a concepção dualista a respeito de Deus, através da distinção entre o mundo material e o mundo espiritual, bem como de seus respectivos mentores.

Portanto, o tema deste trabalho não é totalmente inédito e nem tampouco é um desvio alienado da razão crítica. Antes, trata-se de uma retomada da vertente que ficou perdida temporariamente na história da humanidade, e agora foi analisada de uma forma mais ampla e livre.

Parte II

Quem é Deus e quem não é Deus

Para evitar que cada um tenha uma percepção pessoal e exclusiva de Deus, a Bíblia simplifica a questão, definindo Deus como “amor” em 1 João 4:8.

É lógico que Deus é justo, paciente, puro, santo, magnífico, poderoso, fiel, compreensivo, excelso, sublime, eterno, longânimo e muitos outros atributos mais. No entanto, nada define melhor a natureza de Deus do que a clássica e simples definição – Deus é amor!

Dessa forma, fica fácil classificar o que **não** procede de Deus, ou quem **não é** Deus. Ou seja, toda manifestação ou sentimento que não expresse amor genuíno, não pode ser caracterizado como procedente de Deus.

Portanto, já que é tão difícil exprimir Deus devido à sua grandeza e complexidade, pelo menos podemos identificar por exclusão o que **não está** associado com a natureza de Deus. Em outras palavras, a proposta deste trabalho é distinguir entre quem é verdadeiramente Deus e quem não é Deus.

Isto significa que, se temos uma situação nas Escrituras onde não vemos a manifestação das características fundamentais de Deus, em especial o amor, podemos concluir que o verdadeiro Deus não teve participação naquela situação, ainda que à primeira vista, o texto possa dar a entender que teve.

A concepção que alguém faz de Deus através de uma imagem distorcida é semelhante à uma imagem que se encontra fora de foco em um aparelho ótico qualquer. O problema não está naquilo em que focamos, mas **como** estamos focalizando.

É preciso ajustar o nosso foco para poder distinguir entre quem é Deus e quem tenta se fazer passar por Deus. Atribuir a Deus desvarios e condutas inadequadas, semelhantes às que foram praticadas por JHVH no VT, é no mínimo injusto.

Por isso, ao invés de tentarmos justificar essas atitudes cheias de contradições do passado, deveríamos analisar se elas realmente procederam do verdadeiro Deus, que é definido como “amor”.

Toda manifestação sublime de ternura e de afeto é de origem divina, pois tanto a ternura como o afeto são atributos inerentes ao caráter de Deus. É por isso que Tiago 1:17 enfatiza que toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto e procedem do Pai amoroso, o qual quer interagir com o homem e estabelecer com ele uma rede de relacionamentos.

Por conseguinte, jamais deve ser colocado em dúvida o caráter do verdadeiro Deus Pai, o qual é essencialmente associado com o bem, sejam quais forem as circunstâncias.

A idéia de que Deus é um velho ranzinza e iracundo, que fica lá no céu “marionetando” as criaturas e fazendo prevalecer seus caprichos e vontades não corresponde à realidade. Contudo, essa seria a imagem que qualquer pessoa poderia fazer de Deus, se a Bíblia se restringisse aos trinta e nove primeiros livros, que compoem o VT.

Por outro lado, a imagem de um Deus “bipolar”, que ora está de bom humor agindo favoravelmente para com os homens, e ora está de mau humor, dando vazão à sua ira, faz parecer que Deus teria uma personalidade ambígua, sendo ao mesmo tempo boa e má.

O que tem levado muitas pessoas ao ateísmo ou à outras religiões e filosofias é a incompatibilidade entre o comportamento desconcertante do “Deus” apresentado por Moisés no VT e o Pai apresentado por Jesus no NT.

A essência de Deus é o amor

A palavra “amor” está muito banalizada. Tanto isso é verdade, que a expressão “fazer amor” significa na linguagem popular “praticar o sexo”.

Quando a Bíblia define Deus como “amor”, devemos distingui-lo das formas mais comuns, tais como o amor de um homem pela sua mulher ou de uma mãe pelo seu filho.

O amor de Deus não é teórico, técnico, artificial, superficial, impessoal ou holístico. O amor de Deus é sublime e pessoal porque Deus é sublime em todos os seus atributos e trata cada um de forma individual e personalizada.

O que torna mais fantástica a concepção desse Deus é que, apesar de tão grande e infinito, a ponto de ter o controle sobre todo o Universo visível e invisível, o Pai atenta para necessidades individuais das pessoas, considerando as realidades de cada ser humano.

Isso significa que, apesar de sua dimensão extraordinária, Deus é capaz de ouvir uma simples oração, ou de prestar atenção num pequeno gemido de dor.

Segundo Jesus, o que se esconde por trás da personalidade complexa do Pai não é um Deus temível, mas um pai sensível, que deseja ser reconhecido como tal, a fim de estabelecer vínculos de amor com os seres humanos.

Com relação ao homem, Deus não revela simplesmente uma simpatia, mas um sentimento de empatia. Há diferença entre a simpatia e a empatia.

Quem é simpático, demonstra solidariedade em relação a uma determinada pessoa, mas quem é empático, sofre junto com ela. Para exemplificar: Se no intuito de socorrer um naufrago, alguém joga-lhe uma bóia, estará revelando simpatia por aquela pessoa. Se por outro lado, esse alguém lança-se ao mar para salvar o naufrago, estará revelando empatia por aquela pessoa.

Porém, o amor de Deus revela não somente empatia com relação ao homem, mas também compaixão. A palavra “compaixão” é composta de dois vocábulos, sendo que um deles é “paixão”, que quer dizer “sofrimento”; o outro vocábulo “com” quer dizer “junto”.

Portanto, o significado completo da palavra “compaixão” é que Deus SOFRE JUNTO conosco as nossas aflições e os nossos problemas. Isso quer dizer que o Pai celestial não é distante nem indiferente em relação às dificuldades dos seres humanos.

O amor de Deus não é como certos “amigos”, que se distanciam de nós quando nós mais precisamos deles. Esse amor é abnegado e não fica cobrando a reciprocidade. O amor do Pai é, enfim, o amor desinteressado, que não espera nenhum retorno do objeto amado.

Por outro lado, neste mundo as pessoas dificilmente amam sem segundas intenções. Além disso, o amor não correspondido não permanece muito tempo entre as pessoas deste mundo.

Deus sempre toma a iniciativa em nosso favor. Ele nos amou e propiciou a nossa reconciliação, quando ainda estávamos totalmente alheios à sua vontade, como diz Romanos 5:8.

Da mesma forma, com relação à fidelidade do Pai, lemos em 2 Timóteo 2:13 que, ainda que sejamos infiéis, Deus permanece fiel, pois a fidelidade irrestrita também é um atributo divino, inerente ao caráter de Deus.

O verdadeiro amor exige menos e oferece mais. No amor de Deus quebra-se o princípio natural da causa e efeito, pois Deus ama numa lógica diferente da lógica humana.

Esse conceito de Deus é muito diferente do que foi proclamado em milhares de anos de história da humanidade. O Deus que muitos consideram “temível”, é na realidade um Pai que valoriza o afeto espontâneo de seus filhos.

O sentimento de Deus para com o ser humano é exemplificado pela atitude do pai da parábola em Lucas 15:20, que correu para abraçar o filho “pródigo”, antes mesmo que o filho declarasse o seu arrependimento e o desejo de voltar para a casa do pai.

Diz esse texto que o pai correu para ir ao encontro do filho, estando ele ainda longe, sem cobrar-lhe satisfações e sem ficar tripudiando sobre a atitude indigna do filho que desperdiçou a sua parte da herança. A parábola do filho pródigo revela um Pai que valoriza mais a pessoa que erra do que os erros que ela tenha cometido.

É importante salientar que Deus revela zelo em seu amor para com o homem, porém, sem privar-lhe a liberdade. Isto significa que Deus ama sem se impor autoritariamente e sem subornar a quem quer que seja.

Aliás, amor que se compra e se exige reciprocidade de forma compulsória não é verdadeiro! Isso vale para qualquer tipo de relacionamento, seja entre amigos, marido e mulher, filhos e pais, etc.

A vontade de Deus

Antes de prosseguirmos com o nosso estudo, é bom lembrar alguns fatos importantes a respeito do caráter de Deus, que devem ser sempre levados em conta:

- . Deus é longânimo, dando oportunidades iguais de salvação a todos indistintamente (2 Pedro 3:9).
- . A vontade do Pai é que ninguém se perca (1 Timóteo 2:4).
- . O Pai tomou a iniciativa e se aproximou dos homens, antes mesmo que os homens se aproximassem dele (Colossenses 1:21).
- . Deus não faz acepção de pessoas e não admite favoritismos. Ele não é preconceituoso e não tem predileções por quem quer que seja (Romanos 2:11).

Ora, se lemos em 2 Pedro 3:9 que Deus é longânimo e não quer que ninguém se perca, senão que todos venham ao conhecimento da verdade, dizer que Deus predestinou uns para salvação e outros para perdição seria o mesmo que chamar Deus de mentiroso e cínico.

Se Deus tivesse elegido uns para serem salvos e os demais para serem condenados, Ele estaria revelando um sentimento sádico, pois enquanto dava a oportunidade para cada um escolher o seu próprio caminho, já tinha premeditado para elas o seu destino final.

Portanto, a responsabilidade por uma escolha errada não é de Deus, mas sim em cada homem, pois o Pai não viola o livre arbítrio que todos temos para escolher o caminho que queremos seguir.

Isto significa que, apesar de Deus ser Onisciente e conhecer o futuro, Ele não interfere nas escolhas feitas pelas pessoas, nem faz com que as coisas caminhem inexoravelmente para um “destino” previamente traçado, como pensam alguns.

Jesus distinguiu os dois caminhos pelos quais podemos seguir: o caminho largo que conduz à perdição e o caminho estreito que conduz à salvação (Mateus 7:13). Ele não escondeu o fato de que há um preço para segui-lo (Lucas 9:23 e 14:27) e que a recompensa virá somente para aqueles que se dispõem a pagar esse preço.

Porém, se Deus fosse cumprir a justiça que nossas atitudes muitas vezes mereceriam, há muito já deveríamos ter sido condenados. Ainda bem que o Pai é paciente para conosco, aguardando o nosso amadurecimento, até que tenhamos a consciência de fazer voluntariamente a melhor opção para nossas vidas.

É bem verdade que no final dos tempos haverá um juízo sobre toda criatura, de sorte que haverá separação entre bodes e ovelhas, joio e trigo, justos e injustos, como disse Jesus em Mateus 25:31-46.

No entanto, eu tenho certeza que o sentimento do Pai ao ter de condenar uma criatura por causa daquilo que ela fez ou deixou de fazer, será completamente diferente daquela imagem que muitas pessoas fazem de Deus, como um algoz implacável e colérico, que fica no céu “maquinando” como poderá castigar as desobediências e impiedades dos homens.

Deus valoriza mais a reabilitação do homem do que a sua punição

Creio que não existe na Bíblia um texto que expresse o amor do Pai pelos homens com mais intensidade do que a parábola do filho pródigo (Lucas 15:11-32). Diz o versículo 20 que, ao ver o filho voltando arrependido e humilhado, o pai “moveu-se de íntima compaixão”, lançou-se ao pescoço do filho e beijou-o com amor, revelando uma profunda alegria por sua volta.

Muitos cristãos elegeram João 3:16 como o versículo que mais exprime o amor de Deus, mas eu discordo, pois esse texto é muito “genérico” ao dizer que: “Deus amou o MUNDO de tal maneira que deu o seu Filho unigênito...”.

Na parábola do filho pródigo, o amor de Deus é melhor retratado do que qualquer outro texto na Bíblia, pois ela exprime o comportamento acolhedor do Pai em relação à uma pessoa que dele se aproxima, usando a figura do perdão do pai em favor daquele jovem que havia se afastado deliberadamente da sua companhia.

O amor incondicional de Deus foi alegoricamente mostrado nessa parábola, pois o pai relevou as atitudes indignas do filho mais novo, concedendo-lhe de volta os direitos perdidos, ao invés de castigá-lo pelo que havia feito. A misericórdia prevaleceu sobre o juízo.

Aquele pai sabia que as adversidades da “escola da vida” já haviam disciplinado suficientemente o seu filho rebelde, através do fracasso econômico e das privações pelas quais ele passou, sendo que qualquer punição complementar só iria aumentar o sofrimento daquele jovem, o qual por causa de sua decisão errada, deixou a casa do pai.

O pai ficou tão satisfeito com a volta de seu filho pródigo dado como “perdido”, que acabou cometendo a “injustiça” de agraciá-lo com muitos presentes, causando ciúmes no irmão mais velho, que havia permanecido em casa.

Isso significa que para Deus, a reabilitação de uma pessoa é muito mais importante do que a sua punição. Quem não admite que uma pessoa poder ser reabilitada após dar suas “cabeçadas” na escola da vida, se comporta como o filho enciumado, que não se conformou em dividir seus direitos com o irmão que havia saído de casa e gasto a sua parte da herança.

O que vemos na Bíblia, comparando o VT e o NT, é justamente essa diferença. No VT vemos JHVH excessivamente preocupado em punir os desobedientes e exercer sua justiça implacável, enquanto que no NT vemos o Pai buscando a reabilitação de indivíduos e conferindo-lhes o direito de serem tornados seus filhos por adoção, aos que creem em Jesus, como assegura João 1:12.

Em Mateus 20:1-15, Jesus contou uma parábola sobre trabalhadores contratados em períodos diferentes e a remuneração deles, que foi igual para todos. Essa parábola dizia que o contratante do serviço remunerou da mesma forma tanto os que trabalharam desde o início da jornada, como aqueles que só trabalharam na última hora.

Os que trabalharam desde o início se indignaram e se sentiram injustiçados, mas o contratante argumentou que não foi injusto, pois lhes pagou exatamente o que havia sido combinado. Isso significa que o fato daquele patrão ter dado para os últimos o mesmo valor que deu aos primeiros, não deve ser interpretado como injustiça, mas sim como liberalidade para com todos indiscriminadamente.

Assim é a graça de Deus. Não existe meia-graça, nem meia-recompensa. Se Deus quer salvar da mesma forma os que se aproximam dele mais cedo ou mais tarde, ninguém deve questioná-lo pelo fato de usar a mesma benevolência para com todos igualmente, independentemente do que a pessoa tenha feito ou deixado de fazer no passado.

O fato é que, embora sejam poucos os que haverão de se salvar, como Jesus afirmou em Lucas 13:24, todavia, a vontade de Deus sempre foi e sempre será que TODOS fossem salvos da condenação eterna no juízo final.

O propósito de Deus em relação ao homem

Assim como um pai perdoa o seu filho e releva as suas dívidas, assim o Pai dos céus está continuamente na disposição de perdoar os homens, no intuito de reabilitá-los para uma vida livre e destituída do estigma da condenação.

Baseados no perfil de JHVH no VT, os homens imaginam um Deus no céu que está sempre de mau humor, cuja ira precisa ser continuamente aplacada mediante sacrifícios e penitências dos seres humanos. Isso ocorre porque a teologia cristã atravessou os séculos com a premissa de que o “deus” que atuava preponderantemente no cenário do VT (JHVH) é o mesmo Deus que atua preponderantemente no cenário do NT.

No entanto, Jesus apresentou o verdadeiro perfil de Deus como Pai amoroso e compassivo, tomando exemplo no cuidado de um pai terreno para com seus filhos neste mundo. Ele disse em Mateus

7:11 “Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos céus, não dará boas coisas aos que lhe pedirem?”

Em Mateus 6:6, Jesus falou a respeito do relacionamento pessoal que o homem pode ter com Deus mediante a oração, que pode ser feita até mesmo na intimidade de sua própria casa. Ele disse assim: “Mas tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechando a porta, ora a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará”.

Isso significa que Deus não exige nada do homem, a não ser a sua amizade e o relacionamento fraterno, como também qualquer pai neste mundo deseja ter da parte de seus filhos. Ainda que o Pai celestial queira que os seus filhos sejam obedientes e submissos, Ele não se vale desses critérios para a manutenção de seus vínculos, por causa de sua infinita graça para com os homens.

Aquele que tem todo o Universo aos seus pés independe de qualquer coisa que o homem possa lhe oferecer em termos de sacrifícios materiais. O que verdadeiramente agrada ao Pai é um coração quebrantado e disposto a renunciar, não simplesmente para ser reconhecido por Deus, mas porque tem prazer em fazer a vontade do Pai sem segundas intenções.

Em Hebreus 10:58 lemos que o verdadeiro Deus não valoriza aqueles sacrifícios prescritos na lei de Moisés, pois diz assim: “Sacrifício e oferta não quiseste, mas um corpo me preparaste; não te deleitaste em holocaustos e oblações pelo pecado. Então eu disse: Eis-me aqui para fazer, ó Deus, a tua vontade. Sacrifício, ofertas, holocaustos e oblações pelo pecado não quiseste, nem neles te deleitaste, os quais se oferecem SEGUNDO A LEI”.

Se alguém pensa que pode “comprar” o favor de Deus, simplesmente pelo fato de pagar fielmente os dízimos e praticar uma vida religiosa, está muito enganado. Perante Deus, aquilo que fazemos por obrigação não tem o mesmo valor daquilo que fazemos sem a aspiração de sermos recompensados.

É por isso que Jesus disse que quando quiséssemos dar uma oferta, isso deveria acontecer como se “a mão esquerda não soubesse o que está fazendo a mão direita” (Mateus 6:3).

No relacionamento com Deus, muito mais importante do que o valor absoluto daquilo que lhe oferecemos, é o valor relativo da oferta. É por esse motivo que Jesus disse que a oferta de uma viúva pobre foi proporcionalmente maior do que a oferta dos ricos que ofertavam no templo, apesar de ser numericamente muito inferior, porque os ricos davam daquilo que lhes sobejava, enquanto que a viúva deu todo o seu sustento, numa atitude de fé (Marcos 12:43).

O Deus de alguns cristãos se assemelha aos ídolos pagãos, que precisam ser apaziguados e bajulados com muitas oferendas para se tornarem favoráveis. Para esses cristãos, a fé é a chave milagrosa para conquistar a simpatia desse “Deus” e alcançar favorecimentos e privilégios em relação a outras pessoas. Alguns deles chegam a dizer que a oração é o instrumento que faz mover o braço de Deus, como se Ele fosse um boneco no qual se precisa dar corda para ele começar a funcionar.

O conceito de família no relacionamento que Deus quer ter com os homens está expresso claramente em Efésios 2:18, quando Paulo diz que tanto judeus como gentios têm acesso ao Pai em um mesmo Espírito, não sendo mais considerados estrangeiros nem forasteiros, mas como concidadãos de um mesmo Reino e membros legítimos da FAMÍLIA DE DEUS.

Através dessa ótica, podemos compreender o que disse Paulo em Romanos 8:29, a respeito do propósito eterno de Deus em relação aos homens: “Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos IRMÃOS”.

Só há um único Deus verdadeiro

A hipótese da existência de um Deus bom em oposição a um Deus mau, conforme a concepção gnóstica, caracterizaria o politeísmo, onde se admite a existência de mais de um Deus. No entanto, em Efésios 4:6 Paulo deixou claro que o Deus verdadeiro é um só – o Pai, o qual foi revelado aos homens através do ministério de Jesus neste mundo.

Nessa linha de raciocínio, a conclusão é que JHVH, o “deus” revelado por Moisés é diferente do Pai, o Deus revelado por Jesus Cristo.

Se aquele que operou no VT revelou incompatibilidade com aquilo que Jesus ensinou no NT, isso é uma prova que não se tratam da mesma pessoa. Todos os que são sinceros e não estão presos aos paradigmas da religião institucional, não têm dificuldade para admitir essa distinção entre o Deus verdadeiro e aquele que se fazia passar pelo Deus verdadeiro.

Se admitimos que o Filho e o Pai possuem a mesma natureza, e que Jesus não se identifica com JHVH, pois os seus comportamentos e atitudes são conflitantes, então fica provado que o Pai não é o mesmo que JHVH. Por outro lado, se 1 João 5:20 afirma de forma tão enfática que Jesus é o VERDADEIRO Deus, segue-se que existe(m) outro(s) falso(s).

Antes de sua conversão, Paulo era um fariseu radical que perseguia os cristãos, imaginando estar servindo o Deus verdadeiro, mas na realidade ele estava à serviço de JHVH, perseguindo todos os judeus que se convertiam ao cristianismo e procurando manter aceso o ardor farisaico entre os seguidores dos preceitos do VT, os quais admitiam as execuções de todos os desobedientes à lei de JHVH.

Uma das vítimas dessa perseguição foi Estevão (Atos 7), cuja execução através de apedrejamento foi assistida por Paulo, que naquela ocasião ainda estava com seus olhos fechados para enxergar a verdadeira natureza de Deus.

Após sua dramática conversão, Paulo distinguiu o Deus verdadeiro dentre os falsos deuses, como ele declarou em 1 Coríntios 8:4-6 "ainda que hajam muitos deuses e muitos senhores, para nós há um só Deus, o Pai".

Esse mesmo Paulo se referiu a um falso Deus, quando disse em 2 Coríntios 4:4: "O deus deste século cegou as mentes dos incrédulos, para que eles não vejam a luz do evangelho da glória de Jesus Cristo". É evidente que esse "deus" não se refere ao Deus verdadeiro, porque o Pai quer justamente ABRIR as mentes das pessoas, ao invés de fechá-las.

JHVH assumiu a responsabilidade por ter cegado o entendimento de muitos, como lemos em Isaías 6:10 "Engorda o coração deste povo, e endurece-lhe os ouvidos, e fecha-lhe os olhos; para que ele não veja com os olhos, e ouça com os ouvidos, e entenda com o coração, e se converta, e seja sarado".

Também em Isaías 29:10, lemos que JHVH derramou sobre o povo de Israel um espírito de profundo sono, fechando os olhos dos profetas e vedando o entendimento dos videntes.

Em João 12:40, Jesus chamou a atenção para o fato de JHVH ter cegado os olhos e endurecido o coração do povo, para que eles não vissem com os olhos espirituais e entendessem com o coração, para que se convertessem e fossem curados. No entanto, Jesus se identificou como aquele que deveria vir para servir de luz para as nações, abrir os olhos dos cegos e tirar da prisão os presos, que jazem no cárcere das trevas espirituais (Isaías 42:6).

Na sinagoga de Cafarnaum, Jesus afirmou que ele é aquele que veio para proclamar libertação aos que estavam cativos, pôr em liberdade os oprimidos e restaurar a vista aos que haviam sido cegados por JHVH (Lucas 4:18 e 19). Durante sua permanência em Jerusalém, Jesus destacou essa cegueira, dizendo: Ah! se tu conhecesses, ao menos neste dia, o que te poderia trazer a paz! Mas agora isso está encoberto aos teus olhos.

Portanto, a missão de Jesus era restaurar o que havia sido degenerado por JHVH. Através de seu ministério, os discípulos foram progressivamente tendo os seus olhos espirituais abertos, como disse Jesus em Mateus 13:15 e 16 "Porque o coração deste povo se endureceu, e com os ouvidos ouviram tardamente, e fecharam os olhos, para que não vejam com os olhos, nem ouçam com os ouvidos, nem entendam com o coração, nem se convertam, e eu os cure. Mas bem-aventurados os vossos olhos, porque vêem, e os vossos ouvidos, porque ouvem".

O fato de que JHVH cegava os olhos espirituais das pessoas enquanto que Jesus os abria é uma prova evidente de que se tratam de comportamentos diferentes, de pessoas com naturezas distintas.

A respeito dessa diferença entre o falso e o verdadeiro, o texto de João 1:17 diz ... "A lei foi dada por Moisés; porém, a graça e a VERDADE vieram por Jesus Cristo". Ora, se a verdade veio somente após a manifestação de Jesus Cristo, o que estava sendo ministrado antes dele, através de Moisés e dos profetas do VT? A resposta a essa pergunta deverá ser dada com sinceridade por cada um de nós através de uma análise imparcial e lógica.

Jesus também disse em João 10:8 que todos os que vieram ANTES dele eram LADRÕES e SALTEADORES. Diante dessa afirmação, deveríamos também reavaliar qual a credibilidade que deveria ser dada a tudo o que precedeu a Jesus no VT, em termos de princípios e fundamentos.

Podemos tentar imaginar como seria o cristianismo se a lei de JHVH fosse cumprida na íntegra nos dias de hoje e se Jesus não tivesse estabelecido um Novo Concerto, com novos princípios e novos mandamentos!

Todas as vezes em que as nações se abriram para a Teocracia imposta sob uma forma radical, houve abuso de autoridade e intolerância religiosa. Desde Constantino até os tempos do apogeu político da Igreja Católica sediada em Roma, esses desvios se transformaram em perseguições implacáveis, que resultaram no martírio de milhares de vítimas da insânia religiosa.

Tudo era feito sob o amparo do modelo de violência do "Deus" exigente e feroz do VT, que não admitia qualquer desobediência aos seus caprichosos preceitos.

O Deus verdadeiro nunca foi visto por alguém

Em João 1:18 está escrito que NINGUÉM NUNCA JAMAIS VIU A DEUS. Isto significa que Deus nunca havia sido visto fisicamente por nenhuma pessoa neste mundo. O texto continua dizendo que o Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecido.

Em Êxodo 24:9 está escrito assim: "Moisés e Arão, Nadabe e Abiu, e setenta dos anciões de Israel VIRAM O DEUS DE ISRAEL e debaixo de seus pés havia como uma obra de pedra de safira, com o parecer do céu em sua claridade". Esse Nadabe e Abiu foram os mesmos que caíram mortos diante de JHVH porque tinham feito oferta com "fogo estranho" (Números 3:4), o que significa que apesar de não serem pessoas muito dignas, JHVH apareceu visivelmente diante deles.

De acordo com esse texto, aquelas pessoas viram fisicamente JHVH. A aparência de safira sob os pés de JHVH mencionada nesse texto faz lembrar a descrição dos querubins em Ezequiel 1:26 e 10:1, o que parece caracterizar a natureza divina de JHVH como sendo semelhante à de um querubim.

Ora, se JHVH foi visto por todas aquelas pessoas, incluindo os setenta anciões de Israel, e o texto de João diz que nunca homem nenhum viu a Deus, concluímos que aqueles homens não viram o verdadeiro Deus Pai. Ao invés disso, eles viram JHVH, o "deus tribal de Israel".

Alguns teólogos procuram justificar essa contradição, dizendo que aquela aparição de JHVH no VT era uma "Teofania". Segundo a interpretação dessas pessoas, não era propriamente Deus quem estava ali

presente, mas sim um representante divino, tal como um anjo, ou ainda a glória de JHVH, também chamada "Shekinah".

No entanto, em um outro episódio quando os anjos visitaram Abraão, e JHVH estava entre eles (Gênesis 18:1-8), o texto não diz que era um representante ou a glória de JHVH que estava ali presente. Pelo contrário, o texto diz que JHVH e os anjos assumiram a forma humana e até comeram junto com Abraão a comida que Sara preparou.

Além disso, em Êxodo 33:11 está escrito que JHVH falava CARA A CARA com Moisés. Nos versículos 21-23, JHVH disse a Moisés: Eis aqui um lugar junto a mim; aqui, sobre a penha, te porás. E quando a minha glória passar, eu te porei numa fenda da penha, e te cobrirei com a minha mão, até que eu haja passado. Depois, quando eu tirar a mão, me verás pelas costas; porém a minha face não se verá.

Esse último texto diz que JHVH permitiria SER VISTO PELAS COSTAS, mas não deixaria que vissem a sua face. Porém, como deixa claro o texto de João, o verdadeiro Deus nunca foi visto por ninguém, seja de costas, face a face, ou sob qualquer ângulo através de olhos físicos.

Portanto, só Jesus fez o Pai conhecido, durante o tempo em que esteve entre os homens, como diz João 1:17. Ele não mostrou como é o Pai exteriormente, mesmo porque o Pai é espírito e não tem uma forma externa aparente.

O ser humano possui cinco sentidos, porém, não consegue interagir com Deus através de nenhum deles. Isso significa que o único canal através do qual o homem pode se relacionar com Deus é por meio da fé.

Jesus manifestou o Pai ao mundo, revelando os seus atributos e a sua vontade. Ele mostrou que, embora o homem não possa ver fisicamente a Deus, pode se relacionar com Ele como numa relação entre pai e filho.

Quando Jesus se apresentou fisicamente a Tomé mostrando o seu corpo ferido com as marcas da crucificação, disse-lhe: "Tomé, tu crês porque me viste, mas bem-aventurados aqueles que não me veem e creem" (João 20:29).

Paulo é considerado a pessoa que mais fielmente retratou o caráter do Pai e a profundidade dos mistérios de Deus, porém, apesar de ser considerado o maior dos apóstolos, não conheceu pessoalmente a Jesus, o que significa que para alguém ter intimidade com Deus, não precisa vê-lo nem ouvi-lo fisicamente.

O Deus verdadeiro revela solidariedade e não indiferença para com os homens

Muitas pessoas insistem em culpar a Deus por todas as catástrofes e por todo sofrimento que existe neste mundo, como se Deus fosse alguém impassível, que estivesse permanentemente distante e indiferente às dificuldades dos seres humanos.

No entanto, o sentimento de Deus Pai com relação à humanidade pode ser avaliado através das atitudes de Jesus, enquanto esteve neste mundo. Jesus se aproximava dos rejeitados pela sociedade de sua época, não se importando de colocar em risco a sua reputação por estar ao lado de estrangeiros, prostitutas e homens desonestos.

Ele disse que não veio para os sãos, mas sim, para os enfermos (Marcos 2:17), pois os que se acham sãos não recorrem ao médico. Os únicos enfermos que podem ser atingidos e beneficiados pela graça de Deus são aqueles que admitem a sua enfermidade.

Jesus revelou inúmeras vezes essa solidariedade em favor daqueles que estavam padecendo ou haveriam de padecer por uma fatalidade ou desgraça. Foi assim quando ele chorou ao ver a incredulidade do povo de Jerusalém, ao imaginar o triste fim que haveria de vir sobre os seus habitantes através dos romanos chefiados por Tito e Vespasiano, o que veio a ocorrer no ano 70 de nossa era, conforme o próprio Jesus profetizou em Lucas 19:41-43.

Foi assim também quando ele "moveu-se de íntima compaixão" ao ver o pranto e sofrimento de uma viúva na cidade de Naim, a qual havia perdido seu único filho, como relata Lucas 7:13.

Nunca ouvimos falar de Jesus indiferente ao sofrimento das pessoas. Nunca o vemos "passando de largo" como fizeram o levita e o sacerdote da Parábola do Bom Samaritano, narrada em Lucas 10:25-35.

Pelo contrário, vemo-lo várias vezes compartilhando de dores e expectativas, estimulando a fé das pessoas e trazendo uma palavra de ânimo e esperança para os que se mostravam abatidos.

Até mesmo com relação aos seus perseguidores e algozes, Jesus compadeceu-se deles, dizendo durante o martírio na cruz: "Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem" (Lucas 23:34).

Também em Mateus 9:20-22, vemos Jesus socorrendo uma mulher que sofria uma hemorragia crônica, a qual, numa atitude de fé tocou na orla das vestes de Jesus, na esperança de que fosse curada. Essa atitude passou despercebida de todos os que o rodeavam, mas não passou despercebida de Jesus, pois o Filho de Deus valorizava a fé das pessoas e procurava animá-las a perseverarem nessa disposição.

É evidente que o Pai, sendo de mesma essência e natureza que o Filho, teve o mesmo sentimento de solidariedade para com a humanidade, pois, como já vimos anteriormente em 1 Timóteo 2:4, Deus quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade.

Assim, quando lemos em certas passagens que Cristo estava chorando e sofrendo pela humanidade, podemos entender por extensão que o Pai também estava movido pelo mesmo sentimento de compadecimento. Afinal, Ele é Pai. É por isso que em 2 Coríntios 5:19, lemos que Deus ESTAVA EM CRISTO, reconciliando CONSIGO MESMO o mundo.

Essa integração entre o Pai e o Filho se dá da seguinte forma: o Filho falava da parte do Pai e o Pai atestava o que falava o Filho; o Filho operava sinais em nome do Pai e o Pai creditava o devido abono ao que o Filho operava; o Filho chorava ao ver a desgraça das pessoas e era como se o Pai estivesse chorando também.

Portanto, como disse certo pregador em suas reflexões: “O Deus revelado tem o rosto de Jesus. Eis a grande e alvissareira notícia: Jesus não é apenas idêntico a Deus; o Deus Pai também é idêntico a Jesus. O Deus cristão se inseriu no sofrimento do mundo. Ele não é um expectador irado ou impassivo diante da dor. Ele é o Emanuel, que se fez solidário com todos e convida a humanidade para que se una a ele na árdua tarefa de desmontar as estruturas da morte”.

O Deus verdadeiro não manipula os homens como se fossem marionetes

Algumas pessoas criticam a Deus pelo fato que, sendo Onisciente e Onipotente, Ele deveria orientar a ocorrência dos fatos de forma a evitar as desgraças e as consequências desastrosas no destino dos homens.

No entanto, o fato do Pai ser Onisciente e conhecer o futuro não significa que Ele se prevaleça desse atributo para poder manipular as coisas ao seu bel-prazer, simplesmente para fazer com que a trajetória dos eventos caminhe de forma imutável para o seu cumprimento.

O mundo ocidental se diz cristão, mas conhece muito pouco a respeito do caráter de Deus. Se as pessoas conhecessem verdadeiramente o caráter de Deus, não lhe imputariam culpa sobre certos “castigos” impostos à humanidade ao longo dos séculos.

Se Deus concede o livre arbítrio para que cada um ande pelo seu próprio caminho e navegue pela rota que escolheu, isso significa que ninguém é marionete nas mãos dele. Assim sendo, o Pai conhece o futuro, mas não intervém em nenhum momento da história naquilo que diz respeito à decisão própria de cada indivíduo.

Da mesma forma, Ele também não é omissa nem negligente com relação ao que pode fazer pelas pessoas. Ao proporcionar através de Cristo uma solução para a dívida herdada pela semente adâmica, o Pai ofereceu aos homens uma oportunidade de aproximação e reconciliação, como diz Paulo em 2 Coríntios 5:19.

Em 2 Pedro 3:9 lemos que Deus é longânimo, não querendo que ninguém se perca, senão que todos venham ao conhecimento da verdade.

A teoria “calvinista” da predestinação induz os indivíduos a pensarem equivocadamente que Deus está mais preocupado com a “reputação” de sua irredutibilidade, ao não permitir qualquer desvio no destino previamente traçado para as pessoas, do que em ser suficientemente flexível, a ponto de permitir a mudança do destino de um indivíduo, que em certo momento de sua existência decidiu ter a rota da sua vida corrigida.

No entanto, a possibilidade de mudança na trajetória da vida das pessoas está diante de cada uma delas de forma pessoal e individual, independentemente do que Deus já tenha feito ou ainda vá fazer. Quando alguém recorre com sinceridade ao Pai, não há força de “Destino” ou “Karma” que possa impedir que a graça de Deus prevaleça sobre quaisquer que forem as circunstâncias em que vive aquela pessoa.

Portanto, o Pai não é manipulador de mentes, nem quer forjar “robôs” para servirem-no debaixo de jugo e terror. O Deus verdadeiro respeita o livre arbítrio e a escolha das pessoas. Em todo o tempo e em qualquer circunstância, Ele respeita a liberdade de escolha de cada pessoa individualmente.

O “livre arbítrio” é o direito que cada indivíduo tem assegurado da parte de Deus, para poder decidir o seu futuro, com base em decisões na vida presente. Se em determinadas situações na Bíblia não vemos prevalecer esse direito, é de se duvidar que o Pai tenha participado delas.

No VT temos vários exemplos desse tipo de incompatibilidade entre os comportamentos de JHVH e do Pai, o que é motivo suficiente para me levar a descreer que se tratam da mesma pessoa.

Deus restaura aquilo que já não tinha mais esperanças e dá novas perspectivas

O homem criado no Gênesis foi formado a partir do pó da terra. O pó é a substância mais desprezível que existe em todo o Universo, o que denota a natureza vil dos seres humanos, em termos biológicos.

No entanto, o Pai toma esse homem feito a partir da matéria desprezível e o eleva à categoria de filho, como diz João 1:14. Isso diz respeito a todos os que pela fé e de forma voluntária recebem em seus corações o seu Filho, Jesus Cristo, como diz o referido texto.

Cumpr-se então o que dizia o Salmo 113:7: “Ele levanta do pó o pequeno e do lixo ergue o necessitado, para o fazer assentar com os príncipes do seu povo”. Embora essa profecia conste no VT, o seu significado espiritual não diz respeito ao Velho Concerto, pois a elevação dos seres humanos à estatura de filhos de Deus só veio a se cumprir no NT através do ministério regenerador de Jesus Cristo.

Quanto à sua natureza humana, Jesus tinha em sua genealogia quatro mulheres reprovadas pelas sociedades de suas respectivas épocas: uma incestuosa, que foi Tamar (Mateus 1:3); uma prostituta, chamada Raabe (Mateus 1:5); uma moabita, chamada Rute, a qual era discriminada racialmente (Mateus 1:5) e uma adúltera, que foi Bate-Seba (Mateus 1:6). Cabe observar que a obscuridade da reputação

desse tipo de personagens é normalmente ignorada, quando se estuda a respeito da ascendência genealógica de Jesus Cristo, onde normalmente só são lembrados os grandes patriarcas da história do povo judeu, tais como Abraão, Isaque, Jacó e Davi.

No entanto, essas mulheres rejeitadas e consideradas indignas no passado foram propositalmente mencionadas com destaque na genealogia de Jesus, para que fique notório que não há indignidade que não possa ser transformada em dignidade e não há ninguém que não possa ter sua história reeditada, por pior que tenha sido o seu passado, se for seguido o exemplo daquele que inspira por sua vida e caráter, Jesus Cristo.

O fato de Jesus ter sido vitorioso sobre o pecado e a morte, como diz 1 Coríntios 15:55-57, significa que qualquer um que coloque nele a sua confiança pode ser vitorioso também, porque o poder restaurador está no Pai e não nos limitados esforços humanos. Nesse caso, aplica-se 2 Coríntios 12:9, cujo texto diz que o poder do Pai se aperfeiçoa na fraqueza do ser humano.

A humanidade não tinha nenhuma perspectiva de salvação, até que Cristo veio a este mundo. O modelo sacrificial do VT se mostrou totalmente incapaz de proporcionar expiação para os homens, haja visto que os sacerdotes tinham que estar continuamente oferecendo sacrifícios por si próprios e pelo povo, como explica Hebreus 9:24-28, dizendo: "Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, mas no próprio céu, para agora comparecer por nós perante a face de Deus; nem também para se oferecer muitas vezes, como o sumo sacerdote de ano em ano entra no santo lugar com sangue alheio ... mas agora, na consumação dos séculos, uma vez por todas se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo".

Em Hebreus 10:1-4, o autor continua explicando a respeito da falibilidade da lei do VT: "Porque a lei, tendo a sombra dos bens futuros, e não a imagem exata das coisas, não pode nunca, pelos mesmos sacrifícios que continuamente se oferecem de ano em ano, aperfeiçoar os que se chegam a Deus ... porque é impossível que o sangue de touros e de bodes tire pecados.

No universo físico não houve qualquer mudança com a vinda de Cristo para este mundo, em termos de atmosfera, clima, equilíbrio ecológico e demais aspectos ambientais, porém, no mundo espiritual houve uma verdadeira revolução administrativa, pois os principados e potestades angelicais da maldade foram despojados de seus lugares privilegiados, como disse Paulo em Colossenses 2:15. Em Romanos 8:21 lemos que a natureza criada será libertada da DECADÊNCIA em que se encontra, recebendo a gloriosa liberdade dos filhos de Deus.

Jesus não ficou lá no céu administrando "à distância" a situação caótica e sem perspectivas em que viviam os homens. Ele nunca foi omissos nem alheio às necessidades da humanidade.

Jesus nunca se mostrou indiferente em relação aos que o buscavam. Ao contrário, diz-nos Filipenses 2:6-8 que Cristo deixou a sua glória e a companhia do Pai para estar entre os homens, enfrentando padecimentos e hostilização, especialmente por parte daqueles que o viam como um impostor.

A lei do VT prescrevia em Levíticos 21:11 que os sacerdotes não deviam se aproximar de pessoas moribundas, para que não fossem contaminados por elas. Mas Jesus, o verdadeiro sumo-sacerdote do Novo Concerto, não hesitou em estar próximo à aquelas pessoas, pois para isso mesmo ele veio – para resgatar o que se havia perdido e trazer-lhes uma nova esperança, já que o ministério do VT havia falhado em seus objetivos.

Quanto ao fato de Jesus não "perder" sua santidade, ainda que estivesse na companhia de pecadores e pecadoras, vemos o exemplo da incorruptibilidade na luz, como fonte de energia. A luz não se contamina pelas trevas, por maiores e mais densas que possam ser as trevas. Na medida em que a luz se intensifica e vai iluminando o ambiente, as trevas deixam de existir.

Assim como a luz não se contamina ao penetrar no meio das trevas, assim também Jesus convivia com pessoas discriminadas e reprovadas pela sociedade, sem ser conivente com as suas atitudes más ou se deixar influenciar por elas. Muitos daqueles pecadores e pecadoras com quem Jesus convivia foram atingidos pelo seu Evangelho, justamente porque Jesus não teve escrúpulos de se aproximar de pessoas enfermas espiritualmente.

A postura de Deus diante do sofrimento da humanidade

A pergunta que sempre vem à mente quando consideramos a bondade irrestrita do Pai é justamente essa: Se Ele é tão bom e poderoso, porque permite que o sofrimento e o mal continuem existindo neste mundo?

Para tentar responder essa pergunta temos que considerar alguns aspectos. Assim, por exemplo, os reveses em nossas vidas, que são sempre encarados negativamente, devem ser encarados como circunstâncias normais no Universo da causa e efeito, onde invariavelmente se colhem os frutos da semeadura.

É inegável que o sofrimento e a aflição que passamos em determinados momentos de nossas vidas são muitas vezes as oportunidades de Deus para corrigir-nos e disciplinar-nos, ensinando-nos a enfrentar as situações, não fugindo delas como coelhos assustados. As coisas, que à princípio parecem tão desastrosas, são importantes para quebrar o orgulho e o sentimento de auto-suficiência dos homens.

Deus usa freqüentemente situações que são momentaneamente adversas para nós, a fim de moldar nosso caráter e exercitar-nos na perseverança e na paciência. Às vezes, é necessário corrigir a trajetória de nossas vidas, a fim de nos moldarmos aos exemplos deixados por Jesus Cristo, como diz 1

Pedro 2:21. Essa “correção de trajetória” deve ser encarada como a mudança de rumo de um barco, o qual precisa ter sua rota ocasionalmente corrigida.

Os problemas e dificuldades que vivenciamos no nosso dia-a-dia podem servir de matéria-prima para a edificação do projeto maior de Deus em nossas vidas. Os ventos contrários e impetuosos contribuem para fortalecer as raízes das árvores e evitar que cresçam sem resistência contra as intempéries.

Nossa fé é mais estimulada pelo que ainda não conseguimos do que pelo que já conquistamos. Os reveses na vida podem servir como desafios para nos impulsionar continuamente a enfrentar circunstâncias desfavoráveis e a crer contra as evidências negativas.

Por outro lado, Deus conhece a nossa estrutura e não deixa que passemos por situações além das nossas forças, dando sempre o “escape” para que possamos suportar as maiores adversidades, como diz 1 Coríntios 10:13. Isso é mais uma prova de sua fidelidade para conosco e da singeleza de seu amor.

Em 2 Coríntios 12:1-7, Paulo falou sobre o efeito positivo de um “espinho na carne”, o qual contribuiu para moldar o seu caráter contra os efeitos da soberba e da jactância, devido às revelações que ele havia recebido acerca dos mistérios de Deus.

Portanto, nem tudo que nos parece inicialmente contrário deve ser interpretado como uma ação desfavorável no curso de nossa existência. Todas as pessoas neste mundo enfrentam dificuldades, ainda que em diferentes escalas. Não existe uma força irreduzível movida por Deus, ou mesmo por ação do destino (“Karma”) que tivéssemos de enfrentar, sem qualquer chance de escapatória, como num processo de catarse (purificação) inevitável.

Diz um famoso ditado que: “Deus escreve certo por linhas tortas”. Porém, esse ditado deveria ser modificado para: “Deus escreve certo por linhas QUE NOS PARECEM tortas, mas na realidade são linhas importantes para desencadear situações que poderão mudar totalmente o cenário de vida que estava em curso”.

Em suma, não é verdade que Deus esteja indiferente ao nosso sofrimento e aos males que assolam a humanidade. O fato é que Ele quer usar situações que aparentemente só trazem desgraças, para levar-nos ao caminho da perfeição e dependência total da graça benfeitora do Pai para conosco.

É por isso que diante da pergunta dos discípulos acerca do motivo pelo qual um homem nasceu cego (João 9:2 e 3), Jesus respondeu-lhes que aquela enfermidade era a oportunidade para a manifestação excelente da obra de Deus na vida daquele cego, o que realmente aconteceu posteriormente.

O questionável modelo do Apocalipse

O livro do Apocalipse é o grande obstáculo para o conceito do Deus absolutamente bom e misericordioso. Todos os que não fazem distinção entre JHVH e o Pai se valem de textos do Apocalipse, que falam do cumprimento da profecia do Messias que haverá de reger as nações com vara de ferro (Apocalipse 12:5), dando destaque ao fato dele ferir os desobedientes e pisar o lugar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-poderoso (Apocalipse 19:15).

Alem disso, o texto de Apocalipse 19:1-6 também dá subsídio aos questionadores da distinção entre JHVH e o Pai, já que é o único livro do NT que induz o louvor a Javé (JHVH), através da menção da palavra “Aleluia” (Hallelujah), que significa “louvai a Jah”, ou ainda “louvai a Javeh”.

Causa realmente estranheza a comparação do texto do Apocalipse, supostamente escrito pelo apóstolo João, com o Evangelho também escrito por ele, pois o comportamento do Filho de Deus descrito por João em seu Evangelho, nunca se prevalecendo pela força nem pela violência, se mostra muito diferente do Jesus apocalíptico.

Como poderia o Jesus descrito por João em seu Evangelho, que se mostrava sempre condescendente com a miséria espiritual das pessoas, oferecendo-lhes a oportunidade de reconciliação com o Pai e uma nova perspectiva de vida, corresponder ao Jesus descrito no Apocalipse, que dava vazão à sua ira ferindo as nações e estabelecendo seu domínio através da força bélica?

Não dá para imaginar o mesmo Jesus que perdoou a mulher adúltera e lavou humildemente os pés dos seus discípulos, sentado sobre um cavalo branco com as vestes salpicadas de sangue, ferindo as nações com espada e regendo-as com vara de ferro, como se fora um déspota ou um tirano.

Jesus nunca foi hipócrita e não iria mudar o seu comportamento no futuro, porque a sua essência fundamental é o amor. Ele veio para salvar as pessoas e não para extravasar sua ira entre as nações. Ele veio para trazer uma nova perspectiva de vida e não para lançar pragas e castigos sobre os desobedientes.

Se alguém ler certos trechos do livro do Apocalipse, sem considerar o que Jesus ensinou, pode imaginar que Jesus tem uma disposição sanguinária para castigar os homens, que não condiz com o Evangelho de amor e perdão que Ele pregava.

Eu fico com “um pé bem atrás” quando ouço aqueles que pregam a respeito do Apocalipse fazendo apologia sobre o inferno e o lago de fogo, como que querendo persuadir os homens a se converterem para escaparem desse terrível juízo. O fato é que Deus não nos propiciou uma salvação **de** uma coisa, mas **para** uma coisa, pois Ele tem um propósito glorioso na salvação e reabilitação de cada ser humano.

É preciso muito cuidado ao lermos o Apocalipse, pois muitos já fixaram datas e tentaram estabelecer uma relação profética com os eventos descritos no Apocalipse, sendo que muitos deles acabaram de uma ou de outra forma sendo desmentidos.

Diga-se de passagem que, para se estabelecer uma correlação de fatos ainda não ocorridos com os textos apocalípticos não é difícil. Tem muita gente “interpretando” as profecias de Nostradamus e outros futurólogos, relacionando fatos aqui e acolá, “adaptando” convenientemente as profecias para “darem certo”.

Muitas seitas já fixaram datas para a volta de Cristo e sustentam muitas de suas teorias baseados no livro do Apocalipse, que em inglês é chamado “Revelation” (Revelação), mas ninguém ainda provou ter o discernimento total para essas “revelações”.

Os teólogos escatológicos se dividem entre os pré-milenistas, pós-milenistas e amilenistas, sendo que todos eles se julgam os verdadeiros intérpretes do texto profético. Por tudo isso, o livro do Apocalipse deve ser lido com muita prudência, para não se ir além do que está no contexto novo-testamentário.

Não é à toa que o Apocalipse foi o último livro da Bíblia a entrar no “Canon” das Escrituras e o foi sob protestos de iminentes teólogos, tais como Dionísio, Eusébio, Gregório de Nazianzeno e Crisóstomo.

Na realidade, o uso eventual de referências do Apocalipse é admissível, mas as argumentações teológicas sustentadas EXCLUSIVAMENTE nesse livro devem ser desconsideradas.

O fato do Pai querer salvar e ajudar não significa que haverá impunidade

Diante do que já temos exposto, alguém poderia então estar pensando que, sendo Deus tão misericordioso e amoroso, não condenará ninguém no juízo final!

No entanto, é bom que fique claro que, embora a disposição do Pai seja sempre para salvar e que os seus propósitos em relação ao homem sejam para o bem, Jesus disse que muitos procurarão a salvação, mas não encontrarão.

Por causa disso, Jesus recomendou ESFORÇO aos que quiserem entrar pela porta estreita (Lucas 13:23 e 24). Se todos houvessem de ser salvos, independentemente do que fizessem ou deixassem de fazer, ele não teria dado essa recomendação.

O fato de vivermos na chamada “dispensação da Graça” não nos isenta de obedecermos os mandamentos de Jesus, pois se alguém diz conhecê-lo e não procura guardar os seus mandamentos é mentiroso (1 João 2:4).

Muitos preferem seguir o modelo do VT, porque a sua lei condenava apenas pelo que os homens faziam de errado. Por outro lado, no modelo do NT, os homens são reprovados, não somente pelo que **fazem** de errado, mas também pelo que **deixam de fazer** certo. Trata-se do pecado da omissão, que é assim mencionado em Tiago 4:17: “Aquele, pois, que sabe fazer o bem e não o faz, comete pecado”.

A lei e os preceitos do VT preocupavam-se apenas com o exterior das pessoas e com a religiosidade de aparências, mas os ensinamentos de Jesus priorizam o interior do ser humano, valorizando as reais intenções da alma.

Para Deus, que conhece o íntimo de cada indivíduo, não há como tentar esconder a verdadeira inclinação. Cada um será julgado, não somente por suas ações, mas também pelas intenções mais secretas. É por isso que, enquanto a lei condenava o adultério como a ação praticada efetivamente, Jesus reprovava-o pela intenção no coração, como ele disse em Mateus 5:28.

Portanto, achar que Deus vai ser “bonzinho” no juízo final, a ponto de relevar as atitudes indignas e irresponsáveis dos homens, é estar equivocado a respeito de seus critérios de julgamento.

Na realidade, no VT não havia NENHUMA perspectiva de vida eterna com Deus em um reino celestial. Porém, quando alguém se converte, recebendo a Jesus e passando pela experiência do novo nascimento, seu destino de fatalidade é mudado, ou seja, o caminho para a perdição é INTERROMPIDO e uma nova perspectiva gloriosa se lhe abre.

Em Judas 22 lemos que esse resgate é dramático, pois diz: “salvai alguns arrebatando-os do FOGO”. Portanto, embora vai haver um “ajuste de contas” no final dos tempos, o fato importante é que a chance de escapar desse juízo futuro se encontra plenamente acessível na vida presente.

O que ocorre, na realidade, é que todo o homem afastado de Deus já vive de certa forma num “inferno”; não propriamente pelo sofrimento do corpo, mas sim da alma, sendo que esse sofrimento deverá se estender por toda a eternidade.

Portanto, Jesus não manda ninguém para o inferno. Pelo contrário, ele oferece as possibilidades para todos aqueles que creem, a fim de que deixem de seguir em direção ao final trágico a que estavam anteriormente destinados.

Jesus nunca baixou o padrão para aumentar sua popularidade

Apesar do sentimento de solidariedade e compaixão que Jesus sempre demonstrou para com os homens, ele não baixou o padrão moral de seus ensinamentos. Em outras palavras, Jesus não “dourou a pílula” para facilitar a receptividade de sua mensagem.

Em uma ocasião, seus discípulos se queixaram da dureza de suas palavras, mas Jesus não mudou o discurso para melhorar sua popularidade. Pelo contrário, sua franqueza levou-o a perguntar aos doze discípulos remanescentes: “Quereis vós também retirar-vos?” (João 6:67)

Em nenhum momento Jesus ocultou de seus discípulos as implicações e o preço que deveria ser pago por aqueles que decidiam segui-lo de forma séria e responsável. Ele nunca fez “vista grossa” para os

deslizes de seus seguidores nem mostrou frouxidão quando foi preciso ser austero. Constantemente Jesus apontava os erros de seus discípulos, não para diminuí-los, mas com o intuito de aperfeiçoar-lhes o caráter e estimular-lhes a fé.

Portanto, Jesus soube equilibrar a manutenção do padrão ético-moral elevado de sua doutrina com a misericórdia e compreensão em relação às dificuldades e limitações humanas. Esse equilíbrio pode ser verificado na atitude de Jesus para com uma mulher surpreendida em adultério, onde ele combinou a mensagem do perdão "Eu também não te condeno" com a exortação austera "Vai-te e não peques mais" (João 8:11).

Se Jesus não tivesse assumido a natureza humana, muito provavelmente não conseguiria avaliar a extensão do sofrimento e privações humanas. No entanto, Hebreus 4:15 lembra-nos que não temos um sumo-sacerdote que não possa compadecer-se de nossas fraquezas, porém um que como nós, em tudo foi tentado, sem haver pecado.

Em termos práticos, os mandamentos de Jesus são mais difíceis do que os da lei do VT, porém são perfeitamente coerentes e exequíveis. Não fôra assim, ele não teria se colocado como exemplo para seguirmos suas pisadas, como diz 1 Pedro 2:21.

Assim, por exemplo, a lei do VT prescrevia a santificação do sétimo dia, enquanto que Jesus ensinou os seus discípulos a serem vigilantes **todos** os dias (Mateus 24:36 a 44 e 25:13); a lei do VT mandava amar o próximo e aborrecer o inimigo, enquanto que Jesus ensinou os seus discípulos a amarem os inimigos (Mateus 5:43 e 44); a lei do VT mandava caminhar UMA milha enquanto Jesus mandou caminhar DUAS (Mateus 5:41), e assim por diante.

Jesus sempre deu liberdade aos seus discípulos para desistirem quando quisessem (João 6:66 e 67), embora sempre tenha procurado estimulá-los a prosseguirem. Ele nunca disse que o caminho que estava propondo era fácil; mas colocou-se como exemplo de alguém que foi vitorioso sobre as aflições a que estão sujeitos todos os seres humanos, quando disse em João 16:33: "No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo".

Enganam-se aqueles que pensam que pelo fato de ter a natureza de Deus, Jesus não sofreu com a mesma intensidade que sofrem os seres humanos. Se ele não tivesse abdicado de seus poderes como Deus e não estivesse sujeito às mesmas limitações humanas, então o seu pedido ao Pai para que afastasse dele o cálice do sofrimento (Lucas 22:42) teria sido uma encenação teatral.

Diante do alto padrão da doutrina ensinada pelo Mestre, alguns discípulos foram levados a questionar: Senhor, quem poderá então salvar-se? Jesus respondeu-lhes: "Aos homens isso é impossível, mas para Deus tudo é possível" (Mateus 19:25 e 26 e Lucas 18:26 e 27).

Ao fazer essa declaração, Jesus afirmou que as possibilidades de salvação de uma pessoa são viabilizadas pela ação sobrenatural de Deus, ou seja, se nos submetemos à sua vontade e fizermos a nossa parte, Deus é poderoso para nos guardar de tropeçarmos, como diz Judas 24.

Portanto, embora o padrão de Jesus seja "alto", Paulo assegura que contamos com a intercessão do Espírito Santo através de "gemidos inexprimíveis", para que possamos perseverar nesse caminho estreito, seguindo as pisadas do Mestre (Romanos 8:26).

Além disso, temos a promessa já mencionada de 1 Coríntios 10:13, que assegura a fidelidade do Pai, o qual não permite que sejamos tentados acima de nossas forças e nos dá o "escape" proporcional às nossas limitações humanas, a fim de podermos suportar com dignidade as tribulações da vida.

Parte III

Análise de incompatibilidades no caráter e atitudes de Javé

Na parte anterior, vimos que a natureza do verdadeiro Deus não permite que seja feita uma associação entre aquele que se nomeava “Deus” no VT e o Pai apresentado por Jesus no NT.

Vimos também que não é possível compatibilizar a natureza do Deus, cuja essência é o amor, com as incoerências e a malignidade presentes em toda a história da humanidade, sobretudo no período de tempo compreendido entre o primeiro e o último Adão (Jesus Cristo).

Nesta parte do livro, faremos uma análise das inúmeras incoerências verificadas no comportamento e no caráter de Javé (JHVH), que inviabilizam qualquer tentativa de identificá-lo com o Deus Pai absoluto e verdadeiro.

As discrepâncias reveladas no caráter de JHVH estão relatadas inúmeras vezes nas páginas da Bíblia, onde podemos constatar entre outras coisas que JHVH não dá chances iguais para todos, pois revela uma sensível tendência discriminatória.

Se ele respeitasse o direito do livre arbítrio das pessoas e concedesse as mesmas oportunidades a todos os homens, não tiraria a vida de crianças inocentes, tais como o filho de Davi e Bat-Seba (2 Samuel 12:15-18), nem amaldiçoaria os filhos das terceiras e quartas gerações daqueles que lhe desobedecem, como diz Êxodo 20:5, nem faria com que a descendência de Geazi pagasse pela atitude leviana de seu ancestral, contraindo lepra hereditária (2 Reis 5:27).

Castigar alguém através da morte ou padecimento de seus filhos é tirar a oportunidade de pessoas inocentes, para fazerem opção entre o bem e o mal! Desde quando a morte ou maldição são medidas corretivas? Se cada um deve responder individualmente por seus atos no juízo final, porque penalizar as gerações subsequentes, por causa do pecado de seus ancestrais?

Enfim, essas tremendas injustiças verificadas no comportamento de JHVH, as quais estão fartamente atestadas nas páginas do VT, não condizem com aquilo que Jesus apresentou da parte do Pai no NT, e não se pode admitir uma outra explicação, senão concluir que não se tratam da mesma pessoa.

Uma coisa é punir com objetivo de corrigir e levar alguém ao arrependimento, como diz Hebreus 12:7; outra coisa muito diferente é assassinar uma criança sem deixar que ela tenha chance de fazer qualquer escolha em sua vida.

Ainda que alguém queira isentar JHVH da culpa, alegando que a culpa pela morte ou maldição não seja propriamente de JHVH, e sim dos pais que procederam de forma reprovável, há que se admitir que JHVH teria como impedir essa “transferência de maldição” e evitar esse tipo de injustiça, pois em Ezequiel 18:20, JHVH afirmou que os filhos não carregariam a maldade herdada dos pais.

Um outro caso de falta de misericórdia e abuso de poder consiste no fato de que a lei de JHVH mandava matar, sem chance de arrependimento, enquanto que Jesus preferia poupar as vidas dos transgressores, dando-lhes chance de reabilitação, tal como ocorreu com aquela mulher surpreendida em flagrante adultério (João 8:1-11). De forma oposta às atitudes inclementes de JHVH, Jesus dava nova oportunidade às pessoas que pecavam, a fim de que pudessem ser regeneradas, quando dessem lugar à conscientização da necessidade de terem as suas vidas transformadas.

A lei implacável de JHVH determinava em Levíticos 20:10 que o pecado de adultério deveria ser punido com o apedrejamento público da adúltera. A prova de que o caráter de Jesus é diferente do caráter de JHVH é que Jesus “transgrediu” o mandamento da lei de JHVH, ao deixar de executar o juízo que a lei ordenava. Em outras palavras, Jesus deixou de executar o apedrejamento prescrito, ainda que estivesse em condições de executá-lo, pois não tinha pecados que o desabonassem para executar esse tipo de punição. Pelo contrário, os judeus se retiraram daquele local envergonhados, por saberem que não tinham autoridade moral para atirar pedras na mulher.

A morte por apedrejamento da adúltera deixá-la-ia sem qualquer oportunidade de arrependimento para se aproximar de Deus. Jesus poderia perfeitamente autorizar o apedrejamento da mulher, mas não o fez por julgar mais importante dar-lhe uma oportunidade de arrependimento e de mudança de vida.

Para JHVH, o juízo e a condenação estão acima da misericórdia e do amor. Isto é mais uma prova da diferença que existe entre o pretense “Deus” JHVH e o Deus Pai.

JHVH era extremamente rigoroso quanto ao cumprimento de suas exigências, a ponto de ameaçar com represálias incendiárias, caso o seu caprichoso mandamento acerca da proibição de trabalho no Sábado não fosse obedecido, como diz Jeremias 17:27 “Mas, se não me ouvirdes, para santificardes o dia de sábado, e para não trazerdes carga alguma, quando entrardes pelas portas de Jerusalém no dia de sábado, então acenderei fogo nas suas portas, o qual consumirá os palácios de Jerusalém, e não se apagará”.

A incompatibilidade entre os comportamentos de JHVH e do Pai também ficou suficientemente evidenciada em outras situações díspares, pois enquanto JHVH capacitou Josué, Sansão e Davi para destruir exércitos, tomarem despojos e fazerem escravos entre os vencidos, o Deus Pai misericordioso e longânimo capacitou Jesus a fazer o bem, curar os enfermos e libertar os cativos de demônios (Atos 10:38).

Dando continuidade à análise dessas incompatibilidades, vejamos a seguir uma série de contrastes entre as atitudes de Jesus e de JHVH, que nos levam a concluir que eles não têm a mesma natureza.

humildade X soberba

Um dos grandes contrastes entre Jesus e JHVH é quanto ao aspecto de humildade, pois enquanto Jesus revelou sempre um caráter humilde, JHVH ostentou soberba em inúmeras ocasiões.

O caráter humilde de Jesus foi tal que, embora sendo rico se fez pobre, para que através de sua pobreza as pessoas pudessem ser enriquecidas espiritualmente, como diz 2 Coríntios 8:9. Essa mesma atitude também foi verificada na sua encarnação, pois embora Jesus subsistisse em forma de Deus, não se impôs com o intuito de se prevalecer, nem quis ser homenageado, mas aniquilou-se a si mesmo, fazendo-se semelhante aos homens, como lemos em Filipenses 2:5-7.

Jesus foi maltratado, humilhado, perseguido, açoitado, cuspidado e blasfemado, mas aprendeu a se calar diante dos opositores, ainda que tivesse sido vítima das maiores injustiças. Apesar de ser o grande líder e mestre de seu grupo de discípulos, Jesus humilhou-se a si mesmo lavando-lhes os pés, inclusive do falso amigo Judas Iscariotes, que o haveria de trair (João 13:1-17).

Por outro lado, a atitude de JHVH foi totalmente oposta, pois revelou prepotência ao ordenar a Moisés que tirasse os seus sapatos para estar na sua presença (Êxodo 3:5). Em uma outra ocasião, JHVH mostrou a mesma preocupação de não ter a sua "santidade" maculada, ordenando a Josué que se descalçasse antes de se aproximar dele, como relata o texto de Josué 5:15.

A sujeira nos pés de Moisés e de Josué profanavam JHVH, enquanto que, de forma totalmente oposta, Jesus não se importou em limpar os pés de seus discípulos e tirar a sujeira de seus pés empoeirados, para mostrar-lhes a importância da humildade e do desapego à soberba!

JHVH jamais se humilharia a ponto de se despojar de sua posição de supremacia diante dos homens, como Jesus fez, o qual deixou sua condição de líder e Mestre para se tornar como um simples serviçal lavador de pés. JHVH sempre foi do tipo que "não leva desaforo para casa". É por causa disso que ele aprovava o revide e a vingança, como dizia o seu mandamento na base do "olho-por-olho; dente-por-dente" (Êxodo 21:24).

A franqueza de palavras e ensinamentos de Jesus frequentemente contrastava as incoerências da lei de JHVH (João 6:60-66). Por outro lado, a auto-identificação de Jesus como Filho de Deus (Marcos 14:60-65) foi reputada injustamente como soberba.

Jesus deixou claro que o espírito de soberba e altivez não procedem do Pai, mas são próprios de uma natureza mesquinha, muito comum entre aqueles que gostam de se prevalecer sobre os mais fracos. Acerca disso, ele disse em Mateus 23:12 que aquele que se humilhar será exaltado e aquele que se exaltar será humilhado.

De forma contrária, JHVH mostrou todo seu orgulho e arrogância várias vezes, tal como exemplificado em sua declaração de Deuteronomio 32:39-43, quando ele diz: "Vede agora, que eu, eu o sou, e mais nenhum deus comigo; EU MATO E FAÇO VIVER, EU FIRO E EU SARO; e ninguém há que escape de minha mão. Porque levantarei a minha mão aos céus e direi: Eu vivo para sempre. Se eu afiar a minha espada reluzente e travar do juízo a minha mão, farei tornar a vingança sobre os meus adversários e recompensarei os meus aborrecedores. Embriagarei as minha setas de sangue e a minha espada comerá carne do sangue dos mortos e dos prisioneiros, desde a cabeça haverá vinganças do inimigo. Jubilai, ó nações, com o seu povo, porque vingará o sangue dos seus servos e sobre os seus adversários fará tornar a vingança e terá misericórdia da sua terra e do seu povo".

Além de demonstrar uma profunda soberba, essa declaração de JHVH revela um sentimento mórbido de se prevalecer pelo poder de subjugar as pessoas. Essa arrogância é bem notória quando ele diz que mata e faz viver; que fere e sara a quem quer, quando lhe apraz, e que não há quem escape de sua mão. Além disso, esse comportamento de fazer vingança, enviando setas e comendo a carne dos inimigos, como diz o texto mencionado, faz lembrar os povos bárbaros da antiguidade, quando praticavam a antropofagia (canibalismo).

luz X trevas

Outro contraste notório entre Jesus e JHVH é o fato que a presença de Jesus dissipa as trevas, enquanto que a presença de JHVH está constantemente associada às trevas.

Jesus é a verdadeira luz dos homens e a luz brilha no meio das trevas, como diz João 1:4-9. Por várias vezes Jesus associou essa luz ao caráter esclarecedor de sua mensagem, que faz com que a cegueira das trevas espirituais dos homens seja dissipada.

Por outro lado, Hebreus 12:18-21 assim descreve o cenário no Monte Sinai, quando JHVH estava prestes a anunciar a lei do VT: "Não chegastes ao monte palpável, aceso em fogo e à ESCURIDÃO, às TREVAS, à tempestade, ao somido da trombeta, à voz das palavras, a qual os que a ouviram pediram que se lhes não falasse mais, porque não podiam suportar o que lhes mandava; pois se até um animal tocasse o monte, seria apedrejado. E tão terrível era a visão, que Moisés disse: Estou todo assombrado e tremendo".

Esse texto diz claramente que a presença de JHVH trouxe escuridão e trevas no Monte Sinai. Em Deuteronomio 5:22-24 temos a confirmação desse fato, pois diz que havia uma escuridão profunda naquele local e a voz que transmitia os mandamentos vinha do meio das trevas.

Ora, considerando que 1 João 1:5 diz que Deus é luz e não há nele trevas nenhuma, cabe a seguinte pergunta: Como é que Deus, sendo a verdadeira luz e trazendo luz espiritual aos homens, poderia

estar no meio daquelas trevas e daquele ambiente de escuridão? O Pai jamais daria seus mandamentos em um cenário de escuridão e trevas, porque Deus é luz e NÃO HÁ NELE TREVA NENHUMA (1 João 1:5)!

Mas alguém contestará, dizendo que a escuridão no Sinai era física e não espiritual. Certo, porém JHVH se envolveu tanto em trevas físicas como espirituais, pois Isaías 53:1 diz que JHVH cegou os olhos das pessoas, trazendo-lhes trevas espirituais, juntamente com os endurecimentos do corações.

Aliás, diga-se de passagem que a pior escuridão é a escuridão espiritual. É a praga que impede as mentes de compreenderem os propósitos de Deus e enxergá-lo com os olhos da fé.

Contudo, Jesus veio para curar esses "cegos" e para mostrar a eles o caminho da salvação providenciada pelo Pai, pois ele disse em João 9:39 que veio a este mundo para que aqueles que estão cegos espiritualmente possam ver, e aqueles que supõem ver, sejam convencidos que precisam ter os olhos espirituais abertos.

acobertamento de tirania X livramento

Outra atitude que desabona JHVH e anula a sua pretensão de se igualar ao Pai é a sua afinidade com o maligno rei Nabucodonozor, pois o famoso ditado enuncia: Dize-me com quem andas e te direi quem és".

Nabucodonozor, rei da Babilônia, foi um dos homens mais soberbos e vaidosos mencionados na Bíblia. Ele era tão vaidoso que mandou construir uma imagem de ouro para que todo o povo se ajoelhasse diante dela e a adorasse.

Daniel e seus amigos recusaram-se a adorar aquela estátua e foram colocados dentro de uma fornalha de fogo, como castigo por desobedecerem a ordem do rei (Daniel 3:16-20). Mas, por incrível que pareça, JHVH afirmou que esse rei tirano e opressor chamado Nabucodonozor era "seu servo" (Jeremias 27:7)! Além disso, JHVH ordenou que todo o povo de Israel colocasse o seu pescoço debaixo do jugo tirânico de Nabucodonozor (Jeremias 27:8)!

JHVH disse ainda que aqueles que não se submetessem à Nabucodonozor seriam visitados com espada, fome e peste, o que dá a impressão que ele estava plenamente de acordo com aquele despotismo praticado por Nabucodonozor (Jeremias 27:13 e 14)!

A questão é que, se o Pai fosse o mesmo que JHVH, Ele jamais diria que o déspota Nabucodonozor tinha o seu respaldo oficial, na qualidade de "servo", nem tampouco apoiaria o intuito maldoso daquele rei, ao construir a estátua de ouro para dar vazão à sua vaidade e soberba.

Ainda nesse episódio da fornalha de fogo, tudo indica que Jesus, o Filho de Deus, tenha sido o "quarto homem" identificado na fornalha (Daniel 3:25), o qual, não somente estava solidário com os rapazes que se opuseram a se dobrar diante da estátua do rei, mas também trouxe um grande livramento para Sadraque, Mesaque e Abdenego, fazendo com que eles não fossem queimados na fornalha construída por aquele que foi acobertado por JHVH.

O que vemos aqui são forças opostas, pois enquanto JHVH autorizava a perseguição imposta por Nabucodonozor e o reconhecimento como seu servo, o Pai enviou seu filho Jesus, para estar solidário com aqueles jovens que se negaram a adorar e se curvar diante da estátua do rei.

paz X terror

JHVH criou um clima de pânico, ao estabelecer um reino de terror, no qual havia uma constante expectativa de castigos e punições por causa dos pecados.

No Sinai, onde a lei foi dada a Moisés, a descrição apresentada em Hebreus 12:18-21 revela um cenário fantasmagórico, típico de um filme de terror. Diz o texto que o ambiente era tão terrível, que Moisés exclamou: "Estou todo assombrado e tremendo". O povo de Israel viveu toda a peregrinação no Egito com a sensação de que a qualquer momento de ira, JHVH poderia fulminá-los com alguma daquelas pragas que assolaram o Egito, antes da êxodo dos israelitas.

JHVH era invariavelmente implacável e sua misericórdia ocorria somente após muita persuasão e insistência de alguém de sua intimidade, tal como Abraão ou Moisés (Gênesis 18:16-33; Números 16:44 e 45).

Em Deuteronômio 9:14, JHVH tentou dissuadir Moisés a não interceder pelo povo, dizendo-lhe: "Deixa-me só, para que eu possa destruí-los e fazer desaparecer o nome deles debaixo do céu. E eu farei de vós uma nação forte e mais numerosa que eles". Essa declaração leva-nos a concluirmos que quando JHVH delibera a destruição de alguém, não quer que ninguém interceda por ela, a fim de ficar livre para executar o seu juízo sobre essa pessoa.

De acordo com uma tradição judaica, os sumo-sacerdotes do VT entravam no santuário chamado "Santo dos Santos" do Templo com uma corda atada em seus tornozelos, para que fossem rebocados para fora, caso JHVH os fulminasse no interior do recinto por causa de algum "pecado escondido".

O provável motivo do uso da corda era a proibição de acesso de qualquer pessoa no "Santo dos Santos", ainda que fosse para tirar para fora alguém que tivesse morrido lá dentro. Só o sumo-sacerdote podia entrar nesse recinto, apenas uma vez por ano e com sacrifícios de sangue, os quais eram oferecidos em favor de si mesmo e pelos pecados do povo, como lemos em Hebreus 9:6 e 7.

Essa hipótese poderia explicar o motivo pelo qual o sumo-sacerdote era obrigado a usar as "campainhas de ouro" ao redor de sua veste, as quais são mencionadas em Êxodo 28:34 e 35. O som das campainhas provavelmente indicavam que o sumo-sacerdote ainda estava vivo. Quando o som cessava, era sinal de que o cadáver do sacerdote deveria ser rebocado para fora do santuário através da corda.

Diferentemente do relacionamento que JHVH tinha com os homens, o qual era mantido mediante à obediência compulsória das criaturas em um clima de terror e de autoritarismo, o Pai quer estabelecer uma relação fraterna com os homens, sem qualquer constrangimento, mediante a aproximação voluntária de todo o que crê, independentemente de sua raça, condição social e antecedentes comportamentais.

Essa aproximação com o Pai não precisa ser necessariamente uma experiência mística, porém, é impossível alguém crer que esse relacionamento a nível espiritual seja real, sem a convicção que vem através da fé. Paulo disse em Romanos 5:1 que essa convicção nos traz paz com Deus: "Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo".

Esta é, portanto, mais uma evidência do dualismo que envolve de um lado o Pai, e do outro lado JHVH, pois enquanto o clima que envolvia as pessoas antes da vinda de Jesus era de terror e expectativa de castigo iminente, após a vinda de Jesus esse quadro se alterou e o homem passou a ter possibilidades de desfrutar paz com o Pai.

acolhimento X repugnância

Uma característica marcante no caráter de Jesus era o seu comportamento acolhedor em relação às necessidades das pessoas que se aproximavam dele. Ele valorizava o contacto com os leprosos, meretrizes, estrangeiros e outros discriminados da sociedade, aproveitando cada oportunidade para falar-lhes do Reino de Deus e trazer uma mensagem de esperança para aquele povo marginalizado e sem perspectivas.

Assim foi com ladrões, publicanos, fariseus, escribas, crianças, moribundos, endemoniados e demais banidos do convívio social. Jesus tratava todos sem escrúpulos e sem barreiras, valorizando a todos igualmente (Mateus 9:10-13; Mateus 11:19). Ele correu risco de ser apedrejado por estender o perdão e a misericórdia de Deus às prostitutas e aos pecadores (João 5:18 e 10:33).

Certa vez, Jesus se hospedou na casa de um coletor de impostos chamado Zaqueu, não se importando com os comentários dos seus opositores, os quais diziam que ele foi hóspede de um homem de má reputação (Lucas 19:1-10). Para Jesus, o que mais importava era a disposição das pessoas para ouvirem os seus ensinamentos, ainda que fossem indivíduos com um passado sombrio.

Em uma outra ocasião, Jesus recebeu Nicodemos, um respeitado líder religioso judeu, o qual foi ter com ele à noite, pois temia ser visto consultando alguém que não tinha o crédito do clero judaico (João 3:1-21). Jesus não somente recebeu Nicodemos, como também dedicou-lhe toda a atenção que costumava dispensar a todos aqueles que o procuravam. Apesar de não ser um de seus discípulos íntimos, Nicodemos ouviu de Jesus alguns princípios notáveis do cristianismo, como o do Novo Nascimento e do propósito expiatório do Filho de Deus.

Um outro exemplo da atitude compreensiva e acolhedora de Jesus foi aquele de João 8:1-11, em que uma mulher surpreendida em flagrante adultério foi perdoada por Jesus, sendo que a lei do VT mandava apedrejar os que cometessem esse tipo de pecado. Apesar de não aprovar o pecado daquela mulher, Jesus deu-lhe uma chance para recuperação e uma orientação de vida.

A intenção de Jesus nunca foi de acobertar pecado de ninguém, mas a sua forma acolhedora e simpática com relação às pessoas revolucionou o conceito da relação que Deus pretende ter com os homens. Em nenhum momento ele se omitiu de curar enfermos, expulsar demônios e receber crianças, os quais se aproximavam dele (Mateus 4:24 e Lucas 6:19).

Jesus considerava a todos igualmente e jamais teve escrúpulos de se aproximar de homens e mulheres considerados "pecadores" e rejeitados pela sociedade. Ele frequentou festas de casamento, jantares na casa de pessoas reputadas como desonestas, sepultamentos e outras tantas atividades sociais junto com gente de toda espécie, sem a preocupação de se "contaminar" com a pecaminosidade das pessoas.

Jesus era tão desprendido quanto ao fato de estar junto aos necessitados, que foi acusado de ser "comilão, beerrão e amigos de pecadores" (Mateus 11:19 e Lucas 7:34), pois era sociável e se aproximava com liberdade das pessoas, quer estivesse entre uma multidão ou na casa de algum deles. Ele se justificava dizendo que não veio para os "justos", mas sim para os pecadores (Lucas 5:32).

Quando os seus discípulos foram questionados sobre o motivo pelo qual o Mestre se aproximava de pecadores, Jesus lhes disse que os que se dizem "sãos" não recorrem aos médicos (Mateus 9:12 e Marcos 2:17), mas os que têm a consciência da enfermidade recorrem a eles, porque sabem que não têm outra alternativa.

Jesus nunca demonstrou ter repugnância dos "pecadores" e "pecadoras". Uma mulher enferma de hemorragia foi curada simplesmente por tocar na orla das vestes de Jesus (Mateus 9:19-22). Se Jesus tivesse algum nojo ou repugnância das pessoas, jamais permitiria que uma mulher com fluxo hemorrágico lhe tocasse, pois a lei do VT considerava impura a mulher durante o seu período menstrual (Levíticos 15:32).

De uma forma totalmente oposta, vemos a atitude de JHVH, que fulminou um homem chamado Uzá, só porque esse homem estendeu sua mão e tocou na arca, quando a arca estava caindo devido ao

solavanco do carro de bois que a transportava (2 Samuel 6:6-8). JHVH proibia que alguém tocasse a arca da aliança, que simbolizava a sua presença, porque queria manter sua imagem de "intocável". A arca era carregada com varais para evitar que alguém a tocasse durante o seu transporte (Êxodo 25:14), tal era a preocupação de JHVH quanto à possibilidade de ser tocado por um mortal!

Mais uma vez a conclusão é que JHVH e Jesus não são a mesma pessoa, pois enquanto os que tocavam em JHVH eram mortos, os que tocavam em Jesus eram curados, como a mulher hemorrágica que foi curada pela fé, simplesmente porque tocou nas vestes de Jesus.

Poderíamos até acrescentar dizendo que o contacto com Jesus transmitia virtude, como menciona Marcos 5:30, enquanto que o contacto com JHVH transmitia juízo e condenação.

Além disso, um fato que faz distinção entre Jesus e JHVH é que Jesus não selecionava ambientes especiais de religiosidade e santidade para se fazer presente. Onde Jesus chegava, a santidade o acompanhava. Quando Jesus visitava alguém, a paz chegava naquele lugar. Se houvesse um "clima" tenebroso no local, ele era desanuviado simplesmente pela sua presença.

Ainda que o ambiente fosse "imundo" e reinasse o espírito da morte, a presença de Jesus trazia paz e um sentimento de esperança aos aflitos. Ele não esperava que o ambiente se tornasse "santo" para poder frequentá-lo.

Isso é o contrário do que acontecia com JHVH no VT, o qual só se fez presente na consagração do templo de Salomão, depois que milhares de bezerros foram sacrificados e muito incenso foi queimado para "santificar" o local e prepará-lo para receber a "glória de JHVH", como diz 1 Reis 8:5-11. Aliás, esse ambiente de sacrifício de animais e queima de incenso faz lembrar alguns cultos de origem africana, tais como a Umbanda e o Candomblé, em que esses tipos de rituais se fazem necessários para propiciar que "baixem as entidades" no meio do terreiro!

imparcialidade X preconceito

Um exemplo do tratamento imparcial que Jesus revelava às pessoas aconteceu quando uma mulher cananéia identificou-se com os cachorrinhos que comem das migalhas de seus donos, ao se referir à sua condição de satisfazer-se com as sobras do alimento que se destinava primordialmente ao "povo escolhido" (Mateus 15:21-28). Diante daquela demonstração de fé e humildade da mulher estrangeira, Jesus não somente atendeu-a, como elogiou-a diante de toda a multidão. Com isso, ele quebrou a tradição da preeminência étnica discriminatória dos judeus (v.24).

No entanto, a atitude em que Jesus revelou de forma mais marcante o seu caráter isento de preconceitos e aceção de pessoas, foi provavelmente o seu encontro com uma mulher samaritana, que está relatado em João 4:1-30.

O fato ocorreu junto ao poço de Jacó, onde a mulher foi buscar água e encontrou Jesus, que ali estava. Ao perceber que a mulher estava infeliz e insatisfeita, Jesus iniciou um diálogo com ela.

A moral daquela mulher era considerada da pior qualidade naquela cidade. Ela vivera fora dos padrões éticos de sua sociedade, pois teve cinco maridos e não se considerava casada com o último deles. No entanto, apesar da péssima reputação da mulher, Jesus tratou-a sem discriminação, resgatando-lhe a dignidade e a auto-estima. Diferentemente das pessoas daquela cidade, Jesus considerou-a como um ser humano digno do maior respeito e valorização.

Os judeus se consideravam mais "puros" em termos raciais do que os samaritanos, pois na região de Samaria houve uma grande mistura dos judeus com outros povos. Mas, ao falar de forma tão livre e natural com aquela mulher, Jesus rompeu as barreiras dos preconceitos éticos e raciais.

A terceira barreira que Jesus rompeu foi a barreira da discriminação com relação ao sexo, pois a tradição dos judeus, com base na lei do VT, colocava as mulheres num plano inferior em relação aos homens, não lhes sendo permitido sequer falarem com um estranho.

Os discípulos de Jesus, que tinham uma formação religiosa farisaica, ficaram surpresos pelo fato de Jesus ter se dirigido a uma mulher, primeiramente porque os judeus não falavam com mulheres desconhecidas, e depois, porque os judeus hostilizavam os samaritanos e não se aproximavam deles (João 4:9).

Isso significa que até aquele momento os discípulos ainda não tinham compreendido o caráter universal e indiscriminatório da mensagem do Mestre. Eles ainda estavam profundamente impregnados com a atmosfera preconceituosa do VT.

De forma oposta ao que Jesus demonstrou neste e em outros episódios narrados dos Evangelhos, JHVH revelou no VT uma discriminação explícita em várias partes de sua lei. Assim, por exemplo, com relação à discriminação da mulher, o texto de Levíticos 12:2-5 faz pressupor que para JHVH, o valor de uma mulher é aproximadamente o da metade de um homem. Isso é confirmado em Levíticos 27:2-7.

Além disso, a mulher poderia ser despedida, caso não estivesse agradando o marido, como diz Deuteronômio 24:1, sendo que a mulher não tinha o mesmo direito em relação ao marido. Também no templo dos judeus, a mulher era discriminada, não tendo acesso aos lugares mais internos do templo nem aos ofícios religiosos, pois havia um pátio externo onde elas e os estrangeiros ficavam confinados.

Porém, tanto a discriminação com relação à mulher como a discriminação racial foram reprovadas no NT, pois em Gálatas 3:28 Paulo diz que diante de Deus não há distinção entre macho e fêmea, nem entre grego ou judeu.

Não só as mulheres eram discriminadas na lei de JHVH, mas também aqueles que tinham certos tipos de doenças e defeitos físicos de nascença, os quais eram impedidos de exercerem ofícios sacerdotais e de participarem do convívio normal na sociedade, como lemos em Levíticos 21:18 e Deuteronômio 15:21.

As organizações de Direitos Humanos reprovam veementemente qualquer tipo de discriminação, seja por classe social, cor ou religião. Todavia, naquilo que as modernas sociedades procuram incluir e integrar os indivíduos, a lei de JHVH os tinha por excluídos.

Jesus chamava os indivíduos como eles eram para fazê-los como ele é. Podia ser homem ou mulher, jovem ou velho, rico ou pobre, loiro ou moreno, bonito ou feio, com cultura ou ignorante, Ele não discriminava ninguém, pois sabia perfeitamente o peso negativo que o preconceito traz sobre uma pessoa.

Jesus foi sensivelmente marcado pela discriminação desde a sua infância, havendo sido discriminado pela sua origem humilde (Lucas 2:7), pelo fato de ser filho um homem simples, sendo sua família composta de pessoas comuns da sociedade judaica (Mateus 13:55 e 56), bem como pelo seu ofício singelo de carpinteiro (Marcos 6:3). Até mesmo seu local de origem – Nazaré – foi discriminado, pois em João 1:45-47 lemos que um dos seus discípulos declarou de forma irônica, ao ser apresentado ao Mestre: “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?”

Em Mateus 12:24, lemos que Jesus foi injustamente identificado com Belzebu, que era considerado o príncipe dos demônios pelos judeus. Portanto, em matéria de preconceitos, Jesus sofreu na própria pele o que significa ser discriminado pelos seus próprios compatriotas.

Quem discrimina, julga previamente o alheio. Como diz o próprio significado da palavra, preconceito é o conceito prévio, isto é, trata-se do pré-julgamento que é tendencioso e injusto. Jesus disse que devemos nos julgar a nós mesmos, antes de julgarmos os outros. Ele advertiu em Mateus 7:2 que com o mesmo padrão que julgarmos os outros, seremos também julgados.

No NT, os favoritismos e a discriminação de pessoas são reprovados, embora no início da história da Igreja haviam indivíduos no meio da comunidade que ainda observavam as regras preconceituosas da lei de JHVH no VT. Porém, o apóstolo Pedro teve uma visão logo no início de seu ministério que o alertou contra esse tipo de sentimento, pois ficou bem claro para ele e para todos os demais cristãos que para o Pai não há acepção de pessoas, nem predileções quanto à raças ou características físicas (Atos 10:34 e 35).

liberdade irrestrita X subordinação compulsória

A lei de JHVH admitia a escravidão, que é uma horrenda forma de crueldade e segregação racial (Levíticos 25:44-46). Entre as regras referentes aos despojos de guerra, a lei de JHVH prescrevia o aproveitamento do trabalho escravo daqueles que fossem tomados como prisioneiros.

No Egito, o povo de Israel foi milagrosamente liberto por JHVH, após quatrocentos anos de escravidão (Gênesis 15:13). JHVH enviou pragas terríveis que assolaram o Egito e fizeram muitas vítimas, até que o Faraó viu-se obrigado a permitir a saída do judeus.

Apesar de conseguirem a libertação do jugo egípcio, o povo de Israel não obteve a libertação em suas mentes e corações, pois na primeira oportunidade que tiveram, eles caíram na idolatria e levantaram um bezerro, o qual foi construído com o ouro saqueado do Egito (Êxodo 32:1-8).

Em muitas ocasiões, JHVH trouxe libertação ao povo de Israel, concedendo-lhes vitórias extraordinárias em batalhas contra os seus inimigos de outras nações. No entanto, JHVH nunca se preocupou em libertar espiritualmente as pessoas de suas próprias inclinações más.

Por outro lado, o ministério de Jesus visava exclusivamente proporcionar libertação espiritual à todos os que nele cressem. Este foi um motivo de desapontamento e frustração para muitos judeus, que esperavam um Messias guerreiro para os libertar do jugo romano, pois era assim que as profecias de JHVH no VT apontavam para aquele que iria ser estabelecido como governante do reino terrestre de JHVH (Isaías 65:19-25).

Jesus nos trouxe a plena liberdade, que entre outras coisas nos liberta do jugo da servidão daquela lei implacável. No entanto, os judeus não compreendiam o que Jesus dizia, pois imaginavam que a libertação que o Messias lhes traria seria política, para livrá-los do jugo de César. Isso foi o que eles aprenderam das inúmeras profecias do VT que alimentavam essa perspectiva.

Em suma, o grande contraste está no fato de que Jesus é um abolicionista por excelência, enquanto que JHVH foi um entusiasta escravocrata.

Quando JHVH prometia libertação ao povo de Israel, isso só se aplicava do ponto de vista bélico e político, através de conquistas e vitórias em guerras. Jamais JHVH falou em escravidão da mente e em libertação espiritual.

Mas Jesus não veio com esse enfoque terreno. Ele nunca prometeu libertação física para quem quer que fosse. Pelo contrário, Jesus advertiu que todos os que o seguissem haveriam de sofrer perseguições, da mesma forma como ele também foi perseguido (João 15:20).

Jesus não libertou fisicamente o ladrão arrependido que estava ao seu lado na cruz, embora poderia tê-lo feito, já que dispunha de recursos sobrenaturais para livrá-lo de qualquer situação de prisão, como diz Mateus 26:53. No entanto, Jesus prometeu para aquele ladrão a libertação espiritual e a vida eterna (Lucas 23:43).

Agora cabe a pergunta: De que adianta o homem ser livre fisicamente, se a sua mente está cativa espiritualmente?

O propósito de JHVH, ao anunciar um reino messiânico estabelecido através da ação militar de seus exércitos visava somente a libertação política de Israel, mas a libertação de Jesus opera de dentro para fora do indivíduo. É por isso que Jesus disse: “Se o Filho vos libertar, VERDADEIRAMENTE SEREIS LIVRES” (João 8:36).

Isso explica o fato de Paulo e Silas, embora encarcerados, se sentirem mais livres do que o carcereiro que os aprisionava (Atos 16:23-29), o qual estava com a mente cativa e perturbada, sem saber o que deveria fazer para se salvar.

Jesus nunca forçou ninguém a tomar uma decisão de segui-lo, porque ele quer ver a espontaneidade. Quando muitos de seus discípulos o estavam deixando por considerarem muito “duro” o seu discurso, Jesus disse aos remanescentes: “Vocês também querem se retirar?” (João 6:67). Em outras palavras, Jesus deu-lhes liberdade para o abandono quando eles bem entendessem.

Qual é o pai terreno que gostaria que o seu filho lhe agradasse, somente por constrangimento ou por medo de represálias? Assim, o Pai celestial quer ver a voluntariedade de seus verdadeiros filhos, para escolherem seus próprios caminhos dentro de uma atmosfera de liberdade de opção.

Quando Jesus disse: “Se o Filho vos libertar, VERDADEIRAMENTE sereis livres” (João 8:36), isso não foi simplesmente uma “força de expressão”.

O cristianismo arcaico diz que o pecador tem que “aceitar Jesus” para ser salvo. Aí, algumas pessoas imaginam um Jesus maltrapilho e faminto, dizendo do lado de fora da casa: “Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa” (Apocalipse 3:20). Dá a impressão que, ao “aceitarem Jesus”, as pessoas estão tendo compaixão dele, ao permitir que ele entre dentro de suas confortáveis casas.

Acontece que quem tem a dívida é o homem. Se a dívida não fosse paga por Jesus, o homem continuaria devedor, porque não há outro fiador (Atos 4:12).

Jesus já fez a parte dele; cabe ao homem agora fazer a sua parte. A graça de Deus se tem manifestado à todos os homens (Tito 2:11), porém é preciso se apropriar dela pela fé.

O fato do Pai não interferir na liberdade do homem para escolher seu próprio caminho, e, por extensão, ser ou não salvo, não diminui o poder de Deus. Pelo contrário, mostra que Ele não trata o homem como se fosse um fantoche nas suas mãos.

Por outro lado, no caso de JHVH, primeiro ele escolhia conforme a sua SIMPATIA, depois ele chamava conforme a sua CONVENIÊNCIA. Nesse caso, não havia livre arbítrio, pois dependia da boa vontade de JHVH para escolher alguém que fosse de seu agrado. Se alguém não caía nas graças do “deus elitista”, não tinha a menor chance.

Quando Paulo falou em Romanos 9:17-22 a respeito daquele que endureceu o coração de Faraó, ele estava se referindo à JHVH. Todos sabemos que foi JHVH quem endureceu o coração de Faraó, para que não deixasse o povo de Israel sair do Egito. Assim, no versículo 22 desse texto ele diz: “Que direis se JHVH (deus), querendo mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita paciência os vasos de ira PREPARADOS PARA PERDIÇÃO”.

Quem prepara uns para a perdição e outros para a salvação não dá direitos iguais às pessoas. JHVH amou Jacó e odiou Esaú, como diz Malaquias 1:2 e 3. JHVH se agradou da oferta de Abel, mas não atentou favoravelmente para a oferta de Caim, como diz Gênesis 4:4. Esse tipo de preconceito injusto foi revelado inúmeras vezes por JHVH contra os seus desafetos.

Por sua vez, o Filho de Deus mostrou toda a extensão de seu amor e humildade, lavando os pés de seus discípulos e amando-os até o fim, INCLUSIVE JUDAS ISCARIOTES, o qual haveria de traí-lo (João 13:1), embora isso já era de seu conhecimento naquela ocasião (João 14:21-26).

discreção X pirotecnia (auto-promoção)

Uma outro contraste notório entre o comportamento de JHVH e de Jesus é no que diz respeito à notoriedade dos feitos, pois enquanto JHVH fazia questão de alardear os seus prodígios e maravilhas, Jesus mantinha-se discreto, procurando atingir o íntimo das pessoas, ao invés de causar espalhafato.

O nome de JHVH foi engrandecido por Moisés e sua irmã, Miriam, logo após o livramento do povo de Israel no Egito, graças às pragas avassaladoras que JHVH enviou sobre os egípcios (Êxodo 15). JHVH gostava de ser exaltado, sobretudo quando faziam referência à sua capacidade bélica de derrotar os inimigos de Israel. Ele foi chamado de “varão de guerra” e “senhor dos exércitos” por causa dessa destreza destruidora (vs. 3 e 12).

Por sua vez, Jesus rejeitava esse tipo de “pirotecnia promocional” e se comportava com excessiva discreção, sempre que operava alguma cura ou milagre, orientando as pessoas a não fazerem alarde a respeito de seu poder para realizar prodígios (Marcos 3:12). Por causa disso, Jesus foi criticado pelos seus próprios irmãos, que achavam que ele deveria tornar notórios os seus feitos, para que ganhasse popularidade e prestígio entre o povo (João 7:3 e 4).

Portanto, enquanto JHVH se jactava e exaltava a si próprio com muito alarido, Jesus nunca alimentou esse tipo de sentimento. Pelo contrário, ele sempre procurava direcionar a glória ao seu Pai, de forma discreta e extremamente sensata (Marcos 10:18).

Onisciência, Onipresença e Onipotência

A Onisciência é um atributo do Deus Altíssimo. Ela significa a capacidade de conhecer infinitamente todas as coisas, inclusive os sentimentos e os pensamentos de cada ser humano, em todas as partes e em todo o tempo da história da humanidade.

Um outro atributo de Deus é a Onipresença, que é a capacidade de estar em todo o lugar ao mesmo tempo. Sendo Deus um ser eterno e constituído na forma de espírito, não há restrições de espaço para onde Ele queira estar.

O terceiro atributo clássico do Deus Absoluto é a Onipotência, que significa a capacidade ilimitada para fazer alguma coisa que requeira o poder construtivo ou destrutivo. Só o verdadeiro e único Deus Pai possui esses três atributos em suas plenitudes.

Embora não sendo o verdadeiro Deus, JHVH sempre procurou avocar para si os atributos inerentes ao Deus Altíssimo. Muitos dos sinais através de pragas e prodígios realizados por JHVH no passado tinham por objetivo chamar a atenção dos israelitas e dos povos das demais nações para o seu poder avassalador.

A esse respeito, lemos em Êxodo 7 :5 a seguinte declaração de JHVH: “Os egípcios saberão que eu sou o Senhor, quando estender a minha mão sobre o Egito, e tirar os filhos de Israel do meio deles. Da mesma forma, em Jeremias 16:21 está escrito: “Portanto, eis que lhes farei conhecer, sim desta vez lhes farei conhecer o meu poder e a minha força; e saberão que o meu nome é JHVH”.

No entanto, apesar de todo esse “Marketing” auto-promocional, JHVH não revelou possuir a Onisciência, nem a Onipresença, pois em Gênesis 3:9 ele perguntou a Adão: “Onde estás?”; em Gênesis 3:11 perguntou-lhe também: “Quem te mostrou que estavas nu?” e em Gênesis 3:13 perguntou ainda: “Porque fizestes isto?”.

Portanto, tudo indica que JHVH estava alheio a tudo o que acontecia no seu jardim, onde ele passeava ocasionalmente na sua ronda diária, como diz Gênesis 8:8. Aliás, nessa questão de “passeios”, a atitude de JHVH passeando no jardim na “viração do dia” faz lembrar os passeios de Satanás, que costumava passear pela Terra, para saber o que se passava entre os homens. Por causa disso, em Jó 1:7, quando JHVH perguntou a Satanás: Donde vens?, Satanás respondeu-lhe, dizendo: “De rodear a terra, e de PASSEAR por ela”.

Quem passeia investigando o que está ocorrendo entre os homens, é porque não tem o conhecimento através da Onisciência ou da Onipresença, pois se tivesse, não precisaria ficar inquirindo o que as pessoas estão fazendo ou deixando de fazer!

Também em Babel, JHVH teve de DESCER para saber o que intencionavam os homens em Babel (Gênesis 11:5) e desceu para confundir as línguas, como diz Gênesis 11:7. Ora, se JHVH fosse Onisciente e Onipresente, não precisaria “descer” para saber o que estava acontecendo na Terra, pois saberia tudo sem necessidade de se deslocar de onde estivesse!

Porém, de forma contrária, Jesus que tem a mesma natureza do Deus Pai Absoluto, sabia perfeitamente o que havia dentro do homem, pois ele conhecia perfeitamente as suas reais intenções e não necessitava que ninguém lhe desse qualquer tipo de testemunho, como diz João 2:25.

Jesus sabia tudo o que havia dentro do homem, até mesmo as suas mais secretas intenções, pois ele possui os mesmos atributos divinos do Pai, entre os quais a Onisciência. Esta é mais uma evidência de que Jesus e JHVH não são a mesma pessoa.

O Deus que não pode porque não quer

O terceiro atributo que distingue o Deus Absoluto de todos os demais seres é a Onipotência. Porém, entre a Onipotência e a bondade de Deus existe o livre arbítrio do homem e o compromisso eterno de Deus no intuito de respeitar sempre essa liberdade.

O amor divino é um ato de diminuição, em que o maior (Deus) se fragiliza diante do menor (homem), renunciando à sua condição de superioridade, porque o verdadeiro amor implica na entrega incondicional daquele que ama em favor do objeto amado.

Embora Jesus fosse Onipotente, ele não se valeu de seus atributos de poder durante a sua permanência neste mundo, como pode ser visto em várias situações por ele vivenciadas. Assim, por exemplo, quando Jesus foi preso, ele disse que se quisesse poderia recorrer à doze legiões de anjos (Mateus 26:53), os quais imediatamente o livrariam do martírio e do caminho em direção ao Calvário, mas ele fez questão de resistir até o fim sem esses recursos extraordinários.

Em nenhum momento Jesus quis fazer prevalecer sua vontade própria e por isso ele não hesitou em cumprir até o fim a sua missão expiatória, como expressou em Mateus 26:39 “Pai, se é possível, passa de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres”.

Muito embora todo o poder nos céus e na Terra lhe estivessem permanentemente disponíveis, Jesus preferiu percorrer o caminho da humildade, assumindo totalmente as limitações da natureza terrena, entitulando-se a si próprio de “filho do homem” e deixando claro que ele abriu mão de suas prerrogativas divinas, para assim poder sentir melhor as fraquezas intrínsecas da natureza humana, a qual havia assumido.

Em Mateus 8:20, ao falar a respeito de sua condição despojada e simples, Jesus disse que as raposas tinham covis e as aves do céu tinham ninhos, mas o filho do homem não tinha sequer onde reclinar a cabeça.

Em Hebreus 2:17 e 18 lemos acerca da condição humana assumida por Jesus o seguinte: “Convinha que em tudo fosse feito semelhante a seus irmãos, para se tornar um sumo sacerdote misericordioso e fiel nas coisas concernentes a Deus, a fim de fazer propiciação pelos pecados do povo. Porque naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados”.

Portanto, também no que diz respeito ao atributo da Onipotência, vemos uma nítida diferença entre Jesus e JHVH, pois de forma oposta à humilhação e submissão de Jesus ao Pai, JHVH sempre se ufanou por causa de seus feitos e gostava de exaltar a sua superioridade em relação aos seres humanos, como diz Deuteronômio 32:39 e 40: “Vede agora que eu, eu o sou, e não há outro deus além de mim; eu faço morrer e eu faço viver; eu firo e eu sarô; e não há quem possa livrar da minha mão. Pois levanto a minha mão ao céu, e digo: Eu vivo para sempre...”.

Para concluir a análise da auto-suficiência e do poder irrestrito de Deus, poderíamos afirmar que, embora possa fazê-lo, o Pai não exerce totalmente o atributo da Onipotência. Não se trata do fato de que Deus tenha aberto mão de sua Onipotência em qualquer tempo, mas sim, que Ele **abre mão do exercício** de sua Onipotência, quando isso é necessário.

Isso significa dizer que a capacidade do Pai para fazer o que bem entender é uma capacidade relativa, pois há certas coisas que Ele simplesmente **não pode fazer**, não porque não tenha capacidade de fazê-las, mas porque elas são contrárias ao seu caráter. Assim, por exemplo, o Pai não pode deixar de amar, não pode mentir, não pode se contradizer, não pode deixar de ser fiel, não pode ser injusto, não pode ser falso e não pode deixar de ser misericordioso.

Caso o Pai se permitisse a fazer certas coisas contrárias à sua natureza, Ele estaria negando-se a si mesmo, pois uma de suas características é a imutabilidade. Em 1 Timóteo 2:13 lemos que Deus permanece fiel, ainda que sejamos infiéis, pois Ele não pode negar-se a si mesmo.

Isso diferencia totalmente as características do Pai em relação à JHVH, pois JHVH frequentemente se irava quando era contrariado e se deixava abalar emocionalmente, dando vazão ao seu poder destruidor para estabelecer juízo e vingança contra seus adversários. Um exemplo disso é Números 11:1 e 2, onde lemos assim: “Depois o povo tornou-se queixoso, falando o que era mau aos ouvidos de JHVH; e quando JHVH os ouviu, acendeu-se a sua ira; e o fogo de JHVH irrompeu entre eles, devorando as extremidades do arraial”.

O verdadeiro Deus e Pai não é “pavio curto”. Ele não se abala momentaneamente e nem conspira contra os seres humanos, ainda contra aqueles que se voltam contra Ele. Ninguém deve associar os infortúnios naturais da vida com maldições e castigos de Deus, pois não são esses tipos de ações retaliadoras que caracterizam o Pai de Amor, que quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade, como diz 1 Timóteo 3:4.

Análise das incoerências na lei de Javé

Uma vez analisadas algumas diferenças entre os comportamentos de Jesus e de JHVH, passemos agora à comparação das diferenças entre os mandamentos de JHVH e os mandamentos de Jesus, ou seja, entre a lei de JHVH descrita no VT e a lei de Jesus descrita no NT.

Jesus afirmou em João 13:34 que trouxe um “mandamento novo”. Quando Jesus falou acerca de um mandamento **novo**, deixou claro que se tratava de um mandamento inédito. Isto significa que nunca houve nenhum mandamento semelhante aos que ele deu, em qualquer tempo da história da humanidade (João 15:12-17).

Ao trazer esse “novo mandamento”, Jesus deu a entender que a lei do VT, a qual estava em vigor antes de sua vinda, não contemplava a essência de sua doutrina, a qual não era propriamente sua, mas do Pai, como ele disse em João 12:49 e 50.

Não dá para compatibilizar uma lei que autorizava o revide de uma agressão, com a doutrina de amar o inimigo, bendizer os maldizentes, fazer bem aos que odeiam e orar pelos que perseguem, tal qual Jesus ensinou em Mateus 5:44. Seria muita discrepância!

Uma lei tão cheia de parcialidades e favorecimentos, como é o caso da lei de JHVH, só poderia gerar corações obstinados e soberbos, tais como os daqueles fariseus contemporâneos de Jesus.

Atualmente, a palavra “fariseu” tem uma conotação de radicalismo e extremismo exacerbado de religiosidade, porém os fariseus nada mais eram do que indivíduos que eram praticantes fervorosos dos preceitos da lei de JHVH no VT.

Não me parece justa a reputação dos fariseus como “fanáticos” ou “extremistas”, pois eles simplesmente obedeciam com profundo zelo os mandamentos transmitidos por Moisés. Portanto, se alguém deve ser responsabilizado pelo extremismo dos fariseus, esse tal é JHVH, que prescreveu todos aqueles mandamentos a Moisés no monte Sinai.

Em João 1:17 é feita uma notória distinção entre os dois ministérios, pois diz que a lei foi transmitida por Moisés, mas a graça e a VERDADE vieram através de Jesus Cristo. Ora, se a verdade veio exclusivamente através do ministério de Jesus Cristo, o que poderíamos esperar do ministério exercido por Moisés?

Em Mateus 5:38 e 39, por exemplo, Jesus conflita o ensinamento do VT “olho por olho, dente por dente” (Êxodo 21:24) com a sua mensagem pacífica, dizendo “não resistais ao mal, mas se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a esquerda”.

Por ocasião da prisão de Jesus, um de seus discípulos tentou defendê-lo, cortando a orelha de um daqueles que vieram prendê-lo. Jesus, porém, advertiu o discípulo, dizendo: “mete no seu lugar a tua espada, porque todos que lançarem mão da espada, morrerão à espada” (Mateus 26:52). Após isso, colocou de volta a orelha daquele homem milagrosamente (Lucas 22:51).

Ao restaurar a orelha daquele homem, confirma-se o fato que Jesus reprovava o revide e a vingança, embora eles fossem plenamente admitidos antes de sua vinda, segundo a lei do VT. Naquela ocasião, os discípulos de Jesus ainda estavam sob a influência dos princípios de violência e rudeza que receberam da doutrina religiosa de JHVH, não estando ainda familiarizados com a nobreza da nova doutrina ensinada pelo Mestre. Por essa razão, eles tentaram resolver o problema na base da força e da espada!

Quando Jesus se referia a algum ensinamento anteriormente trazido ao povo através da lei de JHVH, ele dizia: “ouvistes o que foi dito aos antigos” (Mateus 5:5:21, 27, 33, 38 e 43). No entanto, ele complementava logo em seguida, dizendo: “EU PORÉM VOS DIGO” (Mateus 5:22, 28, 32, 34, 39 e 44), mostrando assim que ele tinha uma mensagem personalizada e autêntica.

Outro detalhe que chama a atenção é o fato de Jesus não atribuir os ensinamentos da lei do VT ao Pai, pois ao dizer “ouvistes o que FOI DITO aos antigos”, ele usou uma expressão impessoal, no intuito de desvincular a autoria daqueles questionáveis mandamentos ao seu Pai.

Contrastes entre a lei de Javé e a lei de Jesus

Não é preciso muita profundidade teológica para se distinguir a diferença entre os complicados preceitos religiosos do VT e a simplicidade do Evangelho ensinado por Jesus Cristo. Na realidade, Jesus não trouxe apenas um “aperfeiçoamento” para a lei do VT, mas sim, uma doutrina totalmente inédita, a qual o Pai atestava e confirmava, como diz 1 João 2:8.

Qualquer um que ler sem tendenciosidades a Bíblia, vai admitir que Jesus ensinou aquilo que nunca foi ensinado e que ele pregou o que nunca foi considerado antes, com muita profundidade e singeleza. Dentre todos os profetas do VT, nunca houve anteriormente coragem nem autoridade para se afirmar o que ele afirmou com tanta coerência e clareza.

Por causa disso, sua palavra chamava a atenção do povo, em relação ao que eles ouviam da parte dos escribas e fariseus, como lemos em Mateus 7:29; Marcos 1:22 e Lucas 4:32. Isso despertou profunda inveja nos sacerdotes e doutores da lei, que se sentiram diminuídos em termos de prestígio diante da comunidade de Israel.

Quem segue os mandamentos de Jesus, onde se encontram misericórdia, perdão e compreensão, não precisa ficar sujeito ao jugo daqueles preceitos religiosos do VT, repletos de severidade, dureza e inflexibilidade, visto que em termos práticos, os mandamentos de Jesus produzem um efeito positivo sobre a vida e o caráter de seus seguidores, enquanto que os mandamentos obsoletos do VT só produziam soberba e presunção, como vemos na parábola do fariseu e do publicano de Lucas 18:11 e 12.

Quem não se surpreende ao saber que aquela lei do VT mandava apedrejar até a morte os transgressores da lei de JHVH, tais como os adivinhos e encantadores (Levítico 20:27), os feiticeiros (Êxodo 22:18), aquele que adorasse outro Deus e os ídólatras (Deuteronômio 13:6 a 10), os adúlteros e incestuosos (Levítico 20:10-12), os homicidas (Levítico 24:17), aquele que trabalhasse no dia de Sábado (Números 15:32-36), a mulher que perdesse a virgindade fora do casamento (Deuteronômio 22:13-21) e até mesmo um filho rebelde (Deuteronômio 21:18-21)?

Hajam pedras para castigar todos os desobedientes aos preceitos de JHVH! Se aquela lei arbitrária e discriminatória do VT ainda fosse adotada hoje, ela conflitaria frontalmente contra todas as regras de Direitos Humanos adotadas universalmente.

Se Jesus tivesse de ser punido pelos padrões das leis judaicas, ele deveria ter sido apedrejado até a morte, ao invés de ser crucificado, pois essa era a forma de punição que a lei de JHVH determinava para aqueles que ensinavam coisas diferentes do que estava prescrito na lei e para os que violavam o Sábado.

Os sacerdotes sabiam que Jesus tinha muito prestígio com o povo, e por causa disso arrumaram uma forma de se isentarem da execução do apedrejamento de Jesus, encaminhando-o para ser julgado pelos romanos, sob o pretexto que ele seria uma ameaça para César, já que Jesus se declarava Senhor de um reino desconhecido.

No entanto, apesar de todo o rigor e severidade que se verifica nos preceitos ritualísticos da lei do VT, faltava coerência em seus princípios, pois as pessoas eram levadas a obedecer aquelas regras religiosas, apenas na perspectiva de desfrutarem de prestígio e recompensas materiais neste mundo. Jesus focalizou várias vezes a hipocrisia dos fariseus impregnados com esse tipo de aspiração.

Uma prova de que no Velho Concerto a aspiração pelas coisas materiais era a única preocupação das pessoas, é que no VT todas as promessas feitas por JHVH diziam respeito a aspectos exclusivamente materiais, através de bens, riquezas, filhos (descendência física) e glória terrena, como lemos em Gênesis 12:10-16; 15:13 e 14; 17:8; Êxodo 3:22; 12:35 e 36 e Salmos 128:1-6.

Por outro lado, no NT, todas as promessas de Jesus dizem respeito à coisas espirituais, as quais incluem a garantia de um lar celestial, desembaraçado das necessidades materiais e interesses terrenos, para servir de habitação após a morte física (Efésios 1:3; Colossenses 1:12 e 13).

Sendo as recompensas do VT todas de natureza material, não admira que os discípulos de Jesus, criados naquele ambiente de cobiça e ganância, tivessem dificuldades para compreenderem a natureza da missão essencialmente espiritual do Mestre.

No NT os homens são convidados a deixarem de lado a obstinação pela obtenção das riquezas materiais, para melhor participarem dos valores espirituais, (Mateus 19:16-24 e Tiago 2:5), seguindo o exemplo de Jesus, que sendo rico, se fez pobre, para que através de sua pobreza fôssemos enriquecidos (2 Coríntios 8:9).

Enfim, os ensinamentos de Jesus, baseados apenas em promessas espirituais e num lar celestial desprovido de bênçãos materiais (João 14:2), contrastam profundamente com os princípios da antiga lei, que estimulava apenas a busca de interesses terrenos!

Tanto os discípulos de Jesus não compreendiam o verdadeiro objetivo da missão do Mestre, que pleiteavam cargos políticos e lugares de destaque num hipotético reino terreno a ser estabelecido no futuro, tal como eles imaginavam, conforme lemos em Mateus 20:20 e 21! Porém, Jesus deixou claro para eles que seu Evangelho envolvia antes de tudo renúncia e mortificação (Marcos 8:34).

Isto significa que aquela filosofia do revide na base do “olho-por-olho, dente-por-dente” que eles ouviram no passado, deveria ser substituída pelo “oferecer a outra face para ser esbofetada” (Mateus 5:38 e 39), ou ainda “amar os inimigos e orar pelos perseguidores” (Mateus 5:44), o que eles jamais haviam ouvido na lei do VT.

Ninguém gosta de “levar desaforo para casa”. Na hora em que o sangue começa a ferver, os “pavios-curtos” querem logo “tirar satisfação”! É por isso que Mateus 7: 13 e 14 diz que o caminho com Jesus é estreito e difícil de caminhar, enquanto que os outros caminhos são espaçosos e sem maiores dificuldades.

Pela lei e tradições dos judeus, os discípulos de Jesus estariam condicionados a perdoarem até sete vezes, mas Jesus orientou-os a perdoarem setenta vezes sete (Mateus 18:21 e 22)! Ora, quem perdoa as quatrocentas e noventa vezes sugeridas pelo Mestre, vai perdoar sempre. A conclusão é que não há limite para o perdão no Reino de Deus.

Aquela mulher surpreendida em flagrante adultério foi levada pelos fariseus diante de Jesus com o objetivo de tentar surpreendê-lo em uma armadilha. Como diz João 8:4, a lei do VT determinava que esse pecado deveria ser castigado com apedrejamento até a morte.

Se Jesus autorizasse o apedrejamento, estaria indo contra todos os princípios de seus ensinamentos. Por outro lado, se ele não autorizasse aquele castigo, estaria deixando de cumprir a lei, e assim deixaria de ter autoridade legal sobre ela.

Mas Jesus sabiamente propôs que se houvesse alguém sem pecado, fosse o primeiro a atirar uma pedra. Como não havia ninguém em condições de autoridade moral para fazê-lo (porque a consciência não os deixou!), a mulher acabou escapando da morte.

Jesus seria o único em condições de jogar pedras na mulher, pois ele não tinha pecado, mas não o fez porque seu objetivo era salvá-la e não destruí-la. Jesus disse apenas à mulher: “Vai-te e não peques mais” (João 8:11).

Jesus afirmou em Mateus 5:17 que ele não veio destruir nem impugnar a lei, mas para dar-lhe o sentido e a coerência que ela nunca teve. É evidente que para ter autoridade sobre a lei, Jesus precisaria cumpri-la. Acontece que Jesus não somente cumpriu-a, mas deu-lhe uma dimensão nova e coerente, totalmente inserida no contexto do Deus de amor.

Jesus disse que era necessário que o padrão de justiça de seus seguidores excedesse ao dos fariseus, que observavam a lei de Moisés (Mateus 5:20). Se não fora assim, estariam plenamente justificados aqueles que se defendem de algum tipo de má conduta, usando o padrão básico dos “dez mandamentos”: “eu não mato, não roubo, não adultero...”!

Ao ser argüido por um escriba que lhe perguntou qual era o maior e o mais importante de todos os mandamentos da lei, Jesus resumiu-os em dois, sendo o primeiro amar a Deus de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento e com todas as forças. O segundo mandamento, semelhante ao primeiro em importância é amar o próximo como a si mesmo (Marcos 12:28-34). Portanto, com poucas palavras, Jesus resumiu tudo o que a lei do VT não conseguiu abranger, em todos os seus livros!

O escriba confirmou o que Jesus afirmara, e ainda complementou dizendo que amar a Deus de todo o coração, de todo o entendimento, de toda a alma e de todas as forças é mais importante do que todos os holocaustos e sacrifícios que a lei de JHVH prescrevia no VT. Jesus se agradou da conclusão sábia daquele homem e disse-lhe que ele não estava longe do reino de Deus.

É interessante observar que, mesmo recebendo esse significativo “elogio” da parte de Jesus, aquele escriba ainda não estava propriamente **no** Reino de Deus, mas sim “próximo”. Ora, se aquele que fez uma declaração tão sábia, e que hoje receberia os aplausos de todos os teólogos da cristandade, ainda não fazia parte do Reino de Deus aos olhos de Jesus, que dirá de outros religiosos que ainda permanecem obstinadamente nos rígidos preceitos cerimoniais e sacrificiais da lei?

Em Gálatas 3:10 e 11, Paulo afirma que pela lei ninguém se justifica. Além disso, quem está debaixo da lei do VT permanece debaixo de maldição. Mas, felizmente, Cristo nos abre as perspectivas para uma vida nova (2 Coríntios 5:17) e nos livra das maldições que estão contidas na lei de JHVH, como diz Gálatas 3:13.

Em Gálatas 5:4, Paulo deixa claro o DESVINCULAMENTO entre a lei e a graça. Ele é bastante enfático ao dizer que quem pretende se justificar pela lei está separado de Cristo e desvinculado da graça proporcionada pelo Pai. Ou seja, todos que estão apegados à lei de JHVH no VT, estão automaticamente fora do plano da graça do Pai no NT.

Se a lei do VT fosse eficaz, não haveria necessidade de ser substituída pela lei do amor, que Jesus trouxe da parte do Pai. Em Hebreus 7:11 e 16 lemos: “Se a perfeição fosse pelo sacerdócio levítico (porque sob ele o povo recebeu a lei), que necessidade haveria de que outro sacerdote se levantasse, segundo a ordem de Melquisedeque... o qual não foi feito segundo a lei do MANDAMENTO CARNAL”. Neste caso, o mandamento da lei de JHVH foi considerado “carnal” porque só tinha o escopo de aparência exterior.

Se a lei do VT fosse boa e proveitosa para a formação do caráter de um indivíduo, não teria a conotação de “carnal”, mas sim de “espiritual”. Esse mesmo texto de Hebreus 7 continua dizendo nos versículos 18 e 19 que a lei do VT, também chamada “precedente mandamento”, foi revogada (ab-rogada) por causa de sua “FRAQUEZA e INUTILIDADE”. Ora, Jesus jamais recomendaria alguém obedecer a uma lei que é só de APARÊNCIA e que não serve para nada.

A prova de que aquela lei do VT era arcaica e omissa é que em Mateus 19:16-21, ao dialogar com um homem que cumpria todos aqueles mandamentos da lei de JHVH desde a sua juventude, Jesus lhe disse que se quisesse ser perfeito, deveria seguir uma nova regra, a qual o jovem resistiu em obedecer. Isto significa que a dificuldade em seguir um único mandamento de Jesus é maior do que toda a complexidade ritualística dos muitos mandamentos da lei do VT. Aos olhos de si próprio e de seus compatriotas, a conduta daquele jovem era perfeita, mas não foi o que Jesus concluiu. Por isso, o jovem retirou-se triste e desapontado, quando Jesus convidou-o a seguir o caminho da perfeição verdadeira.

A prática desses “novos mandamentos” de Jesus na dimensão da “segunda milha”, que ele mencionou em Mateus 5:41, distingue os discípulos de Jesus dos seguidores de outros mestres. Ele disse em João 13:35 “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros”. Nessa linguagem simbólica, a “primeira milha” representa a religiosidade de aparências dos mandamentos de JHVH, enquanto que a “segunda milha” representa a prática dos mandamentos ensinados por Jesus, com o objetivo de aperfeiçoar o caráter das pessoas e cultivar o amor.

Em Romanos 7:1-6, Paulo compara a emancipação daquela lei obsoleta do VT com a emancipação de uma mulher que acabou de perder o seu marido, a qual não está mais sujeita ao falecido. Nessa simbologia, o marido representa JHVH, o qual não tem mais autoridade sobre a mulher emancipada, que é figurada pela Igreja.

Em Gálatas 3:24, Paulo faz uma outra analogia, comparando a lei do VT com um “aio”, cuja necessidade não mais se justifica depois que a criança se torna adulta. Esse “aio” (pedagogo) era a pessoa que ensinava as primeiras letras às crianças de famílias nobres, num processo rudimentar de alfabetização. No versículo seguinte, porém, Paulo diz que depois do amadurecimento espiritual, não faz sentido alguém continuar a estar debaixo da tutela daquele “aio”.

Isto quer dizer que a maturidade em termos de aproximação e conhecimento de Deus, não veio pela lei que os judeus receberam pela instrumentalidade de Moisés. Portanto, quem está dando crédito à lei do VT ainda não está preparado para a sólida doutrina que Jesus trouxe da parte do Pai. É como alguém que continua andando de muletas depois que foi curado da paralisia.

A expressão “tábuas de pedra” usada em 2 Coríntios 3:3 caracteriza bem a frieza e inflexibilidade daquelas regras ritualísticas da lei de JHVH, que só serviram para trazer condenação e maldição sobre os homens, mas que não servem como referencial de conduta, nem moldam o caráter de ninguém. Quão diferente é a lei de Cristo, gravada nas “tábuas de carne” do coração, como diz esse mesmo texto, através da qual as inclinações ruins das pessoas são reorientadas para o que é bom e proveitoso, de uma forma natural e sem a necessidade da religiosidade exterior!

Aquele ministério da lei gravado em tábuas de pedra é chamado em 2 Coríntios 3:7-9 de “ministério da morte e condenação”, o que leva a concluir que seu objetivo é mais para mal do que para bem. Esse texto diz no versículo 7 que havia uma “glória” naquele ministério, a qual refletia sobre o rosto de Moisés, porém essa glória era transitória. Enquanto Moisés estava na presença de JHVH, o seu rosto brilhava. Depois que ele saía de sua presença, o brilho ainda continuava, mas não durava muito tempo.

Inconformado pelo fato daquele brilho se esvaír, Moisés providenciou um véu e o colocava sobre o seu rosto antes que o brilho da glória se extinguisse completamente, para que ninguém contemplasse a perda daquele brilho, como diz 2 Coríntios 3:13. Com isso, Moisés imaginava que teria maior autoridade e reconhecimento como líder diante do povo, já que ele tinha tamanha intimidade com JHVH.

Paulo continua explicando nesse texto de 2 Coríntios 3 que, aquele que está debaixo da lei do VT tem sobre si um “véu de vergonha” como Moisés, pois da mesma forma que Moisés usava o véu para que ninguém visse o brilho se esvaír de sua face, o VT é o “véu” que muitos estão usando, por não admitir a realidade da revogação do Velho Concerto.

Em 2 Coríntios 3:14, Paulo disse ainda nesse texto que a “lição da lei do VT” é como um véu, que impede que o indivíduo enxergue a realidade de Cristo, o qual ABOLIU-O. Chama-me a atenção que a palavra usada nesse texto, com relação à lei do VT, não diz que foi “mudada”, mas sim, “abolida”.

Paulo continua dizendo em 2 Coríntios 3:16 que, quando alguém se CONVERTE A DEUS, esse “véu” é tirado. Portanto, no entender de Paulo, a conversão de uma determinada pessoa está relacionada ao fato dela deixar de estar apegada à lei do VT.

A lei de JHVH no VT visava trazer um padrão moral para os indivíduos, porém admitiu a justiça com vinganças e castigos. Por outro lado, a lei de Jesus no NT visa moldar o caráter das pessoas dentro de uma perspectiva de perdão e regeneração plena.

Portanto, naquilo que a lei de JHVH ficou obsoleta pela sua superficialidade, os mandamentos de Jesus sobrepujaram e trouxeram com clareza a síntese de tudo aquilo que a lei do VT se mostrava nebulosa e confusa.

Jesus veio destruir o império da morte e da condenação. Ele veio desfazer a sentença que pesava implacavelmente sobre todos os homens, especialmente sobre os não-judeus, como diz Colossenses 2:14. Para isso, ele trouxe mandamentos coerentes, que estão em plena harmonia com a vontade do Pai.

Quando Paulo fala em Romanos 12:1 acerca da importância de um “culto racional”, podemos concluir que o verdadeiro culto a Deus deve ser fundamentalmente racional e coerente, bem diferente daquele inócuo sistema sacrificial de animais existente na lei do VT, cujo valor foi declarado nulo em Hebreus 10:4, para efeito de expiação de pecados.

Jesus veio enfim, colocar ordem numa casa que estava completamente desordenada, na qual a hipocrisia e a religiosidade aparente reinavam. Se ele não tivesse vindo, com certeza estaríamos hoje sacrificando animais em altares e queimando incenso em templos, tal como faziam os judeus antes da vinda do verdadeiro Messias. Além disso, se a lei do VT fosse cumprida literalmente nos dias de hoje, os homens teriam de ser obrigatoriamente circuncidados, as atividades nos sábados teriam de ser abolidas em todos os estabelecimentos comerciais da sociedade e muitos tipos de alimentos seriam proibidos.

Embora muitos pensem que a lei do VT foi dada por Deus, os textos de Gálatas 3:18 e Atos 7:38 e 53 deixam claro que a lei no Sinai foi dada por anjos, inclusive os chamados “dez mandamentos”, sobre os quais passaremos a analisar no próximo item.

Incoerências no Decálogo da lei de Javé

Dentre os mandamentos contidos na lei de JHVH e descritos no VT, os “dez mandamentos” (também chamados “Decálogo”) ocupam um lugar de destaque.

Os dez mandamentos ordenados por JHVH a Moisés, que estão relacionados no capítulo 20 de Êxodo e no capítulo 5 de Deuteronômio, são considerados como os principais referenciais de ética e moral dentro do cristianismo em geral, porém, ao analisá-los com mais profundidade, veremos que eles não são bons parâmetros, pois há muitas incoerências entre eles e outros preceitos também ordenados por JHVH.

Além disso, vários desses mandamentos se apresentam contraditórios em relação aos mandamentos ensinados por Jesus Cristo. Analisemos então quais são essas incoerências.

O **primeiro mandamento** diz “Não terás outros deuses diante de mim” (Êxodo 20:3). No entanto o mesmo JHVH que reivindicou a exclusividade na adoração, ordenou que o povo se dobrasse diante de Nabucodonozor, rei da Babilônia, e colocassem seus pescoços sob o seu jugo opressor (Jeremias 27:8-11). O pior é que JHVH ainda disse que Nabucodonozor estava à seu serviço (v. 7).

Portanto, logo no primeiro mandamento do Decálogo, JHVH se contradiz, pois enquanto condena a submissão do povo de Israel à outros “deuses”, diz que Nabucodonozor é seu servo (Jeremias 27:6) e ordena que o povo se curve diante daquele rei tirano, submetendo-se ao seu jugo, sob pena de serem punidos.

A confirmação de que aquela determinação de JHVH era absurda e incoerente em relação ao seu próprio mandamento é o fato de Daniel e seus companheiros terem sido livrados da fogueira de fogo ardente justamente porque NÃO SE ENCURVARAM diante da estátua de Nabucodonozor.

O **segundo mandamento** diz: “Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há nos céus, nem na terra” (Êxodo 20:4).

No entanto, esse mesmo JHVH que condenou a idolatria e a inclinação diante de imagens de escultura, ordenou a Moisés que fizesse uma estátua metálica em forma de serpente, para que aqueles que fossem mordidos pelas serpentes enviadas por JHVH, pudessem olhar para a estátua metálica e serem curados (Números 21:8 e 9). Isso prova que também no segundo mandamento de sua lei, JHVH se mostrou incoerente em relação ao que ordenou em outra circunstância.

O culto daquela serpente metálica no deserto (chamada “Neustã”) foi muito prejudicial ao povo de Israel e persistiu até os dias do rei Ezequias, o qual finalmente quebrou aquela estátua, como relata 2 Reis 18:4. Portanto, ao invés de servir para benefício das pessoas, aquela imagem da serpente ordenada por JHVH levou o povo que peregrinava no deserto à idolatria.

É por isso que em João 3:14, Jesus fez questão de distinguir a diferença entre aquela representação mimetista da serpente metálica do deserto, em relação ao seu ministério, que é essencialmente espiritual e independe de representações idolátricas.

O **terceiro mandamento** diz: “Não tomarás o nome de JHVH em vão”. Por causa desse mandamento os judeus tinham até receio de pronunciar esse nome e durante muitos anos usaram apenas as consoantes JHVH (ou YHWH) para se referirem à aquele que eles consideravam como “Deus de Israel”.

JHVH proibiu que seu nome fosse pronunciado no intuito de preservar sua imagem soberana e evitar a vulgaridade. Isso fez com que no exílio os judeus esquecessem a correta pronúncia do nome, pois utilizavam apenas do tetragrama das quatro consoantes para se referirem ao enigmático “Deus de Israel”.

No entanto, aqui vemos mais uma notável diferença entre JHVH e Jesus. JHVH proibia que as pessoas sequer mencionassem o seu nome, enquanto que Jesus repreendeu algumas pessoas que tentavam

impedir um cego de gritar com todas as suas forças, clamando desesperadamente o nome de Jesus (Marcos 10:46-52), porque viu na atitude daquele cego uma fé genuína!

Incoerências no mandamento acerca do Sábado

Continuando a analisar as incoerências dos dez mandamentos, em relação aos mandamentos que Jesus ensinou, vejamos o **quarto mandamento**, que fala a respeito da observância do sétimo dia (sábado).

Apesar de ser tão valorizado por JHVH, aquele “descanso” nas vinte e quatro horas do sétimo dia da semana foi apenas uma tênue alegoria do verdadeiro Sábado, cujo significado é o DESCANSO PARA A ALMA, prometido por Jesus para todo aquele que entra no reino de Deus. Em Mateus 11:28 e 29, Jesus disse: “Vinde a mim todos os cansados e oprimidos e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração e encontrareis DESCANSO PARA AS VOSSAS ALMAS”.

No Velho Concerto, se guardava apenas um dia da semana, mas não havia a mesma preocupação de se guardar os outros seis dias. Jesus condenou essa hipocrisia, “enquadrando” os fariseus que o reprovavam por curar uma pessoa em um Sábado, enquanto que eles circuncidavam um bebê no oitavo dia após o seu nascimento, independentemente do fato dessa data cair ou não no sétimo dia proibido, simplesmente para cumprir os caprichos da lei de JHVH, que determinava esse prazo para a circuncisão dos meninos (João 7:22 e 23).

Jesus foi acusado pelos fariseus por violar o Sábado, simplesmente porque NÃO DIFERENCIAVA dias especiais para poder realizar seus milagres e curas (Lucas 13:14-17). No seu entender, não havia motivo para se restringir a prática do bem em qualquer ocasião, sob pretexto da religiosidade de aparências (Lucas 6:6-11).

Da mesma forma, os seus discípulos também foram acusados de violarem o quarto mandamento, pois estando com fome ao passarem por uma seara num dia de sábado, colheram espigas, o que era proibido naquele dia (Mateus 12:1).

O amor de Jesus pelas pessoas estava acima do zelo pela observância do sétimo dia. Quando se tratava de uma oportunidade para fazer o bem, Jesus não hesitava por fazê-lo, ainda que fosse num dia de Sábado. Por causa dessa liberdade para fazer o bem em qualquer ocasião, Jesus foi perseguido pelos judeus, não somente por transgredir as tradições dos religiosos, mas também por afirmar ser superior ao Sábado (Mateus 12:8).

Em João 5:16 e 17, Jesus disse ainda a respeito do Sábado: “Meu Pai trabalha até agora e eu trabalho também”. Por isso, Jesus não só transgrediu, mas também questionou aquele absurdo mandamento da lei de JHVH, pois para ele não havia motivo para interrupções de descanso, já que o verdadeiro Deus jamais se cansa, por mais que trabalhe. Essa “rebeldia” de Jesus era um dos motivos pelos quais os fariseus pretendiam matá-lo.

Em Colossenses 2:16, Paulo deixa claro que aquelas regras ritualísticas da lei do VT, entre as quais ele incluiu a guarda de sábados, são apenas SOMBRAS de uma realidade que veio com a vinda de Cristo. A proibição do trabalho no sétimo dia está tão relacionada à preceitos meramente cerimoniais, que Paulo relacionou nesse texto a observância do Sábado junto com as festas tradicionais dos judeus, bem como a restrições de comidas e bebidas.

Na continuação desse texto, Paulo falou nos versículo 22 e 23 a respeito de “preceitos e doutrinas de homens”, afirmando que essas coisas não tem valor algum, senão para a satisfação da carne.

Em Gálatas 4:3 e 4, a observância do quarto mandamento da lei de JHVH é considerada como “rudimento do mundo” ao qual aqueles que ainda são crianças em termos de maturidade espiritual, ainda se submetem em caráter de servidão. No mesmo texto, o autor afirma que, sobrevivendo a “plenitude dos tempos”, pela manifestação de Jesus Cristo, não há mais motivo para alguém estar debaixo desse JUGO. A expressão “voltar aos rudimentos fracos e pobres” mencionada no versos 9 e 10 significa insistir em guardar os sábados na plenitude dos tempos, mesmo depois de todas as evidências e revelações trazidas após o Pentecostes.

Na Nova Criação o dia especial é HOJE. Jesus foi gerado no HOJE, como diz Atos 13:33, bem como Hebreus 1:5 e 5:5. Da mesma forma, a oportunidade que Deus oferece ao homem é sempre presente e se renova continuamente. É por isso que em Hebreus 3:13 lemos: “Exortai-vos uns aos outros TODOS OS DIAS, durante o tempo que se chama HOJE, para que nenhum de vós se endureça pelo engano do pecado”. E o versículo 15 confirma, dizendo: “HOJE, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações”.

O “repouso” prometido por JHVH a Josué e Calebe só lhes trouxe problemas e aflições na chamada “Terra da Promessa”. Desde que entraram nela, eles não fizeram outra coisa a não ser guerrear contra os povos que ali habitavam. Em Hebreus 4:8, o autor argumenta: “Se se Josué lhes houvesse dado repouso, não falaria depois disso, de OUTRO DIA”.

Portanto, o descanso que o homem precisa não é o do sétimo dia da semana, e sim, do verdadeiro descanso espiritual que só Jesus tem para dar. E assim, se cumprirá o que ele prometeu em Mateus 11:28 e 29: “Vinde a mim vós que estais CANSADOS e OPRIMIDOS ... e encontrareis DESCANSO para as vossas almas”.

Por conseguinte, o quarto mandamento do Decálogo só serviu para fomentar o fanatismo entre os extremistas judeus, os quais puniam os que transgrediam o sétimo dia com a pena de morte.

Por outro lado, o “sábado” ensinado por Jesus, não se restringe a um único dia apenas por semana, mas a todos os dias, pois Jesus disse ao que crerem “Eu estou convosco TODOS OS DIAS, até a consumação dos séculos” (Mateus 28:20).

Continuação da análise das incoerências nos dez mandamentos

Também no **sexto mandamento** “Não matarás”, temos outra flagrante incoerência, pois o mesmo JHVH que proibiu o assassinato de inocentes, tirou a vida do recém-nascido que não tinha nada a ver com o pecado de seus pais, Davi e Bat-Seba (2 Samuel 12:15).

A incoerência do **oitavo mandamento** também é clara, pois enquanto JHVH prescrevia: “Não roubarás” (Êxodo 20:15), dava ordem ao povo de Israel para espoliarem peças de prata e ouro dos egípcios, antes de irem para o êxodo no deserto (Êxodo 3:22 e 12:36), o que é praticamente um roubo. Além disso, seria o caso de se perguntar qual seria a serventia de prata e ouro no deserto?

Ao invés de ser para benefício para o povo de Israel, a prata e o ouro levados dos egípcios só serviu para maldição, pois proporcionou matéria-prima para a confecção de uma estátua na forma de um bezerro de ouro, o que induziu o povo à idolatria (Êxodo 32:2 e 3). Será que JHVH queria ter um pretexto para castigar o povo, ao autorizar os israelitas para saquearem as riquezas do Egito?

- E quanto aos demais mandamentos do Decálogo, o que podemos concluir?

Analisando-se criteriosamente os dez mandamentos, chegamos à conclusão que não há nada de excepcional neles. Qualquer religião ou seita possui preceitos éticos e de conduta moral que equivalem aos princípios dos “dez mandamentos”, porém não são fatores diferenciais para se reconhecer aquilo que realmente agrada o Pai e que distingue um verdadeiro seguidor das pisadas do Mestre.

Além disso, é importante enfatizar que a prática ainda que rigorosa dos dez mandamentos, não caracteriza o indivíduo regenerado conforme e modelo do NT. Qualquer indivíduo com uma conduta social razoável não mata, não rouba, não adultera e honra os seus pais, sendo religioso ou não.

Em outras palavras, os conhecidos princípios “não matar, não roubar, honrar pai e mãe, etc...”, que fazem parte dos famosos “Dez mandamentos”, estão presentes no comportamento de qualquer pessoa que tenha uma conduta “mediana” no meio da população. Portanto, não é a mera prática desses “dez mandamentos” que permite distinguir um cristão de um indivíduo qualquer, seja qual for a sua orientação religiosa ou filosófica.

Incoerência quanto ao conceito de sexo

A partir do barro e do assim chamado “pó da terra”, JHWH criou o homem e o seu sistema reprodutor, mas estranhamente declarou imunda a semente da procriação, isto é, o esperma. Tudo em que o sêmen tocasse ficaria imundo até a tarde, como diz Levíticos 15:16-18. A questão que fica sem resposta é: Se JHWH criou o sexo e os meios para que ele fosse realizado, porque declarou-o imundo?

JHWH também criou a mulher e o seu respectivo sistema reprodutor, mas declarou imundo o sangue da menstruação e tudo em que nele tocasse (Levíticos 15:19-23). A mulher só era considerada “limpa” sete dias após a menstruação, sendo que no oitavo dia, ela deveria oferecer sacrifícios de animais para expiação pela “culpa” de sua contaminação ginecológica, como prescreve Levíticos 15:29.

Após um nascimento, a mãe era considerada imunda até trinta e três dias após o parto, no caso de ter tido um menino. No caso dela ter tido uma menina, o período de impureza era o dobro, como vemos em Levíticos 12:2-5.

Em Levíticos 12:8, JHVH prescreveu os sacrifícios necessários para expiar o “pecado” da imundície do recém-nascido e de sua mãe. Até mesmo Maria teve de apresentar esses sacrifícios após o nascimento de Jesus, como diz Lucas 2:24.

No VT, tudo que se relacionava com os caracteres genitais do homem e da mulher era tratado como se fosse doença. JHVH relacionava o pecado às “impurezas” presentes no sistema biológico das pessoas, tais como o esperma e o fluxo menstrual.

Por outro lado, no NT essa questão é tratada de forma muito diferente, pois a impureza e o pecado não estão relacionados diretamente com os membros físicos do corpo ou às suas secreções naturais, mas sim com a concupiscência que é gerada na mente, como Jesus focalizou em Mateus 5:28.

Isto significa que no NT, os conceitos sobre o sexo são bem diferentes. A imundícia e impureza não estão relacionadas com a semente masculina ou às características fisiológicas da mulher, mas sim à sensualidade despertada pelas pessoas. Em outras palavras, o que comanda os impulsos sexuais é a mente dos indivíduos. Se existe impureza, ela está na mente e nos seus instintos, e não nas suas partes íntimas. Portanto, o foco de JHVH estava completamente distorcido.

Esse comportamento tão contrário de JHVH com relação ao sexo e à procriação revela uma grande incoerência, pois foi ele mesmo quem ordenou ao primeiro casal: “frutificai e multiplicai-vos”, como vemos em Gênesis 1:28, enquanto que em Êxodo 19:15 ele ordenou que os casais se abstivessem das relações sexuais por três dias nas vésperas da revelação no Sinai.

Essa incoerência também ficou notória quando JHVH ordenou ao profeta Oséias que se casasse com uma prostituta (Oséias 1:2 e 3), sendo que ele mesmo proibiu os sacerdotes de tomarem prostitutas como mulheres (Levíticos 21:7 e 8, 12-15).

Outro exemplo do radicalismo de JHVH com relação ao assunto "sexo" pode ser constatado no episódio em que ele matou Onan (Gênesis 38: 8-10), simplesmente porque aquele homem lançou a sua semente na terra, ao invés de gerar um filho em nome do seu irmão falecido, como prescrevia a lei do Levirato de Deuteronômio 25:5.

Por um lado, JHVH parecia se preocupar com a parte ética e moral no que diz respeito ao sexo do povo de Israel, mas por outro lado, ele não livrou Sara, mulher de Abraão, de ser tomada pelo Faraó do Egito (Gênesis 12:15), com o consentimento do marido traído, que enriqueceu por causa daquele adultério.

Outro fato curioso é que, apesar de todo esse "tabu" e discriminação de JHVH com relação ao sexo, a maior parte dos heróis do VT foi vítima de um ou de outro tipo de fraqueza da carne. Assim, por exemplo, Isaque tomou o exemplo de covardia do pai e mentiu dizendo que Rebeca não era sua mulher, com medo de ser morto pelos filisteus; Noé cometeu incesto com suas filhas; Judá cometeu incesto com a sua nora; Sansão foi seduzido e traído por uma prostituta; Davi cometeu adultério com a mulher de um de seus generais; Diná, filha de Davi, foi estuprada pelo próprio irmão; o profeta Oséias recebeu ordem para se casar com uma meretriz, e assim por diante.

Isso prova que as regras e proibições humanas não evitam a inclinação para o pecado, pois a inclinação para o que é bom e honesto só é conseguida através da santificação sobrenatural operada pelo Espírito Santo na nova criatura.

O que faz com que o homem possa ser considerado um ser "racional" em relação ao sexo é que o homem tem a possibilidade de resistir ao sexo infame e à prostituição. Paulo disse em 1 Coríntios 6:18 "Fugí da prostituição". Ora, se ele aconselha-nos a que fuçamos da prostituição, é porque os impulsos da carne são mais fortes que os impulsos do espírito e precisam ser mortificados. Ninguém foge daquilo ou daquele que é mais fraco. Jesus também teve que resistir à prostituição, pois Hebreus 4:15 diz que ele foi tentado EM TUDO conforme à nossa semelhança, porem sem pecado.

Por fim, em 1 Tessalonicenses 4:3 Paulo diz que a vontade de Deus para conosco é a nossa santificação e que nos apartemos da prostituição.

Para Javé, a mulher era como um objeto sexual e instrumento de procriação

Uma outra prática estranha para alguém que se atreve a se identificar com o Deus Absoluto e bom é que JHVH orientou Moisés para matar os vencidos na guerra e tomar-lhes o despojo, inclusive as moças virgens dos outros povos, para fazê-las "escravas sexuais" dos homens de Israel, como relata Números 31:17 e 18.

Assim diz o texto: "Agora, pois, matai todos os meninos entre as crianças e todas as mulheres que conheceram homem, deitando-se com ele. Mas todas as meninas, que não conheceram homem, deitando-se com ele, deixai-as viver para vós".

Acerca dessas mulheres prisioneiras, JHVH não tinha o menor escrúpulo ao sugerir que os homens de Israel tomassem as mais formosas dentre as donzelas cativas. No caso de não se satisfizerem sexualmente com elas, os homens deveriam deixá-las à vontade para irem embora (Deuteronômio 21:10-14).

Quando JHVH queria abençoar alguém, dava-lhe rebanhos com gado, prata e ouro, camelos, jumentos, escravos e escravas, inclusive para a satisfação sexual dos homens de Israel. Isso é o que diz Gênesis 24:35. .. "O Senhor tem abençoado muito ao meu senhor, o qual se tem engrandecido; deu-lhe rebanhos e gado, prata e ouro, escravos e escravas, camelos e jumentos".

Tal era a preocupação de JHVH com a satisfação sexual dos guerreiros de Israel, que se um homem era recém-casado, JHVH liberava-o de estar na frente de batalha, permitindo-lhe que ficasse um ano inteiro se deleitando sexualmente com a nova esposa (Deuteronômio 24:5).

Essa atitude de preocupação com a satisfação sexual de seus guerreiros não é uma exclusividade de JHVH. Sabe-se, por exemplo que de 1932 até o final da segunda guerra mundial, o Japão criou campos de escravas sexuais para o seu exército. Dessa forma 200.000 mulheres foram obrigadas a se tornarem escravas sexuais nos centros de estupros denominados "centros de relaxamento". Essas escravas, chamadas "mulheres de reconforto", eram mulheres seqüestradas dos países vizinhos em guerra com o Japão.

Portanto, para JHVH, a mulher não tinha nenhum valor, a não ser para cumprir os deveres domésticos, para satisfazer sexualmente os homens e para a tarefa da procriação. Quando queria castigar uma mulher, JHVH arbitrariamente "cerrava-lhe a madre", impedindo-a de engravidar, como fez com Ana (1 Samuel 1:5 e 6) e Mical (2 Samuel 6:23).

O caráter discriminatório de JHVH com relação às mulheres sempre se fazia presente em suas ações ao longo da história do povo hebreu. Como exemplo disso, JHVH autorizou o marido que achasse alguma coisa feia ou indecente em sua mulher a despedí-la de casa, através de um simples certificado de repúdio (Deuteronômio 24:1). No entanto, a mulher não tinha o mesmo direito com relação ao marido, o que prova que JHVH utilizava um tipo de critério machista.

De forma contrária, Paulo disse que para o verdadeiro Deus e Pai não há distinção entre macho ou fêmea (Gálatas 3:28). Portanto, para o Pai, o que importa não é se o cromossomo é XX ou XY, mas sim, o fato do indivíduo ter se tornado “filho de Deus” mediante a fé em Jesus Cristo (João 1:12).

Outro detalhe curioso dentre os preceitos polêmicos de JHVH é que ele estabeleceu leis para um homem que tivesse mais de uma mulher, para que o primogênito dentre os filhos tivesse assegurado os seus direitos de primogenitura, ainda que a mãe dele não fosse a esposa legítima e predileta daquele homem (Deuteronômio 21:15-17).

Similaridades entre os princípios do islamismo radical e do judaísmo ortodoxo

Os defensores do modelo do VT, tais como os adeptos do Judaísmo ortodoxo, não têm nenhuma autoridade para reprovar o extremismo da religião muçulmana, pois tanto os princípios do VT, como do Islamismo admitem a violência e o radicalismo religioso. Por outro lado, esses princípios contrastam profundamente com o que vemos no Evangelho trazido por Jesus Cristo.

Tanto na Torá do Judaísmo, como no Alcorão do Islamismo, existe a regra “olho por olho, dente por dente”, porém, Jesus mudou esse princípio vingativo e retaliador, dando um outro mandamento baseado no amor (Mateus 5:38-42).

Tanto no Islamismo radical como no Judaísmo ortodoxo, as mulheres são discriminadas e inferiorizadas, porém, Jesus nunca discriminou as mulheres (João 4:9-27) e Paulo disse que, acima da questão da distinção sexual, o que vale é ser uma nova criatura (Gálatas 6:15).

Tal era o desprezo para com as mulheres no VT, que os discípulos estranharam e maravilharam-se quando viram Jesus conversando com uma mulher junto ao poço de Jacó (João 4:27). Eles ficaram surpresos porque ainda estavam profundamente arraigados às tradições discriminatórias da lei de JHVH.

Um outro ponto comum no Islamismo e no Judaísmo é a circuncisão, que é praticada e adotada como preceito obrigatório para os indivíduos do sexo masculino. Porém, no NT a circuncisão física não tem nenhum valor, pois Paulo afirma em Romanos 2:28 e 29 que o que conta para o Pai é a circuncisão espiritual dos corações.

Tanto no Islamismo como no Judaísmo são observados dias ou períodos especiais de “santificação”, no caso, respectivamente o Ramadan e os sábados. Porém, no NT, os cristãos são orientados a vigiarem TODOS os dias e a se absterem continuamente daquilo que é reprovável diante de Deus (Lucas 21:36).

Tanto no Islamismo como no Judaísmo, existem restrições quanto à ingestão de determinados tipos de carnes, mas no NT não há restrição para nenhum tipo de comida, porque Jesus disse: “Não é o que entra pela boca que contamina o homem; mas o que sai da boca, isso é o que o contamina” (Mateus 15:11).

Tanto no Islamismo radical como no Judaísmo ortodoxo, existe um profundo interesse pelas riquezas materiais, sendo que no Islamismo existem promessas de recompensas especiais para os mártires que se sacrificarem pela causa islâmica (inclusive os radicais terroristas!), porém, as promessas de Jesus no NT são todas baseadas em bens espirituais (Lucas 6:23), a serem desfrutadas em um reino celestial.

Portanto, as promessas feitas por Jesus a seus seguidores não alimentam as aspirações materiais mesquinhas e os gananciosos interesses terrenos (Efésios 1:3; Colossenses 1:12 e 13). Ele disse que o Filho do Homem não tinha onde reclinar a cabeça (Mateus 8:20) e que seria difícil para um rico entrar no Reino de Deus. Disse também que seria mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico apegado às suas riquezas entrar no Reino de Deus (Lucas 18:25).

Enfim, Jesus considerou perigosos os bens e as bênçãos tão valorizados pelos seguidores dos princípios de JHVH no VT, como também pelos seguidores de Maomé no Islamismo, porque esses tipos de aspirações materiais tendem a afastar o homem de Deus. Por causa disso, ele recomendou aos seus seguidores buscarem tesouros no céu, ao invés de tesouros na terra (Mateus 6:19 e 20).

Javé e o casamento

O modelo de casamento que prevaleceu no VT, com a anuência e supervisão de JHVH, tinha características poligâmicas, onde um homem podia ter quantas mulheres quisesse.

Abraão teve, além da mulher, uma concubina; Jacó teve duas concubinas, além das duas mulheres; Gideão teve setenta filhos de suas muitas mulheres e concubinas; Davi teve uma amante, com quem se casou, após separar-se da mulher; Salomão teve setecentas mulheres e trezentas concubinas!

Esse mesmo modelo poligâmico é aceito também no Islamismo e no Mormonismo, onde um homem pode ter mais de uma mulher, desde que tenha condições de sustentá-las e dedicar igual atenção para todas.

O conceito do casamento monogâmico só foi conhecido no NT. Em 1 Coríntios 7:2, o ensino de Paulo é bem claro: “cada um tenha a sua própria mulher e cada uma tenha o seu próprio marido”. Portanto, diferentemente do modelo do VT, não existe no NT nenhuma sustentação bíblica para a poligamia no casamento.

No NT, a única alternativa para o casamento monogâmico é o celibato, defendido por Paulo em 1 Coríntios 7:27 e por Jesus em Mateus 19:12. Não há no NT nenhum apoio à poligamia, e muito menos à escravidão sexual, que eram admitidas por JHVH no VT.

Jesus disse que o casamento pode levar o homem a afastar-se da intimidade com Deus, porém ele não o proibiu. Sobre esse fato, Jesus profetizou que nos últimos dias muitos estarão ocupados, casando-se e dando-se em casamento, havendo de ser surpreendidos na vinda de Jesus (Mateus 24:38 e 44).

Paulo também alertou para o perigo dos casados se distraírem com os excessivos cuidados das preocupações domésticas e sugeriu o celibato como uma opção voluntária para aqueles que estão dispostos a servir a Deus com mais dedicação e devoção (1 Coríntios 7:32). Todavia, não colocou isso como regra, mas como uma livre opção para aqueles que quiserem aceitar esse desafio, pois é melhor casar-se do que abraçar-se pelas paixões reprimidas, como diz ele em 1 Coríntios 7:9.

Paulo tratou o assunto do relacionamento conjugal de uma forma bem racional, ao dizer que aqueles que são casados não deveriam se valer do casamento para dar vazão desenfreada à concupiscência e lascívia. Deveriam, sim, viver numa estrutura familiar sadia, livres da dependência abusiva do sexo (1 Coríntios 7:28-31). Em Hebreus 13:4, o casamento nos moldes divinos foi mencionado como algo digno de ser “venerado” e o “leito sem mácula” significa a integridade e fidelidade mútua do casal.

Diante dessa diferença entre os modelos do VT e NT, não é de estranhar o comportamento extremamente libidinoso dos “heróis” do VT, tais como o patriarca Judá, que teve um “caso” com a sua própria nora (Gênesis 38:11-26), pois não existia nenhuma orientação na lei de JHVH proibindo o relacionamento extra-conjugal dos homens de Israel.

O fato de Jesus citar a lei não significa que concordasse com ela

O que faz muitas pessoas identificarem JHVH com o Deus Pai é o fato de que Jesus tenha citado várias passagens do VT, referindo-se à lei ordenada por JHVH. No entanto, o fato de Jesus ter citado ocasionalmente a lei, não significa que concorde com ela, especialmente naquilo que a lei é incoerente e injusta.

Jesus recomendou a um leproso que fosse se apresentar ao sacerdote, dando a oferta de animais prescrita na lei, embora a cura já havia sido efetivada sem a intervenção do sacerdote ou dos sacrifícios mosaicos (Marcos 1:44; Mateus 8:1-4). No entanto, eu creio que o objetivo real de Jesus nessa recomendação era tirar de sobre si o foco da autoria do milagre.

Como em outras várias ocasiões, Jesus nunca procurou chamar a atenção para os milagres que realizava, pois seu interesse estava mais focado em agir sobre o íntimo das pessoas através de coisas invisíveis, ao invés das coisas visíveis. É por isso que ele disse ao leproso que fosse se apresentar ao sacerdote com os sacrifícios previstos na lei do VT, embora já estivesse curado.

Portanto, o fato de Jesus ter recomendado ao leproso uma prática legalista da lei de JHVH, não significa que Jesus aprovasse o ritualismo religioso do VT. O que ele não queria era chamar a atenção para a parte secundária de seu ministério, que dizia respeito à cura física do corpo.

Em outras palavras, Jesus estava associando o ministério do VT exclusivamente ao tratamento do corpo das criaturas, através dos prodígios e maravilhas de JHVH, enquanto que o seu ministério estava focado essencialmente para as almas das pessoas, no intuito de livrá-las da escravidão do pecado.

Uma situação semelhante ocorreu quando colocaram um paralisado diante de Jesus e ele disse para aquele homem que os seus pecados tinham sido perdoados, para desapontamento daqueles que esperavam ver um milagre de cura (Marcos 2:5). Como a multidão ficou decepcionada com aquela atitude de Jesus, pois todos estavam esperando que ele imediatamente desse uma ordem e o paralisado saísse andando, Jesus acabou curando fisicamente aquele homem, pois a multidão ainda não estava preparada para compreender que o Mestre estava mais preocupado com a alma do que com o corpo daquela criatura.

O fato de Jesus não ter desautorizado a lei não significa que estivesse de acordo com ela. Assim, por exemplo, Jesus ordenou aos discípulos que pagassem o imposto a César, o que não queria dizer que Jesus era favorável a César nem às sobretaxas que eram impostas à população. Se Jesus permitiu o pagamento daquele imposto, foi para evitar uma má reputação, pelo fato de se mostrar rebelde em relação ao cumprimento das obrigações civis, o que serviria de testemunho contra ele, por parte de seus opositores.

Ainda que Jesus não era favorável ao pagamento dos injustos impostos pagos pelos judeus aos romanos, essa não era a questão fundamental para ser discutida naquela ocasião, em que ele foi confrontado propositalmente pelos seus opositores. E assim, com aquela atitude aparentemente evasiva, Jesus não deu motivo aos seus perseguidores para acusá-lo (Mateus 17:24-27).

Em nenhum momento de seu ministério, Jesus recomendou a lei e os profetas do VT. Ele estava, sim, querendo apresentar aos religiosos judeus as duas opções, como que lhes propondo: se vocês insistem em pretender se justificar pela lei e pelos profetas, façam dessa forma; porém, se ao invés disso, vocês quiserem me seguir, as regras são diferentes!

Para cada ensinamento que havia na lei do VT, Jesus dava a sua própria orientação, que geralmente era conflitante. Assim, por exemplo, em Mateus 5:38 Jesus diz: “Ouvistes o que foi dito: olho por olho; dente por dente. EU PORÉM VOS DIGO que não resistais ao mal, mas se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a esquerda”.

Isso prova que Jesus tinha outra mensagem e outros mandamentos, muito mais coerentes e justos do que aquela lei, que de forma totalmente contraditória e bárbara, autorizava pessoas a apedrejarem “desobedientes” e fazia discriminação de raças.

A pergunta que os adeptos da lei do VT costumam fazer é: Porque Jesus pareceu aprovar a obediência da lei em certas ocasiões? A resposta é: para levar as pessoas a concluírem por si próprias a respeito da ineficácia do modelo do VT.

Assim, por exemplo, em uma ocasião, Jesus recomendou a um jovem que cumprisse os mandamentos da lei de JHVH, como diz Mateus 19:16-22. No entanto, o contexto explica o motivo de Jesus dar aquela recomendação. O que ocorria é que aquele jovem se julgava muito digno, pelo fato de ser extremamente religioso e fiel cumpridor da lei do VT. Todavia, para Jesus isso não era importante, visto que o jovem não estava suficientemente disposto para aceitar o desafio de desapego aos bens materiais, que Jesus lhe propôs.

Por causa da proposta arrojada de Jesus, o jovem retirou-se triste, pois a sua “fidelidade de aparências” foi conflitada. No entanto, embora a Bíblia não relate, pode ser que essa tristeza tenha levado aquele jovem à uma reflexão posterior, no sentido de direcioná-lo a seguir o caminho verdadeiro proposto por Jesus.

A autoridade que vem pelo fato de “cumprir toda a justiça”

Quem vê certas profecias do VT se cumprirem em Jesus, é inclinado a supor que o ministério de Jesus no NT nada mais é do que uma continuação do ministério de JHVH no VT. No entanto, alguns fatos deixam claro que não é.

O abismo entre esses dois ministérios fica bem caracterizado pelo que lemos em João 1:17, pois o texto diz que a lei foi dada por Moisés (o porta-voz de JHVH), mas a GRAÇA e a VERDADE vieram por intermédio de Jesus Cristo (o porta-voz do Pai). Não existem duas verdades. Ao enfatizar que A VERDADE veio através de Jesus Cristo, podemos inferir que antes dele tudo era confuso e sem autenticidade.

Portanto, embora muitos pensem que Jesus veio dar sequência ao ministério do VT, os contrastes entre os princípios de seus ensinamentos em relação à doutrina da lei de JHVH, deixam claro que se tratavam de ministérios distintos e propósitos diferentes. Isto significa que Jesus não veio dar continuidade às SOMBRAS deixadas pelos princípios do VT (Hebreus 10:1). Ao invés disso, ele veio trazer a REALIDADE dos princípios de seu Evangelho, que houvera recebido do Pai.

Jesus nunca se mostrou subordinado ao que fora determinado no VT por JHVH. Ele sempre destacou que a sua subordinação era exclusiva ao Pai, para fazer a vontade daquele que o havia adotado como Filho legítimo (João 6:38).

Se Jesus estivesse sujeito à JHVH, com certeza o episódio da prisão no Getsêmane seria diferente. Ao invés de Jesus restituir a orelha de Malco (João 18:10), certamente JHVH capacitaria Pedro para sair cortando em pedaços os guardas que vieram aprisionar o seu Mestre, tal como fez com Sansão diante dos filisteus (Juizes 14:19 e 15:14 e 15).

Portanto, o fato de Jesus fazer questão de “cumprir a lei” (Mateus 5:17) significa que, para que pudesse ter autoridade sobre a lei da condenação e da morte, Jesus teria de ser irrepreensível em todos os aspectos de seu caráter, pois se falhasse em algum ponto, não ficaria caracterizada a FALÊNCIA da lei de JHVH, ao condenar injustamente um inocente.

Uma vez que a justiça condenou aquele que venceu a natureza humana, embora estando sujeito a ser tentado e pecar como diz Hebreus 4:15, ficou evidenciada a falibilidade da lei, que assim perdeu a sua “força” como padrão de condenação.

Na cruz foi definitivamente riscada a lei, ou seja, a “cédula que nos era contrária pelas suas ordenanças”, quando ocorreu efetivamente o DESPOJAMENTO dos anjos, principados e potestades, como diz Colossenses 2:14, os quais na realidade foram os verdadeiros mentores da lei do VT (Atos 7:38, 7:53 e Gálatas 3:19).

Era preciso ficar notório que todo o sistema religioso que antecedeu a Jesus era incapaz de solucionar o problema do homem devido à culpa pelo pecado, cujo germe foi transmitido desde Adão, como diz Romanos 5:12-21.

Jesus disse a João Batista que era necessário que ele próprio fosse batizado “para que se cumprisse toda a justiça” (Mateus 3:15). Contudo, no caso de Jesus, não foi propriamente uma justiça que se cumpriu, mas sim, uma grande INJUSTIÇA, pois um justo foi condenado injustamente. No entanto, foi exatamente esse fato que evidenciou e caracterizou a FALIBILIDADE DA LEI (Hebreus 7:18 e 19).

O pêso do jugo da lei do VT só acabou porque ela ficou “desmoralizada” diante de uma injustiça tão grande, ao condenar um inocente. Quando a lei se torna injusta, deixa de ser parâmetro para julgar e condenar quem quer que seja.

Jesus não teria autoridade para anunciar seus princípios revolucionários e seu Evangelho diante dos religiosos judeus se ele não fosse irrepreensível no que se refere ao cumprimento formal dos requisitos daquela lei, que veio a se tornar obsoleta e falida.

O mesmo ocorreu com relação a Paulo. O que dava autoridade para o apóstolo pregar contra a circuncisão exigida na lei de Moisés era o fato de que, embora Paulo tivesse sido circuncidado ao oitavo dia, como todo menino judeu, ele reputava toda aquela religiosidade exterior como “esterco”, conforme escreveu em Filipenses 3:4-8.

Para concluir, o texto de 2 Coríntios 3:14 deixa bem clara essa questão da validade da lei do VT, pois Paulo diz que aqueles ensinamentos foram definitivamente ABOLIDOS por Cristo. Além disso, Hebreus 7:18

explica que o mandamento precedente (anterior) foi ab-rogado (anulado) por causa de sua FRAQUEZA e INUTILIDADE.

A importância relativa do Velho Testamento

Não há como negar que o VT está relacionado com o NT. No entanto, uma relação não significa que haja uma identificação entre as partes. Em outras palavras, quando admitimos que haja uma relação entre o VT e o NT, isso não significa que eles não sejam independentes no que diz respeito aos seus respectivos fundamentos e conteúdos.

O fato dos princípios adotados no VT serem diferentes, se os consideramos comparativamente aos do NT, é uma prova de que se tratam de modelos conflitantes e divergentes. Para sermos sucintos, poderíamos dizer que o VT é a antítese do NT.

Como “antítese”, o VT apresenta o modelo negativo e falível, enquanto que o NT apresenta o modelo adequado e perfeito. No VT observamos uma exagerada preocupação com a **forma** do culto a JHVH, enquanto que no NT a preocupação é mais com o **conteúdo** do culto racional ao Deus Pai, tal como Jesus ensinou nos Evangelhos e esses ensinamentos foram transmitidos a seus discípulos.

Diante do que tem sido apresentado em termos de suplantação do NT em relação ao VT, cabe agora a pergunta: Se a lei mosaica tornou-se obsoleta e sem sentido diante da excelência da lei de Cristo, para que serve o VT?

Se Deus Pai permitiu que o ministério do VT e o plano de JHVH tivessem se desenvolvido ao longo da história da humanidade, a ponto de revelar frutos frustantes quanto aos seus objetivos, foi para que assim pudesse manifestar o seu plano perfeito de forma inequívoca e REPARADORA, através do ministério de Jesus.

Em termos de proveito espiritual, o VT não teria o menor sentido se aquilo que foi representado por figura no passado não estivesse relacionado com a realidade presente que veio através de Jesus.

Isto não significa que aquelas escrituras anteriores à vinda de Cristo devam ser completamente ignoradas, mas que devemos olhá-las dentro de uma ótica meramente figurativa, como sendo uma antecipação alegórica do que haveria de acontecer depois de Cristo.

Segundo Hebreus 10:1, a lei do VT continha apenas uma “sombra das realidades futuras”, pois a imagem verdadeira veio somente através de Jesus. Isto significa que as escrituras que compunham o VT serviram simplesmente para delinear sombras, fornecendo apenas uma silhueta disforme da imagem real, como explica Colossenses 2:16. Portanto, aquilo que é verdadeiro e definitivo só veio com a revelação e o ministério de Jesus Cristo.

A sombra dá apenas uma idéia parcial da realidade. Em termos gerais, todos aqueles episódios descritos nos trinta e nove livros que compoem o VT, embora tenham ocorrido de fato ao longo da história com personagens e cenários autênticos, tipificavam eventos contrapostos e relacionados com Cristo, os quais vieram a ocorrer posteriormente, durante o seu ministério entre os homens.

Assim, por exemplo, o primeiro Adão (do VT) era uma figura antagonica do último Adão (do NT), como diz Romanos 5:14. O primeiro Adão (do Éden) estava decaído e destituído de glória, enquanto que o último Adão (Jesus Cristo) foi exaltado.

Da mesma forma, o maná perecível do VT era uma figura do pão que verdadeiramente alimenta, que é Jesus (João 6:57 e 58).

Também Sara e Agar, mulheres de Abraão, são figuras de dois concertos, que correspondem respectivamente à graça e à lei, como diz Gálatas 4:24.

Um outro exemplo é o da serpente no deserto. Orientado por JHVH, Moisés confeccionou uma serpente metálica e a colocou sobre uma haste, de forma que todos aqueles que eram picados pelas víboras venenosas, ao olharem para a serpente confeccionada por Moisés, eram curados. Jesus relacionou aquela serpente do VT consigo, dando a entender que todos os feridos neste mundo que atentarem para ele, serão curados em suas almas (João 3:14 e 15).

A grande diferença é que, no deserto aquelas pessoas eram curadas de suas doenças físicas, enquanto que a fé em Jesus cura as doenças da alma. No entanto, a serpente não era Jesus e Jesus nunca foi serpente. A representação só teve caráter figurativo, contrapondo-se o primeiro modelo, em que as curas ocorriam no corpo e o segundo modelo, em que as curas ocorrem na alma, podendo ou não se estender também ao corpo.

Portanto, ainda que exista o simbolismo, ao relacionarmos a serpente metálica e a haste em que foi colocada a serpente, respectivamente com Jesus e a cruz em que ele foi colocado, os efeitos sobre as vidas das pessoas são diferentes. No VT, o efeito da serpente levantada por Moisés era sobre a saúde física das pessoas, curando-as das enfermidades causadas pelas cobras venenosas; porém, no NT, o efeito da obra de Jesus é sobre a saúde espiritual das pessoas, curando os conflitos e angústias das almas de todos os que recorrem a ele.

Jesus sempre destacou a cura da alma superior à cura do corpo, e por isso disse ao paraplégico: “teus pecados estão perdoados” (Lucas 5:20-23), antes de curá-lo fisicamente, para desapontamento daqueles que valorizavam apenas os milagres e as ações visíveis aos olhos humanos. Quando os fariseus ouviram Jesus declarar perdoados os pecados daquele homem, pensaram consigo mesmos: Quem é este que profere blasfêmias? Quem pode perdoar pecados, senão só Deus?

Mas Jesus, percebendo o que questionavam os fariseus, ainda que não o fizessem por palavras, disse-lhes: Por que fazeis mau juízo em vossos corações? O que é mais fácil? Dizer: São-te perdoados os teus pecados; ou dizer: Levanta-te, e anda? Então, dirigindo-se ao paralítico, disse: Para que todos saibam que eu tenho autoridade para perdoar pecados, te digo: Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa. E assim foi. Imediatamente o homem se levantou diante da multidão, tomou o leito em que estivera deitado e foi para sua casa.

Com essa atitude, Jesus quis dizer que poderia ter curado aquele paralítico a qualquer momento, mas só não o fez inicialmente por dar maior importância aos problemas no nível espiritual, que afetavam a vida daquele homem. Por isso Jesus antecipou-se primeiramente a declarar perdoados os seus pecados.

A grande preocupação de Jesus sempre foi primordialmente trazer alívio e auxílio espiritual a todos os que recorriam à ele, e por isso ele deixava as aspirações terrenas das pessoas para um segundo plano. Jesus sabia que muitos o seguiam só por causa dos interesses materiais, como ele salientou em João 6:26 "em verdade vos digo que me buscais, não porque vistes sinais, mas porque comestes do pão e vos saciastes".

Por outro lado, no VT tudo é focado sob a ótica terrena e física do que é tangível e palpável. Isso diz respeito às aspirações, expectativas e recompensas de todos aqueles que viveram sob o modelo da lei de JHVH. Nessa mesma linha de raciocínio, o Messias profetizado no VT, que libertaria politicamente os judeus, era um antípoda do Messias do NT, que liberta espiritualmente os que são cativos do jugo do pecado.

São várias as figuras do VT que apontavam para Cristo e dele testificavam profeticamente. Jesus desafiou os escribas judeus a examinarem as escrituras do VT, pois elas faziam referência ao seu ministério, ainda que de forma contraposta. Assim por exemplo, em seu sermão da Montanha descrito no capítulo 5 de Mateus, Jesus citou vários mandamentos da lei, dando em seguida a sua própria versão e o seu próprio mandamento.

Em João 5:39-45, Jesus ironizou o fato de que os seus interlocutores julgavam ter a vida eterna através dos mandamentos da lei de JHVH, dizendo-lhes: "Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna; e são elas que dão testemunho de mim; mas não quereis vir a mim para terdes vida! Não penseis que eu vos hei de acusar perante o Pai. Há um que vos acusa, Moisés, em quem vós tanto esperais".

Em outras ocasiões, ele fazia os seguidores dos preceitos do VT caírem em contradição, destacando as inúmeras incoerências que haviam naqueles mandamentos, quando confrontados entre si.

Enfim, apesar de não servir como referencial em termos de princípios e bons exemplos, o VT tem uma relativa importância, pois além das figuras que fazem uma analogia entre o temporário e o definitivo, a sombra e a realidade, o falso e o verdadeiro, ele revela sem dissimulações a verdadeira personalidade de JHVH. No VT podemos ver claramente o "currículo" de JHVH, com todos os seus feitos retumbantes e as suas declarações contraditórias.

Os livros que compoem o VT são extremamente importantes, não quanto ao conteúdo em termos de princípios, mas quanto à autenticidade do texto literal, pois revelam abertamente os desconcertantes feitos de JHVH, que não se omitia de mostrar com alarde suas mirabolantes proezas. Se esses livros tivessem sido manipulados no sentido de encobrir a verdade, não mostrariam tão claramente os desatinos e as contradições do incoerente JHVH, que ora abençoava e ora amaldiçoava, ora favorecia o exército de Israel e ora favorecia os inimigos. E assim, se não tivéssemos esses registros históricos, ficaríamos alheios a todos os antecedentes que comprometem o caráter de JHVH e revelam a sua verdadeira personalidade.

Os lados contrapostos permitem uma melhor distinção quando estão juntos e confrontados entre si. Não há como se perceber claramente as diferenças quando não se tem os extremos para serem comparados. Em 1 Coríntios 11:19, Paulo diz que até as divisões e as dissensões teológicas são importantes, para que fique claramente manifesto o que é aprovável e o que é reprovável.

- Se não houvessem as trevas, como conseguiríamos identificar a luz?
- Se não houvesse a noite, como reconheceríamos as estrelas?
- Se não houvesse o falso, como distinguiríamos o que é verdadeiro?
- Se não houvesse o imperfeito, como conheceríamos o que é perfeito?
- Se não houvesse o mal, como saberíamos o que é o bem?

É nessa questão de divergências e contrastes que vemos a presença de um dualismo conflitante em todo o conteúdo das Escrituras, iniciando-se no VT e se concluindo no NT, envolvendo de um lado a pessoa de JHVH, e de outro lado o Pai.

Parte IV

Análise teológica sobre o conceito de Deus na Bíblia

Uma vez expostos os motivos que me levam a concluir que Javé (JHVH) e o Pai são pessoas distintas, passemos a analisar teologicamente qual seria a verdadeira identidade de JHVH e a sua contextualização no ambiente bíblico.

O nome de Deus e as naturezas de Javé e Elohim

No texto original do VT há várias designações diferentes que foram traduzidas genericamente como "Deus". Algumas vezes elas aparecem como "Elohim", outras como "El Shadai", outras como "Adonai" e outras como "Todo-Poderoso".

No primeiro capítulo do texto original em hebraico do Gênesis, a palavra traduzida como "Deus" é "Elohim", que significa "deuses". No segundo capítulo, o nome "Javé" (JHVH), ou "Jeová", aparece associado ao nome "Elohim", a partir da narração da criação do homem (Gênesis 2:7).

Nas antigas escrituras hebraicas, o nome "Javé" era representado através dos quatro caracteres hebraicos, que correspondem aos caracteres ocidentais "JHVH" (ou "YHWH"). Esses caracteres usados nos escritos originais correspondem à quatro consoantes do alfabeto hebraico, os quais conjuntamente passaram a ser conhecidos como "Tetragrama".

Com relação ao nome "Javé" (Jeová), traduzido a partir do Tetragrama "JHVH", os editores de algumas versões em português (incluindo a versão da Sociedade Bíblica do Brasil), adotaram a identificação desse nome através da palavra "SENHOR", escrita totalmente com letras maiúsculas, para diferenciá-lo da palavra "Senhor", com apenas a inicial maiúscula, a qual foi traduzida a partir da expressão hebraica "Adonai".

Como se pode constatar através desse recurso didático nessas edições especiais da Bíblia, a maioria das ocorrências da palavra "Senhor" no VT é escrita com todas as letras maiúsculas, o que significa que JHVH predominou no VT, enquanto que o Pai predominou no NT.

Ao longo dos anos, especialmente durante o período do Exílio na Babilônia, a pronúncia do nome de JHVH (ou YHWH) foi perdida, porque os judeus temiam que pudessem estar violando o terceiro mandamento do Decálogo: "Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão" (Êxodo 20:7).

A introdução de vogais através dos "sinais massoréticos" na escrita hebraica ocorreu somente a partir do quinto século DC. Este fato explica porque essa expressão "JHVH" pode ser transliterada tanto por Javé, Iavé ou Jeová.

No entanto, cabe a pergunta: Se os cristãos fossem predestinados para serem um povo chamado pelo nome de Javé (Jeová), conforme sugere Amós 9:11 e 12, porque deveria esse nome representado pelo Tetragrama "JHVH" ser abolido das escrituras gregas do NT?

Os teólogos "Jahvistas" tentam responder essa questão através de malabarismos exegéticos, argumentando que ao longo dos anos ocorreram desvios na tradução dos manuscritos antigos do NT, os quais possuíam o Tetragrama na sua forma escrita original.

Em João 17:6 e 26, Jesus orou: "Manifestei teu nome aos homens". Pergunto então aos teólogos "Jahvistas": Que nome Jesus manifestou aos homens? Com certeza não foi o de Javé (Jeová), pois Jesus só se referia à Deus pela expressão "Pai", não havendo nunca mencionado o nome JHVH durante todo seu ministério, como reportam os quatro Evangelhos.

Até mesmo nas suas orações e súplicas, Jesus dirigia-se à Deus como "Pai", sendo que a expressão "ABBA" usada em Marcos 14:36, corresponde à palavra "papai" no original hebraico, o que revela uma profunda intimidade entre o Filho e o Pai.

O apóstolo Paulo também usou a expressão "ABBA" em Romanos 8:15 e Gálatas 4:6, pois defendia o princípio da relação entre Deus e os homens regenerados como sendo uma relação entre pai e filhos.

Javé e Elohim

No segundo capítulo do Gênesis, a partir do versículo 4, a designação traduzida como "Senhor Deus" corresponde ao original hebraico "Elohim-Javé" (ELOHIM-JHVH), ou seja, JHVH passou a operar associado à Elohim a partir desse estágio, que incluiu a formação física do homem a partir do pó da terra, e da mulher, formada a partir da costela do homem (Gênesis 2:7 e 22).

O relato original do Gênesis aponta Elohim como autor da criação do mundo material. "Elohim" é uma palavra plural, que no hebraico significa "deuses". Portanto, essa pluralidade, expressa a partir do próprio nome, leva-nos à conclusão que a criação do mundo físico não é obra exclusiva de uma pessoa, mas de uma "equipe".

Como dissemos anteriormente, a partir do versículo 4 de Gênesis 2, a designação de "Deus" no texto original das Escrituras passa a ser "Elohim Javé", ou seja, JHVH passou a operar juntamente com Elohim a partir desse estágio.

Considerando-se o pressuposto que JHVH realmente não seja o mesmo Deus Absoluto conhecido como "Pai" (ABBA), mas que sua natureza divina corresponda a de um arcanjo, que é o maior na

hierarquia angelical, poderíamos inferir que a associação entre Elohim (deuses, ou anjos) e JHVH teria capacidade até mesmo para criar coisas no mundo material.

Prosseguindo nessa hipótese de que JHVH tem as características divinas de um arcanjo, com proeminência sobre os exércitos de anjos, poderíamos imaginar que Elohim poderia ser representado por uma comunidade de seres com atributos excepcionais de criação e controle de elementos no mundo físico.

A conclusão que chegamos é que na criação do “primeiro Adão”, houve a participação conjunta de JHVH e Elohim (“deuses ou divindades” – anjos?), sendo que o fôlego de vida física foi o próprio JHVH quem soprou, como diz Gênesis 2:7.

Normalmente os cristãos identificam “Elohim” com a associação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, levando em conta que o significado original dessa palavra pressupõe o conjunto das três pessoas da Trindade.

Nessa linha de raciocínio, a explicação da grande maioria dos teólogos cristãos para os textos em que o verbo das ações de Elohim aparece conjugado no plural, é que as ações executadas pela Trindade são deliberadas em conjunto pelo Pai, Filho e Espírito Santo. Aplicariam-se a este caso os textos de Gênesis 1:26... “FAÇAMOS o homem...”, Gênesis 3:22... “Eis que o homem é como um de NÓS” e Gênesis 11:7... “DESÇAMOS E CONFUNDAMOS alí a língua, para que um não entenda a língua do outro”.

No entanto, há certas incoerências nessas atitudes conjuntas de Elohim e Javé, que nos levam a concluir que não se trata do Deus verdadeiro, composto pela Trindade Pai-Filho-Esperito Santo.

Vejamos, por exemplo, o texto de Gênesis 11:1-7, onde lemos que os homens se ajuntaram em Sinar e começaram a edificar uma torre, cujo cume deveria tocar nos céus. No versículo cinco desse texto, lemos que Javé DESCEU para investigar o que os homens faziam. No versículo sete, Javé e Elohim dialogam assim: “DESÇAMOS e confundamos alí a sua língua, para que um não entenda a língua do outro”.

O que nos leva a concluir que neste caso não se tratava da Trindade é o fato que o Deus verdadeiro é Onisciente. Ele não precisaria DESCER para ouvir melhor e saber o que os homens estavam tramando, pois através de sua Onisciência, o Deus verdadeiro sabe todas as intenções humanas, antes mesmo que elas tenham sido postas em prática!

Diante de tantas evidências que desassocia Javé (JHVH) de Deus Pai, somos levados à inevitável pergunta: Se ele não é Deus, qual seria a sua verdadeira natureza?

A conclusão que tenho chegado é que JHVH possui a natureza de um “super-anjo”, num grau hierárquico acima de outros anjos, os quais lhe estão subordinados. Estando acima de outros anjos, JHVH exerce seu papel de arcanjo na qualidade de líder das hostes angelicais.

A “divindade” de JHVH observada em muitos de seus feitos e atributos está relacionada à divindade que é própria dos anjos. No Salmo 78:25 a Bíblia usa em alguns lugares a expressão “poderosos” para traduzir “anjos”, numa referência aos poderes sobrenaturais característicos dos anjos. Todavia, não podemos dizer que um anjo seja Deus (ainda que seja o maior dos anjos!), visto que só há um Deus absoluto e verdadeiro.

Assim como os anjos que lhe estão subordinados, JHVH não tem genealogia nem princípio ou fim de vida (Hebreus 7:3), portanto não está circunscrito a um espaço físico qualquer. É por isso que vemos anjos aparecerem e desaparecerem subitamente em vários episódios narrados nas Escrituras.

Independentemente da questão da natureza própria de JHVH, ele revela certas características negativas em sua personalidade, que evidenciam uma instabilidade incompatível com o comportamento do Deus Altíssimo, que é descrito nas Escrituras como imutável. Quando é desobedecido, JHVH se ira e reage com vinganças e represálias na forma de castigos.

Em outras situações, JHVH se revela frustrado, desapontando-se com o homem que criou, em relação aos propósitos que estabelecera, que incluíam a constituição de um reino na Terra, no qual JHVH seria o governante máximo.

Outra peculiaridade de JHVH é a sua soberba e arrogância, que ficam muito evidentes ao lermos Isaías 44:6 e 45:7, que dizem: “Assim diz JHVH, Rei de Israel, seu Redentor, o Senhor dos exércitos: Eu sou o primeiro e o último, e fora de mim não há Deus. ... Eu formo a luz e crio as trevas; eu faço a paz e crio o mal; eu sou JHVH, que faço todas estas coisas”. Através dessa declaração arrogante, JHVH afirma que cria concomitantemente o bem e o mal, a luz e as trevas, como que não dando satisfação a ninguém sobre o que faz e o que deixa de fazer.

O papel dos anjos - Poder para criar e para destruir

A Bíblia fala em inúmeros lugares a respeito dos anjos e o seu papel como agentes intermediários na hierarquia de poder entre Deus e os homens. Entre outros poderes extraordinários, os anjos têm a capacidade de se materializarem, sendo que a Bíblia apresenta vários exemplos de anjos que assumiram forma humana quando se apresentaram diante de Abraão (Gênesis 18:2), de Ló (Gênesis 19:1), de Gideão (Juizes 6:11) e de tantos outros. Em todos esses casos, não houve reencarnação, ilusionismo, ou qualquer fenômeno ligado à mente humana.

Da mesma forma, a teoria desenvolvida pelos ufólogos, associando os anjos com ET's (seres extra-terrestres ou interplanetários), revela muita inconsistência, pois dependeria de uma série de fatores físicos e ambientais que teriam de se justaporem, para que houvesse essa possibilidade. Neste trabalho, não pretendo desenvolver essa discussão, pois ela foge do objetivo principal mencionado no prefácio deste livro.

É evidente que aqueles anjos tiveram de criar corpos físicos para si próprios, pois o que Abraão, Gideão e aqueles outros homens viram e ouviram não se tratava de telepatia ou ilusão psíquica, já que eles tiveram oportunidade, não somente de falar com os anjos, mas também de lhes hospedarem, comendo e bebendo literalmente com eles.

Por outro lado, o fato de atribuir-se a um anjo o papel de um “semi-deus”, com poder criativo e destrutivo, não é nenhum absurdo, pois em 2 Reis 19:35, lemos que um único anjo enviado por JHVH matou sem ajuda de ninguém cento e oitenta e cinco mil assírios(!), os quais constituíam uma ameaça militar para o rei Ezequias e o reino de Judá. Esse episódio também está narrado em 2 Crônicas 32:21 e Isaías 37:36.

Em uma outra ocasião, descrita em 2 Samuel 24:15 e 1 Crônicas 21:14, lemos acerca de uma praga que veio sobre Israel e morreram setenta mil homens! O texto diz que a causa foi um censo levantado por Davi, sendo que curiosamente os textos paralelos de 2 Samuel 24:1 e 1 Crônicas 21:1 dizem que quem incitou Davi a numerar o povo foram respectivamente “a ira de JHVH” e o anjo Satanás!

Esse anjo exterminador já se preparava para arrasar a cidade inteira de Jerusalém, quando JHVH deu-lhe ordem para meter sua espada na bainha e cessar a destruição, pois ele já tinha derramado sangue suficiente, como diz 2 Samuel 24:16 e 1 Crônicas 21:15.

Nessa ocasião, a atitude de Davi foi extremamente mal vista aos olhos de JHVH, pois ela revelava a preocupação do rei para saber com quantos homens podia contar em seu exército na sua luta contra os inimigos de Israel. Para poder mostrar toda a força de seu poderio bélico, JHVH não admitia contar com o auxílio de exércitos numerosos, pois não queria que o povo de Israel achasse que prevalecia nas batalhas por causa dos seus próprios recursos humanos.

Ao ver a atitude injusta de JHVH, ao castigar o povo por causa de sua própria atitude, Davi contestou com o anjo que estava exterminando as multidões, já que aquelas pessoas não tinham nenhuma responsabilidade sobre o censo que Davi levantou, o qual inicialmente foi sugerido por JHVH, e depois foi reprovado por ele mesmo (2 Samuel 24:17; 1 Crônicas 21:17 e 27). Por esses exemplos, dá para se avaliar o poder destrutivo de um anjo, não somente para aniquilar milhares de pessoas de uma só vez, como também uma cidade inteira!

Em Hebreus 2:14 lemos que Jesus participou das mesmas limitações e restrições humanas, para que pela morte física derrotasse aquele que tinha o poder da morte, isto é, o diabo. No entanto, devemos considerar que Satanás não é totalmente soberano sobre o império da morte, pois ele teve de pedir autorização a JHVH para infernizar a vida de Jó, como diz Jó 2:6. Isto significa que o verdadeiro soberano sobre o império da morte é JHVH, o qual não permitiu que o anjo Satanás tirasse a vida de Jó, embora não tivesse impedido a morte de seus filhos (Jó 1:18 e 19).

Além dos anjos que estão à serviço de JHVH, existem também os anjos que estão à serviço do Pai, os quais estão definidos em Hebreus 1:14 como “espíritos ministradores”, e acerca dos quais Jesus se referiu, dizendo que teriam poder para livrá-lo daqueles que vieram prendê-lo, caso ele assim tivesse pedido ao Pai (Mateus 26:53). Um exemplo da atuação “ministradora” desses anjos ocorreu logo após a tentação de Jesus no deserto, onde os anjos do Pai o serviram, logo após Satanás ter se ausentado, como diz Mateus 4:11.

Uma coisa é ter poder para fazer algo e outra coisa é abrir mão desse poder por uma questão de deliberação própria. Embora tivesse o direito de recorrer ao Pai solicitando “ajuda extra”, Jesus abriu mão várias vezes desse recurso sobrenatural de anjos para defendê-lo, enquanto que JHVH freqüentemente se valeu de seu exército pessoal de anjos para castigar os que o contrariavam dentre o povo de Israel, bem como entre os outros povos.

A criação material e a criação espiritual

No que diz respeito à criação, temos mais uma distinção entre JHVH e o Pai: a criação de JHVH é uma criação terrena, enquanto que a criação do Pai é uma criação espiritual. A Bíblia deixa claro que há uma criação física e uma criação espiritual. Na criação física (material) nascem filhos com a natureza terrena, porém na criação espiritual nascem filhos com a natureza celestial.

A criação do homem terreno é de autoria de Elohim, com a participação de JHVH e de seu espírito, como já dissemos anteriormente, enquanto que a criação do homem espiritual é de autoria do Pai com a participação de Jesus e do Espírito Santo.

O homem criado do pó revela a natureza terrena e segue os instintos animais das suas paixões próprias e das concupiscências da carne. Em Romanos 7:15-25, Paulo falou sobre os conflitos internos dos seres humanos, através da luta do homem exterior contra o homem interior, numa analogia à luta que existe entre a carne e o espírito. A parte terrena, representada pelos instintos carnis, leva-o a fazer o que não aprova, enquanto que a parte espiritual, representada pelo intelecto, procura se opor, no sentido de levá-lo a fazer aquilo que conscientemente aprova.

Quanto à criação do Pai, ela é eminentemente espiritual, como Jesus explicou à Nicodemos em João 3:3-6 e Paulo ratificou em 2 Coríntios 5:17.

O homem decaído é o homem da velha criação, descrita em de Gênesis 2:7, o qual faz parte da descendência física do primeiro Adão. Por sua vez, o homem regenerado (ou novamente gerado) é o homem da nova criação, descrita em João 3:6, o qual faz parte da descendência espiritual do último Adão (Jesus Cristo).

Em 1 Coríntios 15:44-48, Paulo fala sobre o primeiro e o último Adão, descrevendo as diferenças entre o homem da velha e da nova criação. Ele disse assim: “Semeia-se corpo animal, é ressuscitado corpo espiritual. Se há corpo animal, há também corpo espiritual. Assim também está escrito: O primeiro homem, Adão, tornou-se alma vivente; o ÚLTIMO ADÃO, espírito vivificante. Mas não é primeiro o espiritual, senão o animal; depois o espiritual. O primeiro homem, sendo da terra, é terreno; o segundo homem é do céu. Qual o terreno, tais também os terrenos; e, qual o celestial, tais também os celestiais”.

Quando damos lugar aos nossos instintos mais baixos, estamos fazendo prevalecer nossa origem animalesca, oriunda da criação adâmica, sendo que Gálatas 5:19-21 retrata bem essas características, também chamadas “obras da carne”, que são: imoralidade sexual, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, ódio, discórdia, ciúmes, ira, egoísmo, dissensões, facções, inveja, embriaguez, orgias e coisas semelhantes.

De forma oposta, as características das novas criaturas são chamadas “frutos do Espírito”, estando assim relacionadas em Gálatas 5:22 e 23: amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio.

Em Colossenses 3:7-10, Paulo continua descrevendo as diferenças entre o “velho” e o “novo homem”, dizendo assim: “nas quais práticas também em outro tempo andastes, quando vivíeis nelas; mas agora despojai-vos também de tudo isto: da ira, da cólera, da malícia, da maledicência, das palavras torpes da vossa boca; não mintais uns aos outros, pois que já vos despistes do HOMEM VELHO com os seus feitos, e vos vestistes do NOVO, que se renova para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou”.

Dois princípios criadores

Assim como existem duas criações, há dois princípios criadores na Bíblia, sendo que um se encontra no VT e o outro no NT. É interessante observar que em ambos textos está mencionado explicitamente o termo “princípio”.

O princípio da criação material (terrena) está no primeiro versículo do Gênesis (Gênesis 1:1), que diz: “No PRINCÍPIO criou Deus (Elohim) os céus e a terra”, enquanto que o princípio da criação espiritual (celestial) está no primeiro versículo do evangelho de João (João 1:1), que diz: “No PRINCÍPIO era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus”.

No entanto, o princípio criador mencionado no primeiro versículo do livro de Gênesis não é o mesmo princípio criador mencionado no primeiro versículo do evangelho de João, pois enquanto o primeiro se refere a uma criação material, o outro se refere a uma criação espiritual.

Esses “princípios” mencionados tanto no livro do Gênesis como no Evangelho de João, não se referem necessariamente ao aspecto cronológico, pois há um outro sentido para a palavra “princípio”, que é relacionado à base elementar de construção de determinadas matérias, em termos de alicerces fundamentais dos projetos que envolvem respectivamente a velha e a nova criação.

Assim como o Gênesis é considerado o livro que contém a origem da criação em termos materiais, pois é o único livro que registra os detalhes da criação do homem, o evangelho de João é considerado o livro que descreve a criação **espiritual**, pois é o único evangelho que narra a explicação de Jesus a Nicodemos acerca do novo nascimento (João 3:3-8).

No livro do Gênesis está a criação do homem terreno, formado a partir do pó da terra, o qual foi destituído de sua glória e expulso do jardim, deixando de ter acesso à árvore da vida. JHVH soprou sobre esse homem o sopro da vida física, como diz Gênesis 2:7. No original hebraico a palavra “espírito” tem o mesmo significado que hálito ou fôlego, o que significa que JHVH deu vida física para aquele boneco inanimado através de seu espírito.

Por outro lado, no evangelho de João está a criação do homem espiritual, que Jesus reportou à Nicodemos. Jesus soprou o Espírito Santo sobre os seus discípulos, antes de ser glorificado, deixando-os potencialmente aptos para participarem da experiência posterior no Pentecostes. Ele lhes disse: Recebei o Espírito Santo (João 20:22).

Portanto, assim como há dois princípios criadores, também há dois sopros (também chamados “fôlegos” ou “hálitos”) de vida, sendo que um é o sopro de JHVH, pelo qual ele soprou a vida física sobre o Adão terreno; o outro é o sopro de Jesus, pelo qual ele soprou a vida espiritual sobre seus discípulos.

O sopro de JHVH é da terra, mas o sopro de Jesus é do céu. Assim também, a vida que JHVH proporciona é terrena e temporal, mas a vida que Jesus concede é espiritual e eterna.

Se aquele sopro que JHVH soprou sobre Adão para dar-lhe a vida física fosse perfeito, Jesus não precisaria soprar um outro espírito (no caso, o Espírito Santo) sobre os seus discípulos, como fez no final de seu ministério neste mundo (João 20:22).

O sopro de JHVH proporcionou o funcionamento biológico do Adão de barro (Gênesis 2:7), mas o sopro de Jesus trouxe o alento espiritual aos discípulos que estavam desanimados, abatidos e desapontados, por causa da falsa expectativa do Messias que viria para libertar-lhes do jugo político.

Chama a atenção o fato de que os discípulos não foram “revitalizados” imediatamente após Jesus haver lhes soprado o Espírito Santo. Na realidade, aquele sopro permaneceu de forma “incubada” nas mentes e corações dos discípulos, até que no dia de Pentecostes ele se potencializou, transformando-se em um “vento impetuoso”, como diz Atos 2:1-13, enchendo os discípulos de ânimo e júbilo.

A nova criação e o novo nascimento nunca foram mencionados no VT

Como foi dito anteriormente, a criação do homem terreno feita por Elohim-JHVH é imperfeita e a sua glória é transitória. Por outro lado, a criação do homem espiritual feita pelo Pai é perfeita e a sua glória é eterna.

A diferença entre a glória da primeira e da segunda criação foi descrita em 1 Coríntios 15:47, onde Paulo diz que o primeiro homem (Adão), criado por Elohim-JHVH é terreno e movido por instintos animais. Diz também que o segundo homem, criado pelo Pai, é do céu e a sua razão prevalece sobre os instintos.

Em 1 Coríntios 15:45 lemos que o primeiro homem (Adão) foi feito “alma vivente”, enquanto que o último Adão (Cristo) foi feito “espírito vivificante”. Jesus foi feito “espírito vivificante” porque através de seu espírito, Jesus vivifica aqueles que dele se aproximam, sendo ele o “promogênito” de uma nova criação, como dizem os textos de Romanos 8:29 e Colossenses 1:15.

Através de seu fantástico ministério, Jesus reconciliou céus e terra, propiciando um meio de reverter o quadro desolador da velha criação, como diz 2 Coríntios 5:18 e 19. É importante ressaltar que o propósito do Pai através de Jesus não visava apenas “melhorar” ou “aperfeiçoar” o modelo do VT, pois trata-se de uma obra nova e regeneradora.

A criação espiritual é obra **exclusiva** do Deus Pai, através da obra regeneradora de seu espírito. No VT não existe **nenhuma** referência ao novo nascimento, o que significa que o conceito da necessidade do homem “nascer de novo” em termos espirituais não fazia parte dos planos de JHVH.

Em João 3:3-8, Jesus falou sobre a experiência sobrenatural do novo nascimento ao fariseu Nicodemos, que apesar de ser mestre na lei do VT, teve grande dificuldade em assimilar o conteúdo do ensinamento, pois estava focado no modelo doutrinário da lei de JHVH. Paulo também discorreu sobre a necessidade dessa experiência aos coríntios, colossenses, gálatas, efésios, filipenses e tessalonicenses, mostrando que a vida cristã não se limita à uma roupagem exterior, e assim ele fez a distinção entre a “velha” e a “nova” criatura.

Aqueles que se convertiam no VT, passavam a adotar os preceitos religiosos exteriores da lei do VT, que incluíam a circuncisão, guarda do Sábado, sacrifícios de animais e proibição de certos alimentos. Na realidade, a “conversão” no VT ocorria freqüentemente com interesses escusos, como fizeram os siquemitas, que se circuncidaram apenas para poder habitar em sociedade junto com o povo de Israel (Gênesis 34:14-24).

Com base no modelo do VT, muitos ainda estão julgando as pessoas pelo estereótipo exterior, embora Gálatas 2:6 declare que o Pai não aceita a aparência do homem, nem julga as pessoas por aquilo que aparentam ser, pois Ele conhece o íntimo dos nossos pensamentos e as nossas verdadeiras intenções.

Por outro lado, a mensagem do NT é focada na experiência do novo nascimento, operada a partir do interior do indivíduo, e não se restringe à uma mera mudança exterior, como ocorria no VT. Isso significa que não dá para se falar em nova criação sem falar em novo nascimento, assim como não dá para se falar em reino de Deus sem falar em mudança nos indivíduos de dentro para fora.

A respeito desse “novo nascimento”, Paulo falou em 2 Coríntios 5:17 sobre a “nova criatura”, que é gerada não a partir da semente corruptível humana, pois trata-se de um nascimento que ocorre na esfera espiritual.

Em 1 Coríntios 15:45-49, Paulo disse que aquele primeiro Adão era terreno, animal e foi feito “alma vivente” ou “criatura vivente”. Porém, ele fala a seguir nesse mesmo trecho a respeito de um último Adão, que é do céu e traz a imagem do padrão celestial. Esse texto diz também que o primeiro não era espiritual, mas sim, animal e feito a partir do pó da terra.

Portanto, todos os que passam pela experiência do novo nascimento trazem a imagem do último Adão (Jesus Cristo), em termos espirituais. Quando Jesus falou em Mateus 5:1-12 a respeito das bem-aventuranças dos mansos, pacificadores, misericordiosos e daqueles que sofrem por amor da justiça, ele estava se referindo à aqueles que passam pela experiência do NOVO NASCIMENTO, os quais mortificam a velha natureza e procuram se desvincular de tudo que os prende à velha criação.

Nascer de novo significa passar do reino deste mundo para o reino de Deus. Isso não significa que aqueles que passam a fazer parte do reino do Pai tenham de viver reclusos numa atmosfera mística de clausura e alienação. Da mesma forma, não significa que esses tais devam viver num padrão ascético e afastados dos recursos materiais disponíveis para o maior bem-estar do corpo.

Jesus deu-nos o exemplo do “equilíbrio” sensato, conseguindo conviver com os pecadores, sem se deixar contaminar pelo pecado. Quando ele orou ao Pai, não pediu que tirasse os seus discípulos do mundo, mas que os livrasse do mal (João 17:15).

Entre outras acusações, Jesus foi considerado pelos religiosos judeus como um “comilão, beberrão e amigo de pecadores” (Mateus 11:19), o que significa que a imagem de uma pessoa reclusa na redoma da incontaminabilidade não fazia parte do cotidiano do Filho de Deus.

Existem pelo menos três estágios nessa questão de ser “nova criatura” e de passar a fazer parte do reino de Deus. O primeiro é o caso do fariseu Nicodemos, para o qual Jesus disse que ele precisaria sair da sua condição de religiosidade exterior e “nascer de novo” (João 3:7).

O segundo é o estágio intermediário, que é o caso de um escriba, para o qual Jesus declarou, mediante as declarações sensatas daquele homem, que ele não estava LONGE do reino de Deus (Marcos 12:34).

O terceiro estágio é o caso de um dos ladrões que foi crucificado ao lado do Filho de Deus, para o qual Jesus declarou que naquele mesmo dia estaria com ele no Paraíso (Lucas 23:43).

No primeiro caso, vimos o caso do fariseu, que estava LONGE. No segundo caso, vimos o caso do escriba, que NÃO ESTAVA LONGE. No terceiro caso, vimos o caso do ladrão, que JÁ FAZIA PARTE do Reino de Deus. Através desses três personagens temos exemplificadas as três situações em que todas as pessoas neste mundo podem estar em relação ao Reino de Deus.

Dois Adões e dois jardins

Assim como havia um jardim e um Adão no VT, há também de forma análoga um jardim e um Adão com características opostas no NT.

Portanto, existem dois jardins no cenário bíblico: o jardim de JHVH e o jardim do Pai. Da mesma forma, existem dois Adões: o primeiro Adão é aquele que foi criado por JHVH a partir do pó da terra; o segundo, também chamado “último Adão”, é Jesus Cristo, conforme 1 Coríntios 15:45-49, o qual é considerado “primogênito dentre os mortos”, como diz Romanos 8:29, havendo sido ressuscitado e exaltado pelo Pai.

A situação do homem natural é a seguinte: no jardim de JHVH, Adão comeu do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, isto é, adquiriu a consciência intelectual, passando a ser responsável pelo que fazia ou deixava de fazer. E assim, Adão acabou sendo expulso do jardim, para que não tivesse acesso à árvore da vida, após a sua desobediência consciente.

Quando Adão adquiriu a consciência de seus atos ao comer deliberadamente o fruto da árvore proibida, JHVH ficou preocupado, pois caso não intervisse, o homem não teria restrições de acesso para a “árvore da vida”, ou seja, desfrutaria da vida eterna física, mesmo sem ter de obedecer os mandamentos que JHVH pretendia revelar-lhe futuramente no Sinai.

Por isso, em consenso com Elohim (Gênesis 3:22), JHVH deliberou expulsar o homem daquele “paraíso sem regras ou limites” e cercar a árvore, para que Adão não mais tivesse acesso à uma vida eterna sem compromissos e sem restrições.

A destituição de Adão e a perda de seus privilégios originais está explicada em Romanos 5:12, onde lemos que, assim como por um homem (Adão) entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte espiritual passou a todos os homens, deixando todos sob o peso da condenação.

Portanto, a consequência da atitude de Adão repercutiu sobre toda a humanidade, mediante o estigma do pecado, transferindo culpa aos seres humanos geração após geração. Isso significa que o homem está naturalmente destituído, despojado, desmoralizado e debaixo da maldição proferida por JHVH em Gênesis 3:17-19, quando expulsou do jardim o precursor da humanidade.

Porém, no jardim do Pai ocorre algo diferente. No jardim do Pai, o homem pode ter acesso à árvore da vida, que é Jesus, a videira verdadeira, com a qual ele próprio se identificou em João 15:1. Portanto, a “árvore da vida” do jardim do NT é Jesus, sendo que essa árvore é representada pela videira verdadeira, através da qual todos os que se alimentam dos seus frutos passam a desfrutar da vida eterna.

Dessa forma, cumpre-se o que está escrito em Romanos 5:18, onde diz que, da mesma forma que pela desobediência de um só homem (o primeiro Adão), muitos foram tornados pecadores, assim também, pela obediência de um só (o último Adão), muitos serão tornados (considerados) justos.

Portanto, de tudo aquilo que o homem foi destituído e sofreu perda no jardim de JHVH, ele pode ser restaurado no jardim do Pai. Dessa forma, ele pode passar da morte para a vida espiritual e da condição de simples “criatura” para “filho de Deus”, através da regeneração do novo nascimento.

Duas filiações – os filhos de Deus e os filhos de Javé

Assim como existem duas criações, existem também dois tipos de filiações, ou seja, há uma diferença entre os filhos de JHVH e os filhos de Deus Pai.

Os “filhos de JHVH” que são mencionados em Jó 1:6 e 2:1 se referem a anjos, entre os quais está Satanás. A esse respeito, chama a atenção o fato de JHVH considerar Satanás como um de seus filhos, e de se sentir desafiado pelas suas provocações, as quais levaram Jó a uma injusta tribulação! Esses “filhos de JHVH” são chamados “deuses” e filhos do Altíssimo no Salmo 82:6, mas na realidade, tratam-se dos anjos filhos daquele que preside a “assembleia divina” (Salmo 82:1), isto é, o “super-arcanjo” JHVH.

De acordo com o texto de Gênesis 6:1, foram esses anjos (filhos de JHVH) que coabitaram com mulheres e geraram delas uma descendência de “gigantes”, o que também é mencionado com detalhes no livro apócrifo de Enoque, o qual embora não seja considerado “canônico”, é referenciado nas Escrituras em Judas 14.

Alguns teólogos cristãos supoem que os “filhos de Deus” mencionados em Gênesis seriam pessoas justas e tementes à JHVH. No entanto, em Romanos 5:14 essa possibilidade é inviabilizada, pois lemos que a morte espiritual reinou de Adão até Moisés, até mesmo sobre aqueles que não pecaram à semelhança de Adão. Assim sendo, naquele período não havia nenhuma possibilidade de salvação ou justificação.

A possibilidade do homem se relacionar com o Pai só passou a existir através de Jesus, pois a lei e os sacrifícios prescritos no VT não tinham qualquer eficácia para solucionar o problema da natureza pecaminosa herdada de Adão, como ensinam os textos de Romanos 5:12-18 e Hebreus 9:26-28.

Por outro lado, quando no NT se faz referência aos “filhos de Deus”, isto se aplica exclusivamente aos homens regenerados e reconciliados com Deus através de Jesus Cristo, como diz 2 Coríntios 5:19 “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas antigas transgressões”.

Na primeira criação haviam os anjos que estavam inferiorizados hierarquicamente em relação a JHVH, porém, estavam num estágio acima dos homens, em termos de poder e capacidades, como diz Hebreus 2: 6 a 9. Na segunda criação, os anjos da primeira criação que eram “um pouco maiores do que os homens”, passaram a ficar inferiorizados daqueles que foram regenerados e reconciliados com Deus, como podemos ler em 1 Coríntios 6: 3.

Chama a atenção que no VT todas as vezes que os “filhos de JHVH” são referenciados, tratam-se de anjos, nações ou povos. Aqueles que eram tementes à JHVH sempre foram chamados “servos”, como diz Isaias 63:13-15, ou na melhor das hipóteses “amigos”, como foi o caso de Abraão, que é mencionado em Isaias 41:8, mas nunca foram chamados “filhos”.

O conceito de “filhos de Deus” só passou a ser anunciado a partir do NT, referindo-se à filiação ao Pai, através da intermediação de Jesus Cristo, como diz João 1:12... “mas a todos quantos o receberam (Jesus) deu-lhes o poder de serem feitos FILHOS DE DEUS”.

No NT, o conceito de “servo” é normalmente aplicada aos anjos, já que em Hebreus 1:14 eles são descritos como “espíritos ministradores enviados para SERVIR em favor daqueles que hão de herdar a salvação”.

Nesse contexto, podemos entender o significado dos anjos que serviam Jesus no deserto (Marcos 1:13) e dos anjos que guardam as crianças indefesas e as livram de acidentes, como é suposto com base naquilo que Jesus declarou em Mateus 18:10.

São portanto, duas criações: uma delas é a criação de JHVH no contexto do VT, que gerava “servos” para cumprirem os propósitos de JHVH no seu pretendido reino terreno; a outra criação é a do Pai no contexto do NT, onde são gerados filhos semelhantes a Jesus, o qual foi o PRIMOGÊNITO ENTRE MUITOS IRMÃOS (Romanos 8:29).

Aqui está o grande contraste: Na velha criação, que é a de JHVH, os **filhos** são os **anjos** e os **homens** são apenas **servos**; na nova criação, que é a do Pai, os **filhos** são os **homens** novamente nascidos e os **anjos** são os **servos**!

A responsabilidade pelo fracasso da humanidade em termos espirituais

O Pai não é “cúmplice” na criação do homem fracassado, reprovado e destituído de seus privilégios, antes de ser expulso do Paraíso. Ele tem propósitos mais sublimes no intuito de restaurar aquilo que estava perdido.

Além disso, o Pai não participou diretamente do processo que culminou no degeneração da criação material a partir do Gênesis e do primeiro Adão. Pelo contrário, Ele é o autor do processo que viabiliza a REGENERAÇÃO do homem a partir do caminho aberto por Cristo.

Portanto, o Pai não pode ser responsabilizado pelo insucesso da primeira criação. O seu propósito é criar algo bom e belo em termos espirituais, ainda que o faça a partir de uma criação imperfeita e fadada ao fracasso. Isto se dá mediante uma troca de valores: Cristo, sendo rico espiritualmente, se fez pobre em termos de atributos e prerrogativas, para que pela sua “pobreza” enriquecêssemos, como diz 2 Coríntios 8:9.

Em seu processo de regeneração do homem, o Pai preserva o direito do “livre-arbítrio” inerente à cada ser humano, pois não é manipulador de mentes, nem quer forjar “robôs” para servirem-no debaixo de jugo e terror.

Há muitos textos na Bíblia (inclusive no NT) que dão a entender que Jesus teve participação na primeira criação, entre os quais João 1:3 e Colossenses 1:16, os quais afirmam que tudo foi criado por ele e para ele. Podemos supor então que o Pai criou através de Jesus (o Verbo) toda a matéria-prima utilizada na construção do Universo visível e invisível.

No entanto, o arranjo físico dos elementos dessa matéria-prima que deu origem à criação do mundo visível não pode ter sido de autoria do Pai, pois se admitimos que Deus é perfeito e vemos na criação material (terrena) tantas imperfeições, tais como vírus, bactérias, cataclismas naturais, degeneração de células, falhas genéticas, morte, ódio, lei da sobrevivência selvagem, etc., chegaríamos à conclusão que a perfeição de Deus não é tão absoluta assim, ou então que Ele teria conscientemente criado um sistema fadado ao fracasso.

Porisso, a conclusão que chegamos é que a autoria da criação deste mundo corruptível e imperfeito é de Elohim com a co-participação de JHVH, como afirmam os capítulos 1 e 2 do Gênesis em sua forma original. Essa criação terrena não estava nos moldes pretendidos pelo Pai e por causa disso houve necessidade de ser criado um plano de resgate e restauração do homem, o qual foi manifestado através do ministério de Jesus Cristo.

Em Colossenses 1:17-20, lemos a respeito dessa restauração, quando o texto diz assim: “Ele (Jesus) é antes de todas as coisas, e nele subsistem todas as coisas; também ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio, o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência, porque aprovou a Deus que nele habitasse toda a plenitude, e que, havendo por ele feito a paz pelo sangue da sua

cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus”.

Assim como Jesus não participou diretamente da criação terrena, JHVH NÃO PARTICIPA da criação espiritual, pois no VT não há nenhuma referência ao “novo nascimento”, o que certamente surpreendeu Nicodemos quando Jesus lhe apresentou esse tema; afinal, aquele homem era versado na lei do VT, como todos os demais fariseus (João 3:3-10), e certamente saberia identificar alguma eventual referência ao “novo nascimento” no VT.

Em Romanos 5:14 lemos que a morte reinou desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não pecaram à semelhança de Adão, o que revela a fraqueza do Velho Concerto, pois se antes da lei não havia possibilidade de salvação, também depois do estabelecimento do padrão trazido pela lei, permaneceu a mesma condição de condenação geral, como diz Gálatas 3:11 ao afirmar que ninguém será justificado através da lei do VT.

Enfim, o propósito original do Pai em relação ao homem está descrito numa forma bem clara em Efésios 1:3-7, que diz: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestes em Cristo; como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele em amor; e nos predestinou para sermos FILHOS DE ADOÇÃO por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade, para o louvor da glória da sua graça, a qual nos deu gratuitamente no Amado; em quem temos a redenção pelo seu sangue, a redenção dos nossos delitos, segundo as riquezas da sua graça”.

Javé e seu teatro de fantoches

Se por um lado vemos que o Pai valoriza muito o livre arbítrio das pessoas, JHVH demonstrou várias vezes que não respeita esse direito, ao manipular o coração de Faraó, endurecendo-o para que ele não deixasse sair livre o povo de Israel, possivelmente para fim de ter motivo para enviar suas pragas sobre o Egito e assim ser “glorificado” através das suas prodigiosas proezas (Êxodo 9:12, 10:20 e 27, 11:10, 14:4, 8 e 17). E ainda pior: todas as vezes que Faraó esboçava uma inclinação de liberar o povo após cada praga enviada sobre o Egito, JHVH tornava a endurecer-lhe o coração, impedindo qualquer chance de trégua sobre a desgraça que foi premeditada contra os egípcios!

Analogamente, em Esdras 6:25 está escrito que JHVH mudava o coração dos inimigos de Israel ao seu bel-prazer, levando-os a odiarem o povo judeu, a fim de executar os seus juízos e “disciplinas”, tal como fez com o povo egípcio.

Além disso, o comportamento demonstrado muitas vezes por JHVH no VT revela o seu caráter instigador, ao induzir pessoas ao erro para depois ter um pretexto para “corrigi-las” mediante os seus castigos. Essa inescrupulosidade está bem clara em 1 Samuel 2:6, onde JHVH afirma arrogantemente que é ele quem dá a vida e a tira; quem empobrece e quem enriquece; quem abaixa e quem levanta. A esse respeito, seria o caso de se perguntar: Quais são os critérios que JHVH tem para abaixar ou para levantar uma pessoa? Seriam esses critérios justos e imparciais?

Em 1 Samuel 2:25 temos o caso em que JHVH endureceu propositalmente os corações dos dois filhos de Eli, a fim de que eles não ouvissem o seu pai, porque JHVH havia deliberado mata-los! Esse tipo de ação premeditada no sentido de privar alguém de sua consciência, para depois ter o pretexto de castigá-la, revela um critério injusto e totalmente arbitrário por parte de JHVH.

Dá a impressão que este mundo é para JHVH como um gigantesco teatro de marionetes, onde os homens são os fantoches que estão constantemente sendo manipulados por ele. Em Isaías 63:17, o profeta questiona o comportamento manipulador de JHVH, dizendo: “Por que, ó Senhor, nos fazes desviar dos teus caminhos? Por que endureces o nosso coração, para não te temermos?”.

Se JHVH respeitasse o direito do livre arbítrio e concedesse as mesmas oportunidades a todos os homens, não tiraria a vida do filho de Davi e Bat-Seba (2 Samuel 12:15-18), que não tinha nada a ver com o adultério de seus pais, nem amaldiçoaria os filhos das terceiras e quartas gerações daqueles que lhe desobedeciam (Êxodo 20:5), nem faria com que a descendência de Geazi pagasse pela atitude leviana de seu ancestral (2 Reis 5:27).

Castigar uma pessoa através da morte ou padecimento de seus filhos é fazer incidir o juízo de culpa de uns sobre a vida de outros, que pagam por aquilo que sequer têm conhecimento. Isso revela uma tremenda injustiça da parte de JHVH, que não condiz com a identificação com o Deus verdadeiro, que lhe é atribuída pela maioria absoluta dos teólogos cristãos.

Uma coisa é punir com objetivo de corrigir e levar alguém ao arrependimento, como diz Hebreus 12:7; outra coisa muito diferente é assassinar uma criança inocente, sem deixar que ela tenha chance de fazer qualquer escolha em sua vida.

Todas as vezes que era contrariado, JHVH exterminava milhares de pessoas sem escrúpulos, incluindo crianças, que nem sabiam porque estavam sendo castigadas. Ao tirar a vida dessas pessoas, JHVH as deixava sem qualquer oportunidade de arrependimento para se aproximarem do verdadeiro Deus.

Nesse aspecto de manipular a vida das pessoas e arbitrar sobre o destino das criaturas, temos uma nítida noção da imagem de JHVH perante o povo de Israel através do cântico de Ana, onde ela exaltou-o, declarando: JHVH é o que tira a vida e a dá (1 Samuel 2:6). Por sua vez, o próprio JHVH reivindicou esse poder ao dizer com arrogância: Eu mato e eu faço viver, eu firo e eu torno a sarar (Deuteronômio 32:39).

Em Êxodo 4:11 JHVH continua dizendo de forma arrogante que é ele quem faz o mudo, o surdo, o cego e o que enxerga, como se não tivesse que dar qualquer satisfação sobre o que faz ou o que deixa de fazer a nenhum reles mortal que ouse questioná-lo.

Porém, a atitude do Pai é completamente diferente, pois embora Ele tenha um propósito na vida de cada ser humano, não interfere na liberdade de escolha das pessoas. Pelo contrário, Ele deixa que cada um faça a opção do caminho que queira seguir, respeitando essa escolha até o final de suas vidas.

Embora seja Onipotente e Onisciente, o verdadeiro Deus prefere se abster em relação à capacidade de direcionar o destino dos homens, para que no caso de alguém se aproximar dele e resolver seguir pelo caminho proposto por Jesus Cristo, o faça de livre e espontânea vontade.

Um currículo que desabona

Se alguém, não conhecendo o contexto geral da Bíblia, lesse somente o VT, ficaria extremamente confuso com o comportamento daquele que se apresenta como "Deus", em várias ocasiões. Na verdade, JHVH possui um "currículo" que o desabona totalmente na sua pretensão de se igualar a Deus.

Assim, por exemplo, JHVH se arrependia de seus feitos (Gênesis 6:6-7; 1 Samuel 15:35), enquanto que em Tiago 1:17 está escrito que o verdadeiro Deus não muda nem apresenta qualquer "sombra de variação" em seu comportamento.

JHVH voltava atrás em suas decisões, quando debatia com certas pessoas que desfrutavam de sua intimidade (Deuteronômio 9:14; Êxodo 4:24), contradizendo a si mesmo quando dizia que não era como o homem, o qual é volúvel em suas decisões (1 Samuel 15:29).

JHVH enviava espíritos maus, como aquele que perturbou Saul (1 Samuel 19:9-10) ou o espírito de mentira que levou o rei Acabe à morte (Juizes 9:23; 1 Samuel 16:14-23; 18:10-11; 1 Reis 22:19-23; 2 Crônicas 18:18-22; Isaías 19:14; Ezequiel 14:9), numa atitude totalmente oposta a Jesus, que EXPULSAVA os espíritos maus que atormentavam as pessoas (Mateus 8:16).

JHVH permitia a retaliação na base do "olho por olho, dente por dente", concedendo vitória aos judeus nas guerras contra seus inimigos, ou incitando povos a se levantarem contra Israel, sobretudo quando os líderes israelitas prevaricavam e contrariavam os seus mandamentos (Êxodo 21:24-25; Deuteronômio 19:12-21; Josué 6:19-24; 11:20; Juizes 2:14; 3:1; Salmos 7:11-13; Jeremias 46:10-11; Naum 1:2).

JHVH enviava pragas e proferia maldições, muito mais frequentemente do que bençãos (Gênesis 3:16-19; 4:11-15; 5:29; Números 25:9; Levíticos 28:15-68; 2 Samuel 3:29; Isaías 5:25; Jeremias 25:31-33; Malaquias 2:2).

JHVH ordenou a punição dos desobedientes e pecadores através de apedrejamentos ou incinerações, até mesmo por motivos menores, tais como a prática de adultério, a rebeldia contra os pais ou trabalhar num dia de Sábado (Êxodo 31:15; Levíticos 20:9-16; 20:27; 24:17-23; Números 15:32-36; 13:9-16; 17:5-7; Deuteronômio 22:20-24; João 7:24-25).

JHVH não impediu o sacrifício de uma jovem por seu próprio pai (Juizes 11:30-38), o qual havia feito imprudentemente um voto de sacrificar a JHVH quem quer que encontrasse primeiro no retorno de uma vitória contra os amonitas. Se JHVH fosse misericordioso, teria dito ao pai da moça que não precisava matá-la, pois ele já havia demonstrado suficiente fidelidade quando se dispôs a cumprir o seu voto. Já no caso de Abraão, JHVH agiu de outra forma, poupando a vida de Isaque e interrompendo o sacrifício que ia ser feito por Abraão, em obediência ao que lhe havia sido ordenado por JHVH (Gênesis 22:12).

JHVH autorizou os judeus a saquearem a prata e o ouro dos egípcios, antes de partirem do Egito, estabelecendo um exemplo negativo para todos os que procedem dessa maneira desonesta (Êxodo 3:22).

JHVH discriminava pessoas quanto ao sexo, raça e até mesmo por defeitos de nascença, como vemos em Levíticos 21:21 e Deuteronômio 23:1-3. Além disso, JHVH revelava um favoritismo acintoso pelos judeus, em detrimento a todos os demais povos da Antiguidade.

JHVH inspirou discípulos inescrupulosos e fanáticos tais como os fariseus e os levitas, os quais estavam sempre ávidos para castigarem todos aqueles que não procedessem estritamente dentro dos parâmetros da rígida lei do VT (Mateus 15:12-14; 16:11-12).

JHVH anunciou suas leis e mandamentos em um cenário de intimidação pelo terror, valendo-se de escuridão, trovões e trevas, de tal forma que até mesmo os animais tinham medo de se aproximarem do monte que fumegava (Êxodo 19:16-21; 20:21; Deuteronômio 4:11-12; 5:22-23).

Além disso, há vários textos onde está escrito que JHVH assassinava crianças inocentes por causa do pecado de seus pais e ancestrais, tais como Êxodo 20:5 e 34:7; Números 16:27-50; Deuteronômio 3:6-7; 1 Samuel 15:1-3 e Isaías 14:21.

Como mencionamos anteriormente, JHVH tirou a vida até mesmo do filho de seu "predileto" Davi, o qual foi morto injustamente por causa do adultério do pai (2 Samuel 12:13-18). Se JHVH agia assim com os seus "prediletos", imagine só o que ele não faz aos seus desafetos!

Análise teológica sobre Jesus e sua identificação com o Pai – o conceito da Trindade

Até aqui, vimos por vários argumentos que JHVH e o Pai são pessoas distintas, pois não há compatibilidade entre os seus respectivos comportamentos ao longo da história da humanidade. Por outro

lado, a identificação entre o Pai e o Filho é uma realidade, apesar de serem individualmente duas pessoas distintas.

Não se tratam de dois Deuses, mas apenas um em essência e propósitos. Da mesma forma, o Espírito Santo não é um "terceiro deus", mas é o mesmo Deus quanto à sua natureza em relação ao Pai e ao Filho, de tal forma que os três são um só.

Jesus se identificava constantemente com o Pai, mas ele nunca se identificou com JHVH. Se Jesus estivesse identificado com JHVH, ele não iria dizer "ouvistes o que foi dito aos antigos", todas as vezes que mencionava os mandamentos de JHVH no VT (Mateus 5:21 e 22; 27 e 28; 31 e 32; 33 e 34; 38 e 39; 43 e 44). Ao se referir de forma genérica ao autor daqueles mandamentos, Jesus deu a entender que eles não foram dados por seu pai.

Em outras palavras, se Jesus atribuisse ao Pai aqueles mandamentos, ele diria explicitamente: "ouvistes o que foi dito por meu Pai". Além disso, se aqueles mandamentos procedessem de seu Pai, Jesus jamais os contestaria, como o fez dizendo sempre após cada um deles: "Eu, porém, vos digo...". Portanto, caso Jesus estivesse identificado com JHVH, ele deveria **confirmar** os mandamentos de JHVH dados no passado, e nunca **contestá-los!**

Jesus se identificou com o Pai porque ele era o seu legítimo e exclusivo representante neste mundo. Quando Jesus falava, era como se o próprio Deus estivesse falando. Tudo o que o Filho dizia, o Pai confirmava; tudo o que o Filho fazia, o Pai atestava; tudo o que o Filho prometia o Pai endossava (João 5:37). É por isso que 2 Coríntios 5:19 diz que Deus ESTAVA EM CRISTO reconciliando consigo mesmo o mundo.

Portanto, o Pai e o Filho têm os mesmos atributos divinos e são iguais em essência e natureza, ainda que sejam pessoas distintas (João 10:30; 14:8-11). Além disso, eles possuem individualidade própria no que diz respeito às áreas de atuação em relação aos seres humanos.

Há quem questione o conceito da unanimidade da Trindade, alegando que, pelo fato de ser um Deus trino, deveriam haver múltiplas personalidades em sua natureza. No entanto, o fato do Pai, do Filho e do Espírito Santo serem três pessoas diferentes, não significa que sejam três personalidades diferentes. O que são diferentes são as áreas e as formas de atuação de cada um dos componentes da Trindade.

Assim como os indivíduos são constituídos de três partes, a saber: corpo, alma e espírito, também o Deus trino atua sobre cada uma dessas partes dos seres humanos. Dessa forma, o Pai atua sobre a alma, o Filho atua sobre a mente e o Espírito atua sobre o corpo dos indivíduos.

O Pai, o Filho e o Espírito Santo são como a água, que apesar de poder se apresentar sob a forma líquida, sólida (gêlo) ou de vapor, com diferentes aplicações para cada uma dessas formas, contudo a essência química desses elementos é sempre a mesma, constituída de uma molécula de oxigênio e duas de hidrogênio.

Os principais textos referentes à Trindade são os seguintes:

Jesus está no Pai e o Pai está nele (João 14:8-11).

Quem vê a Jesus, vê o Pai (João 14:25 e 14:7).

Jesus revela o Pai (João 1:18).

Deus estava em Cristo (2 Coríntios 5:19).

Jesus é reconhecido como Deus e Pai (2 Tessalonissenses 2:16 e Judas 4).

O Pai foi glorificado no Filho (João 13:31 e 32; Atos 3:13).

O Filho foi glorificado pelo Espírito Santo (João 10:30).

A acusação dos fariseus era que Jesus se fazia igual ao Pai (João 5:18).

Jesus disse ser um com o Pai (João 10:30).

Jesus está no Pai e o Pai está nele (João 10:38; 14:41).

Emanuel quer dizer "Deus conosco" (Mateus 1:23).

Em Tito 2:13 lemos assim: "Deus e nosso Senhor Jesus Cristo".

Jesus, o Filho, recebe adoração (Hebreus 1:6).

Jesus é o VERDADEIRO Deus (1 João 5:20).

Há certos grupos religiosos oriundos do cristianismo institucional, dentre os quais estão os chamados "Testemunhas de Jeová", que colocam Jesus em posição de inferioridade em relação ao Pai, como se ele e o Pai não estivessem totalmente amalgamados entre si. Porém, o apóstolo João afirmou em 1 João 5:20 que Jesus é o VERDADEIRO Deus. Ele é o "Emanuel" que significa "Deus conosco" (Mateus 1:23).

Quando Filipe pediu a Jesus que lhe mostrasse o Pai, Jesus respondeu: "Você não me reconhece, Filipe, mesmo depois de haver estado tanto tempo convosco? Quem vê a mim vê o Pai. Como podes dizer: Mostra-nos o Pai? Não crês que eu estou no Pai e que o Pai está em mim?" (João 14:8-10). Através dessa declaração, Jesus deixou clara a sua identificação com o Pai, ou seja, o Filho está no Pai e o Pai está no Filho.

Em uma outra ocasião, Jesus se apresentou ressuscitado a Tomé, que lhe disse: "Senhor meu" e "Deus meu" (João 20:28). Ao chamar Jesus de Senhor e Deus, Tomé estava cometendo uma contravenção ao primeiro mandamento do "Decálogo" do VT, mas Jesus não o repreendeu, porque a declaração de Tomé era verdadeira. Tomé era um judeu ortodoxo e jamais contrariaria o primeiro mandamento do Decálogo, que proibia aos judeus servirem a um outro "deus" que não fosse JHVH, se não estivesse absolutamente convicto dessa realidade.

- Há uma hierarquia entre o Pai e o Filho?

Imaginar que o Pai é hierarquicamente maior que o Filho daria margem a se pensar que no Reino de Deus haja um “plano de carreira”.

Na realidade, a hipótese de que haja uma hierarquia entre o Pai e o Filho nos induz a imaginarmos que no Reino de Deus existe o mesmo espírito de competição, o qual caracteriza os homens gananciosos do mundo de negócios.

A disputa pelas melhores posições é muito comum nos meios políticos e empresariais do nosso século, mas não é admitida no Reino de Deus. Pelo contrário, o princípio de humildade que vemos na atitude de Jesus mencionada em Filipenses 2:3 significa que cada um deve considerar os outros superiores a si mesmo na ordem das preferências.

A virtude da humildade sempre esteve presente na vida de Jesus, que em nenhum momento se glorificou a si mesmo (Hebreus 5:5). Em seu Evangelho, Jesus ensinou que aquele que se exalta será humilhado e aquele que se humilha será exaltado (Mateus 23:12; Lucas 14:11).

Dois de seus discípulos queriam que Jesus lhes concedesse o direito de se assentarem à sua direita e à sua esquerda, quando ele assumisse o poder messiânico que estava profetizado no VT (Marcos 10:35-37). No entanto, aqueles discípulos não buscavam a glória dos céus, mas a glória terrena de um reino material, que lhes estava prometido por JHVH.

É bem verdade que Jesus se sujeitou ao Pai, porém, sempre que o fazia, tanto mais era honrado por Ele, como diz Filipenses 2:3-11. Jesus sempre buscou a glória do Pai e da mesma forma, o Pai sempre retribuiu ao Filho, honrando-lhe e concedendo-lhe plena autoridade e poder (Efésios 1:22).

Quem é altivo quer ser reconhecido com glória, ainda que não a mereça. No caso de Jesus, embora ele fosse digno de toda a honra e glória, ele nunca revelou qualquer sentimento de altivez e arrogância. Pelo contrário, em João 13:4-15, lemos que Jesus lavou os pés de seus discípulos como se fosse um criado, porém isso não diminuiu a sua glória, pois através dessa atitude ele deu exemplo de como deveriam proceder os seus discípulos em relação aos semelhantes.

Quando a honra é mútua, como no caso do Pai e do Filho, não existe maior ou menor, mas somente o desejo permanente de um querer honrar o outro, como lemos em João 5:19-23; 26 e 27. Da mesma forma, temos exemplo na família terrena, quando há amor e respeito entre o marido e a esposa. Neste caso não existe a preocupação de saber se um é superior ao outro, pois cada cônjuge sabe perfeitamente a sua importância na realização de suas respectivas tarefas, seja na administração da casa ou na educação dos filhos.

Se é certo que em alguns versículos, tais como João 14:28 e 1 Coríntios 11:3, 15:27 e 28, Jesus pareça ter afirmado que o Pai é maior que o Filho, há inúmeros outros textos que atestam que o Filho está em plena igualdade de poder com o Pai.

Estes são alguns deles:

“TODO PODER me foi dado no céu e na terra” (Mateus 28:18).

“Eu e o Pai SOMOS UM” (João 10:30).

“O Pai ESTÁ EM MIM e eu ESTOU NO PAI” (João 10:38).

“Quem me vê a mim VÊ O PAI” (João 14:9).

“Deus nunca foi visto por alguém; o Filho Unigênito que está no seio do Pai, ESTE O FEZ CONHECER” (João 1:18).

“O Pai que ESTÁ EM MIM é quem faz as obras” (João 14:10).

“Todas as minhas coisas são tuas E AS TUAS COISAS SÃO MINHAS” (João 17:10).

“Se Deus é glorificado no Filho, também Deus o glorificará em si mesmo E LOGO O HÁ DE GLORIFICAR” (João 13:32).

“Deus GLORIFICOU O SEU FILHO JESUS” (Atos 3:13).

“Porque foi do agrado do Pai que TODA A PLENITUDE HABITASSE NO FILHO” (Colossenses 1:19).

“E SUJEITOU TODAS AS COISAS a seus pés” (Efésios 1:22).

A trajetória da vida de Jesus – despojamento voluntário e exaltação

Jesus é o Deus que se despojou voluntariamente de seus atributos divinos para fazer-se temporariamente como qualquer ser humano. Ele é o Verbo que se fez carne, como diz João 1:14. Jesus veio a este mundo na forma humana, como diz Filipenses 2:7, e para isso ele encarnou e foi gerado como uma criança normal no ventre de Maria.

Ao nascer, Jesus foi circuncidado, como todos os meninos judeus, havendo os seus pais oferecido os sacrifícios exigidos pela lei do VT (Lucas 2:24). Ele foi submisso aos seus pais até a sua fase adulta, havendo sido criado em Nazaré, uma cidade da Galiléia, onde exercia o ofício de carpinteiro.

Ao tornar-se adulto, Jesus apresentou-se voluntariamente para o batismo, cuja prática nunca foi mencionada no VT, o que é mais uma prova de que seu ministério era exclusivo e distinto do ministério do VT.

Na ocasião de seu batismo, Jesus foi reconhecido como Filho pelo Pai, que bradando dos céus, disse: Tu és meu Filho; HOJE te gerei (Hebreus 1:5; Mateus 3:17). Isto significa que do ponto de vista

espiritual, o reconhecimento de Jesus como Filho Unigênito por parte do Pai ocorreu na ocasião de seu batismo, onde houve o início de seu ministério neste mundo.

Uma questão que merece ser considerada é: Porque o reconhecimento e a adoção de Jesus como Filho legítimo ocorreu só no batismo? A explicação que eu entendo é a seguinte: No batismo, Jesus iniciou efetivamente o seu ministério entre os homens.

Nessa ocasião do batismo, Jesus teria de optar entre assumir o papel de Messias de JHVH, sendo que nesse caso ele deveria governar um reino terreno e temporal a ser estabelecido na base da força física, ou se tornar o Messias Salvador Universal glorificado e exaltado pelo Pai, em um Reino eterno a ser estabelecido nos céus, cujo alcance estende-se também à terra, e mais especificamente aos corações de homens e mulheres reconciliados com o Pai.

Ao se colocar ao lado do Pai, para anunciar um reino invisível e sem glórias terrenas, Jesus teria de deixar de estar vinculado à JHVH, abrindo mão dos planos que o fariam um Messias com prerrogativas de domínio sobre as nações e os reinos deste mundo.

Isto significa que, antes da decisão de ficar ao lado do Pai e da sua exaltação ocorrida posteriormente à sua ressurreição, Jesus não possuía a glória total e absoluta, nem a supremacia sobre os anjos, pois, ao encarnar como um homem comum, Jesus abriu mão de sua prerrogativas soberanas.

Em Hebreus 2:9 vemos que, ao assumir a forma humana, Jesus foi feito temporariamente um pouco menor que os anjos; porém, depois da ressurreição foi coroado de glória e honra, passando a ter supremacia absoluta sobre todos os anjos e autoridades celestiais. A partir dessa exaltação, Jesus declarou triunfalmente "Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra" (Mateus 28:19).

Portanto, se em um certo período da história, durante os dias de vida neste mundo, Jesus "ofereceu com grande clamor e lágrimas orações e súplicas ao que o podia livrar da morte", como diz Hebreus 5:7, todavia, ele veio a ser constituído a causa da eterna salvação para todos que lhe obedecem, havendo sido designado pelo Pai para ser o sumo-sacerdote vitalício do concerto do NT (Hebreus 7:24 e 8:1 e 2).

A esse respeito, está escrito em Efésios 1:20-22 que Deus manifestou em Cristo a operação da força do seu poder, ao ressuscitá-lo dos mortos e colocá-lo à sua direita nos céus, acima de TODO principado, poder, potestade, domínio ou qualquer título que possa ser dado a alguém, havendo-lhe sujeitado todas as coisas aos seus pés e o constituído como cabeça da Igreja. Esse texto diz que quando Jesus assentou-se à destra do Pai, todas as coisas foram colocadas aos seus pés, havendo sido ele exaltado acima de TODO principado, poder, potestade e domínio, seja no céu ou na terra.

Como homem, Jesus cumpriu os requisitos da lei de JHVH, ainda que não concordasse plenamente com o seu conteúdo, pois visava adquirir autoridade legal sobre ela. Pelo fato de cumprir aqueles requisitos legais, Jesus alcançou autoridade suficiente para declarar aquela lei como "imperfeita" e prescrever seus próprios mandamentos, que incluíam práticas diferentes daquilo que os judeus receberam de JHVH através de Moisés.

A suma do que ocorreu nessa trajetória de Jesus entre o céu e a Terra está resumida em Filipenses 2:5-10, onde é dito que Jesus aniquilou-se a si mesmo de forma voluntária, fazendo-se semelhante aos homens e humilhando-se a si mesmo. Por causa disso, o Pai exaltou-o soberanamente e lhe deu um nome que É SOBRE TODO O NOME, para que diante do nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, na terra e debaixo da terra. Obviamente ao dizer nesse texto que Jesus recebeu um nome ACIMA DE TODO NOME, isso inclui também o nome de JHVH, o que significa que JHVH passou a estar abaixo de Jesus na hierarquia celestial.

Os chamados "Testemunhas de Jeová" tentam diminuir a glória do Filho, identificando JHVH como o Deus Supremo e reconhecendo Jesus apenas como um "ser divino", debaixo da autoridade de JHVH. No entanto, isso não tem apoio real nas Escrituras.

Como vimos em Hebreus 2:9, Jesus foi feito "um pouco menor que os anjos" após a sua encarnação, mas foi glorificado e exaltado soberanamente pelo Pai. Além disso, quando Jesus voltou para a sua glória original, os anjos tiveram de se submeter ao Filho e também adorá-lo, como diz Hebreus 1:6.

Em 1 Pedro 3:22 está escrito que, ao subir de volta ao céu, todos os anjos se sujeitaram a Jesus Cristo, o que significa que a partir daquele momento, todas as autoridades e potências angelicais foram definitivamente despojadas de suas posições privilegiadas, o que também é confirmado em Colossenses 2:15, que diz a respeito de Cristo: "E tendo despojado os principados e potestades, os exibiu publicamente e deles triunfou na mesma cruz".

Com relação à sua exaltação e promoção, Jesus não é como aquele "filhinho de pai rico", que é preguiçoso e negligente, e só é aprovado na escola porque o papai "compra o diploma". Portanto, apesar de seu Pai ser extremamente rico e poderoso, Jesus preferiu percorrer o caminho de sua humanidade sem "atalhos", para que o mérito de sua vitória não fosse creditado à nenhuma condição especial sobre-humana, ou à alguma facilidade especial devido às suas prerrogativas como Deus.

É por isso que em Filipenses 2:9, quando o texto diz: "PELO QUE também Deus o exaltou", isso significa dizer: "POR CAUSA DISSO, Deus o exaltou", ou ainda: "POR CAUSA DO MÉRITO próprio de Jesus, o Pai o exaltou". Esse reconhecimento por parte do Pai valoriza muito mais a vitória de Jesus sobre a natureza humana, a qual ele assumiu na sua encarnação, e enaltece sobremaneira o seu ministério sacerdotal.

Em Hebreus 5:7, vemos a respeito de Jesus que "nos dias de SUA CARNE", ou seja, durante o tempo em que Jesus poderia ter pecado, ele "foi ouvido quanto ao que TEMIA". O que Jesus temia? A única

coisa que Jesus temia era a possibilidade involuntária de pecar, e por causa disso colocar em risco todo o plano de salvação do homem.

A trajetória da história de Jesus, por conseguinte, pode ser resumida da seguinte forma: Ele é o Verbo que estava no princípio com Deus (João 1:1 e 2). Ele é antes de todas as coisas e tudo subsiste por meio dele, como diz Colossenses 1:15-19.

No intuito de proporcionar um meio de salvação para o homem, Jesus assumiu a forma humana, havendo se tornado um pouco menor do que os anjos (Hebreus 2:7 a 9). E assim, o Verbo se fez carne e habitou entre os homens, como diz João 1:14.

Como homem, Jesus poderia ter pecado (Hebreus 5:7), pois em tudo ele foi tentado durante os "dias da sua carne", como diz Hebreus 2:17 e 18, sendo que a natureza humana que ele havia assumido era passível de ser tentada, da mesma forma como qualquer indivíduo neste mundo. Porém, Jesus venceu a natureza carnal, resistindo ao pecado, como diz Hebreus 4:15 "Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, COMO NÓS, em tudo foi tentado, mas sem pecado".

Por causa de sua obediência e sujeição, Jesus foi exaltado soberanamente pelo Pai (Filipenses 2:6-9), e assim, ele foi ressuscitado e recebeu um nome acima de todo nome (Atos 5:30 e 31). No final de seu ministério, Jesus tinha autoridade para dizer: "É-me dado todo o poder no céu e na terra" (Mateus 28:18), o que significa que Jesus foi exaltado e promovido em relação à sua condição temporária de inferioridade em relação ao Pai, quando Jesus se dizia "menor do que o Pai" (João 14:28).

Foi dessa forma que Jesus foi constituído pelo Pai como Senhor e Cristo (Atos 2:36). Em Hebreus 5:9 lemos que, havendo sido consumado, VEIO A SER a causa da eterna salvação para todos os que lhe obedecem. Ora, se ele "veio a ser", fica confirmado que anteriormente Jesus não tinha essa prerrogativa.

Parte V

Análise comparativa dos dualismos

Em tópicos anteriores já abordamos os conceitos das duas criações e dos dois tipos de filiação, que fazem parte de uma análise geral dentro do conceito dualista.

Dando continuidade ao estudo comparativo entre os dualismos no cenário bíblico, passemos a analisar mais alguns aspectos acerca desse contraste, que na Bíblia ficou caracterizado pela oposição do reino das trevas em relação ao reino de luz.

Em João 1:5 lemos que em Jesus estava a vida espiritual e essa vida era a luz para guiar os homens na direção do Reino de Deus. A luz resplandeceu nas trevas, que representam o mundo do desconhecimento e da obscuridade espiritual. Em João 3:19 está escrito que a luz (Jesus) veio ao mundo, mas os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas inclinações eram más.

Quando Jesus disse em João 12:46 “Eu sou a luz que vim ao mundo, para que todo aquele que crê em mim não PERMANEÇA nas trevas”, ele estava dizendo que na sua forma natural o homem está em trevas espirituais.

Quando essa pessoa se deixa iluminar por essa luz, deixa de fazer parte do reino das trevas, como aconteceu com Paulo, quando teve um encontro com Jesus, que lhe disse: Eu sou Jesus, a quem tu persegues; mas levanta-te e põe-te em pé, pois para isto te apareci, para te fazer ministro e testemunha aos gentios, aos quais te envio, para lhes abrir os olhos a fim de que se convertam das TREVAS à LUZ, e do poder de Satanás a Deus (Atos 26:15-18).

De forma análoga, muitos segmentos religiosos e filosóficos adotaram o conceito dualista de forças opostas para explicar a distinção entre o Bem e o Mal no Universo, entre os quais podemos citar os conceitos existentes no Zoroastrismo, Bramanismo e nas doutrinas de Platão.

Princípios dualistas no Universo

O dualismo está presente em tudo o que conhecemos, deixando claro que existe uma antítese para se contrapor a cada realidade neste universo.

Esse princípio é conhecido na filosofia oriental como “ying-yang” e é representado através de um símbolo com um círculo dividido em duas partes por uma linha ondulada, sendo que essas duas partes estão representadas através de cores contrastantes (preto e branco) e parecem estar permanentemente se opondo.

A Bíblia também apresenta o conceito dualístico, porém, diferentemente do conceito oriundo da antiguidade chinesa, onde as duas partes se justapõem para formar harmoniosamente o “universo holístico”, o conceito bíblico pressupõe uma contínua batalha entre contrários opostos, que no caso podem ser a luz contra as trevas, o bem contra o mal, a ação contra a reação, e assim por diante.

Ao falar dessa contínua batalha travada dentro de cada ser humano, Paulo escreveu no capítulo sete da carta aos Romanos sobre o conflito entre a carne e o espírito, onde os instintos inerentes à natureza humana estão constantemente se opondo à razão e ao entendimento, sendo que muitas vezes fazemos algo que conscientemente reprovamos (Romanos 7:19-25), ou então, deixamos de fazer algo que aprovamos, pecando assim por omissão.

O mesmo Paulo também fez lembrar o princípio da dualidade ao usar a alegoria de Sara e Agar, através da qual ele fez a distinção entre os dois concertos: um que gera filhos livres, à semelhança de Sara, e o outro, que gera filhos para escravidão, à semelhança de Agar (Gálatas 4:24-31). Sara era a esposa legítima de Abraão, enquanto que Agar era a sua escrava. Ambas geraram filhos de Abraão, sendo que Isaque era o filho de Sara e Ismael era o filho de Agar.

O fato do concerto do VT estar relacionado com a servidão de Agar e seu filho Ismael significa que o concerto regido pela lei do VT gera filhos para servirem em regime de escravidão, debaixo do jugo implacável dos mandamentos da lei de JHVH. Por outro lado, o fato do concerto do NT estar relacionado com Sara significa que o concerto regido pelos mandamentos de Jesus gera filhos livres, isto é, pessoas que são livres para fazerem suas próprias escolhas, visto que Jesus nunca obrigou ninguém a cumprir seus mandamentos sem voluntariedade.

Embora a teologia cristã tradicional afirme que ambos concertos estão relacionados com Deus em diferentes épocas e em diferentes circunstâncias, as evidências dão a entender que os concertos estão relacionados com pessoas diferentes, sendo que o concerto do VT (ou Velho Concerto) está relacionado com JHVH e seu porta-voz (Moisés), enquanto que o concerto do NT (ou Novo Concerto) está relacionado com o Pai e seu porta-voz (Jesus).

Nos tópicos a seguir, vamos analisar mais alguns exemplos de dualismos dentro do contexto bíblico do VT e NT, entre as quais destacamos dois reinos, dois espíritos, dois concertos, dois testamentos, duas alianças, dois Adões, dois jardins, duas árvores da vida, dois sumo-sacerdotes, duas leis, dois tipos de mandamentos, dois tipos de sacrifícios, dois sacerdócios, dois Sábados, duas circuncisões, duas recompensas, duas heranças, duas promessas, dois Messias, duas Jerusaléns, e duas predestinações.

Dois espíritos - O Espírito Santo só passou a atuar após a glorificação de Jesus

Embora a teologia tradicional cristã não faça distinção entre o espírito que atuava antes da vinda de Jesus e o espírito que passou a atuar depois de sua vinda, as evidências bíblicas dão a entender que se tratavam de espíritos diferentes.

Em João 7:39, Jesus se referiu ao Espírito que haviam de receber todos os que nele cressem, PORQUE O ESPÍRITO SANTO AINDA NÃO FORA DADO, POR JESUS NÃO TER SIDO GLORIFICADO. No entanto, apesar dessa observação ter sido clara, muitos têm dificuldade de compreender o seu significado.

Diante do que está escrito nesse texto, podemos concluir que o espírito que agia no VT era **diferente**, pois o Espírito Santo de Deus só passou a agir de forma efetiva APÓS a glorificação de Jesus, ou seja, após a sua morte e ressurreição.

Portanto, ao afirmar que o Espírito Santo só viria depois que ele fosse glorificado, Jesus estava afirmando que o Espírito Santo do Pai não atuava no tempo do VT. Além disso, Jesus disse também que se ele não partisse, o Espírito Santo não viria (João 16:7). Esses dois textos são categóricos em afirmar que, antes da glorificação de Jesus o Espírito Santo do Pai não atuava entre os homens.

Os que defendem o ponto de vista convencional de um Espírito único no VT e no NT alegam que o Espírito Santo já atuava muito antes da vinda de Jesus. Para eles, o espírito que é mencionado em Gênesis era o Espírito Santo do Pai, porém isso parece ser absurdo! Se aquele espírito do Gênesis fosse realmente procedente do Pai, ele não ficaria simplesmente “pairando sobre a face das águas” (Gênesis 1:2), como que agindo superficialmente à distância, mas estaria interagindo com a criação, restaurando-a e trazendo vida.

Aquela condição de “espírito superficial” pairando sobre as águas e o cenário do mundo imerso em trevas, “sem forma e vazio” como diz Gênesis 1:2, tipifica a condição do homem natural não-regenerado por Deus, o qual permanece neste mundo de forma análoga ao cenário que havia originalmente no Gênesis, do ponto de vista espiritual

Ao falar sobre o novo nascimento, Jesus deu a entender que essa experiência ocorre quando o Espírito Santo de Deus deixa de estar “fora”, ou seja, “na superfície” e passa a habitar “dentro” da nova criatura. A partir dessa regeneração, o indivíduo deixa de ser “sem forma e vazio”, passando a ter o vazio de seu coração preenchido e o propósito de vida redescoberto, mediante a fé.

Portanto, o espírito que agia sobre a criação do Gênesis não é o mesmo Espírito que passou a agir na nova criação a partir do Pentecostes. Por conseguinte, tudo leva a crer que o espírito que agia no VT não é o mesmo que agia no NT.

Em uma certa ocasião, os discípulos pediram a Jesus permissão para invocar fogo do céu a fim de destruir os samaritanos como Elias fez no VT, mas Jesus repreendeu-os dizendo: “VÓS NÃO SABEIS DE QUE ESPÍRITO SOIS, pois o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las” (Lucas 9:55 e 56). Essa declaração de Jesus faz supor que no modelo do VT não havia lugar para o Espírito do verdadeiro Deus.

Um outro exemplo que dá a entender que se tratavam de espíritos diferentes está narrado em Juízes 15:14 e 15, onde diz que o espírito de JHVH encheu Sansão de forma a capacitá-lo para aniquilar seus inimigos filisteus. Ora, se o espírito de JHVH fosse o Espírito Santo de Deus, ele não capacitaria Sansão para EXTERMINAR filisteus, porque a obra do verdadeiro Espírito de Deus é EDIFICAR e não destruir.

Não há dois Espíritos Santos. O Espírito Santo é um só assim como o Deus verdadeiro é um só (Efésios 4:4-6).

O espírito “onipotente” de JHVH capacitava as pessoas apenas com força física, a qual se manifestava de forma violenta e colérica. É por isso que quando Sansão foi cheio do espírito de JHVH, ele despedaçou um leão como se fosse um cabrito (Juízes 13:25 e 14:6). Além disso, após ficar cheio daquele espírito, Sansão matou 30 homens em Ascalom (Juízes 14:19) e depois matou 1000 homens usando apenas a queixada de um jumento (Juízes 15:14 e 15)!

Por outro lado, não há nenhuma referência no VT onde o espírito de JHVH tenha capacitado alguém para o bem, levando essa pessoa a praticar os frutos do Espírito descritos em Gálatas 5:22. Se aquele espírito que atuava no VT fosse realmente de Deus, era de se esperar que ele manifestasse aqueles frutos de Gálatas 5:22, porém isso não ocorreu!

Uma outra evidência de que os espíritos eram diferentes está em 1 Reis 22:17-23 e 2 Crônicas 18:21 e 22, onde o texto diz que JHVH enviava “espíritos de mentira” para enganar as pessoas! Isso nos leva a concluir que não se tratavam de espíritos procedentes do verdadeiro Deus, pois o Pai não tem **vários** espíritos, mas **um só** – o Espírito Santo!

Além disso, o Pai jamais iria se valer de “espíritos de mentira”, pois o Espírito do verdadeiro Deus “conduz à verdade”, como diz João 16:13, e não à mentira. Em 1 João 2:21 temos a confirmação que **NENHUMA** mentira vem da verdade. Em outras palavras, quem fica espalhando “espíritos de mentira” não tem vínculo com a verdade!

Duas recompensas – As recompensas materiais e o “sinal da besta”

Outro exemplo do dualismo existente entre os modelos contrapostos do VT e do NT é no que diz respeito aos valores econômicos e às expectativas de recompensas. Aqui temos também outra clara

diferença entre as atitudes do Pai e de JHVH para com os homens, no que diz respeito às recompensas prometidas respectivamente por cada um deles.

Todas as “recompensas” que o Pai tem para os seus filhos são de caráter eminentemente espiritual. Jesus falou de um lugar preparado nos céus para aqueles que forem considerados dignos (João 14:2).

Por outro lado, todas as “recompensas” que JHVH prometeu para seus SERVOS eram de caráter eminentemente material. JHVH, que é o “dono do ouro e da prata”, como diz Ageu 2:8, recompensou Jó, Abraão, Jacó, José e Salomão com prêmios de ordem estritamente material, entre os quais podemos citar camelos, bois, ovelhas e frutos da terra.

Isso ocorre porque no VT toda a ênfase é para as coisas materiais. Todo o contexto doutrinário do VT está focado exclusivamente para as coisas desta vida presente. Todos os detalhes para a confecção do tabernáculo e do templo envolviam somente coisas aparentes, tais como vestimentas, mobiliário e apetrechos para execução dos rituais prescritos na lei do VT.

De forma oposta, em Hebreus 8:2 lemos a respeito do VERDADEIRO tabernáculo, constituído não por elementos físicos, mas sim, espirituais. Em Hebreus 9:1-5 está escrito que havia um santuário terrestre, com a tenda, o candeeiro, a mesa, com os pães da proposição, o incensário de ouro, a arca do pacto com um vaso de ouro, a qual continha o maná, a vara de Arão, as tábuas do pacto e os querubins da glória que cobriam o propiciatório sobre a arca. No entanto, todos aqueles elementos físicos presentes no ministério sacerdotal do VT não têm o menor sentido, pois aquela religiosidade ultra-formal era só de aparência.

Para exemplificar a maior importância da limpeza interior do copo em relação à sua limpeza exterior (Mateus 23:25), Jesus priorizou aquela que é mais importante. Da mesma forma, ele destacou em Mateus 6:33 a importância de se buscar PRIMEIRO o Reino de Deus em relação às demais coisas, tendo a consciência que todas as nossas necessidades para a vida presente são supridas por Deus, que conhece as nossas limitações e tem cuidado de nós.

É por isso que Jesus foi tão enfático em reprovar a religião de aparências que os fariseus professavam, chamando-os de “sepulcros caiados”, os quais por fora pareciam formosos, mas por dentro estão cheios de ossos e de toda a imundície (Mateus 23:27). Aqueles religiosos fanáticos estavam impregnados dos conceitos materialistas presentes em todo o arcabouço do VT, valorizando o que é aparente, porém ignorando por completo aquilo que diz respeito à vida vindoura.

O caso mais famoso de prosperidade financeira na Bíblia é o de Salomão. JHVH tanto enriqueceu financeiramente ao rei Salomão que, durante toda a sua vida nenhum rei o excedeu em riquezas e prosperidade material (1 Reis 10:23). Porém, essas riquezas não lhe serviram para bem, senão para mal, pois elas estimularam sua sensualidade, levando-o à luxúria, sendo que no final de sua vida Salomão acabou caindo no pecado da idolatria, devido à influência deletéria de suas muitas esposas (1 Reis 11:1).

Em Apocalipse 13:18 existe uma referência ao número “666” como sendo o número da besta. Exceto por esse texto apocalíptico, a única menção na Bíblia sobre o número “666” está em 1 Reis 10:14, onde diz que o peso do ouro recebido anualmente por Salomão era de seiscentos e sessenta e seis talentos.

Ao associarmos o número da besta com a marca do rei Salomão, procurando identificar quais são as origens de suas marcas na mão direita e na testa descritas em Apocalipse 13:16, poderíamos relacionar a “marca na mão direita” com o PODER ECONÔMICO e a “marca na testa” com a CIÊNCIA E CULTURA, os quais Salomão recebeu com abundância de JHVH (1 Reis 3:12 e 13).

A “doutrina da prosperidade”, tão comum no meio evangélico da atualidade, foi inspirada no modelo concebido por JHVH no contexto do VT, pois todos aqueles que eram fiéis a JHVH, eram abençoados por ele através de prosperidade material, na forma de bens, dinheiro, propriedades, rebanhos, ou prole.

Essa doutrina induz os cristãos a buscarem obstinadamente as riquezas e os bens materiais, pois, baseados em Ageu 2:8, onde se afirma que Deus é o “dono do ouro e da prata”, eles ficam na expectativa de que Ele irá abençoá-los através desse tipo de benção!

Dentro desse tipo de raciocínio, o cristão que não está conseguindo prosperidade material, está debaixo de maldição. Assim, as pessoas são levadas a buscar obstinadamente o sucesso financeiro, a fim de se enquadrarem no perfil de uma pessoa “abençoada por Deus”.

Porém, ao contrário do que pregam os defensores dessa teoria, Jesus disse que a busca obsessiva dos bens materiais é própria dos incrédulos (Mateus 6:32). Ele disse em Mateus 6:34... “Não vos inquieteis pelo dia de amanhã”, o que significa que Jesus enfatizou o desapego e o desprendimento em relação aos bens materiais.

Jesus disse que as bênçãos necessárias e suficientes para os seres humanos seriam acrescentadas naturalmente aos que cressem (Mateus 6:33), sem necessidade de que os homens buscassem obstinadamente a prosperidade material. Porém, hoje vemos o contrário, isto é, ao invés de deixarem que as bênçãos venham naturalmente sobre eles, muitos cristãos vão atrás das bênçãos, onde quer que elas se encontrem.

Na parábola do semeador, Jesus disse que a excessiva preocupação com as coisas deste mundo e a sedução das riquezas, podem sufocar o crescimento da semente do Evangelho, que fora transmitida através da palavra pregada (Mateus 13:22).

Também a promessa territorial prometida por JHVH, que era conhecida como “Terra de Canaã”, foi o maior engodo que podia acontecer para os descendentes de Abraão. Aquele sim foi o chamado “conto da carochinha”. Na “terra que manava leite e mel” o povo de Israel sofreu durante séculos para conquistar um

pequeno território, que nunca chegou a ser totalmente seu. Cada metro quadrado de Canaã significou muito sangue derramado, tanto da parte dos judeus como dos estrangeiros.

Israel só recebeu seu pequeno território, graças a uma deliberação da ONU em 1948, e somente após essa concessão, iniciou-se o processo de retorno dos judeus que estavam espalhados pelo mundo devido à "Diáspora".

Jesus falou sobre uma "morada nos céus" e sobre o "paraíso celestial", mas nunca falou nem prometeu nada acerca de "paraíso terreno" ou "Terra prometida", o que prova que as expectativas criadas respectivamente por Jesus e por JHVH com relação à vida futura são diferentes.

Em Filipenses 3:20 e 21, Paulo diz: "a nossa cidade está nos céus". Portanto, no NT não foi feita nenhuma referência à futuros "paraísos terrenos".

Se houvesse herança na terra, Jesus recomendaria que acumulássemos tesouros neste mundo, a fim de poder desfrutar deles no futuro. No entanto, ele disse: "Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem e onde os ladrões espreitam e roubam, mas ajuntai tesouros no céu" (Mateus 6:19).

Além disso, Jesus disse que seu reino NÃO É DESTE MUNDO (João 18:36). Poderíamos dizer mais: não é, e tudo indica que nem nunca será deste mundo. Isso significa que Jesus jamais vai voltar para governar um mundo de coisas corruptíveis e efêmeras, cheio de egoísmo, traições, prostituição, avareza, insetos, traças, ferrugem, peçonhas, bactérias, vírus, AIDS, câncer, etc...

Em 1 João 2:15 e 16, o apóstolo disse: "Não ameis o mundo nem o que no mundo há... o mundo PASSA e toda a sua concupiscência". Com isso, João deixou claro que este mundo é perecível e ninguém deverá alimentar esperanças de viver num paraíso terrestre de forma confortável e sossegada durante toda a eternidade futura.

Portanto, aquelas ilustrações "bucólicas" freqüentes nas publicações da Sociedade Torre de Vigia (órgão oficial de publicações dos "Testemunhas de Jeová"), com leões mansinhos pastando junto às ovelhinhas em cenários com aparência de paz e tranquilidade, não têm qualquer respaldo nos ensinamentos de Jesus, além de não serem suficientemente convincentes para pessoas com um mínimo de bom senso.

Isso significa que aquelas profecias do VT acerca de um "paraíso terrestre" vindouro jamais vão se cumprir, pois através do ministério de Jesus Cristo houve uma mudança completa no curso da história da humanidade.

Dois Messias – um exclusivo de Israel e o outro de todos os povos

Ainda dentro da análise dos dualismos bíblicos, temos na distinção entre dois Messias mais um exemplo de contraste entre os modelos do VT e do NT.

O nome Jesus Cristo significa originalmente "Salvador Ungido", sendo que a palavra hebraica correspondente a "Cristo" é Messias, a qual também tem o significado de "Ungido".

O papel do Messias é de salvar e libertar o povo. Em 1 João 4:14 essa missão está bem clara nas palavras do apóstolo... "E vimos e testificamos que o Pai enviou seu Filho como SALVADOR DO MUNDO".

O Messias "salvador" que estava nos planos de JHVH deveria apenas trazer "salvação" em termos de libertação política ao povo de Israel. Esse Messias deveria reinar com "vara de ferro" e as nações deveriam se prostrar ajoelhadas em "escabelos" (genuflexórios) diante dele, como diz o Salmo 2:9.

O plano de JHVH era fazer com que todas as nações se submetessem ao seu Messias, para que assim ele próprio também fosse glorificado. No entanto, a submissão daquelas pessoas não seria voluntária, mas sim pela força, como tudo que ocorre no reino de JHVH. A "vara de ferro" da proposta de JHVH contrastava profundamente com o "jugo suave" mencionado por Jesus em Mateus 11:30.

JHVH pretendia que a sua lei fosse estabelecida "na marra", o que incluiria a prática da circuncisão, a guarda do Sábado, o apedrejamento dos desobedientes e tudo o mais que a lei do VT prescrevia. Dentro dessa perspectiva, o povo de Israel herdaria os frutos da terra, enquanto que estrangeiros (gentios) de todas as demais nações seriam os seus serviços, cuidando de seus bens, como diz Isaias 61:5 e 6.

Porém, a ação restauradora de Jesus visa sobretudo a libertação das almas das criaturas. Por isso mesmo, alguns discípulos tiveram dificuldades para compreenderem os propósitos do Mestre e estranhavam quando ele não reagia fisicamente aos opositores (Atos 1:6). Jesus nunca se enquadrava dentro da perspectiva profética do Messias do VT, pois não tinha planos bélicos para estabelecer seu Reino através da força física.

JHVH pretendia fazer de Jesus um príncipe guerreiro como Davi para conquistar o mundo (1 Samuel 2:10; Salmo 2:2-8), ainda que isso implicasse no derramamento do sangue de milhões de criaturas inocentes. Por preencher todos os requisitos morais e étnicos do padrão da lei do VT, Jesus figurava nos planos de JHVH não na qualidade de um "filho", mas como um príncipe (Daniel 9:25), o qual deveria administrar o reino terreno sob a regência tirânica de JHVH.

Isso aconteceu durante o período em que Jesus teria de fazer sua própria escolha, optando entre o caminho fácil de glória terrena proposto por JHVH e o caminho da renúncia e da humildade proposto pelo Pai (Isaias 7:14-15). No caminho proposto por JHVH, Jesus não precisaria fazer nada; apenas permaneceria assentado à direita de JHVH, até que ele pusesse os seus "inimigos" aos seus pés, como diz o Salmo 110:1.

Contudo, Jesus não estava interessado na conquista da glória terrena e por isso rejeitou a vinculação à JHVH, para ser adotado pelo Pai na qualidade de Filho legítimo. Por sua vez, o Pai reconheceu-

o como Filho e o honrou sobremaneira, colocando-o acima de toda autoridade no céu e na terra, como vemos em Hebreus 1:5-6 e Filipenses 2:9-10.

Diante da inviabilidade desses utópicos eventos futuros virem a ocorrer, a cena hipotética de muitas nações e reis deste mundo se rendendo submissas e resignadas diante do "Messias" de JHVH (que é muito mencionada em vários cânticos evangélicos) nunca deverá se cumprir, pois Jesus jamais teve intenção de um "Messias" exclusivo para Israel, mas sim um Messias Universal.

Quanto ao fato das profecias "messiânicas" descreverem detalhes do sofrimento do Messias, que em certo momento da história se cumpriram com precisão, isto é mais uma evidência da autenticidade da Bíblia. No entanto, no que diz respeito à fidelidade dos registros históricos e proféticos, deve-se levar em consideração que os profetas do VT nem sabiam exatamente o que estavam profetizando.

Dois pães - o pão dos anjos e o pão de Jesus

Os dois tipos de pães que a Bíblia nos apresenta são mais um exemplo do dualismo que existe entre o VT e NT, sendo que o próprio Jesus fez a distinção entre os dois tipos de pães ao dizer: "Quem de mim se alimenta também viverá por mim. Este é o pão que desceu do céu; NÃO É O CASO DE VOSSOS PAIS, QUE COMERAM O MANÁ E MORRERAM" (João 6:58).

O texto na versão da Bíblia de Jerusalém deixa claro no Salmo 78:25 que aquele "maná" que alimentou o povo no deserto foi providenciado por anjos, pois diz: "Cada um comeu o PÃO DOS ANJOS; ele lhes mandou comida com abundância". Isto significa que no deserto, JHVH mandou o seu perecível pão através da instrumentalidade de anjos, o qual alimentou fisicamente o povo de Israel, mas o Pai enviou Jesus, o verdadeiro pão do céu, que alimenta a alma de todo aquele que nele crê.

Ao comentar sobre essa diferença entre o pão vivo e o "pão dos anjos", Jesus disse aos judeus: "Não é Moisés que vos dá o verdadeiro pão do céu. Vossos pais comeram o Maná no deserto mas eles pereceram. Mas aqui está o pão que veio do céu e aquele que dele comer não perecerá. Eu sou o pão vivo que veio do céu. Se alguém comer deste pão viverá para sempre. Este pão é a minha carne, a qual eu darei para a VIDA DE TODOS OS QUE CRÊEM, em todo o mundo" (João 6:32; 49-51).

O pão de JHVH, que era chamado "Maná" embolorava e cheirava mal, como diz Êxodo 16:20, revelando o caráter de sua perecibilidade, como qualquer pão comum feito numa padaria deste mundo, mas o pão que Jesus oferece alimenta espiritualmente a alma de todo aquele que nele crê.

Da mesma forma como ocorreu com o Maná do deserto, todo o conteúdo religioso do VT com a sua roupagem de aparências tornou-se perecível e obsoleto, como diz Hebreus 7:18, enquanto que os princípios do Evangelho de Jesus permanecem para a posteridade.

Dois circuncisões – a circuncisão da carne e a circuncisão espiritual

Outro exemplo de dualismo na Bíblia está na distinção entre a circuncisão praticada no VT (circuncisão da carne) e a circuncisão praticada no NT (circuncisão do coração), como diz Paulo em Colossenses 2:11.

O texto de Gênesis 17:10-14 revela o quanto JHVH valoriza a circuncisão da carne, feita na base da extirpação do prepúcio do órgão genital dos machos. A circuncisão da carne simbolizava a identificação dos homens com JHVH, como se fosse um selo de propriedade. Até mesmo os escravos dos hebreus deveriam ser circuncidados, conforme a exigência de JHVH em sua lei, prescrita em Gênesis 17:12.

Isso significa que a circuncisão do VT era uma prática totalmente INVOLUNTÁRIA. Tratava-se de um capricho de JHVH, totalmente destituído de coerência e sem valor autêntico. Todos os machos eram obrigados a serem circuncidados, contra a sua própria vontade ou não, sendo bons ou maus, idólatras ou não, o que é frontalmente contrário aos princípios ensinados por Jesus, em que a prática de qualquer coisa para agradar a Deus tem de ser VOLUNTÁRIA para ter valor.

A circuncisão determinada por JHVH deveria ocorrer no oitavo dia após o nascimento da criança (Gênesis 17:2), o que tira toda a voluntariedade daquele que a ela se submete, pois nessas circunstâncias a criança não tem consciência. Seu valor é nulo, tal qual o batismo de bebês, em que não há nenhuma disposição espontânea nem consciência da criança que o recebe.

A prática da circuncisão ensinada por JHVH era tão banal em termos de conteúdo, que acabou virando "moeda de troca" como dote, que foi o caso de Davi, o qual trouxe 100 prepúcios de filisteus ao rei Saul para adquirir o direito de desposar sua filha Mical (2 Samuel 3:14).

Um outro exemplo é o de Moisés. O motivo que levou JHVH a se irar contra Moisés, a ponto de pretender matá-lo em certa ocasião, foi que Moisés relutou em circuncidar seu filho Gerson, contrariando assim a determinação de JHVH em Gênesis 17:10-14. Zípora, esposa de Moisés, inicialmente se opunha à circuncisão de seu filho, mas depois que Moisés lhe disse que JHVH estava ameaçando a sua vida por causa da desobediência, tratou de cortar ela própria o prepúcio de seu filho sem anestesia e lançou-o aos pés de Moisés, destacando o fato de que seu marido estava servindo um "deus sanguinário" (Êxodo 4:25). Só então a ira de JHVH se aplacou contra Moisés, deixando-o ir sem molestá-lo, como diz Êxodo 4:26.

Esse episódio mostra o quanto JHVH valorizava a circuncisão da carne, o que, contudo, para Paulo, apóstolo do NT, nada significava, pois ele disse: "Em Cristo Jesus nem a circuncisão nem a incircuncisão tem virtude alguma, mas sim o ser NOVA CRIATURA" (Gálatas 6:15).

Quando digo que a circuncisão nos moldes da lei do VT não é válida, não estou deixando de reconhecer os benefícios da circuncisão em termos médicos de saúde e higiene. O que estou salientando é que a circuncisão, para efeito de beneficiar alguém em termos espirituais é nulo. Isso é o que Paulo deixou claro em 1 Coríntios 7:17 e 18.

Aliás, se houvesse algum benefício pela circuncisão prescrita na lei de JHVH em termos espirituais, esse mandamento seria no mínimo discriminatório, pois as mulheres seriam impedidas de serem beneficiadas através da sua prática.

Em Colossenses 2:11 e 12, Paulo explicou qual é a verdadeira circuncisão que agrada ao Pai, ou seja, a circuncisão sobrenatural de Cristo, através do despojamento da maldade do coração, o que ocorre espiritualmente no batismo. Assim relacionou ele o batismo com a circuncisão: “No qual também fostes circuncidados com a circuncisão não feita por mãos no despojar do corpo da carne, a saber, a circuncisão de Cristo; tendo sido sepultados com ele no batismo”.

Dois tipos de mandamentos – mandamentos de Javé e mandamentos de Jesus

Outro exemplo incontestável do dualismo que existe nas páginas da Bíblia consiste na distinção entre os mandamento de Jesus e os mandamentos de JHVH.

Moisés dizia da parte de JHVH: “olho-por-olho, dente-por-dente” (Êxodo 21:24). Jesus citou esse mandamento, mas replicou-o dizendo: “ouvistes o que foi dito... EU PORÉM VOS DIGO, não resistais ao mal” (Mateus 5:38 e 39). Portanto, além de Jesus não confirmar o que Moisés disse, ele ainda deu um mandamento DIFERENTE.

Portanto, ao invés do revide e da vingança admitidos na lei de JHVH, Jesus ensinou que não devemos nivelar nossas reações pelo mesmo padrão que fomos afrontados fisicamente. Pelo contrário, sugeriu-nos metaforicamente que quando nos batessem na face direita, oferecêsemos a outra face. Disse também que se alguém nos pedir para andar com ele uma milha, deveríamos nos prontificar a andar com ele uma segunda milha (Mateus 5:39-41).

Da mesma forma, Jesus citou outros mandamentos da lei de JHVH, porém, replicava sempre com a expressão “EU PORÉM VOS DIGO”. Ao expressar-se dessa maneira, Jesus obviamente estava dizendo que seus mandamentos eram personalizados e que não tinha vínculos com aquela lei cheia de incoerências e contradições.

No VT encontra-se registrada com detalhes a lei de JHVH, especialmente nos livros de Êxodo e Deuteronômio. No tempo de Jesus, os judeus ortodoxos obedeciam rigorosamente os preceitos da lei de JHVH, que consistiam em abluções, rituais, cerimoniais e práticas punitivas. Jesus destacou o aspecto religioso da lei de JHVH, que focalizava muito o aspecto formal e exterior, mas era omissa no que diz respeito aos valores espirituais do íntimo dos indivíduos. Em Filipenses 3:5, Paulo considerou como “refugo” toda a bagagem legalista que ele carregava quando ainda estava apegado aos preceitos de religiosidade exterior da lei de JHVH.

Paulo estava tão cego devido aos ensinamentos que os mestres da lei do VT lhe deram, que ele consentiu na morte bárbara por apedrejamento de Estevão, por ter sido considerado um herege. Ele guardou coniventemente as vestes de Estevão, enquanto aquele homem era cruelmente apedrejado, com o aval absurdo da lei de JHVH, que prescrevia a pena por apedrejamento para vários tipos de transgressões (Atos 7:58-60).

Certa vez, os fariseus reprovaram os discípulos de Jesus porque comiam sem lavar as mãos, mas Jesus desmascarou a hipocrisia deles, pois se preocupavam com “preceitos de homens”, enquanto que se omitiam de coisas muito mais importantes que envolvem a moral e a ética, seja no relacionamento com Deus ou com os semelhantes (Mateus 15:2-11). Até mesmo os discípulos estavam contaminados com aquela religiosidade exterior, e por causa disso Jesus teve de lhes explicar a diferença entre o formalismo inócuo e o que é verdadeiramente importante, dizendo: “Do coração procedem os maus pensamentos, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias. São estas as coisas que contaminam o homem; mas o comer sem lavar as mãos, isso não o contamina” (Mateus 15:19 e 20).

Em Hebreus 9:8-12 é feita uma comparação das diferenças entre o modelo legalista formal do VT e o modelo eficaz baseado nos princípios ensinados por Jesus: “O caminho do santuário não está descoberto enquanto subsiste a primeira tenda; é uma parábola para o tempo presente, conforme a qual se oferecem tando dons como sacrifícios que, quanto à consciência, não podem aperfeiçoar aquele que presta o culto; aplicando-se somente no tocante a comidas, e bebidas, e várias abluções, que são ORDENANÇAS DA CARNE, impostas até um tempo de REFORMA. Mas Cristo, tendo vindo como sumo sacerdote dos bens já realizados por meio do maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, NÃO DESTA CRIAÇÃO, e não pelo sangue de bodes e novilhos, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez por todas no santo lugar, havendo obtido uma eterna redenção”.

Duas glórias – a glória transitória e a glória eterna

Na distinção entre a glória transitória, que caracterizou o ministério do VT e a glória eterna, que caracteriza o ministério do NT, temos mais uma diferença na questão do dualismo que envolve a realidade bíblica.

Quando Moisés viu a glória de JHVH, o seu rosto passou a brilhar. Todo o povo viu que a pele do rosto de Moisés resplandecia quando Moisés desceu do Monte Sinai, e ali o povo contemplou a “glória de JHVH” através do brilho no rosto de Moisés (Êxodo 34:30). No entanto, Moisés percebeu que com o passar do tempo aquele brilho ia se desvanecendo. Com receio de que o povo visse que seu rosto não estava mais resplandecente, Moisés cobriu a sua face com um véu, como diz Êxodo 34:29-35.

O brilho representava a glória de JHVH no rosto de Moisés. O brilho se desvanecia porque a glória de JHVH é transitória e só durava por um período.

A esse respeito, lemos assim na versão NVI de 2 Coríntios 3:7 e 8: “O ministério que trouxe a morte foi gravado com letras em pedras; mas esse ministério veio com tal glória que os israelitas não podiam fixar os olhos na face de Moisés, por causa do resplendor do seu rosto, ainda que desvanescente. Não será o ministério do Espírito muito mais glorioso?”.

E ainda nos versículos 13 a 16, lemos: “Não somos como Moisés, que colocava um véu sobre a face, para que os israelitas não contemplassem o resplendor que se desvanecia. Na verdade, a mente deles é que se fechou, pois o mesmo véu permanece quando é lida a antiga aliança. Não foi retirado porque É SOMENTE EM CRISTO QUE ELE É REMOVIDO. De fato, até o dia de hoje, quando Moisés é lido, um véu cobre os seus corações. Mas quando alguém se converte ao Senhor O VÉU É RETIRADO”.

O véu que ocultava aquela glória transitória, a qual se desvanecia no rosto de Moisés, também representa a cegueira espiritual que impede as pessoas de enxergarem a realidade do Reino de Deus. É por isso que esse texto diz que quando alguém se converte à Deus, o véu da cegueira espiritual é removido.

A respeito dessa glória passageira de JHVH, temos mais um exemplo na dedicação do templo, onde o texto de 1 Reis 8:11 diz que os sacerdotes nem podiam permanecer de pé, tal era o esplendor da glória que JHVH manifestou através de uma nuvem, a qual encheu todo o santuário do templo edificado por Salomão. Porém, todo aquele esplendor era extremamente fugaz, pois passando aquela nuvem, a glória de JHVH desaparecia como se fosse uma fumaça.

Quando os discípulos enalteciam a “glória” arquitetônica desse mesmo templo, Jesus disse profeticamente que não permaneceria pedra sobre pedra daquela gigantesca construção (Lucas 21:5 e 6). Ele se referia à destruição do templo que aconteceria no ano 70 DC, por parte dos romanos chefiados por Tito e Vespasiano.

Isto significa que toda a glória de JHVH é passageira, porque ela é terrena e exterior. Essa glória foi entregue a Satanás, pois ele disse a Jesus no deserto: Se me adorares, dar-te-ei toda a autoridade e glória destes reinos, porque me foi entregue, e a dou a quem eu quiser (Lucas 4:6). Mas Jesus rejeitou a proposta de Satanás, pois não estava interessado na glória efêmera deste mundo.

No entanto, a glória do Pai é eterna e Ele quer reparti-la com seus filhos, porém não de uma forma efêmera e ilusória.

Ainda nessa questão de glória, vemos uma certa morbidez no caráter de JHVH, pois ele afirmou de forma sádica que foi GLORIFICADO enquanto os egípcios eram afogados no Mar Vermelho (Êxodo 14:4-18), ou quando a cidade de Jericó foi tomada e milhares de vidas foram destruídas! Ser glorificado através da desgraça e destruição de seres humanos jamais pode credenciar alguém que alega ser o Deus único e verdadeiro. Pelo contrário, isso revela um sadismo insano, com requintes de perversidade!

Dois sacerdócios – um sacerdócio ineficaz e um sacerdócio eficaz

Existem dois sacerdócios vitalícios na Bíblia. Melquisedeque é o sumo-sacerdote vitalício do Velho Concerto (VT), enquanto que Jesus é o sumo-sacerdote vitalício do Novo Concerto (NT).

Em Hebreus 7:3, está escrito que Melquisedeque permanece sacerdote PARA SEMPRE. Baseados nessa passagem, muitos associam Melquisedeque a Jesus, afirmando que a aparição de Melquisedeque no VT era a assim chamada “Parousia”, mas existem algumas contradições que inviabilizam essa identificação.

Melquisedeque era rei de Salém (que também é Jerusalém), e aqui também temos um dualismo, pois existem duas Jerusaléns, como diz Paulo em Gálatas 4:25 e 26. Melquisedeque era rei da Jerusalém de baixo enquanto que Jesus é rei da Jerusalém de cima.

Se Melquisedeque fosse rei da Jerusalém de cima, não aprovaria a matança dos reis nem abençoaria Abraão por ter cometido aqueles assassinatos narrados em Gênesis 14:19 e 20. Além disso, se Jesus fosse Melquisedeque, ele jamais receberia o dízimo de um despojo que teve o preço de sangue daqueles reis. Durante seu ministério na Terra, Jesus sempre reprovou toda a espécie de violência e belicosidade, ao contrário de Melquisedeque, que não teve qualquer escrúpulo para tomar uma parte do fruto do saque (Hebreus 7:4).

Quanto ao aspecto sacerdotal, lemos em Hebreus 7:11-12 assim: “Se a perfeição fosse pelo sacerdócio levítico (pois debaixo dele o povo recebeu a lei), que necessidade haveria que OUTRO SACERDOTE se levantasse segundo a ordem de Melquisedeque e não fosse chamado segundo a ordem de Aarão? Pois o sacerdócio sendo mudado, também é necessária a mudança da lei”.

Esse texto deixa claro que Melquisedeque foi o sumo-sacerdote de um sacerdócio imperfeito, que no caso se aplica ao Velho Concerto do VT. A imperfeição está no fato de que houve necessidade de ser estabelecido um novo sacerdócio perfeito e eficaz.

O sacerdócio do VT foi mudado por um outro, perfeito, eterno e eficaz, cujo sumo-sacerdote é Jesus Cristo, o Filho de Deus, e por isso Hebreus 7:12 diz que houve MUDANÇA DE SACERDÓCIO.

Melquisedeque estava incapacitado de prover salvação e redenção para quem quer que fosse, pois seu ministério era imperfeito e semelhante aos dos sacerdotes do VT, que tinham que estar continuamente oferecendo sacrifícios por si mesmos e pelo povo.

Por sua vez, o sacerdócio de Cristo foi feito UMA ÚNICA VEZ, mas tem um alcance universal e eterno. Portanto, o ofício sacerdotal iniciado por Melquisedeque não teve êxito e teve de ser substituído pelo sacerdócio de Jesus (Hebreus 7:11), o que significa que aquele sacerdócio do VT deu lugar ao do NT de forma definitiva.

Em outras palavras, o primeiro concerto se tornou repreensível e por isso foi rejeitado, havendo sido ABOLIDO por Cristo, como diz 2 Coríntios 3:16. De forma oposta, o novo concerto foi aprovado, exaltado e glorificado, e por isso é chamado em Hebreus 7:22 de "um MELHOR concerto".

O sacerdócio de Melquisedeque, assim como o sacerdócio levítico, foram temporários e exercidos através de ministrações contínuas, com o sacrifício de animais e oferendas de alimentos (Hebreus 7:28), enquanto que o sacerdócio de Cristo é perfeito, eterno e único, efetuado às custas de seu próprio sangue, como diz Hebreus 9:24 e 25.

O sacerdócio de Melquisedeque permanece para sempre com a mesma **ineficácia**, da mesma forma como o sacerdócio de Jesus permanece para sempre com a mesma **eficácia**. É por isso que Hebreus 5:7-9 diz que após a ressurreição, Jesus foi constituído "autor de uma eterna salvação".

Isso significa que o sacerdócio do VT, com os seus sacrifícios de animais e preceitos meramente religiosos baseados nos mandamentos de JHVH tornou-se totalmente ineficaz e obsoleto, e por isso foi anulado, como diz Hebreus 7:18.

De forma contrária, o sacerdócio do NT, através do sacrifício único de Jesus conforme a orientação e o respaldo do Pai, vale para todo o sempre com a mesma eficácia, como diz Hebreus 9:11-15: "Cristo, tendo vindo como SUMO SACERDOTE dos bens já realizados, por meio do maior e mais perfeito tabernáculo (não feito por mãos, isto é, NÃO DESTA CRIAÇÃO), e não pelo sangue de bodes e novilhos, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez por todas no santo lugar, havendo obtido uma ETERNA REDENÇÃO. Porque, se a aspersão do sangue de bodes e de touros, e das cinzas duma novilha santificava os contaminados quanto à purificação da carne, quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará das obras mortas a vossa consciência, para servirdes ao Deus vivo? E por isso é MEDIADOR DE UM NOVO PACTO, para que, intervindo a morte para remissão das transgressões cometidas debaixo do primeiro pacto, os chamados recebam a promessa da herança ETERNA".

Parte VI

Complementos às questões teológicas - Questões que normalmente são formuladas

Considerando que o tema tratado neste livro é polêmico e controverso, selecionei a seguir as perguntas mais comuns feitas por aqueles que já tomaram conhecimento do conteúdo deste trabalho, no intuito de defender os conceitos aqui apresentados. Para cada uma dessas questões, procurei dar a resposta na forma mais objetiva e clara possível, a fim de trazer mais subsídios para o conteúdo teológico desta obra.

- O nome de Jesus está associado a Javé?

Algumas pessoas tentam associar Jesus à JHVH (Javé), alegando que o nome "Jesus" significa no original hebraico "JHVH é salvação" ou ainda "Salvação de JHVH". No entanto, alguns dicionários bíblicos esclarecem o fato, mostrando que o nome Jesus (IESHUA) quer dizer simplesmente "Salvador", sem relacionar essa salvação à JHVH.

Conforme alguns intérpretes da língua hebraica, o nome que significa "JHVH é salvação" é JESUA, ou JOSUA, o qual é próprio de várias pessoas no VT, conforme mencionadas em 1 Crônicas 24:11; 2 Crônicas 31:15; Esdras 2:2 e 6; Neemias 3:19, 10:9 e 12:24.

- Na cruz Jesus não se dirigia a Javé, quando dizia: "Eli, Eli... lama sabactani?"

Na cruz, pouco antes de sua morte, Jesus exclamou: Eli, Eli... lama sabactani, que significa "deus meu, deus meu, porque me desamparaste?", como lemos em Mateus 27:46.

Baseados nessa passagem bíblica, os questionadores do caráter de Deus costumam dizer que o Pai "abandonou" Jesus no momento mais difícil de sua jornada, o que descaracterizaria Deus como o Pai misericordioso, que jamais desampara seus filhos em seus momentos de dificuldades. Além disso, essa interpretação daria suporte teológico aos que identificam JHVH com Deus, pois Jesus exclamou naquele momento "deus meu, deus meu...".

No entanto, diante de uma análise mais profunda, podemos observar que Jesus não estava se dirigindo ao Pai e sim a JHVH, pois o Pai sempre se mostra fiel e presente nos momentos de dificuldades de seus filhos. Se o Pai tivesse abandonado o seu próprio Filho ali naquela cruz, como afirmam muitos teólogos cristãos, ele estaria indo contra todos os princípios de solidariedade e fidelidade que lhe são peculiares.

Na minha ótica, o que ocorreu naquela ocasião foi que, na qualidade de um nativo judeu, Jesus se dirigiu de forma irônica ao "deus do povo de Israel" (Atos 13:17), sabendo de antemão que JHVH não iria livrá-lo naquela hora. A pergunta que cabe então nesse contexto é: Porque JHVH teria repentinamente "abandonado" Jesus?

Em minha opinião, JHVH ficou muito desapontado e zangado porque Jesus optou por ficar ao lado de Deus Pai, rejeitando a proposta de JHVH para se tornar um Messias guerreiro no reino terrestre e tirânico, em que JHVH governaria as nações deste mundo despoticamente e Jesus seria o seu "testa-de-ferro" (Salmos 47:3). Ainda dentro de meu ponto de vista pessoal, creio que JHVH desconhecia a ação final no plano do Pai, que pretendia ressuscitar o Filho e exaltá-lo como Senhor absoluto.

JHVH debilitou o Jesus humano, permitindo que seu corpo físico fosse dilacerado pelas mãos dos homens, como estava profetizado em Isaías 53:6, mas o Pai ressuscitou-o dos mortos de forma gloriosa e sobrenatural (Atos 2:24; 3:15; 4:10...).

É por isso que a MORTE de Cristo não salva ninguém, mas a sua RESSURREIÇÃO é motivo de justificação para todos os que crêem (Romanos 4:25). Há muitos cristãos enfatizando a paixão e morte de Jesus Cristo, mas o fato glorioso que o diferencia de um mártir comum foi a sua ressurreição. Portanto, o crucifixo com o Cristo morto pregado no madeiro não é a melhor representação simbólica do cristianismo, e sim o sepulcro vazio, que prova que ele foi vitorioso sobre a morte.

Além disso, a palavra "Ei" utilizada por Jesus na expressão "Eloi", significa em hebraico "deus", porém esse "deus" seria uma forma genérica, não necessariamente se tratando do Deus absoluto e verdadeiro. Por sua vez, a expressão completa "Eloi" ou "Eí" significa "deus meu", ou, mais apropriadamente "deus do meu povo".

No entanto, SEMPRE que Jesus se dirigia ao Pai, ele dizia: "ABBA", que significa "pai" (Marcos 14:36). Se Jesus estivesse se dirigindo ao Pai naquela ocasião, ele deveria afirmar "ABBAÍ", ou seja, "meu Pai", e não "ELOÍ", ou seja "meu Deus". Portanto, isso é mais uma prova que naquela ocasião, Jesus se dirigia à JHVH, e não ao Pai.

- Porque é que no início da Igreja os primeiros cristãos se referiam à Javé, como se fosse o próprio Deus Pai?

Ao longo da história da Igreja, os discípulos foram aprendendo gradativamente a conhecer melhor a Deus. A prova disso é que o mesmo Pedro que em Atos 4 se referiu à JHVH do Salmo 2, como se ele fosse o Deus verdadeiro, teve posteriormente uma experiência descrita em Atos 10:9-36, em que Deus lhe revelou através de uma visão que Ele não fazia acepção (discriminação) de pessoas.

Isso significa que Pedro não tinha a concepção correta de Deus antes da visão, pois associava-o com JHVH, que é preconceituoso e fazia discriminação de pessoas através de raça, sexo e defeitos físicos. Após aquela visão, a concepção de Pedro à respeito do verdadeiro Deus com certeza mudou, como ele mesmo admitiu, quando se defendeu por ter admitido o ingresso do centurião Cornélio na primitiva comunidade cristã (Atos 11:3-17).

Portanto, assim como houve uma evolução de conceitos durante o aprendizado que tiveram com Jesus, os discípulos evoluíram ao longo do tempo no conhecimento de Deus, deixando aos poucos os vínculos com o VT e as suas peculiares ordenanças tais como circuncisão, proibições de certos alimentos e guarda do sétimo dia.

É por isso que no início do livro de Atos há mais referências ao “deus” do VT, em comparação com os seus capítulos finais. Com o passar do tempo, o Espírito Santo foi gradativamente revelando a verdadeira essência do caráter de Deus, culminando com o Evangelho de João, que foi um dos últimos livros a serem escritos (por volta do ano 90 DC), e revela conceitos inéditos a respeito da relação entre o Filho e o Pai, que excedem todos os demais Evangelhos.

Na assembléia em Jerusalém descrita em Atos capítulo 15, muitos dos conceitos absurdos do VT foram revistos e abolidos. Isso não significa que Pedro e os apóstolos estavam “ensinando errado” no início de seus ministérios. Trata-se sim do fato que o livro de Atos é um livro histórico, que registrou fielmente os detalhes do que foi dito e pregado pelos discípulos e apóstolos segundo uma ordem cronológica, desde a partida de Jesus até os primeiros anos da história da Igreja. Isso revela autenticidade e não manipulação, como certos livros tendenciosos de algumas religiões, que ocultam certos fatos que podem gerar questionamentos.

Que os discípulos evoluíram o conhecimento a respeito do caráter e natureza de Deus ao longo dos anos, não há a menor dúvida, pois se Pedro estivesse consciente da discriminação que havia no âmago da lei de JHVH logo no início de seu ministério, não precisaria que o Pai lhe revelasse o quanto ele estava equivocado no que diz respeito ao juízo e valor das pessoas. Portanto, aquele Pedro que pregou magistralmente nos primeiros capítulos de Atos, onde milhares de pessoas se converteram, não estava totalmente esclarecido à respeito do caráter do Deus que pregava até o episódio narrado em Atos 10:9-35, julgando que Deus tinha uma predileção especial pelos judeus.

- Jesus se identificou com Javé ao usar a expressão “Eu sou”?

Jesus nunca se identificou com JHVH, pois a sua identificação era exclusiva com o Pai. A expressão usada por Jesus em João 8:58 foi “Eu sou”, enquanto que JHVH usou em Êxodo 3:14 a expressão “eu serei” (ehyeh), correspondente à 1ª pessoa do futuro em hebraico, como certos intérpretes ensinam.

Assim, a tradução que caberia melhor para o que JHVH disse seria “Eu serei o que serei”, ao invés do comumente traduzido “Eu sou o que sou”. Supõe-se que a expressão original teria sido mudada pelos tradutores da Septuaginta em torno do ano 280 AC.

Uma coisa é alguém SER, e outra coisa é esse alguém PRETENDER SER. Quando JHVH admitia que ainda não era, ele revelava sua pretensão de sê-lo no futuro. Por isso, quando ele disse “eu serei”, estava revelando sua ambiciosa pretensão de vir a ser como Deus.

Quanto à Jesus, apesar de ser da mesma natureza que o Pai, não teve por usurpação o ser igual a Deus, como diz Filipenses 2:6. Portanto, Jesus se comportou de forma oposta em relação à atitude de JHVH, que nunca se conformou com o fato de não ser igual a Deus, em termos de glória e poder.

- Como saber quando a expressão “Deus” se aplica a Javé?

No VT é mais fácil saber quando a expressão “Deus” se aplica a Javé por causa do Tetragrama “JHVH”, usado na versão original hebraica. No texto da versão da Sociedade Bíblica é usada a expressão SENHOR com todas as letras maiúsculas para designar quando no original se trata do nome “Javé”.

Porém, no NT é mais difícil esse reconhecimento, pois no original grego não existe o Tetragrama usado na língua hebraica. Portanto, nesse caso, a melhor coisa é usar o critério da análise contextual, eliminando-se as variáveis improváveis.

Assim, por exemplo, sempre que é usada a expressão “Pai” ou ABBA, se trata obviamente de Deus Pai. No entanto, quando é usada a expressão genérica “Deus”, pode se aplicar tanto à JHVH, como à Elohim, ou ao Pai, e por isso, não há outra forma de se distinguir qual é o correto significado, a não ser pelo sentido geral do texto. Para isso, é necessário ter discernimento e bom senso.

Portanto, no NT não dá para generalizar; é preciso analisar individualmente cada situação, para então reconhecer quando a expressão “Deus” se refere à JHVH, à Elohim ou ao Pai.

- A expressão ABBA também não era usada no Velho Testamento, aplicando-se à Javé?

Há diferença entre as expressões originais hebraicas ABA e ABBA. No VT usava-se freqüentemente a expressão "ABA", que é a designação genérica para "pai" no sentido biológico, ou seja, o pai genitor.

Nesse sentido de pai genitor, JHVH se considerava um pai para Israel, porém a sua relação com os homens sempre foi do tipo "enquanto lhe obedeciam e lhe serviam, as pessoas recebiam bênçãos materiais e prosperidade; porém, quando as pessoas lhe desobedeciam e lhe desagradavam, elas recebiam maldição e castigos físicos". A relação que JHVH tinha com os homens no VT era do tipo "patrão-empregados" ou "senhor-criados".

Por outro lado, a expressão ABBA significa "papai" ou "papaizinho", que é mais carinhosa e se aplica perfeitamente ao cuidado que o Deus Pai revela em relação aos seus filhos. A imagem de Deus como Pai está associada ao tipo de relacionamento que Ele quer ter com os homens, na qualidade de filhos. Através de Jesus Cristo, o homem pode nascer de novo no sentido espiritual e tornar-se filho de Deus, como diz João 1:12 e 13.

Quando Jesus tratava a Deus como "Papai", os judeus se indignavam e os sacerdotes consideravam isso uma blasfêmia, pois eles sabiam que na melhor das hipóteses, JHVH considerava aqueles que eram obedientes à sua lei como seus "servos". Eles sabiam que JHVH jamais considerou algum homem como seu próprio filho. Quando os textos de Jó 1:6 e 2:1 fazem referência aos "filhos de JHVH", isso diz respeito exclusivamente aos anjos, entre os quais Satanás estava.

Portanto, o termo "ABBA" é exclusivo para se referir ao Pai e é por isso que Jesus só se dirigia a Ele dessa maneira.

- Ao aparecer junto a Elias e Moisés no Monte da Transfiguração, Jesus não estava honrando o ministério do Velho Testamento? Qual foi o significado daquela figuração?

É difícil dizer até que ponto uma visão é real ou não. Os discípulos de Jesus que estavam ali presentes no Monte da Transfiguração, ou seja, Pedro, Tiago e João, viram Moisés e Elias falando com Jesus (João 17:1-3).

O mesmo Pedro teve uma visão descrita como um "arrebatamento dos sentidos", na qual viu os céus abertos e um grande lençol atado pelas quatro pontas, cheio de animais de toda a espécie, o qual descia diante de Pedro, enquanto que uma voz dizia-lhe do céu: mata e come (Atos 10:13). Posteriormente, Pedro veio a entender o significado dessa visão.

No entanto, mais importante que saber se a visão que os discípulos presenciaram era ou não com pessoas reais, é entender o SIGNIFICADO dela.

Ao meu ver, o objetivo da aparição de Moisés e Elias no Monte da Transfiguração foi de aprendizado para os discípulos que acompanhavam Jesus. Pedro, que era um deles, queria honrar Moisés e Elias fazendo uma cabana para cada um deles, mas o Pai bradou do céu: "ESTE é o meu Filho amado; ESCUTAI-O" (Mateus 17:1-5).

Neste ponto, é importante considerarmos o seguinte: Porque o Pai se referiu só a Jesus, ao identificá-lo como filho seu? Porque o Pai não acatou a sugestão de Pedro para honrar também a Moisés e Elias?

Moisés representava a LEI; Elias representava os PROFETAS. O Pai estava deixando claro que aqueles discípulos deviam ouvir somente à Jesus, ao invés de ficarem se apegando às coisas do Velho Concerto, representadas pela lei e pelos profeta. Com essa declaração, o Pai deixou claro que o ministério do VT, representado pela lei e os profetas, não pode de forma nenhuma ser confundido com o ministério de Jesus Cristo.

Portanto, o significado real daquela orientação vinda do céu e proveniente do Pai era: Este é o meu Filho amado, que é o meu único e legítimo porta-voz. Portanto, parem de ouvir outras coisas paralelas e passem a ouvi-lo com atenção!

- Na sinagoga Jesus não estava ratificando a profecia de Isaias e se identificando com o Messias de Javé?

Na sinagoga de Nazaré (Lucas 4:14-21), Jesus tomou o rolo das escrituras e leu Isaias 61:1 e 2, onde o "Tetragrama" JHVH com o nome de Javé constava no texto original, mas Jesus propositalmente OMITIU o nome de JHVH, usando apenas o restante do texto análogo da profecia de Isaias. Isso pode ser facilmente verificado, comparando-se os dois textos, onde constatamos que a palavra JHVH só existe no texto de Isaias, o que prova que Jesus não se identificava com JHVH.

Sempre que Jesus se referia a Deus, Ele usava a expressão "Pai" (ABBA). Isso confirma que o ministério de Jesus é ligado ao Pai, mas não à JHVH.

Um outro detalhe importante nesse mesmo texto do Evangelho de Lucas é que Jesus substituiu a palavra "VINGANÇA" do texto original de Isaias pela palavra "FAVOR", porque seu ministério é fundamentado em amor e misericórdia, e não em vinganças e retaliações, como o ministério de JHVH.

É bem verdade que Jesus usava com frequência os textos do VT, porém ele fazia as devidas "adaptações" naquilo que era incoerente ou não se ajustava com a sua mensagem. Se Jesus estivesse

identificado com JHVH, ele jamais iria suprimir palavras ou fazer qualquer alteração nos textos das Escrituras.

- Não foi Javé quem inspirou Isaías e os demais profetas?

Isaías e outros profetas do VT profetizavam sobre coisas que eles próprios desconheciam. Muitas das profecias eram baseadas no propósito de JHVH de estabelecer um reino terreno, a ser governado com vara de ferro por um Messias na qualidade de administrador político, subordinado ao comando de JHVH, como dá a entender o Salmo 2:9.

No entanto, essas profecias relacionadas ao estabelecimento do Messias mediante a força, tal como era pretendido por JHVH, nunca vão se cumprir, pois como já vimos anteriormente, os métodos de Jesus não admitem o uso da violência para se prevalecer. No Reino que Jesus veio anunciar as pessoas tem de se aproximar de Deus voluntariamente, e nunca de forma compulsória. A opção de Jesus ao estabelecer o reino de seu Pai em moldes diferentes do que pretendia JHVH, inviabilizou a concretização das profecias acerca do estabelecimento do reino político no modelo Jahvídico.

É bem verdade que várias profecias do VT se cumpriram literalmente; no entanto, o cumprimento de algumas previsões isoladamente não credibilizam totalmente a idoneidade de um profeta. A feiticeira de En-Dor, por exemplo, profetizou com acerto a respeito do futuro de Saul, baseando-se simplesmente em evidências, sem qualquer inspiração divina (2 Samuel 28:19).

Da mesma forma, o perverso sumo-sacerdote Caifaz (aquele que julgou Jesus e o sentenciou), profetizou acertadamente a respeito da importância que alguém morresse pelo povo, para que não perecesse toda a nação (João 11:49-51), sendo que o próprio texto diz que ele não disse aquilo de si próprio, ou seja, através de sua própria inspiração profética.

Portanto, ainda que certas profecias do VT tenham se cumprido, parcialmente ou não, isso não credencia JHVH como dono absoluto do futuro e do destino das pessoas, visto que o seu reino onde o lobo viveria junto com o cordeiro e a vaca pastaria junto com o urso (Isaías 11:6 e 7) é uma tremenda utopia, sem qualquer perspectiva de cumprimento neste mundo, onde prevalece a lei do mais forte e o mal só tende a crescer, como Jesus previu em Mateus 24:12.

- Não foi Javé quem curou a lepra de Naamã?

Ainda que JHVH tenha curado a lepra de Naamã, todavia, não curou outros leprosos. Pelo contrário, JHVH enfermou com lepra pessoas que estavam sadias, como fez com Miriam, quando a sua ira se acendeu contra ela (Números 12:9 e 10).

A esse respeito, vemos nas Escrituras que JHVH tinha muita satisfação em realizar magias usando a lepra, como fez com Moisés (Êxodo 4:2-8). Diz o texto que, para mostrar seu poder mágico, JHVH enfermava e sarava alternadamente a lepra da mão de Moisés, conforme Moisés a colocava ou tirava de seu próprio seio.

Aos que o irritavam, JHVH enviava a lepra para lhes castigar, como fez com o rei Azarias até o dia de sua morte (2 Reis 15:1-5).

É verdade que JHVH tirou a lepra de Naamã, porém, a transferiu para Geazi (2 Reis 5:27), e o pior: a lepra de Naamã se apegou a todos os descendentes de Geazi, que eram inocentes do pecado atribuído a Geazi.

De forma totalmente oposta, Jesus curava a lepra de todas as pessoas que se chegavam a ele, sem jamais transferi-la para outras pessoas. Dos dez leprosos que se apresentaram diante dele, todos os dez foram curados, ainda que só um deles voltou dando graças a Deus (Lucas 17:11-19).

O que muitas vezes confunde as pessoas, no que diz respeito à análise do caráter de JHVH, é que ora ele curava e ora enfermava, ora ele abençoava e ora amaldiçoava, ora ele atendia e ora rejeitava, conforme o seu estado de espírito. Dá a impressão que JHVH achava que através da possibilidade de ficarem mortalmente doentes a qualquer momento, isso faria as pessoas serem mais tementes e obedientes.

- Em 2 Pedro 2: 4 e 5 o apóstolo não está afirmando que o mesmo Deus que agia no Velho Testamento era aquele que Jesus anunciava?

O texto de 2 Pedro 2:4 e 5 diz assim: "Porque se Deus não poupou a anjos quando pecaram, mas lançou-os no inferno, e os entregou aos abismos da escuridão, reservando-os para o juízo; se não poupou ao mundo antigo, embora preservasse a Noé, pregador da justiça, com mais sete pessoas, ao trazer o dilúvio sobre o mundo dos ímpios...".

Na minha opinião, Pedro não estava se referindo nesses versículos ao Pai, mas sim, à JHVH, o "deus deste mundo", que exerce juízos imediatistas sobre as vidas das pessoas. Aparentemente, Pedro não está defendendo nem reprovando a atitude de JHVH, tanto em relação aos seus anjos que pecaram, como em relação à população anti-diluviana.

Pedro simplesmente está dizendo que, se não houve condescendência naquelas situações por parte de JHVH, ninguém deve esperar que por sua vez, o verdadeiro Deus e Pai seja tão benevolente, a ponto de postergar indefinidamente o seu juízo sobre aqueles que confundem a longanimidade de Deus com passividade e impunidade.

É por isso que no capítulo 3:9 desse mesmo livro, Pedro se refere ao Pai dizendo: "O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia, mas é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se".

Portanto, embora isso não esteja textualmente escrito, o texto parece fazer referência aos juízos de JHVH, e não do Pai.

- Abraão servia a Javé?

Abraão servia a JHVH imaginando estar servindo ao Deus único e verdadeiro. O texto de Gálatas 3:6 diz que Abraão creu em Deus e isso lhe foi imputado como justiça; no versículo 3:7 diz que os que são da fé são filhos de Abraão.

Abraão teve 2 chamados e 2 promessas, sendo que um chamado ocorreu quando Abraão ainda estava em Harã (Gênesis 12:1 a 3) e o outro chamado ocorreu quando Abraão ainda estava em Siquém (Gênesis 12:7).

No primeiro chamado, Abraão só ouviu, mas no segundo, o texto diz que o "SENHOR" apareceu a ele. No entanto, 1 João 4:12 diz que o verdadeiro Deus nunca foi visto por ninguém; portanto, aquele que chamou Abraão em Siquém se fez passar por Deus, contudo, não era ele próprio.

No chamado em Harã, a promessa era de que "todas as famílias da terra" seriam abençoadas mediante a fé, tal como sucedeu com Abraão, como diz Gálatas 3:9, 14 e 29, ao se referir aos demais povos da Terra, chamados "gentios". Por outro lado, no chamado em Siquém, a promessa era segregativa e discriminatória, pois dizia respeito exclusivamente à descendência física de Abraão, ou seja, os judeus, descendentes de Isaque, e os árabes, descendentes de Ismael.

Portanto, dessas duas promessas feitas à Abraão, uma se referia à sua paternidade espiritual como "pai da fé", como está em Gálatas 3:8, enquanto que a outra dizia respeito somente à descendência física numerosa, que no caso se cumpriu em Abraão através dos povos judeus e árabes.

A promessa feita pelo verdadeiro Deus tinha um objetivo espiritual de fazer de Abraão um exemplo de fé a ser seguido pelos que creem, em todos os tempos. Por outro lado, o chamado de JHVH à Abraão em Siquém só dizia respeito à sua descendência física, bem como à prosperidade material, tendo como prêmio máximo o território de Canaã.

O texto de Hebreus 6:13 "Certamente te abençoarei, e grandemente te multiplicarei" diz respeito à promessa espiritual feita à Abraão, e não à promessa material. Da mesma forma, Tiago 2:23 também se refere à fé de Abraão, que foi imputada como justiça.

Na realidade, Abraão serviu JHVH, imaginando estar servindo ao Deus verdadeiro, e apesar da sua falta de discernimento não conseguir distinguir o verdadeiro Deus, isso lhe foi imputado por "justiça". É um caso semelhante à muitos cristãos da atualidade que servem e honram a JHVH, imaginando estarem servindo e honrando ao Deus Pai verdadeiro. Se o Pai fizesse caso dessa ignorância, trazendo juízo imediato aos que não honram o Deus verdadeiro, haveriam poucos sobreviventes no juízo final.

Felizmente, o Pai é longânimo, não levando em conta os "tempos da ignorância", como diz Atos 17:30 e 1 Pedro 1:14, dando oportunidade suficiente durante o tempo de vida para que as pessoas possam ser regeneradas, mediante a adoção delas como filhos legítimos de Deus (João 1:12).

Aquilo que se aplicava literalmente à Abraão tinha um caráter figurativo de realidades espirituais. Dessa forma, a circuncisão física praticada por Abraão e sua descendência era figura da verdadeira circuncisão espiritual na nova criação, a qual é feita através da obediência aos mandamentos de Jesus. A circuncisão nos moldes da lei de JHVH era praticada no oitavo dia após o nascimento, quando era cortado o prepúcio dos órgãos genitais dos meninos de Israel, enquanto que a circuncisão espiritual é operada no batismo, quando a natureza carnal é mortificada e extirpada pela fé. É por isso que Colossenses 2:12 faz referência à circuncisão, e o versículo seguinte (13) fala sobre o batismo, a verdadeira circuncisão espiritual do Novo Concerto.

De forma semelhante, a promessa da Terra Prometida feita por JHVH à Abraão se contrapõe à herança nos céus, a qual Jesus nos prometeu, e assim por diante.

- O Pai estava indiferente em relação ao sofrimento da humanidade até a vinda de Jesus? Onde estava o Pai durante todo o tempo da humanidade até a vinda de Jesus?

Durante o período compreendido entre os livros de Gênesis e Malaquias, o Pai aguardou com paciência o momento da manifestação de seu Filho, o qual iria reconciliar céus e terra, como diz Romanos 5:11 e 11:15, trazendo oportunidade para que o homem deixasse de ser simplesmente uma criatura de JHVH para se tornar um filho de Deus, nos moldes de João 3:5-12.

Isso quer dizer que, de Adão até Moisés, a morte reinou sobre a humanidade, mesmo sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, como explica Romanos 5:14. Com a vinda da lei do VT, a situação não ficou diferente, pois através da lei de JHVH ninguém se salva, como

afirma Romanos 5:18. Isso significa que aquele sistema expiatório através de sacrifícios de animais, que era prescrito no VT não podia trazer nenhum benefício para o homem em termos de salvação (Hebreus 9:9-12).

Conclui-se que o homem só pode se tornar filho de Deus mediante a graça e a fé em Jesus dentro da perspectiva do NT. O objetivo primordial do Pai é atrair homens ao conhecimento da verdade, como diz Tito 2:11, e livrá-los da cegueira operada pelo "deus deste século", como mencionado em 2 Coríntios 4:4.

Acresce-se à pergunta deste tópico uma segunda pergunta, da seguinte forma: - Por que Deus Pai não interviu nas atitudes de JHVH? O Pai não tem poder sobre JHVH?

A resposta é que, apesar de poder intervir no curso da história a qualquer momento, o Pai permitiu o desenvolvimento do plano de JHVH durante todo aquele tempo, porque a sua característica não é destruir o que foi feito errado, mas sim transformar e regenerar conforme o seu modelo.

Assim como o Pai não executa imediatamente o juízo sobre um indivíduo de mau caráter, assim também não é seu interesse destruir a humanidade prematuramente, porque Ele sabe que haverá alguns que lhe darão ouvidos e estarão dentro de seus propósitos. Creio que é por isso que Jesus contou aquela parábola do trigo e do joio, ilustrando o fato de que o Pai não executa logo a ceifa, para que o trigo não seja arrancado juntamente com o joio (Mateus 13:28-30).

Se o Pai tirasse a vida de Saulo quando ele perseguia os cristãos da Igreja recém-formada, não teria lhe dado chance para se arrepender e se tornar o grande apóstolo que Paulo foi.

Quem olha por uma ótica distorcida vê um Deus omissivo, distante e ausente em relação ao homem. Segundo essa visão equivocada, Deus teria esperado passivamente as coisas se deteriorarem sem limites, para então tomar uma atitude que resultou numa ação reparadora.

No entanto, é importante considerar que a Bíblia não procura dar justificativas para um possível "atraso" do momento na história em que Jesus foi revelado. Antes, ela procura enfatizar a importância da obra reconciliatória de Deus em favor do homem, como lemos em 2 Coríntios 5:18-20 e Efésios 2:11-16.

Da mesma forma, a Bíblia não revela uma preocupação por parte de Deus em justificar porque uns sofrem mais do que outros, mas procura mostrar que todo sofrimento nesta vida é temporário, e que Deus sempre proporciona um meio de suportá-lo. Em 1 Coríntios 10:13, por exemplo, lemos que o Pai é fiel, não permitindo que ninguém seja provado acima de suas forças.

Por outro lado, a pergunta: "Porque Jesus não se manifestou antes, evitando assim que muitos perecessem?" não pode ser respondida facilmente, ou de uma forma simplista, pois é um assunto ainda envolto em "mistério", assim como outros mistérios que dizem respeito a Deus e ao seu relacionamento com os homens. Em Colossenses 1:26 e Efésios 3:4 e 5, vemos mencionado um outro mistério que desafia o entendimento humano: o chamado "mistério de Cristo".

Se Deus não intervém imediatamente nas desgraças humanas, ou na maneira como gostaríamos que acontecesse, podemos estar certos que nenhuma dor ou lágrima dos seres humanos lhe passa despercebida, pois em todas as circunstâncias Ele revela o sentimento de Pai cuidadoso e misericordioso.

Se Deus estivesse todo o tempo nos superprotegendo e resolvendo os nossos problemas corriqueiros, os papéis se inverteriam e Ele seria apenas um criado à serviço do homem, como o "gênio da lâmpada de Aladim", que mediante uma esfregadinha da lâmpada maravilhosa satisfazia todos os desejos do seu amo.

Por outro lado, se Deus interviesse sempre do jeito que desejamos, Ele destruiria completamente a espontaneidade dos seres humanos, pois, ao perderem a sua liberdade, as pessoas passariam a agir artificialmente.

Porém, o Pai nunca pretendeu ter "robôs" programados especificamente para lhe obedecer. Ele não quer que os homens sejam indivíduos sem personalidade própria, nem direito de opção. Deus quer ter um relacionamento com o homem, porém, de uma forma livre e sem manipulações ardilosas.

Por isso Ele assegurou aos homens o direito do livre arbítrio, diferentemente dos animais, que agem basicamente por instintos e não possuem a racionalidade necessária para poderem fazer as suas próprias escolhas.

- O fato de Javé ter tido compaixão do povo de Nínive, não executando o juízo que estava profetizado contra aquela nação, não identifica Javé com o Pai, que é sempre misericordioso e benevolente?

O caso que envolveu Jonas e o povo de Nínive realmente é intrigante, pois o comportamento de JHVH tendo misericórdia dos ninivitas e se arrependendo do juízo de destruição que estava disposto a executar inicialmente (Jonas 3:10), foi diferente em relação à outros povos e pessoas que não tiveram a mesma benevolência. Todavia, isso não me parece uma evidência final que associa JHVH com o Pai.

A minha impressão é que nesse episódio houve mais uma vez o favoritismo de JHVH, que perdoou os ninivitas mas não perdoou a Esaú, quando buscou com lágrimas o arrependimento (Hebreus 12:16 e 17). Da mesma forma, a filha de Jefté foi sacrificada, ainda que o seu pai tivesse se arrependido do voto precipitado que fizera, e mesmo depois da demonstração de fidelidade de Jefté para cumprir o que prometera, JHVH não impediu o assassinato da moça (Juizes 11:34-40).

- Quando Jesus disse no Templo que estava cuidando da “casa de seu Pai”, ele não se referia a Javé?

Quando Jesus se referia à “casa de seu Pai” (João 2:16), não estava se referindo ao templo de alvenaria, onde os judeus cultuavam a JHVH. Em João 2:21 fica claro que o sentido de “Templo” a que Jesus se referia, se tratava do “templo” de seu próprio corpo, que seria ressuscitado três dias após a sua morte.

Isto significa que o templo da habitação do Pai é o Filho, como diz João 14:8-11), assim como o templo da habitação do Espírito Santo é o corpo daqueles que foram regenerados, como disse Paulo em I Coríntios 6:19.

Paulo disse em Atos 17:24 que o verdadeiro Deus Pai não habita em templos feitos pelas mãos de homens! Portanto, imaginar que Jesus estivesse zelando pela “ordem” ou “reverência” do templo de JHVH, como alegam os defensores da identificação entre JHVH e o Pai, é ignorar o fato de que o verdadeiro Deus e Pai não habita em templos de alvenaria, construídos pelos homens.

Na realidade, o verdadeiro significado da atitude de Jesus no Templo foi a reprovação da forma selvagem de sacrifícios e oferendas de animais que havia na lei de JHVH. Ao expulsar aqueles que estavam comprando e vendendo os animais para serem oferecidos em sacrifício (João 2:13-15), Jesus estava desqualificando todo o sistema sacrificial do VT.

Os que vendiam pombas e animais o faziam para que os fiéis à JHVH pudessem oferecê-los como forma de culto, conforme a lei do VT.

Da mesma forma, quando ele derrubou as mesas dos cambistas, isto é, daqueles que trocavam dinheiro dos estrangeiros para a compra dos animais para os sacrifícios (Marcos 11:15), ele não estava preocupado meramente com a “purificação litúrgica” do templo, mas sim, em mostrar que aqueles sacrifícios meramente ritualísticos foram substituídos pelo sacrifício único e eficaz de Jesus Cristo, através de seu próprio sangue, como diz Hebreus 10:4-19 e 1 Pedro 1:19.

Algumas pessoas criticam a atitude “agressiva” de Jesus no Templo de Jerusalém, equiparando-o com a costureira violência demonstrada por JHVH nas páginas do VT. Isso faria supor que JHVH e Jesus tivessem a mesma natureza iracunda.

No entanto, devemos considerar que, mais importante que o comportamento emocional de Jesus, foi o seu significado profético, pois através daquela atitude radical, Jesus mostrou de forma inédita que o sacrifício de animais do Velho Concerto havia se tornado obsoleto e sem utilidade, o que foi mais tarde confirmado em Hebreus 9:11-26.

Portanto, Jesus não foi movido por nenhum sentimento mau de ira naquela ocasião, e além disso, ele nunca se preocupou com as formas exteriores de culto a Deus. Ainda que Jesus tenha demonstrado uma agressividade incomum em suas características normais, ele não exterminou nem matou ninguém, como JHVH fazia inúmeras vezes no VT para com os que lhe desobedeciam.

A respeito do templo de Jerusalém, há alguns detalhes interessantes que merecem uma consideração especial. O templo era uma edificação cercada por muros em todos os lados e o “santuário” ficava na parte central do terreno, circundado por vários pátios. Havia o pátio dos judeus, o pátio das mulheres e o pátio dos gentios, ou estrangeiros.

Os cambistas e vendedores de animais exerciam suas atividades no pátio dos gentios e foi ali que Jesus os abordou. Os cambistas trocavam dinheiro dos peregrinos, para que eles pudessem comprar os animais exigidos para o sacrifício mosaico.

Quando o texto diz que “Jesus entrou no templo e começou a expulsar os vendedores de animais e derrubar as mesas com o dinheiro dos cambistas” (Marcos 11:15), deve-se entender que isso não ocorreu no “templo” propriamente dito, mas em suas cercanias, ou seja, aconteceu dentro do espaço circundado pelos muros, porém não no lugar onde se prestavam os cultos. Algumas Bíblias contêm a planta do Templo onde se pode ver com detalhes essa distinção.

Isto significa que, enquanto os sacerdotes faziam suas oferendas de animais e incenso dentro do chamado “lugar santo”, numa religiosidade de aparências, Jesus operava as curas e libertações no lado de fora, junto ao “povão”, atendendo as necessidades reais das pessoas (Mateus 21:14).

O interessante é que, embora Jesus seja o sumo-sacerdote do Novo Concerto (Hebreus 7:23-8:2), ele nunca entrou no recinto denominado “Santo dos Santos” do templo de JHVH. Nesse recinto, apenas o sumo-sacerdote entrava uma vez por ano, oferecendo sacrifícios por si mesmo e pelo povo (Hebreus 9:25).

No entanto, por ocasião de sua morte, rasgou-se o véu do templo, que separava o lugar Santo do recinto denominado “Santo dos Santos”, como diz Mateus 27:51, para mostrar que no Novo Concerto não há restrições humanas para alguém se aproximar de Deus com liberdade.

- Jesus não reconheceu Javé como Deus quando fez referência a Abraão, Isaque e Jacó, em Marcos 12:26?

O texto diz: “E acerca dos mortos que houverem de ressuscitar, não tendes lido no livro de Moisés como Deus (JHVH) lhe falou na sarça, dizendo: Eu sou o Deus de Abraão, e o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó”? A pergunta que fica vinculada à essa é a seguinte: O Deus a que Jesus se referia era JHVH?

Nesse texto Jesus estava se dirigindo aos saduceus, que não criam em ressurreição, e não aos seus discípulos, portanto, não se tratava de um ensino para os apóstolos, mas sim, de uma confrontação com os seus opositores.

Dá para se perceber que, de uma forma sutil e irônica, Jesus estava querendo chamar a atenção para a verdadeira mensagem do Reino de Deus, porque o seu objetivo era fazer com que os seus opositores revissem as suas convicções religiosas, sendo que neste caso se tratava da doutrina da ressurreição futura (Marcos 12:18-27).

Portanto, Jesus confrontou os saduceus usando a mesma referência que eles adotavam como padrão, isto é, os ensinamentos de JHVH. Foi a mesma estratégia que ele usou quando enfrentou Satanás no deserto.

- Jesus não confirmou a legitimidade da lei do Velho Testamento em Marcos 12:30?

Alegam alguns que nesse texto Jesus teria confirmado o mandamento da lei de JHVH: "Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças"; ao considerar este como o primeiro grande mandamento. Com isso, os defensores da identificação de JHVH com o Pai alegam que Jesus honrava os mandamentos da lei de JHVH.

No entanto, devemos primeiramente considerar alguns fatos. Quando Jesus se dirigiu a um jovem que se julgava muito religioso, ele já sabia da indisposição daquele jovem para cumprir o seu desafio de desapego aos bens materiais, embora o jovem fosse um fiel cumpridor da lei do VT (Mateus 19:16-22).

Portanto, quando Jesus recomendou ao jovem que "cumprisse os mandamentos da lei", já sabia que aquele jovem teria dificuldades em seguir o padrão elevado que Jesus propõe para os que se dispõem a segui-lo.

O jovem retirou-se triste porque sua "fidelidade de aparências" foi conflitada; mas é possível que essa tristeza tenha lhe motivado a rever os conceitos infundados de uma lei que tinha muitas regras, mas pouco conteúdo moral.

Com a sua atitude, Jesus não estava recomendando a lei do VT. Pelo contrário, ele estava chamando a atenção para a discrepância entre os mandamentos de JHVH e os mandamentos que ele recebera de seu Pai.

A diferença entre o "amar a Deus" do VT e o padrão que Jesus trouxe é que a lei do VT era baseada na obediência cega e compulsória à JHVH, enquanto que o evangelho trazido por Jesus era baseado na obediência consciente e voluntária ao Pai.

Se alguém seguir fielmente a lei que se encontra registrada no VT, poderá imaginar que isso seja suficiente para agradar a Deus, mas Jesus mostrou que isso não ocorre, quando confrontou aquele jovem que cumpria à risca todos os mandamentos de JHVH.

No padrão do VT não era permitido matar (Êxodo 20:13), mas no padrão de Jesus, o fato de alguém se encolerizar contra o seu semelhante já seria reprovável, como ele disse em Mateus 5:22.

- O Pai não feriu Herodes de morte, conforme o relato de Atos 12:21-23?

Aqueles que alegam que a mesma violência que foi revelada no VT estava também presente no NT usam o texto neotestamentário de Atos 12:21-23 para justificar essa correspondência. Esse texto diz assim: "Num dia designado, vestindo Herodes as vestes reais, estava assentado no tribunal e lhes fez uma declaração. E o povo exclamava: Voz de Deus, e não de homem. E no mesmo instante feriu-o o **anjo do Senhor**, porque não deu glória a Deus e, comido de bichos, expirou".

Não é possível imaginar que o Deus Pai misericordioso e justo tenha sido o autor daquele "juízo sumário" sobre Herodes, o qual morreu comido por bichos por haver se ufanado quando o povo começou a exaltá-lo como se fosse um deus (Atos 12:21). O juízo que o Pai tem reservado para os homens é coisa para o futuro, como revelam vários textos do NT (2 Timóteo 4:1; I Pedro 4:5).

Portanto, embora o Pai pudesse executar seus juízos sobre as pessoas, Ele prefere se abster, dando oportunidade de arrependimento durante o tempo de vida de cada ser humano, deixando o seu julgamento para o futuro, da mesma maneira como Jesus fazia com todos os pecadores com quem convivia.

Na expressão "anjo do Senhor" usada no texto, a palavra "Kyrios" do original grego foi traduzida como "Senhor", mas também poderia se aplicar a JHVH, mesmo sendo essa uma passagem neotestamentária.

Duas evidências reforçam a hipótese de que se tratava de JHVH: a primeira é a utilização de um anjo para executar o juízo fatal sobre Herodes, o que se assemelha muito ao procedimento de JHVH em várias ocasiões no VT; a outra é o fato de que JHVH é ciumento e não admite qualquer manifestação de vanglória humana, a exemplo do que fez em Babel quando os homens pretendiam construir uma torre que chegasse ao céu (Gênesis 11:4-9).

Além disso, no texto massorético das Escrituras do VT, a expressão "o anjo do Senhor" ou "o anjo de JHVH" é traduzida como "o anjo JHVH", conforme esclarecem alguns intérpretes, o que viria a confirmar que o autor do homicídio pode ter sido o próprio JHVH, que tem também uma natureza angélica.

É bem verdade que o ministério preponderante de JHVH foi no VT, assim como o ministério preponderante do Pai foi no NT. No entanto, vemos ocasionalmente algumas referências à JHVH no NT, assim como vemos excepcionalmente algumas referências à Jesus e ao Pai no VT.

Um desses poucos exemplos da presença de Jesus no VT foi na fornalha de fogo narrada em Daniel 3:16-25, em que Jesus era o "quarto homem" ali presente (Daniel 3:25), que é chamado no texto como

"filho dos deuses". Uma prova evidente de que os comportamentos de Jesus e JHVH são diferentes é o fato de Jesus ter se colocado ao lado de Sadraque, Mesaque e Abdenego na fornalha, sendo que aqueles jovens haviam sido rebeldes à Nabucodonozor, o qual JHVH chamou de "servo" e determinou que todos se dobrassem perante o seu jugo (Jeremias 27:6-11).

- O texto de Tiago 5:11 não dá a entender que Javé é misericordioso, pois teve compaixão de Jó?

O texto diz: "Eis que chamamos bem-aventurados os que suportaram aflições. Ouvistes da paciência de Jó, e vistes o fim que o Senhor (JHVH) lhe deu, porque o Senhor é cheio de misericórdia e compaixão". A pergunta que cabe aqui é a seguinte: JHVH pode ser considerado misericordioso e compassivo por ter sido benévolo com Jó?

A "benevolência" de JHVH para com Jó nada mais foi do que uma compensação pelas perdas, durante o período em que JHVH avaliou a fidelidade de Jó. Essa recompensa foi na forma de camelos, ovelhas, bois, jumentas, filhos e filhas em quantidade maior do que tinha, antes de perdê-los.

À propósito, que tipo de justiça é essa pela qual, para poder avaliar a fidelidade de Jó, JHVH permitiu que seus filhos e filhas tivessem sido mortos, sem dar-lhes qualquer chance? JHVH não permitiu que Satanás tirasse a vida de Jó, mas permitiu que fossem tiradas as vidas dos seus filhos! Que tipo de compensação mesquinha foi aquela, ao dar-lhe outros filhos e filhas, como se isso apagasse a saudade e a ausência dos primeiros?

Portanto, a explicação desse texto em questão é que Tiago estava considerando uma maior recompensa que o Pai tem para os seus filhos, do que aquela recompensa indenizatória que JHVH proporcionou a Jó.

Jesus disse em Mateus 7:11 "Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhas pedirem?". Fazendo uma analogia desse texto com Tiago 5:11, poderíamos parafrasear, dizendo que: Se JHVH, que teve tantas vezes um indigno comportamento em relação aos homens, foi misericordioso com Jó, não lhe tirando a vida, quanto mais o verdadeiro Deus Pai, que está no céu, terá misericórdia de seu filhos quando forem atribulados e estiverem em grande angústia de alma.

- O Pai permite o sofrimento agonizante de seus filhos, tal como permitiu o sofrimento de Jesus na cruz?

Muitas pessoas reprovam a atitude do Pai por ter permitido a morte de seu filho numa das formas mais agonizantes e bárbaras que já se viu em todos os tempos. Além disso, Ele também teria deixado que muitos dos discípulos de Jesus fossem martirizados de forma brutal e injusta.

Porém, é necessário considerar que o Pai permitiu a morte de seu Filho, tendo em vista o propósito expiatório de estabelecer Jesus como sacerdote eterno em favor dos homens. Para isso, Ele ressuscitou-o e o exaltou acima de todo poder nos céus e na terra (Filipenses 2:9-11).

Portanto, a "desonra" na cruz não é para se comparar à glória da ressurreição e da exaltação máxima. Se o Cristianismo parasse na crucificação de Jesus, seria a mais miserável das religiões.

Há muitos que enfatizam a morte de Cristo, porém a maior glória foi a ressurreição. As pessoas que andam com o crucifixo pendurado no pescoço, como que querendo chamar a atenção para a morte, deveriam chamar atenção para a vida, que foi valorizada na ressurreição.

Se o Pai permitiu que seu filho fosse sacrificado de forma tão cruel, foi porque não havia outra forma de resgatar muitos seres humanos, que estavam sob o domínio do pecado desde Adão. É por isso que em Romanos 5:17 e 18, lemos assim: "Porque, se pela ofensa de um só, a morte veio a reinar por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por um só, Jesus Cristo. Portanto, assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação e vida".

Se Jesus não tivesse sofrido o martírio, alguém poderia dizer que o seu sofrimento foi "de mentirinha" e assim, o seu sacrifício não teria valor. Quando Jesus disse aos discípulos em Marcos 10:39 "O cálice que eu bebo, haveis de bebê-lo", ele estava se referindo ao martírio que muitos deles também iriam enfrentar, como de fato aconteceu.

O martírio de muitos cristãos ocorreu durante as perseguições no início da Igreja, porém isso foi algo totalmente VOLUNTÁRIO, em que aquelas pessoas manifestavam o prazer de estar em comunhão com Deus, independentemente das circunstâncias exteriores, tal como o sentimento de Paulo e Silas dentro do cárcere, quando apesar de presos e acorrentados, glorificavam a Deus (Atos 16:25).

É importante também salientar que aquele "martírio" praticado no início da Igreja é bem diferente do ascetismo praticado por alguns adeptos de religiões orientais, sobretudo hinduístas, que buscam alcançar um melhor estágio espiritual da alma, através da auto-flagelação e mutilação do corpo.

- O que significa o "opróbrio de Cristo", mencionado em Hebreus 11:26?

O texto diz: "Porquanto [Moisés] considerou o opróbrio de Cristo por maior riqueza do que os tesouros do Egito, porque contemplava o galardão". Com relação à essa questão de que Moisés considerava o opróbrio (vergonha) de Cristo, a pergunta que fica vinculada à essa é a seguinte: Moisés estava vinculado à Cristo ou à JHVH?

Embora Moisés tenha sido o porta-voz de JHVH, ele foi uma figura de Cristo, sob alguns aspectos. Assim como Moisés, quando ainda era um bebê no Egito, Jesus também escapou de uma matança de crianças na Judéia e foi refugiado no Egito (Mateus 2:13-18).

Uma outra analogia é que Moisés foi um instrumento nas mãos de JHVH para livrar o seu povo que estava cativo no Egito, enquanto que Jesus foi um instrumento nas mãos do Pai para livrar todos aqueles que estão cativos pelo pecado. A grande diferença é que Moisés livrou o povo de uma escravidão física enquanto que Jesus liberta de uma escravidão espiritual (João 8:36).

O fato do texto de Hebreus dizer que Moisés escolheu por maior riqueza o vitupério (ou "opróbrio de Cristo") do que os tesouros do Egito, está relacionado com a opção de Jesus, ao abrir mão da glória que tinha, antes de assumir a forma humana (Filipenses 2:6 e 7). Portanto, o que está relacionado aqui é o fato de que tanto Moisés como Jesus rejeitaram valores para poderem alcançar um objetivo maior.

Se alguma incorporação de espírito de Cristo tivesse vindo sobre Moisés, o que de certa forma o vincularia ao ministério de JHVH, então os kardecistas teriam razão ao alegar que o espírito de Elias reencarnou em João Batista, baseados em Malaquias 4:5 e Mateus 17:10-13.

- O texto de Colossenses 1:15-17 não dá a entender que Jesus é o autor da criação material a partir do Gênesis?

Em Colossenses 1:15-17 lemos assim: "Jesus é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; porque nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as VISÍVEIS e as invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e nele subsistem todas as coisas".

Também o texto de João 1:3 diz que todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez.

Em uma análise à primeira vista desses textos, somos levados a pensar que Jesus é o autor tanto da criação espiritual (invisível), como da criação material (visível), contrariamente ao que havíamos concluído anteriormente, quando fizemos diferenciação entre a autoria da criação material (através de Elohim-JHVH) e da criação espiritual (através do Pai). No entanto, se analisarmos melhor, poderemos entender o real significado dos textos mencionados.

Jesus é o Verbo de Deus (João 1:1 e 2), também chamado "Verbo da vida" como diz 1 João 1:1. Em termos gramaticais, o verbo significa a ação. Toda oração gramatical precisa de um verbo para ser completa. Ainda que o verbo esteja oculto, ele se faz perceber através da ação executada.

Como Verbo de Deus, Jesus é a ação de Deus, sempre apta para realizar a vontade do Pai e os seus propósitos. Se fôssemos fazer o paralelo com um indivíduo qualquer, o verbo seria o impulso motivador que o leva a executar uma determinada tarefa.

No Universo existe o princípio da ação e reação. Diz o postulado físico que a toda ação corresponde uma reação, de igual intensidade e sentido contrário. Portanto, em termos lógicos, se admitimos que Jesus é o Verbo executor das ações planejadas por Deus, devemos admitir também que há um "anti-verbo", correspondente à reação contrária, responsável por todas as tentativas de neutralização das ações planejadas pelo Pai.

Este conceito não deve ser confundido com o princípio do Ying-Yang, o qual é muito difundido nas correntes esotéricas, que pressupõe uma contraposição harmônica entre as forças que regem o Universo, através de um equilíbrio contínuo entre os opostos. Não é o caso que estamos considerando, pois a ação do Pai é SEMPRE BENÉFICA, enquanto que a reação contraposta é contrária e reativa aos seus propósitos.

Quando o texto bíblico diz que "todas as coisas foram feitas por meio do Filho e sem ele nada se fez" (João 1:3), podemos supor que Jesus tenha sido o autor dos elementos fundamentais da natureza, que incluem os elementos químicos que deram origem ao ar, a água, assim como os compostos básicos essenciais para a formação dos minerais e vegetais.

Conforme Gênesis 2:7, Elohim-JHVH formou o homem A PARTIR do barro (pó da terra). Assim como o homem, também a mulher não foi criada a partir do "nada", pois ela foi formada A PARTIR da costela do homem (Gênesis 2:21 e 22).

É interessante que neste século já assimilamos pela ciência genética o conceito de "criação" laboratorial a partir de um determinado organismo, que é a geração de órgãos através de células-tronco, sendo que isso já está registrado no texto bíblico há milênios, desde o jardim do Éden!

Assim sendo, Elohim-JHVH não deveria ser considerado o criador, mas sim, o MANIPULADOR da criação humana. É mais ou menos como o farmacêutico que apenas manipula as substâncias básicas segundo uma determinada fórmula, no intuito de produzir um certo medicamento.

Portanto, se pensarmos em termos de criação dos elementos essenciais e vitais deste Universo, pode-se supor que o Pai criou todas as coisas através de sua ação executante (Jesus, o Verbo), porém, apenas no que diz respeito à estruturação básica desses elementos. Quanto ao arranjo dos elementos que deu origem aos seres vivos (em particular os seres humanos), não creio que tenha sido autoria do Pai, pois

se a criação material se revela imperfeita, como de fato ocorre, isso desabonaria a perfeição absoluta que é atribuída ao Deus Altíssimo.

Poderíamos fazer a analogia com a construção civil: uma empresa fica responsável pelo fornecimento da matéria-prima (cimento, tijolos, areia, ferros e tubulações) e uma outra empresa fica responsável pelo projeto e execução da obra. Ainda que os materiais sejam todos de primeira qualidade, a construção ficará abalada e com riscos de cair se o projeto ou a execução for de má qualidade.

Analogamente, poderíamos dizer que o Pai forneceu a matéria-prima para a construção do Universo e dos seres-vivos, porém Elohim-JHVH foi o executor que fracassou em seus planos, pois seu projeto era imperfeito e suscetível a falhas. Para que uma construção seja bem sucedida é preciso que tanto a matéria-prima como a execução sejam de boa qualidade e exequibilidade.

Em Romanos 8:18-22 Paulo diz assim: "Pois tenho para mim que as aflições deste tempo presente não se podem comparar com a glória que em nós há de ser revelada. Porque a criação aguarda com ardente expectativa a revelação dos filhos de Deus. Porquanto a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa DAQUELE QUE A SUJEITOU, na esperança de que também a própria criação há de ser liberta do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação, conjuntamente, geme e está com dores de parto até agora".

De acordo com esse texto, a criação de uma forma geral foi subvertida a partir de seu projeto construtivo por alguém que sujeitou tiranicamente a humanidade, levando-a a uma condição de dor e angústia de parto espiritual. Esse perfil não coaduna de forma nenhuma com o Pai, pois seu projeto visa reabilitar e restaurar o homem a partir da obra regeneradora do Espírito Santo, sem levar em consideração o tempo da ignorância e os fracassos do passado. É por isso que em Atos 17:30 lemos que Deus, não levando em conta os tempos da ignorância, manda agora que todos os homens em todo lugar se arrependam.

- Porque Jesus não disse abertamente que Javé não era o mesmo que o Pai?

Não era típico de Jesus fazer declarações abertas para o público. Quando Jesus percebia uma receptividade favorável, o que normalmente ocorria entre os seus discípulos mais íntimos, ele lhes revelava com detalhes os mistérios do Reino de Deus.

Em Mateus 13:34 está escrito que Jesus se dirigia às multidões através da linguagem figurada e sem parábolas nada lhes falava. No mesmo capítulo, versículos 10-17, Jesus respondeu a um de seus discípulos que lhe perguntou porque ele falava ao povo apenas por parábolas: "E chegando-se a ele os discípulos, perguntaram-lhe: Por que lhes falas por parábolas? Respondeu-lhes Jesus: Porque a vós é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas A ELES NÃO LHES É DADO; pois ao que tem, dar-se-lhe-á, e terá em abundância; mas ao que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado. Por isso lhes falo por parábolas; porque eles, vendo, não vêem; e ouvindo, não ouvem nem entendem".

À primeira vista, essa declaração de Jesus dá a impressão que ele não era imparcial, revelando os mistérios do Reino de Deus para uns e ocultando-os para outros. Porém, na continuidade do texto lemos assim: "Porque o coração deste povo se endureceu, e com os ouvidos ouviram tardamente, e fecharam os olhos, para que não vejam com os olhos, nem ouçam com os ouvidos, nem entendam com o coração, nem se convertam, e eu os cure. Mas bem-aventurados os vossos olhos, porque vêem, e os vossos ouvidos, porque ouvem. Pois, em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes, e não o viram; e ouvir o que ouvís, e não o ouviram".

Realmente, Jesus não era explícito em certas ocasiões, especialmente quando encontrava uma resistência cética por parte de seus interlocutores. Em Mateus 13:58 está escrito que Jesus deixou de fazer muitos milagres por causa da incredulidade de seus compatriotas judeus. Também em Mateus 7:6, Jesus disse que não é conveniente lançar pérolas aos porcos, para não acontecer que eles as calcem aos pés, instigando-lhes maior ódio e oposição. Nesse caso, as pérolas representam o conhecimento dos mistérios de Deus e os porcos representam aqueles que são indóceis e ignorantes com relação às coisas espirituais.

Portanto, se Jesus não declarou abertamente a verdadeira identidade de JHVH, podemos supor que ele não foi mais explícito por prudência, para evitar que tivesse sido executado antes do tempo por blasfêmia, pois todos os judeus criam que JHVH era o Deus Absoluto. O escritor de Hebreus (possivelmente Paulo) teve uma atitude similar quando disse em Hebreus 5:11 e 12 que não podia falar abertamente a respeito do mistério de Melquisedeque porque seus ouvintes haviam se tornado "tardios" para ouvir, pois já devendo ser mestres em razão do tempo, ainda necessitavam que lhes ensinassem os princípios elementares dos oráculos de Deus, alimentando-se de leite quando já deviam estar recebendo alimento sólido.

- Qual é o mistério que envolve o sumo-sacerdote Melquisedeque? Qual a relação entre Melquisedeque e Javé?

Melquisedeque é sem dúvida um dos personagens mais misteriosos da Bíblia. Ele é mencionado somente em três livros, sendo dois no VT (Gênesis e Salmos) e um no NT (Hebreus).

O autor do livro de Hebreus diz que muita coisa poderia ser dita sobre Melquisedeque, mas o entendimento havia se tornado difícil porque aquelas pessoas não estavam preparadas para receber esse

tipo de ensinamento. Em Hebreus 5:11 e 12 lemos o seguinte: "Porque já devendo já ser mestres pelo tempo, ainda necessitais de que se vos torne a ensinar quais sejam os primeiros rudimentos das palavras de Deus; e vos haveis feito tais que necessitais de leite e não de sólido mantimento".

O texto de Hebreus 7:3 descreve assim o personagem Melquisedeque: "sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo princípio de dias nem fim de vida... o qual recebeu o ofício do sacerdócio". Esses atributos tais como "sem pai, sem mãe, sem genealogia, sem princípio de dias" caracterizam alguém com uma natureza sobrenatural, que não possuía uma origem nem ascendência humana e cuja existência é eterna.

Portanto, Melquisedeque não poderia ser de natureza humana, pois o texto diz claramente que ele não tinha genealogia humana e que os dias de sua existência não eram limitados. Com isso, ficam descartadas as possibilidades de tentar se relacionar Melquisedeque com um ser humano normal.

As características atribuídas a Melquisedeque são próprias de um ser divino, com atributos intermediários entre Deus e os homens, sendo que esse perfil corresponde perfeitamente à natureza dos anjos. Não é absurdo pensar que Melquisedeque fosse um anjo e pudesse aparecer fisicamente diante de Abraão, pois logo após o encontro narrado em Gênesis 14:18-20, alguns anjos apareceram em forma humana para Abraão, como lemos em Gênesis 18:1 e 2.

Alguns teólogos supõem que Melquisedeque era o próprio Cristo no VT e chamam esse tipo de ocorrência "Parousia". Contudo, o fato do texto dar a entender que Melquisedeque era uma FIGURA alegórica de Cristo, prova que ele não era o próprio Cristo. Além disso, se Jesus fosse Melquisedeque, como dizem esses teólogos, ele jamais iria abençoar Abraão logo após uma batalha, na qual Abraão resgatou seu sobrinho Ló e saiu vitorioso na guerra contra quatro reis, porque o Filho de Deus não recompensa esse tipo de atitude violenta e extremista.

Uma outra evidência contrária à identificação de Jesus com Melquisedeque é que Jesus jamais procederia como Melquisedeque, que recebeu o dízimo de um despojo que teve o preço de sangue daqueles reis. Durante seu ministério neste mundo, Jesus sempre reprovou toda a espécie de violência e belicosidade, ao contrário de Melquisedeque, que não teve qualquer escrúpulo para tomar uma parte do fruto daquele vergonhoso saque (Hebreus 7:4).

Analisando-se com profundidade as características de Melquisedeque, podemos ter uma possível resposta para o mistério da identidade desse personagem, pois ele tem muitas coisas em comum com JHVH. A seguir, estão relacionadas algumas dessas coisas:

- . O padrão usado por JHVH é o da justiça, prevalecendo inclusive sobre a misericórdia (Êxodo 21:12-25; Levíticos 24:20; Deuteronômio 19:21). Por sua vez, Melquisedeque significa "rei de justiça" (Hebreus 7:2).

- . Melquisedeque era também rei de Salém (Hebreus 7:2), que era a localidade que deu origem à cidade de Jerusalém. Por sua vez, JHVH é chamado "deus de Israel", cuja sede é a cidade de Jerusalém atual (1 Crônicas 17:24; Êxodo 3:16).

- . Melquisedeque tomou dízimos do despojo saqueado por Abraão e abençoou o patriarca (Hebreus 7:1-6). Similarmente, JHVH recebeu o dízimo dos descendentes de Abraão e por causa disso abençoou o povo (2 Crônicas 31:10).

- . Melquisedeque não tem começo nem fim de dias, o que significa que é eterno. Além disso, ele não tem uma genealogia humana (Hebreus 7:3). Por sua vez, JHVH também é eterno e não tem pai, nem mãe, nem qualquer tipo de genealogia (Neemias 9:5). Esse fato caracteriza ambos como seres divinos e sobrenaturais, tais como os anjos.

- . Melquisedeque é o sumo-sacerdote vitalício do VT (Gênesis 14:18; Hebreus 12:22). Por sua vez, JHVH foi aquele que orientou pessoalmente todos os serviços religiosos no templo, através de regras e exigências ritualísticas. Um detalhe curioso que relaciona o sacerdote levítico com o anjo que era o modelo de perfeição no Eden é que as pedras que adornavam o éfode do sacerdote (Êxodo 28:6-21) são do mesmo tipo daquelas que adornavam aquele anjo do Eden, que queria ser igual a Deus (Ezequiel 28:13). A maioria dos estudiosos da Bíblia associa aquele anjo do Eden com Satanás, porém as maiores evidências são de correspondência com JHVH, especialmente por causa da analogia com as pedras da vestimenta sacerdotal, as quais foram especificadas diretamente por JHVH.

- . É difícil interpretar o papel e o caráter de Melquisedeque, como lemos em Hebreus 5:11, assim como também é difícil compreender o âmago do caráter do controverso JHVH e os seus reais intentos.

- . Melquisedeque assumiu forma humana quando apareceu a Abraão (Gênesis 14:18-20). Por sua vez, JHVH também tomou a forma humana quando apareceu a Abraão junto aos carvalhais de Manre e anunciou que Sara teria um filho (Gênesis 18:1-7).

Portanto, diante de todas essas evidências acima relacionadas, poderíamos supor que JHVH e Melquisedeque são a mesma pessoa, embora isso não esteja totalmente claro nas Escrituras. Porém, ainda que não houvessem subsídios suficientes para associarmos JHVH com Melquisedeque, uma coisa é certa - a personalidade violenta que JHVH revela em várias ocasiões no VT combina perfeitamente com a personalidade de Melquisedeque, o qual veio ao encontro de Abraão para abençoá-lo logo após a matança dos reis inimigos: "Pois esse Melquisedeque, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, veio ao encontro de Abraão que retornava da matança dos reis, e o abençoou" (Hebreus 7:1; Gênesis 14:17-18).

A relação entre a condenação e a justiça, a qual está associada inclusive ao nome de Melquisedeque, se baseia no fato de que a mesma lei que aplica a justiça, aplica também a condenação. Porém, a justiça implacável verificada tanto no comportamento de JHVH como em Melquisedeque, não leva

em consideração a misericórdia nem a compaixão, que são atributos peculiares e distintivos do verdadeiro Deus e Pai.

- Qual é a relação entre o ministério sacerdotal de Melquisedeque e o ministério sacerdotal de Jesus?

Quanto ao aspecto sacerdotal, lemos em Hebreus 7:11-12 o seguinte: "Se a perfeição fosse pelo sacerdócio levítico (pois debaixo dele o povo recebeu a lei), que necessidade haveria que outro sacerdote se levantasse segundo a ordem de Melquisedeque e não ser chamado segundo a ordem de Aarão? Pois o sacerdócio sendo mudado, também é necessária a mudança da lei".

Esse texto deixa claro que Melquisedeque foi o sumo-sacerdote de um sacerdócio imperfeito, que teve de ser mudado juntamente com a mudança da lei que o regia, e isso se aplica ao Velho Concerto. A imperfeição está no fato de que houve necessidade de ser estabelecido um novo sacerdócio perfeito e eficaz.

Isto significa que o sacerdócio do VT foi mudado por um outro, cujo sumo-sacerdote é Jesus Cristo, o Filho de Deus, e é por isso que o texto de Hebreus 7:12 diz que houve MUDANÇA de sacerdócio. Embora tendo sido executado de uma só vez durante o seu ministério entre os homens, o sacerdócio de Cristo tem um alcance universal e eterno.

Melquisedeque estava incapacitado de prover salvação e redenção para quem quer que fosse, pois seu ministério era imperfeito e semelhante aos dos sacerdotes do VT, que tinham que estar continuamente oferecendo sacrifícios por si mesmos e pelo povo. O sacerdócio levítico, assim como o sacerdócio de Melquisedeque, tinha caráter temporário e era exercido através de ministrações contínuas, com o sacrifício de animais e oferendas de alimentos (Hebreus 7:28), enquanto que o sacerdócio de Cristo é perfeito, eterno e único, realizado às custas de seu próprio sangue, como diz Hebreus 9:24 e 25.

O ofício sacerdotal iniciado por Melquisedeque não teve êxito porque era fundamentado em um modelo de fachada, e não tinha correspondência com o modelo do sacerdócio verdadeiro proposto pelo Deus Pai. Por causa disso, ele teve de ser substituído pelo sacerdócio de Jesus, como lemos em Hebreus 7:11, o que significa que o sacerdócio do VT deu lugar definitivamente ao sacerdócio do NT.

Por extensão, o Velho Concerto se tornou repreensível e por isso foi rejeitado, havendo sido ABOLIDO por Cristo, como diz 2 Coríntios 3:14-16. E assim, o ministério de Melquisedeque representa o ministério do VT, o qual foi invalidado por Cristo por causa de sua FRAQUEZA e INUTILIDADE (Hebreus 7:18).

Por outro lado, o Novo Concerto foi aprovado, exaltado e glorificado, e por isso é chamado em Hebreus 7:22 de "um MELHOR concerto". Após a ressurreição, Jesus foi constituído "autor de uma eterna salvação", como diz Hebreus 5:7-9... "Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu, e sendo consumado veio a ser a causa da ETERNA SALVAÇÃO para todos os que lhe obedecem".

O fato do sacerdócio de Jesus Cristo ter sido "segundo a ordem de Melquisedeque", como diz Hebreus 5:6, 7:17 e 7:21, não significa que os dois ministérios estavam relacionados entre si, como se um fosse uma continuidade do outro, visto que as diferenças entre eles são muito grandes, a saber:

- o sacerdócio de Melquisedeque foi temporal enquanto que o de Cristo foi eterno (Hebreus 7:25);
- no sacerdócio de Melquisedeque e de todos os sacerdotes do VT, o sangue usado para expiação era de animais (bodes, bezerros, touros e novilhas) enquanto que o sacerdócio de Cristo foi exercido com o derramamento de seu próprio sangue (Hebreus 9:12-14);
- Cristo é ministro do santuário do VERDADEIRO tabernáculo estabelecido por Deus (Hebreus 8:2), e não do VIRTUAL, que foi exercido por Melquisedeque e por todos os sacerdotes do VT;
- com a mudança do sacerdócio houve também a mudança da lei (Hebreus 7:12) e assim, todo aquele arcabouço ritualístico de religiosidade aparente que regia o ministério do VT, deu lugar ao ministério eficaz e autêntico de Jesus no NT (Hebreus 8:6; 8:13; 2 Coríntios 3:6).

- O sacrifício de Cristo não foi prefigurado pelo sacrifício de animais executados conforme os preceitos da lei no VT? Isso não traz uma correlação entre o ministério de Jesus Cristo e a lei de JHVH?

Uma das grandes evidências de que JHVH e o Deus Pai revelado por Jesus Cristo são pessoas diferentes é a questão dos sacrifícios e holocaustos.

O próprio bom-senso nos leva a repudiar a idéia de que Deus teria algum tipo de prazer ao receber um sacrifício de animal para o seu deleite. No entanto, é exatamente essa a idéia que temos ao ler várias passagens no Velho Testamento, onde isso é declarado de forma muito enfática.

É o caso de Gênesis 8:20, onde lemos que o cheiro do holocausto de animais oferecido por Noé agradou a JHVH. É simplesmente inconcebível se pensar que o cheiro da carne queimada pudesse agradar o Deus Absoluto, que é espírito, e procura adoradores que o adorem em espírito e em verdade, como ensinou Jesus em João 4:23 e 24.

Em Êxodo 29:18, JHVH confirmou que a queima da carne no fogo produziu um aroma agradável para ele. Nessa mesma oportunidade, JHVH deu detalhes de como devia ser feito o sacrifício dos animais e quais os animais que eram considerados "limpos" e adequados para esse tipo de ritual.

Um fato semelhante aparece também em Êxodo 29:38-42, JHVH deu mais detalhes sobre os holocaustos, ordenando que a cada dia fossem sacrificados dois cordeiros de um ano, sendo um de manhã e o outro ao entardecer. Isso deveria ser perpetuado por todas as gerações dos judeus.

Além de ordenar a Moisés que lhe dedicasse os sacrifícios de animais, JHVH solicitou que ele transmitisse isso ao povo de Israel, como está escrito em Êxodo 20:22-24.

Em Levíticos 22:17-30 JHVH acrescentou mais alguns detalhes a respeito dos animais que seriam aceitos nos sacrifícios. Aqueles que tivessem algum tipo de defeito seriam rejeitados e considerados inaptos para o holocausto.

Ao que parece, o cheiro dos holocaustos parecia apaziguar JHVH quando estava irado, pois em Êxodo 24:4-7 lemos que JHVH apareceu aos líderes de Israel; bebeu e comeu com eles, logo em seguida à uma oferenda de sacrifícios, que foram realizados tal como JHVH havia ordenado.

Vemos uma evidência desse gosto pelo derramamento de sangue e queima da carne de animais também em Gênesis 15:1-21, quando JHVH ordenou a Abraão vários sacrifícios, num ritual macabro onde os animais foram cortados ao meio e suas carcaças foram expostas, até que aves de rapina foram atraídas pelo cheiro dos animais mortos.

Abraão começou então a enxotar aquelas aves, e deve ter ficado muito horrorizado com aquele teatro de terror e desapontado com o caráter daquele deus sanguinário, que de vez em quando lhe cobrava coisas absurdas.

Além do sentimento bárbaro revelado pela consumação da carne queimada, JHVH parece nutrir também o desejo de se manifestar com poder e alarde, como por exemplo em Levíticos 9:24, quando saiu fogo da presença de JHVH consumindo completamente os holocaustos, trazendo grande alegria e euforia ao povo de Israel, que aprendeu a valorizar esse tipo de truculência.

Esse tipo de culto ordenado por JHVH, que se utiliza de holocaustos e oferendas vivas faz lembrar muito os trabalhos e "despachos" praticados nos segmentos religiosos espiritualistas de origem afro-indígenas, tais como a Macumba, Umbanda, Quimbanda, Feitiçaria, Vodú e Candomblé, com o sacrifício de animais para agradar as "entidades" e os "orixás", os quais parecem ser muito ávidos pelo derramamento de sangue de seres vivos.

Algumas pessoas tentam minimizar o gosto de JHVH pelos sacrifícios de animais, citando I Samuel 15:22 e 23, onde Samuel afirmou a Saul que JHVH tem mais prazer em que obedecem a sua palavra do que em sacrifícios e holocaustos.

No entanto, se analisarmos o contexto desse episódio, constatamos que a desobediência que irritou JHVH consistia no fato de que Saul não destruiu completamente o rebanho dos amalequitas, poupando alguns animais que foram considerados de boa qualidade!

Aquela "desobediência" desagradou profundamente a JHVH, que queria o sacrifício total do rebanho do povo considerado "ímpio". Esse fato não somente confirmou que JHVH valoriza sobremaneira os holocaustos, como também ficou indignado porque o extermínio daqueles animais não foi total, como ele desejava.

Em Romanos 12:1 e 2, Paulo descreve qual é o sacrifício que realmente agrada a Deus: são os sacrifícios das vidas consagradas para o bem, para o que é justo e louvável. Paulo afirma nesse mesmo texto que esse é o culto racional.

Diante dessa declaração do apóstolo, podemos deduzir que o culto irracional é aquele que agradava a JHVH, o qual produzia apenas cheiro de churrasco e carne assada, sem produzir nada realmente produtivo no caráter e na vida dos indivíduos, os quais de forma néscia julgavam que podiam comprar os favores de Deus com o sacrifício daqueles animais.

Portanto, fica evidente que o ministério sacerdotal de Jesus Cristo não coaduna com a lei de sacrifícios do VT, a qual foi concebida e arquitetada por JHVH.

- Satanás e JHVH são a mesma pessoa? Existe algum tipo de identidade entre eles? JHVH é essencialmente maligno?

Não compartilho da idéia defendida por alguns grupos de tendências gnósticas, que não reconhecem JHVH como Deus e o identificam a Satanás. Embora eu próprio também não creio que JHVH e o Deus Pai sejam a mesma pessoa, não creio tampouco que JHVH seja o mesmo que Satanás, pelas razões a seguir.

Ao lermos Jó 1:6 e 2:1, cujos textos mencionam o fato de que os filhos de JHVH se apresentavam diante dele e Satanás era um desses filhos, temos uma prova incontestável que JHVH é um ser distinto de Satanás. Cabe aqui a explicação de que esses "filhos de JHVH" a que se refere o texto são anjos, como fica claro ao compararmos Gênesis 6:1 e o Salmo 82: 1 e 6.

Portanto, embora haja um relacionamento de paternidade entre JHVH e o anjo Satanás, todavia são pessoas distintas e autônomas em suas atitudes.

Outro texto que também deixa clara a distinção entre esses dois seres é Gênesis 3:1 a 24, onde vemos que a serpente é um dos personagens no jardim de JHVH-Elohim. No Apocalipse 20:2 temos a explicação textual que Satanás é a antiga serpente, também chamado diabo.

Comparando-se os textos de II Samuel 24:1 que diz "a ira de JHVH se tornou a acender contra Israel e ele incitou a Davi contra eles, dizendo: Vai, numera a Israel e a Judá", com I Crônicas 21:1 que diz: "então Satanás se levantou contra Israel e incitou Davi a numerar a Israel", temos mais um esclarecimento sobre a identidade de Satanás, o qual por esta correlação corresponde à ira de JHVH.

Isso significa que quando era necessária uma atuação que exigisse castigo, maldições e punições mais severas aos homens, JHVH se valia de Satanás para fazer o “trabalho sujo”.

Dentro de minha ótica, não vejo JHVH como alguém essencialmente malévolo, mas sim como alguém que teve seus planos frustrados, e por causa disso teria se tornado enciumado e iracundo, exatamente como muitas pessoas que passam por experiência semelhante.

Esses planos frustrados se resumem no seguinte: ao criar o homem a partir do pó da terra, JHVH arquitetou um plano que incluía um Messias na figura de um libertador político, o qual entre outras tarefas deveria zelar pelo cumprimento dos mandamentos e leis de JHVH em um reino aqui na Terra. Davi era símbolo desse rei messiânico, o qual era segundo o coração de JHVH (I Samuel 3:14; I Reis 11:4 e 15:3; Atos 13:22).

O caráter fiel e conquistador de Davi era valorizado por JHVH, que via nele um modelo para o seu futuro Messias (Salmos 132:10 a 17). Em Oséias 3:5 e Jeremias 30:9, o Messias chegou a ser identificado com Davi.

No entanto, Davi cometeu um pecado grave que o desabonou, ao cometer adultério e induzir um de seus fiéis soldados ao homicídio (II Samuel 12:7 a 9).

Com o fracasso dos sucessores de Davi, como por exemplo seu filho Salomão, JHVH tinha esperanças de ver seu plano de ação mundial através de um Messias que fosse absolutamente irrepreensível na conduta, para assim justificar que a lei e os mandamentos que ele dera no Sinai eram bons, a fim de estabelecer a sua justiça própria (Isaias 11:1 a 5).

Dentro dessa perspectiva, Jesus “encaixaria como uma luva”, para provar que seria possível alguém cumprir uma Lei tão severa.

Por preencher esses requisitos, Jesus estava nos planos de JHVH, não na condição de Filho, mas como príncipe (Daniel 9:25) de um reino onde JHVH seria rei.

Dentro desse plano, caberia ao povo de Israel desfrutar da herança na Terra, enquanto que os estrangeiros vindos de todos os outros povos seriam seus serviçais, para cuidarem de seus bens materiais (Isaias 61:5 e 6).

JHVH pretendia que Jesus fosse o Messias de Israel pela força, porém a grande frustração nos planos de JHVH foi que Jesus preferiu filiar-se ao Pai (João 16:3 a 8) e inserir-se dentro do plano de redenção universal do Pai (João 3:16), ao invés de satisfazer os caprichos ambiciosos de JHVH em seu plano segregativo.

A idéia de exclusivismo e estabelecimento do poder pela força, como JHVH propunha, estava fora do propósito de Jesus. Na realidade Jesus manifestou-se primeiramente aos judeus e lhe agradaria começar através de seus próprios patrícios (Mateus 23:37), mas como a grande maioria rejeitou, Jesus voltou-se para os gentios (Mateus 28:19 e 20).

Após sua partida, levantou Paulo para a continuidade desse ministério, com essa mesma orientação (Atos 13:46).

No Salmo 110:1 e Atos 2:34 e 35 a primeira menção da palavra “Senhor” diz respeito a JHVH e a segunda a Jesus. No original estão mencionados respectivamente JHVH ou Javé e Adonai. Nesse texto foi profetizada a proposta de JHVH para que Adonai (Jesus) se assentasse à sua direita até que JHVH lhe colocasse todos os seus inimigos como escabelo (banqueta) para seus pés.

JHVH pretendia fazer de Jesus um príncipe vitorioso como Davi para conquistar o mundo (I Samuel 2:10 e Salmos 2:2 a 8), ainda que isso implicasse no derramamento de sangue de milhões de criaturas.

Porém, Jesus não estava preocupado com aquela glória terrena e acabou rejeitando a unção de JHVH para receber a unção e adoção do Pai. Jesus, portanto não é o Messias de JHVH mas sim do Pai. Isso aconteceu no período em que Jesus deveria escolher o bem e rejeitar o mal (Isaias 7:14 e 15).

Tratava-se da escolha entre beber do cálice do sofrimento da parte do Pai (João 18:11 e Mateus 26:42), o qual resultaria em bênção e salvação para muitos, ou o cálice “transbordante da glória terrena” da parte de JHVH (Salmos 23:5), onde Ele só teria que aguardar ser ungido e servido confortavelmente na mesa preparada por JHVH, “na presença de seus inimigos”, como diz o Salmo.

Todo sacerdote era ungido (Levíticos 4:3 a 5) e Jesus é o sumo-sacerdote de uma Nova Aliança. É evidente que para esse exercício, Jesus precisaria ser ungido.

Jesus foi então ungido pelo Pai com o Espírito Santo e com virtude (Atos 10:38), que é o “óleo da alegria” mencionado profeticamente no Salmos 45:7 Essa decisão de Jesus, ao tomar partido ao lado do Pai, provocou o ciúmes de JHVH que, inconformado por ver seus planos frustrados, tornou-se opositor velado da Igreja, trazendo distorção e confusão através de muitas traduções e tradições, ocultando assim sua verdadeira identidade ao longo dos séculos.

Na sua derradeira tentativa de subverter Jesus e atraí-lo para seus planos, JHVH comissionou o arqu-inimigo declarado, Satanás, que quer dizer “adversário”, para tentar dissuadir Jesus de sua filiação ao Pai, confirmada pouco antes, no batismo, através de uma voz vinda dos céus (Mateus 3:17), onde o Pai declarava assumir a paternidade do Filho Unigênito, a qual foi profetizada no Salmos 2:7 e ratificada em Atos 13:33 e Hebreus 1:5; 5:5.

Nessa persuasão, Satanás usou todos os recursos de bens materiais e a glória terrena que ele declarou haver recebido (Lucas 4:5 e 6), mas Jesus já conhecia aquela proposta, pois tratava-se do mesmo galardão oferecido por JHVH aos que lograssem habitar em seu reino terreno (Ezequiel 36:28 a 30).

É importante observar que Lucas 4:1 faz referência a dois espíritos agindo sobre Jesus. Um que é o Espírito Santo, do qual diz o texto que Ele estava “cheio”, e o outro genérico (não declarado Santo) que o conduziu para ser tentado.

Jesus teria toda a chance de ser constituído Messias de Israel segundo os propósitos de JHVH, que provavelmente nem incluiriam o suplício sacrificial na cruz.

Sua messianidade, porem estaria condicionada ao estabelecimento da lei e dos mandamentos de JHVH com vara de ferro.

Jesus, porem, não é Messias somente para Israel, como estava nos planos de JHVH, mas também para todo o mundo, porque o desejo do Pai é que todos sejam alcançados e salvos (I Timóteo 2:4). Por isso Jesus identificou-se à samaritana como o Messias (João 4:25 e 26) e não restringiu a adoração aos samaritanos, no monte Gerizim ou aos judeus no monte Sião, mas disse que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito, em qualquer local da Terra onde se encontrarem (João 4:23).

Portanto Jesus não é um simplesmente um "Messias nacional", mas um Salvador pessoal, pois o Pai não tem planos segregativos para um povo "exclusivo" nem faz discriminação de pessoas (I Pedro 1:17; Romanos 2:11; Atos 10:34 e 35; 15:8 e 9), diferentemente de JHVH, que ensinou os judeus a discriminarem os outros povos tais como os samaritanos (João 4:9) e as mulheres (João 4:27).

Por todos esses motivos, não vejo JHVH como originalmente maligno e perverso como Satanás, mas como alguém que teve seus antigos planos frustrados e, enciumado, passou a obscurecer e a se contrapor ao plano do verdadeiro Deus Pai, cujo Messias é o seu próprio Filho, o qual estabeleceu o Reino de Deus nos corações de todos aqueles que lhe deram lugar.

- O verdadeiro Deus agia nos tempos do Antigo Testamento?

O verdadeiro Deus sempre agiu desde a eternidade e os tempos mais remotos, porém, sem espalhafato e opulência, como agia costumeiramente JHVH.

Assim, por exemplo, aquele quarto homem que estava na fornalha de fogo do rei Nabucodonozor, junto com Daniel e seus amigos era o Filho de Deus, Jesus Cristo. Por isso, o seu aspecto pareceu ao rei como semelhante ao filho dos deuses (Daniel 3:25).

Jesus se solidarizou com aqueles jovens que se rebelaram contra a adoração da estátua ordenada por Nabucodonozor, o qual agia a serviço de JHVH para oprimir a terra e fazer subjugar aqueles que não pusessem seu pescoço debaixo do rei da Babilônia, tal como lemos em Jeremias 27:1 a 8: *"Assim diz Jeová dos exércitos, o deus de Israel: Assim direis a vossos senhores: Eu fiz a terra, o homem, e os animais que estão sobre a face da terra, pelo meu grande poder, e com o meu braço estendido, e a dou àquele que me agrada em meus olhos. E AGORA EU ENTREGUEI TODAS ESTAS TERRAS NA MÃO DE NABUCODONAZOR, REI DE BABILÔNIA, MEU SERVO; e ainda até os animais do campo lhe dei para que o sirvam. E todas as nações o servirão a ele, e a seu filho, e ao filho de seu filho, até que também venha o tempo da sua própria terra, quando muitas nações e grandes reis se servirão dele. E acontecerá que, se alguma nação ou reino não servirem o mesmo Nabucodonozor, rei de Babilônia, e não puserem o seu pescoço debaixo do jugo do rei de Babilônia, visitarei com espada, e com fome, e com peste essa nação, diz Jeová, até que a consuma pela sua mão" (Jr. 27:1-8).*

Aqui temos mais uma prova de que o ministério de Jesus não se coaduna com o de JHVH, pois ao tomar partido dos jovens que se rebelaram contra Nabucodonozor, ficando solidário com eles no meio da fornalha de fogo, o Filho de Deus se voltou contra a submissão tirânica ao jugo de Nabucodonozor, servo de JHVH.

- Quando no NT é usada a expressão "está escrito", se referindo a um texto do VT, como por exemplo 2 Coríntios 9:9, fazendo referência a Salmos 112:9, isso dá credibilidade ao texto do VT na qualidade de Palavra de Deus?

A expressão "está escrito" usada nesse e outros textos fazendo referência ao Velho Testamento é semelhante a "ouviste o que foi dito aos antigos", usada várias vezes por Jesus em Mateus capítulo 5, e não aprova necessariamente o que foi transmitido naquela ocasião. É mais ou menos como um ditado popular que podemos aplicá-lo adequadamente ou não, conforme a circunstância.

Como exemplo, veja Mateus 5:38 onde Jesus disse: "Ouvistes o que foi dito: Olho por olho e dente por dente", fazendo referência a Êxodo 21:24. Logo a seguir ele disse no v. 39 "Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se alguém te bater na face direita oferece-lhe também a esquerda".

Ao dizer "Eu, porém, vos digo..." Jesus deu a entender que não aprovava o mandamento do VT e deu o seu próprio mandamento.

Portanto, as expressões "está escrito" ou "ouvistes o que foi dito aos antigos" servem apenas como referências para situar um determinado assunto ou ensinamento que já houvera sido dado ou tratado anteriormente, porém agora dentro de um novo contexto.

- O que dizer de Mateus 5:17, quando o próprio Jesus disse que não veio destruir a Lei ou os Profetas, ou João 5:39, quando ele recomenda examinarmos as Escrituras do VT, que dele fazem referência?

Ao dizer que não veio para anular a Lei, mas para cumprir, Jesus estava querendo dizer que seu ministério não é basicamente de destruição, mas sim de reconstrução ou restauração.

Que os ensinamentos de Jesus diferiam dos ensinamentos da Lei do VT, isso está claro nesse mesmo capítulo 5 de Mateus, onde Jesus frequentemente questiona a Lei, dizendo: "Ouvistes o que foi dito aos antigos... porém eu vos digo" (vs. 28, 32, 34, 39 e 44).

Isso significa que ao trazer a sua própria Lei e o Evangelho que ele recebeu de seu Pai, Jesus estava fazendo com que a Lei por si só perdesse a sua eficácia e a sua notoriedade. A própria Lei tornou-se obsoleta e sem valor, como diz Hebreus 7:18.

É mais ou menos como a ferida, onde não é necessário tirar a casca, pois na medida em que a nova pele vai se formando e cicatrizando, a casca velha cai por si só até que fique apenas a pele nova.

Anular a Lei do VT e ignorar todo o pano de fundo do cenário que havia antes de Jesus seria privar alguém da oportunidade de confrontar aquilo que é ineficaz e incoerente com aquilo que é eficaz e totalmente coerente. Se a noite não fosse escura, não perceberíamos o brilho das estrelas.

Portanto, Jesus definitivamente não anulou a Lei; a própria Lei se anulou por si mesma, diante da excelência de uma nova e inquestionável Lei – a Lei do amor que não existia no Velho Concerto.

- Em Atos capítulo 13, quando Paulo traçou a história do povo de Israel desde o Êxodo até o Reino de Davi (vs. 17-23), ele estava falando de que Deus?

Analisemos o texto:

Atos 13:17 O Deus deste povo de Israel escolheu a nossos pais, e exaltou o povo, sendo eles estrangeiros na terra do Egito, de onde os tirou com braço poderoso, Atos 13:18 e suportou-lhes os maus costumes no deserto por espaço de quase quarenta anos;

Atos 13:19 e, havendo destruído as sete nações na terra de Canaã, deu-lhes o território delas por herança durante cerca de quatrocentos e cinquenta anos.

Atos 13:20 Depois disto, deu-lhes juizes até o profeta Samuel.

Atos 13:21 Então pediram um rei, e Deus lhes deu por quarenta anos a Saul, filho de Cis, varão da tribo de Benjamim.

Atos 13:22 E tendo deposto a este, levantou-lhes como rei a Davi, ao qual também, dando testemunho, disse: Achei a Davi, filho de Jessé, homem segundo o meu coração, que fará toda a minha vontade.

Atos 13:23 Da descendência deste, conforme a promessa, trouxe Deus a Israel um Salvador, Jesus.

A resposta está no versículo 17, quando Paulo diz "O Deus deste povo de Israel". Portanto, não se trata do Deus Pai, o qual não é segregativo e não é Deus exclusivo de uma nação, ou uma tribo, ou de um determinado povo.

Trata-se de JHVH, o deus dos exércitos e deus do povo de Israel, que abominava os incircuncisos e ídólatras de outras nações.

O texto de Atos 13:17 a 23 acima realmente se refere à história do povo de Israel desde o Êxodo até o Messias, Jesus, que estava nos planos de JHVH para ser o libertador guerreiro semelhante ao seu ancestral Davi, porém, que acabou não cumprindo os propósitos bélicos de JHVH, o "deus" particular de Israel.

- O Gnosticismo é algo bom em termos filosóficos e válido como prática religiosa?

O Gnosticismo atual tem muito pouco a ver com o Gnosticismo cristão do primeiro século e atualmente se ajusta mais na linha esotérica. Na realidade, de "cristão" só teve a origem de alguns de seus precursores e assim, sobre o movimento do Gnosticismo atual há pouco a comentar porque também não tem nada em termos de correspondência com o que Jesus ensinou.

Quanto ao Gnosticismo original do primeiro século do cristianismo, que teve muita influência de Marcion e alguns outros cristãos, também há vários pontos negativos, que não fazem daquele movimento uma boa referência em termos de correspondência aos ensinamentos de Jesus e à sua proposta em termos de Igreja e comunidade, a qual deveria dar continuidade ao ministério de Jesus entre os homens.

Como exemplo de fator negativo daquele Gnosticismo original, temos o fato de que para melhor sustentar suas interpretações e ensinamentos, Marcion não hesitou em excluir livros e textos das Escrituras, tanto do VT como do NT.

Esse fato levou os conceitos de Marcion ao descrédito no meio do cristianismo tradicional, pois além de rejeitar por completo a credibilidade dos livros do VT, Marcion elegeu apenas algumas epístolas de Paulo e uma parte do evangelho de Lucas como base doutrinária para a igreja que fundara.

Além da mutilação das Escrituras, Marcion equivocadamente invalidou as doutrinas da encarnação e ressurreição de Jesus, bem como o seu sofrimento como homem diante da cruz, pois julgava que a fraqueza da natureza humana não se adequava à natureza essencialmente espiritual de Cristo.

Esses fatos fizeram com que Marcion nunca tivesse tido crédito dentro da igreja cristã, tanto entre os católicos, como posteriormente após a Reforma, entre os protestantes. Se Marcion tivesse se limitado a caracterizar a distinção entre JHVH e o Deus Pai supremo (o que fez com maestria e pioneirismo), sem colocar em dúvida a natureza humana assumida temporariamente por Cristo, certamente teria logrado uma melhor sustentação de suas teorias dentro do cristianismo.

Portanto, a conclusão é que nem o Gnosticismo original do primeiro século, e principalmente o Gnosticismo atual, não são práticas boas e válidas para quem dá crédito ao que Jesus e seus apóstolos ensinaram, seja em termos filosóficos ou como fonte de inspiração religiosa.

- Quando lemos em Hebreus 1:1 "Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho", isto significa que quem falava através dos profetas no Antigo Testamento era o Deus Pai, ou era JHVH?

O verdadeiro Deus Pai nunca deixou os homens sem testemunho, como diz Romanos 1:20. Ocorre que os homens geralmente não sabiam distinguir quando é que o verdadeiro Deus lhes falava, ou quando era um anjo, ou ainda JHVH.

Isso fica evidente quando Abraão foi visitado por anjos transfigurados em forma de seres humanos (Gênesis 18:1 e 2), ou quando Jacó lutou com um anjo, supondo que havia lutado com Deus (compare Gênesis 32:30 com Oséias 12:4).

Isso significa que os patriarcas e profetas do VT profetizaram muitas vezes sobre coisas que eles próprios desconheciam, e misturavam aquilo que recebiam da parte do Deus verdadeiro com aquilo que recebiam por parte daquele que se fazia passar pelo Deus verdadeiro.

E assim, por exemplo, no Monte Sinai Moisés supunha estar falando com Deus, mas Estevão revelou o mistério declarando que Moisés estava diante de um anjo (Atos 7:38) e recebeu o ministério do VT por parte de anjos (Atos 7:53).

A grande diferença é que quando o verdadeiro Deus fala, Ele só fala a verdade. Por sua vez, quando o falso deus fala, ele fala só mentira ou "meiasverdades", para confundir.

Quando Jesus veio, Ele só trouxe a Verdade. É por isso que em João 1:17 lemos que "a lei foi dado por Moisés, mas a graça e a **verdade** vieram por Jesus Cristo". Isso significa que, se a verdade absoluta só veio após Jesus Cristo, segue-se que os antigos, sejam patriarcas, juizes e profetas, ouviram mentiras misturadas com coisas verdadeiras.

Essa confusão mental devido a mistura entre verdades e mentiras é algo que caracteriza aqueles que não têm o espírito do discernimento, que é dado pelo Espírito Santo, ao qual Paulo se refere em 1 Coríntios 2:10 a 16.

- No texto de Hebreus 3:7 a 11, que diz: "Se ouvirdes hoje a sua voz, não endureçais os vossos corações, como na provocação, no dia da tentação no deserto. Onde vossos pais me tentaram, me provaram, e viram por quarenta anos as minhas obras. Por isso me indignei contra esta geração, e disse: Estes sempre erram em seu coração, e não conheceram os meus caminhos. Assim jurei na minha ira que não entrarão no meu repouso", quem está declarando isso é o Deus Pai, de quem dizemos que não se abala e não se deixa levar pela ira?

O texto de Hebreus 3:7 a 11 foi usado como uma referência e corresponde a Salmos 95:7 a 11. Portanto, essa "ira" e o sentimento de retaliação não correspondem ao sentimento do Deus Pai, que não é tentado, nem provado, nem se ira por causa do comportamento dos homens, porque Ele conhece as limitações e fraquezas humanas, não se surpreendendo por nada de errado pelo que os homens tenham feito ou venham a fazer.

O que eu entendo da mensagem desse capítulo é que, da mesma forma como no deserto houve punição para aqueles que foram desobedientes e não entraram no repouso terreno e temporal de JHVH, não se deve esperar que o Deus vivo, o Pai, vá ser condescendente com aqueles que rejeitarem o seu Plano reconciliador através do Filho, Jesus Cristo, e os faça entrarem indignamente em seu repouso celestial e eterno.

- Qual é o significado do episódio no Monte da Transfiguração? Era Deus o Pai quem estava falando desde os céus naquela ocasião?

Naquele episódio do Monte da Transfiguração estavam presentes Jesus e seus discípulos Pedro, Tiago e João, conforme as narrativas de Mateus 17:1-9, Marcos 9:2-13 e Lucas 9:28-36.

Diante da proposta de Pedro para fazerem 3 tabernáculos, sendo um para Elias, outro para Moisés e outro para Jesus, Pedro estava colocando em igualdade de honra Jesus, Moisés e Elias, diante do quê o Pai interveio do céu, dizendo "Este (...e somente este!) é o meu Filho amado; a Ele (...e somente Ele!) escutai".

Embora o Pai nunca tenha sido visto por ninguém, sua voz foi ouvida desde os céus, tanto neste relato como na ocasião do batismo de Jesus (Lucas 3:22), ou também quando foi ouvido por Paulo e por todos aqueles que o acompanhavam na estrada para Damasco (Atos 9:7).

Ao ordenar para que Pedro, Tiago e João escutassem exclusivamente o seu Filho, o Pai deixava claro para aqueles judeus apegados à Lei (representada pela figura de Moisés) e aos Profetas (representados pela figura de Elias), que eles deveriam, sim, ouvirem e honrarem a Jesus e ao seu Evangelho, ao invés de ficarem presos ao que diziam a Lei e os Profetas do Velho Testamento.

- Se o dízimo fazia parte da lei de JHVH no Velho Concerto, é válida a subsistência financeira das Igrejas através de dízimos e contribuições dos fiéis, no cenário do Novo Concerto?

A Igreja tem de ter suas regras, estatuto, representação perante as autoridades civis e tudo o mais que qualquer outra organização humana requer para poder subsistir no meio da sociedade.

A prática do dízimo e das ofertas voluntárias faz parte dessa organização. Foi assim desde o início do cristianismo através da Igreja Primitiva, tal como lemos no livro de Atos dos Apóstolos, e não há outra forma de se manter uma organização que permita congregar pessoas para as práticas cristãs do batismo, ceia do Senhor e encontros comunitários, sem os recursos financeiros necessários para cobrir as despesas de manutenção do local de reuniões e para as ações sociais de atendimento aos mais necessitados, a exemplo do que praticava a igreja primitiva, através de coletas em favor dos necessitados, como está em Romanos 15:26 e 27.

Jesus nunca reprovou a prática do dízimo, mas sim a hipocrisia de alguns ao trazê-lo, como lemos em Mateus 6:2. Pelo contrário, Jesus disse que a nossa justiça e a nossa fidelidade deveriam exceder à dos fariseus em termos de desprendimento aos bens materiais, caso contrário não teríamos acesso ao Reino dos céus (Mateus 5:20).

Jesus analisa a intenção dos nossos corações pela maneira como somos liberais, como aconteceu com aquela viúva pobre de Marcos 12:41 a 44, onde apesar de sua oferta ser quantitativamente menor em relação aos demais que ofertavam no Templo, Jesus disse que ela deu mais do que qualquer um, pois enquanto os outros davam do que lhes sobrava, a viúva trouxe pela fé, todo seu sustento, crendo que Deus não havia de deixá-la desamparada.

Portanto, não se trata apenas de uma questão numérica de 10%. Ananias e Safira trouxeram 50% da venda de um terreno, mas foram reprovados, porque os outros integrantes da comunidade estavam trazendo tudo (100%) aos pés dos apóstolos, num esquema de economia comunitária, como diz Atos 5:1 a 4.

Em 2 Coríntios 9:7 a 13, lemos que as ofertas, sejam elas de que percentual dos rendimentos for, não devem ser dadas com constrangimento, mas sim com alegria, pois é assim Deus se agrada.

Quando se trata de enfiar a mão no bolso, muitos hesitam e até estremececem. Se doar fosse uma coisa agradável e natural para o ser humano, não precisariam haver campanhas públicas para atender vítimas de catástrofes e de infortúnios.

O apego ao dinheiro que a nossa sociedade capitalista imprimiu em todos nós faz-nos desviar do desprendimento que Jesus nos ensinou, no sentido de que a mão esquerda ignorasse o que a direita estivesse fazendo (Mateus 6:3). Neste caso, a mão esquerda significaria a usura enquanto que a direita representaria a liberalidade.

A proporcionalidade que a décima parte (dízimo) sugere como referencial para a contribuição, independentemente do fato de fazer parte do ritualismo judaico do VT, é no mínimo equilibrada. Paulo recomendou aos coríntios que cada um contribuísse com o que pudesse ajuntar, conforme a sua prosperidade, no primeiro dia da semana (I Coríntios 16:2), o que indica que o apóstolo não somente aprovava, como também recomendava a ministração de ofertas proporcionais ao rendimento de cada um.

- O que aconteceu em 2 Crônicas 18:22, quando lemos que Deus pôs um espírito de mentira na boca de seus profetas para enganar o povo de Israel?

O que aconteceu em 2 Crônicas 18:20 foi o fato de que JHVH usou um espírito de mentira (isto é, um anjo mentiroso de sua equipe, ou melhor, um demônio), o qual se voluntariou para enganar os profetas de Israel, o que desabona grandemente o caráter de Jeová, já que ele usava de mentiras para castigar o povo, quando lhe desagradavam.

Esse tipo de comportamento contrasta muito com o caráter de Jesus, que só revelou a verdade entre os homens e a si próprio se identificou com a Verdade (João 14:6), dizendo ainda que o diabo é o pai da mentira (João 8:44).

Jesus foi rejeitado por muitos, mas isso não lhe levou a usar de mentiras para enganar o povo e castigar seus opositores, porque a mentira não fazia parte de sua natureza. Quem não tem a natureza de mentiroso, nem sabe mentir; quanto mais enganar os profetas de seu povo!

- O que podemos dizer a respeito dos "heróis da fé" relacionados em Hebreus capítulo 11? Não são eles em boa parte os "campeões" de batalhas de JHVH?

Na "galeria dos heróis da fé" de Hebreus capítulo 11 estão mencionados personagens do VT que em algum momento de suas vidas demonstraram fé em Deus, ou em quem eles imaginavam ser Deus.

Nessa "galeria" constam alguns personagens, como por exemplo Sansão, que teve uma vida devassa e envolvida com prostitutas e matanças, porém, quando estava no cárcere, teve um momento de reflexão e fé quando pediu forças a JHVH para se vingar dos filisteus, obtendo como resposta a queda do templo de Dagon.

Aquela fé, embora estivesse direcionada para um fim que não era pacífico, serve de exemplo para conquistas maiores e mais nobres daqueles que procuram viver conforme a vontade do Deus verdadeiro.

A prova de que aqueles heróis não tinham a fé direcionada para o Deus verdadeiro é que em Hebreus 11:39 vemos que, embora em algum momento aqueles heróis tenham dado testemunho de fé, não alcançaram a promessa. Essa promessa que aqueles "heróis da fé" não alcançaram é o mesmo repouso que Josué não conseguiu dar ao povo de Israel, como diz o versículo 4:8 desse mesmo livro de Hebreus. Por isso mesmo, o autor diz no v. 9 na continuação desse texto que "resta ainda um repouso para o povo de Deus", obviamente se tratando do repouso eterno, não temporal e não nesta vida terrena, como era o repouso prometido por JHVH.

Ainda em Hebreus 11:40 vemos que Deus proveu algo melhor para a sua Igreja, e em especial para os seus filhos, para que sem a participação dos últimos para efeito de promessas, os primeiros não pudessem ser "aperfeiçoados".

- Como podemos entender 2 Pedro 1:19 a 21, que diz: "E temos mui firme a palavra dos profetas, à qual bem fazeis em estar atentos, como a uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia amanheça, e a estrela da alva apareça em vossos corações. Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação, porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo", ... considerando o fato de que é um texto do NT dando credibilidade aos textos do VT?

É preciso enxergar as profecias do VT e a sua contextualização dentro de todo o panorama bíblico, antes e depois de Cristo, para não incorrer no erro da falsa interpretação das Escrituras.

Quando alguém dá uma visão unilateral de uma profecia bíblica, sem se preocupar em dar-lhe um embasamento fundamentado em verdades e princípios incontestáveis à luz dos ensinamentos de Jesus Cristo, está particularizando a interpretação de uma profecia e sendo tendencioso em suas análises.

É preferível admitir com humildade que não se tem a interpretação sobre determinada profecia do que se arvorar a caminhar no terreno desconhecido, sem ter absoluta segurança para qualquer palpite.

No que diz respeito ao fato de que "os homens de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo", é preciso considerar que não é somente o fato de que a profecia se cumpriu que a credibiliza como sendo procedente da inspiração divina.

Na realidade, os profetas do VT profetizavam sobre coisas que eles próprios desconheciam, como muitos deles admitiam.

É bem verdade que várias profecias do VT se cumpriram literalmente; no entanto, o cumprimento de algumas previsões isoladamente não valida totalmente a genuinidade da interpretação, bem como a idoneidade ou inspiração de um profeta. A feiticeira de En-Dor, por exemplo, profetizou com acerto a respeito do futuro de Saul, baseando-se simplesmente em evidências, sem qualquer inspiração divina (2 Samuel 28:19), tal como fazem muitos "profetas" dos tempos atuais.

Da mesma forma, o perverso sumo-sacerdote Caifaz (aquele que julgou Jesus e o sentenciou), profetizou acertadamente a respeito da importância que alguém morresse pelo povo, para que não perecesse toda a nação (João 11:49-51), sendo que o próprio texto diz que ele não disse aquilo de si próprio, ou seja, através de sua própria inspiração profética.

Além disso, é preciso tomar cuidado com aqueles "intérpretes" habilidosos em "ajustar" as profecias apocalípticas, que agem tal como os decifradores das profecias de Nostradamus, ajustando um detalhe aqui e outro ali, para que a profecia dê certo.

Voltando ao texto de 2 Pedro, se um homem é santo de Deus, fala inspirado pelo Espírito Santo de Deus. No entanto, se um homem é instrumento da maldade, ele fala inspirado pelo espírito do próprio Satanás para engano e confusão daqueles que lhe dão ouvidos.

Jesus fez muitas profecias, mas não autorizou ninguém para interpretá-las, tal como fazem aqueles que fixam datas para o fim dos tempos, a volta de Cristo e os eventos apocalípticos. E assim o mais prudente é ficarmos apenas com as profecias interpretadas, que Jesus nos deixou literalmente. Dessa forma, corremos menos risco de errar e evitamos a "interpretação particular" que o apóstolo Pedro reprovou no texto de referência.

Parte VII

Complemento: Redefinindo Deus - Definindo Deus pelo que Ele não é!

Muitos teólogos e cientistas da religião já tentaram definir Deus através de seus conceitos e experiências próprias. No entanto, eles não tiveram sucesso em seus objetivos, pois essa definição é extremamente complexa para as limitadas mentes humanas.

Então, já que é difícil definir Deus pelo que Ele é, vamos tentar defini-lo pelo que Ele não é. E assim, a partir do critério de eliminações, teremos uma idéia do que significa essa conceituação.

A seguir, temos relacionadas várias características que **NÃO** fazem parte do caráter e da personalidade do Deus Pai:

1 - Deus **NÃO** habita em templos construídos por homens – Atos 17:24 – Deus **NÃO** valoriza religiosidade de aparência

Se no VT lemos em 2 Crônicas 7:1 que a glória do Senhor encheu o templo edificado por Salomão e fogo desceu do céu consumindo os sacrifícios de bois, bezerras e cabritos, isso significa que aquele "Senhor" do VT não tem nada a ver com o Deus Pai, o qual não está e nunca esteve interessado em encher templos de tijolos com a sua glória, mas sim os templos vivos que são os corações dos homens.

Além disso, o Deus verdadeiro não se presta a mandar fogo do céu para consumir a carne e a gordura de animais, porque para Ele o sacrifício vivo e voluntário dos corpos e mentes humanas é que são importantes.

2 - Deus **NÃO** é servido por mãos humanas - Deus **NÃO** necessita de nada da parte do homem - Atos 17:25

Se no conceito cerimonial e legalista do VT, bem como na tradição da maioria das religiões constituídas, prevalece o conceito de que o homem precisa servir a Deus com ofertas e atitudes religiosas, a fim de apaziguá-lo e assim conseguir algum favor ou graça, esse texto deixa claro que o verdadeiro Deus Pai não necessita ser servido, como se tivesse uma carência ou uma fraqueza qualquer.

O conceito de um Deus que precisa ser agradado para depois abrir as janelas do céu e conceder bênção e livramentos não faz parte da natureza do verdadeiro Deus Pai. Da mesma forma, a religião utilitária, onde prevalece o conceito de dar para receber dobrado, tem a ver com o paganismo, mas não com o puro Evangelho ensinado por Jesus.

3 - Ninguém jamais viu a Deus - Deus **NÃO** aparece e nunca apareceu fisicamente para ninguém - João 1:18

Se no VT lemos que Deus apareceu a Abraão, Jacó, Moisés e outros, isto significa que aquele que aparecia fisicamente no VT não é o mesmo que foi revelado no NT exclusivamente através de Jesus.

Jesus foi a única revelação física e plena de Deus para com a humanidade em todos os tempos. Por causa disso, Jesus disse a Filipe: Quem vê a mim, vê o Pai (João 14:9).

Além disso, Jesus deixou claro à samaritana que Deus é espírito e não está circunscrito a qualquer tipo de espaço físico - João 4:24.

4 - Em Deus **NÃO** há mudança nem sombra de variação - O caráter de Deus **NÃO** muda - Tiago 1:17

Embora as decisões de Deus com relação aos homens sejam circunstanciais e dependentes das deliberações provenientes do livre arbítrio concedido aos seres humanos, os valores e parâmetros com os quais Deus se vale para julgar atitudes ou pessoas são sempre os mesmos, pois o seu caráter é imutável e os seus critérios não mudam.

Se lemos em Gênesis 6:6 que o Senhor se arrependeu de haver criado o homem e de tê-lo colocado sobre a face da terra, isso é mais uma prova de que aquele "Senhor" do VT não corresponde ao verdadeiro Deus Pai revelado por Jesus Cristo.

5 - Deus **NÃO** pode mentir - Tito 1:2

Se no VT lemos que Javé enviou um espírito de mentira para enganar os profetas e o povo (1 Reis 22:20-23), no NT Jesus veio com graça e verdade (João 1:17) e ele próprio se identificou com a verdade (João 14:6), repudiando a mentira e associando-a ao diabo, o pai da mentira (João 8:44).

A linguagem do Reino de Deus é a verdade, enquanto que a linguagem do reino das trevas é a mentira. Todo aquele que faz da mentira a sua linguagem identifica-se com o reino das trevas, onde prevalecem a falsidade e o engano.

6 - Deus é fiel - Deus **NÃO** pode negar-se a si mesmo - 2 Timóteo 2:13

Quando lemos em 2 Timóteo 2:13 que ainda que sejamos infiéis Deus todavia permanece fiel, isso significa que embora Deus tenha todo o poder, Ele se reserva soberanamente ao direito de não responder com infidelidade quando somos infiéis. Se em alguma situação do cotidiano ou na narrativa bíblica vemos alguma situação onde não houve fidelidade, podemos estar certos de que não se trata do Deus verdadeiro, o qual não pode negar um atributo que é inerente à sua natureza.

7 - Deus NÃO faz acepção de pessoas - Deus NÃO tem predileções - Para Deus NÃO há favoritismos - Romanos 2:11

Se no VT Javé (JHVH) fazia discriminação dos povos e favorecia abertamente os judeus, no NT o Deus Pai se mostrou imparcial mostrando primeiramente a Pedro e depois a Paulo que seu propósito primordial era estender a graça do Evangelho a todos os povos, independentemente da raça, condição social, sexo, aptidão física, ou qualquer outro fator discriminatório, como lemos em Gálatas 3:28 e Colossenses 3:11.

É por esse motivo que Jesus não tinha escrúpulos de se aproximar de mulheres, pecadores e pessoas de má reputação aos olhos dos religiosos judeus, a ponto de ser confundido com eles (Mateus 11:19). Ao reunir discípulos, Jesus não selecionou apenas pessoas virtuosas, mas escolheu homens com falhas de caráter, intempestivos, pusilânimes, incrédulos, gananciosos e mesquinhos.

8 - Deus NÃO quer que ninguém se perca, senão que todos venham a arrepender-se - 2 Pedro 3:9 e 15

Se no VT Javé (JHVH) parecia não hesitar em castigar povos e destruir exércitos inteiros, muitas vezes por causa de algumas pessoas que por algum motivo lhe desagradavam, no NT o Pai é misericordioso, buscando sempre a reabilitação dos pecadores, como um pai paciente que é longânimo até que os seus filhos atinjam o amadurecimento.

Jamais o Deus Pai iria determinar uns para a vida eterna e outros para o castigo eterno, pois Ele é sempre imparcial e justo em seus juízos. A liberdade com que podemos decidir nossas atitudes é fruto do amor de Deus, que jamais tiraniza o direito do homem para fazer suas escolhas na vida.

9 - Deus NÃO está indiferente ao sofrimento humano - Jesus chorou - João 11:33; Lucas 7:11; Lucas 19:41

Se no VT Javé (JHVH) parecia indiferente ao sofrimento humano, enviando pestes e males aos filhos por causa do pecado de seus ancestrais da 3ª ou 4ª geração, no NT vemos o Deus Pai na pessoa de seu Filho se compadecendo dos fracos e marginalizados, os quais sofriam sem ter quem estivesse junto deles nos momentos de angústia.

Ao lermos que Jesus chorou junto com aqueles que perderam parentes ou amigos, podemos ter certeza que Deus sofre junto conosco as nossas dores e tragédias.

10 - Deus NÃO está longe de cada um de nós – Atos 17:27

Se no VT vemos um Deus distante, que exigia santidade absoluta daqueles que dele se aproximavam, tal como fez com Moisés ao exigir que descalçasse suas sandálias (Êxodo 3:5), no NT vemos Jesus andando no meio das crianças, dos pobres, enfermos, estrangeiros, marginalizados e estigmatizados. Quem se distancia somos nós, que muitas vezes agimos por conta própria e depois temos de enfrentar os desdobramentos dolorosos de nossas atitudes inconseqüentes.

Parte VIII

Epílogo

A necessidade de prudência para entrar no terreno do desconhecido - O perigo da soberba por causa das revelações de Deus

Tudo que é misterioso é fascinante, porém é preciso ter prudência para saber digerir um alimento novo, o qual ainda não nos é totalmente familiar.

Apesar de ter tentado responder algumas questões dentro da visão que estou apresentando através deste trabalho, admito que vários pontos ainda permanecem obscuros. No entanto, também na visão teológica do cristianismo tradicional há inúmeras questões que atravessaram séculos sem respostas. Os céticos estão constantemente questionando os valores cristãos, baseados nas aparentes contradições e incoerências bíblicas.

Durante toda a elaboração deste trabalho, tive a consciência de que seria muita pretensão de minha parte tentar compreender a complexidade dos mistérios que envolvem os céus, dentro de minha pequenina esfera terrena.

Quem afirma possuir todas as respostas e o discernimento daquilo que está além do alcance da limitada mente humana, teria de admitir que é perfeito e auto-suficiente; porém sabemos que esses atributos são exclusivos do Deus Altíssimo. Ao admitirmos nossas limitações, tornamo-nos abertos para as críticas construtivas e para o debate saudável.

Não existe o “dono da verdade”, nem a infalibilidade entre os mortais seres humanos. Muitos que se têm em alta conta acabam se decepcionando consigo mesmos, ao serem confrontados e constatarem que alguns de seus argumentos se desmoronam como castelos de areia.

Por outro lado, é comum ver pessoas que alcançam um novo entendimento das Escrituras e no conhecimento dos mistérios de Deus, tornarem-se soberbas a ponto de desprezarem outros cristãos, que supostamente ainda não chegaram no mesmo nível de discernimento. Porém, isso não corresponde ao espírito do verdadeiro cristianismo ensinado por Jesus, no qual prevalece a autenticidade e a humildade.

Paulo aprendeu a lidar com esse tipo de sentimento através da mortificação de seu ego, sendo que para isso teve de renunciar à soberba e ao sentimento de superioridade. Ainda que admitisse ter sido arrebatado até o terceiro céu e tivesse ouvido palavras que não são lícitas de se falar (2 Coríntios 12:2-4), Paulo aprendeu a ser moderado e prudente, não se exaltando acima da medida, pois uma fraqueza descrita por ele como um “espinho na carne” lhe fez ver o quanto ele era limitado e dependente da graça de Deus (2 Coríntios 12:7).

Em 1 Coríntios 2:4, Paulo afirmou que a sua pregação não se baseava em sutileza de palavras de sabedoria humana. Isso quer dizer que ele se preocupava, a fim de que a sua exegese não estivesse fundamentada excessivamente no raciocínio lógico da inteligência humana, e sim na inspiração do Espírito Santo e no exemplo de Jesus Cristo. É por isso que ele diz no versículo 14 que as coisas espirituais tem de ser discernidas espiritualmente. Querer discernir coisas espirituais sob o foco cético da ciência deste mundo só traz confusão e frustração.

Quando Jesus diz que temos de ser simples como as crianças para compreender as coisas do Reino de Deus, ele queria se referir ao fato de que as crianças não ficam contestando nem pondo em dúvida aquilo que foge ao alcance do entendimento delas.

Criticar os outros é fácil. Em geral, as pessoas têm um juízo mais crítico para os outros do que em relação a si próprias. No entanto, quem quiser se aproximar do caráter de Jesus deve procurar avaliar primeiramente a si próprio, antes de fazer qualquer juízo sobre o alheio. Além disso, é preciso aprender a ouvir mais e estar sempre disposto a considerar com imparcialidade aquilo que os contrários pensam, pois naquilo que eles estiverem certos, poderemos ser esclarecidos.

Quando Paulo disse em Filipenses 2:3 que cada um deve considerar os outros superiores a si mesmo, creio que ele não falou acerca de uma falsa modéstia, mas estava recomendando que estivéssemos sempre dispostos para ouvir e aprender com todas as pessoas, especialmente com aqueles que são mais experientes e de caráter nobre.

Outra coisa que não nos deve abalar é a rejeição e a oposição sistemática por parte de algumas pessoas, pois nem todos estão dispostos a reavaliar seus conceitos e rever os fundamentos de seus princípios. Na realidade, a abertura franca para a discussão livre com os contrários é uma arte cultivada por poucos neste mundo.

Portanto, é necessário ser paciente e não ficar decepcionado por causa da falta de receptividade das pessoas, pois é certo que os assuntos difíceis e polêmicos são naturalmente repulsivos para a maioria dos homens.

A importância do exemplo de vida acima do conhecimento teórico

Jesus nos convidou a enveredarmos pelo caminho da verdade, sem medo ou hesitação. Ele disse em João 8:32 “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. Portanto, a busca da verdade conduz à libertação da mente e à harmonia com o propósito eterno de Deus para as nossas vidas.

No entanto, aos que rompem corajosamente as barreiras do tradicionalismo e dos paradigmas teológicos, dispendo-se a estudar assuntos polêmicos e os mistérios mais profundos do Reino de Deus, é importante alertar que o façam com toda a prudência e sensatez, pois nos tornamos mais responsáveis por nossas atitudes ou omissões na medida que conhecemos melhor a Deus e a sua vontade.

O sábio será mais cobrado do que o néscio e ao que muito for dado, muito se lhe pedirá, como diz Lucas 12:48. Ao invés de nos ufanarmos pelo fato de termos tido os olhos abertos para certas realidades que ainda estão ocultas aos olhos de outros, deveríamos sentir o peso dessa responsabilidade, pois tropeçar enxergando é digno de maior culpa do que tropeçar andando às cegas.

A nossa conduta ao levar adiante qualquer novo entendimento que venhamos a ter acerca dos mistérios de Deus deveria ser semelhante ao que Paulo descreveu em 2 Coríntios 4:7 “conduzindo este tesouro em vasos de barro”, sabendo que a qualquer momento o vaso de barro poderá ser quebrado, se não soubermos transportá-lo com o devido cuidado.

É importante conhecer os mistérios de Deus, porém cumprir a sua vontade e expressar o amor ao próximo de uma forma concreta é mais importante. Em 1 Coríntios 13:1-3, Paulo disse: “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o címbalo que retine. E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria”.

Isso significa que o conhecimento teórico isento de atitudes correspondentes é mero virtuosismo intelectual. Cristianismo é muito mais prática do que teoria. O exemplo da nossa vida e de nossas atitudes valem mais do que mil palavras e muitas exegeses.

Da mesma forma, o que transmitimos através de nossas atitudes fala mais alto do que um grande discurso. O equilíbrio coerente entre o que falamos e o que fazemos é fundamental e revela bom-senso.

Neste livro, esforcei-me por mostrar as diferenças entre JHVH e o Pai, porém sei que esse conhecimento teológico não me exime da responsabilidade maior, que é fazer a vontade do Pai, tomando como base o exemplo e os ensinamentos de Jesus.

Não tenho dúvida que é importante distinguir entre o caráter incoerente de JHVH e o caráter coerente do Pai, porém saber discernir entre o que agrada a Deus e o que lhe desagrada é mais importante. Portanto, ainda que alguém não saiba distinguir essa diferença entre JHVH e o Pai, mas esteja procurando viver segundo os propósitos de Deus para a sua vida, com certeza a sua ignorância será relevada, pois maior que o conhecimento teórico é a atitude prática.

Em Atos 17:30 lemos que Deus não leva em conta os tempos da ignorância, porém esse mesmo Deus não tolera o descaso e a irresponsabilidade consciente. É por isso que em Tiago 4:17 está escrito que aquele que sabe fazer o bem e não o faz, comete pecado.

É importante saber o que Jesus ensinou, mas praticá-lo no nosso dia-a-dia é muito mais importante. Em Tiago 2:22 lemos que devemos ser cumpridores da palavra e não somente ouvintes, que se deixam enganar com discursos sem efeitos reais para a vida.

Jesus não quis estabelecer uma “escola filosófica” entre os seus discípulos. Ele tinha como objetivo principal viver de tal maneira que criasse estímulos para que outros desejassem imitá-lo. Foi dessa forma que ele preparou um pequeno grupo, o qual teve a quantidade de seus integrantes progressivamente aumentada, no decurso do processo de desenvolvimento da Igreja primitiva.

De forma análoga com o filósofo Sócrates, que nunca escreveu nada de próprio punho, mas teve seus ensinamentos registrados para a posteridade através de seu discípulo Platão, Jesus não deixou escrito nenhum livro. Todos os Evangelhos que narram a vida e a doutrina do Filho de Deus foram escritos por seus discípulos, sendo que dois deles fizeram parte de seu colégio apostólico.

A vida e a obra de Jesus foi tão impactante na vida das pessoas que o cercavam que não foi difícil reunir as informações necessárias para se reproduzir a base dos seus ensinamentos. Essas informações eram retransmitidas oralmente pelo povo, até chegarem naqueles que tinham condições de registrar-las de forma escrita.

Ao analisarmos os Evangelhos sinóticos, encontramos eventuais contradições no que diz respeito a detalhes de menor importância, tais como a quantidade de pessoas envolvidas nas narrativas ou a parte descritiva de um determinado ambiente considerado como cenário. Porém, o conteúdo principal que dá subsídios para o conhecimento dos princípios básicos do Reino de Deus são comuns nos quatro Evangelhos.

Conclusão sobre o trabalho apresentado neste livro e seus objetivos

O objetivo deste trabalho, muito mais do que simplesmente desmascarar JHVH e o Concerto do VT, é tirar de sobre o verdadeiro Deus Pai o ônus da associação com aquele discrepante ministério e o seu controvertido mentor. Não é justo que o Deus absoluto e perfeito, cuja essência básica é o amor e que prima pela coerência em todos os seus propósitos e ações, tenha de responder pelos desatinos e incoerências abundantes das páginas do VT.

Por outro lado, não houve intenção de trazer qualquer sentimento de descrédito às Escrituras ou desestímulo à fé de quem quer que seja. Pelo contrário, creio que através dos argumentos aqui apresentados, muitos dos questionamentos à idoneidade do Deus da Bíblia, comparando-se o VT e o NT, deixam de ter sustentação.

Em outras palavras, o escopo deste livro não é somente mostrar quem é Deus, mas também quem NÃO É o Deus verdadeiro. E assim, se formos éticamente corretos em uma análise imparcial, iremos associar o Pai com o Filho e com o Espírito Santo, ao mesmo tempo em que o desassociamos de JHVH, cujo perfil e caráter não são compatíveis com os elementos integrantes da chamada "Trindade".

Enfim, o meu desejo é que a minha vida possa ser uma inspiração para os que estiverem à minha volta, e que o meu testemunho através de atitudes dignas venha a falar mais alto do que as críticas e acusações que eventualmente forem lançadas contra mim, especialmente com relação à publicação deste trabalho.

Independentemente da opção religiosa do leitor, qualquer um poderá avaliar os comentários feitos neste trabalho e eventualmente rever seus próprios conceitos, caso tenham se mostrado frágeis diante dos argumentos aqui apresentados.

Se a revelação de JHVH sem máscara surpreendeu e desapontou a muitos que tomaram conhecimento do assunto pela primeira vez, saiba-se que primeiramente surpreendeu e desapontou a mim, quando comecei a estudar a real personalidade e o caráter de JHVH.

Porém, se por um lado fiquei profundamente desapontado ao conhecer a outra face de JHVH, tornei-me muito mais consciente da natureza absolutamente pura e boa do Pai, bem como de seu maravilhoso propósito para a vida dos homens através de Jesus Cristo. A partir desse discernimento, comecei a valorizar muito mais a misericórdia e o amor de Deus demonstrados em favor dos seres humanos, indistintamente da raça ou natureza física.

Muitas pessoas se mostram excessivamente resistentes às idéias novas, tais quais estas que foram apresentadas neste livro, embora já tenha sido salientado em tópicos anteriores que o tema da dualidade de Deus foi largamente debatido nos primeiros séculos do cristianismo, especialmente pelos gnósticos ligados a Marcion, porém seus opositores conseguiram anular o crescimento desses conceitos para a posteridade.

Ao apresentar minha visão acerca da distinção entre o Deus verdadeiro e o falso para algumas pessoas, tenho observado que existe uma freqüente predisposição contrária ao exame do assunto de forma aberta, pois o tradicionalismo religioso criou um bloqueio que impede qualquer possibilidade de reavaliação dos conceitos ortodoxos, quaisquer que sejam os argumentos usados numa confrontação teológica.

Não nego que há algumas partes difíceis de serem explicadas no texto bíblico dentro da visão que tenho abraçado. No entanto, é com certeza mais fácil explicar essas poucas partes do que a tremenda incoerência de JHVH, com suas execuções sumárias, discriminação de pessoas por raça, sexo e condições físicas, envio de pragas, aprovação de castigos a serem executados através de apedrejamentos, extermínios em massa, envio de maldições sobre os descendentes e outros absurdos que superabundam nas páginas do VT.

Para se estudar um assunto complexo como este é preciso ser diligente durante o processo de investigação, não se angustiando por ainda não ter todas as respostas para muitas questões, e sabendo que um dia poderemos tê-las respondidas na íntegra, visto que Deus é absolutamente perfeito em todos os seus atos e propósitos.

Na realidade, se admitíssemos qualquer incompatibilidade no caráter de Deus em qualquer tempo da história, estaríamos pondo em dúvida a sua idoneidade e credibilidade. É por isso que neste trabalho foi usada uma argumentação baseada exclusivamente no texto da Bíblia, sendo que esses argumentos permitem distinguir perfeitamente o comportamento ambíguo entre o "Deus" revelado no VT e o Deus revelado no NT.

Não pretendo ter a palavra final sobre qualquer ponto apresentado neste livro, mesmo porque considero que ainda tenho muito a aprender a respeito do caráter de Deus e de sua inexplicável graça manifestada para com todos indistintamente. Não ambiciono ser o precursor de uma inédita cosmovisão, pois como já disse anteriormente, o pioneirismo dos estudos relativos a este tema pertence a outros grupos e outras pessoas, há vários séculos atrás.

Se alguém quiser debater o assunto com legítima disposição de corrigir o seu próprio foco e entender melhor a intimidade de Deus, eu o farei com reverência e respeito, sabendo que eu também tenho de estar disposto a reavaliar os meus próprios conceitos em prol da busca de toda a verdade.

Mais do que entender a intimidade de Deus, quero desfrutá-la com toda a intensidade, pois sei que esse foi o objetivo primordial do ministério de Jesus entre os homens. Não quero estar engessado por conceitos teóricos, que muitas vezes cerceiam a liberdade de nos relacionarmos com mais naturalidade com aquele que anseia por essa correspondência de forma franca e despojada.

Insisto em dizer que o propósito deste trabalho não é defender uma religião ou um determinado grupo filosófico, e sim, a absoluta coerência de um Deus que se auto-denomina Pai, o qual se manifestou ao mundo personificado em seu Filho, não tendo outro interesse a não ser trazer ao homem uma nova perspectiva de vida, na qual a felicidade é uma consequência e não um fim, a qual independente das circunstâncias em que se esteja vivendo.

Portanto, só vê um Deus contraditório quem olha por uma ótica distorcida ou se baseia em uma imagem equivocada de seu caráter. É por isso que eu respondo enfaticamente quando alguém questiona o comportamento do Pai: **Deus incoerente ??? Essa não !!!**

Abreviações e Bibliografia

Abreviações:

JHVH – Javé ou Jeová (Yahweh)
VT – Velho Testamento
NT – Novo Testamento
AC – antes de Cristo
DC – depois de Cristo
v. - versículo

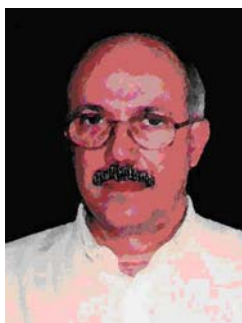
Nota:

Os textos utilizados neste trabalho foram extraídos da versão revista e corrigida da Bíblia, tradução de João Ferreira de Almeida, bem como da NIV (New International Version) e da Bíblia de Jerusalém .

Bibliografia:

Bíblia Sagrada – Edição Revista e Corrigida – Sociedade Bíblica do Brasil
Bíblia Sagrada – Nova Versão Internacional – Ed. Vida
A Bíblia de Jerusalém – Ed. Paulinas
Pequena Enciclopédia Bíblica – Orlando Boyer – Ed. Vida
Manual Bíblico – H. Halley – Ed. Vida Nova
Pequeno Dicionário Bíblico – S. E. Mc Nair – Casa Editora Evangélica
História Ilustrada do Cristianismo – Justo L. Gonzalez – Ed. Vida Nova
Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã - Sociedade Religiosa
Coleção História da Igreja – N. Martins Dreher – Ed. Sinodal
Enciclopédia da Bíblia, Teologia e Filosofia – Ed. Candeia
O cristianismo através dos séculos – E. E. Cairns – Ed. Vida Nova
Coleção Análise da Inteligência de Cristo – Augusto Cury – Ed. Sextante
Marcion and ancient Gnostic beliefs – Adolph Von Harnack
Série Verdades Bíblicas – ABIP
Jeová, falso Deus? Editora Códice
Jehovah unmasked - Nathaniel J. Merritt

Sobre o autor,



O autor deste livro é o engenheiro Oswaldo Carvalho, que trabalha como profissional liberal na área de engenharia automobilística. Apesar de sua formação acadêmica na área de Ciências Exatas, o autor se dedica ao estudo de temas teológicos, com interesse especial em assuntos que envolvem a natureza de Deus e o seu propósito em relação ao homem.

O autor revela um profundo interesse no estudo da Bíblia, de uma forma livre e descomprometida em relação às tendenciosidades comuns nos meios religiosos, havendo se aprofundado em alguns temas polêmicos, porém fascinantes e pouco explorados.

Neste primeiro trabalho, Oswaldo Carvalho analisa o comportamento aparentemente dúbio de Deus, quando se confrontam os períodos históricos antes e depois da vinda de Cristo.

Através de uma avaliação comparativa entre o modelo do Velho e do Novo Testamento, o autor concluiu que não há compatibilidade entre o comportamento daquele que se identificava no passado como Javé (JHVH) e o Deus Pai (ABBA) apresentado aos homens através de Jesus Cristo.

Embora os conceitos apresentados pelo autor não façam parte da teologia cristã ortodoxa, não são totalmente inéditos, pois foram parcialmente considerados na filosofia platônica, no gnosticismo dos primeiros séculos do cristianismo e entre os albigenses da Idade Média.

O motivo principal que levou o autor a abordar este tema é o seu inconformismo com a passividade dos cristãos tradicionais, que por falta de melhores argumentos se calam diante das freqüentes incompatibilidades ressaltadas por ateus e pessoas ligadas à outras religiões, sendo que essas pessoas questionam com razão o comportamento aparentemente ambíguo de Deus em fases distintas da história da humanidade.

Neste trabalho, o autor pretende apresentar uma resposta coerente para aqueles que contestam a magnanimidade e imparcialidade do Deus Pai apresentado aos homens por Jesus Cristo, sendo que tais críticos invariavelmente negam a bondade de Deus para com os seres humanos e questionam os desígnios divinos diante de cada adversidade que venha a cair sobre a humanidade, seja através de fenômenos naturais ou de qualquer tipo de efeito catástrofico.

Através desta obra, Oswaldo Carvalho rompe os paradigmas da religiosidade de aoarências e procura mostrar a distinção entre aquele que é verdadeiramente Deus e aquele que se faz passar por Deus, valendo-se de raciocínios lógicos e em argumentações respaldadas na Bíblia, numa exegese acessível a qualquer tipo de leitor.

Apresentação e resumo do livro

Nesse livro, é feita uma avaliação comparativa entre o modelo do Velho e do Novo Testamento bíblico, onde se pode concluir que não há compatibilidade entre o comportamento daquele que se identificava no passado como Javé (JHVH) e o Deus Pai (ABBA), que foi apresentado aos homens através de Jesus Cristo.

Da forma como os argumentos são apresentados nesse livro, a imagem do Deus que essencialmente é definido como amor contrasta com os absurdos comportamentais a Ele atribuídos, tais como autorização de revides, o castigo de desobedientes e adúlteros através de apedrejamentos, o extermínio de exércitos e povos, incluindo crianças inocentes, maldições sobre descendentes, a discriminação de pessoas e outras tantas aberrações que constam na lei de Javé (JHVH), a qual foi transmitida através de Moisés, e que fartamente municia os céticos e críticos do caráter do verdadeiro Deus.

Neste trabalho houve uma preocupação de se oferecer uma resposta racional e lógica para uma sociedade que critica Deus e questiona os desígnios divinos por cada adversidade que venha a cair sobre a humanidade. Com isso, a idéia de que Deus é um velho ranzinza e iracundo, que fica lá no céu "marionetando" as criaturas e fazendo prevalecer seus caprichos e vontades, cai totalmente por terra, pois essa imagem não corresponde à realidade.

Outrossim, a imagem de um Deus "bipolar", que ora está de bom humor, agindo favoravelmente para com os homens, e ora está de mau humor, dando vazão à sua ira, faz parecer que Deus tem uma personalidade ambígua, sendo ora boa ou ora má, dependendo das circunstâncias. Essa seria a imagem que qualquer pessoa poderia fazer de Deus, se a Bíblia se restringisse exclusivamente aos trinta e nove livros que compoem o Velho Testamento.

O que tem levado muitas pessoas a outras religiões e filosofias, ou mesmo ao ateísmo é a incompatibilidade entre o comportamento desconcertante do "Deus" apresentado por Moisés no Velho Testamento e o Pai apresentado por Jesus no Novo Testamento.

Também foi destacado nesta obra o fato de Jesus Cristo rejeitar a religiosidade de aparências de seus contemporâneos e focalizar o Evangelho puro, o qual permanece atualíssimo e é de extrema importância como referencial para a formação moral e espiritual dos indivíduos em todos os tempos.

Ainda que alguns conceitos aqui defendidos não fazem parte da teologia cristã ortodoxa, não são totalmente inéditos, pois foram considerados há muito tempo atrás na filosofia platônica, bem como pelos gnósticos da Igreja cristã dos primeiros séculos, sobretudo através de Marcion, e posteriormente na Idade Média, através dos albigenses, cátaros e huguenotes.

Qualquer um que se aventurar a ler esse livro com leveza, sinta-se à vontade para aceitar ou recusar qualquer conceito ou idéia apresentada nesta obra, pois o objetivo do autor não é impor sua ótica pessoal e nem manipular as mentes dos leitores.

Admito que é preciso coragem é determinação para se reavaliar conceitos da tradição religiosa, restaurar bons fundamentos outrora abandonados, rever paradigmas antigos, refletir sobre idéias pouco exploradas, ressignificar conteúdos de vida, retroceder de caminhos tortuosos e repaginar modelos exemplares de conduta. Todavia, este é o caminho da autenticidade e integridade no caráter de um indivíduo, seja ele de qualquer religião, raça ou origem social.

Não há qualquer presunção de que este livro venha a ser um "best seller" da atualidade, visto que ao longo da história pode-se constatar que não é fácil vencer a ultra-ortodoxia tradicionalmente advinda das ramificações católicas ou protestantes do cristianismo.

O leitor imparcial, que não está preso aos entraves dos cabrestos religiosos, certamente vai deliciar-se com a leitura deste livro, que abre as janelas da mente para horizontes não suficientemente explorados dentro do campo teológico. Certamente, ao final da leitura, o leitor poderá responder com convicção à questão "**Deus incoerente?**" com a seguinte declaração: "**Essa não!**"

* * *



Deus incoerente?

Essa não!